

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JANINE GONÇALVES PESTANA

**Estudo sobre *memória de pessoa***

São Paulo

2023

JANINE GONÇALVES  
PESTANA

**Estudo sobre *memória de pessoa***

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e do  
Trabalho

Orientador: Prof. Gustavo Martineli Massola

São Paulo  
2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GONÇALVES PESTANA, JANINE  
ESTUDO SOBRE MEMÓRIA DE PESSOA / JANINE GONÇALVES  
PESTANA; orientador GUSTAVO MARTINELI MASSOLA. -- São Paulo, 2023.  
181 f.  
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto  
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. MEMÓRIA DE PESSOA. 2. TESTEMUNHO. 3. CAUSALIDADE. 4. ACÇÃO.  
I. MARTINELI MASSOLA, GUSTAVO, orient. II. Título.

Nome: PESTANA, Janine Gonçalves

Título: Estudo sobre *memória de pessoa*

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof .Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

*Em memória de minha mãe e de  
Ecléa Bosi*

*À Alfredinho, Ute, Adilson, Eva,  
Sidilene, Miguel, Maria, Cido,  
Nilza, Adriano, Márcia e Eduardo*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Gustavo Martineli Massola, por sua generosidade, sugestões preciosas e pelo apoio, ao longo de toda a minha trajetória no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ao professor José Moura Gonçalves Filho, pelas orientações que me fizeram refletir ao longo do percurso e que me serviram de incentivo;

À professora Ecléa Bosi cujas memoráveis aulas e estudos serviram-me de inspiração;

À professora Sueli Damergian, que marcou o início de meu percurso na Universidade de São Paulo, minha sincera gratidão e carinho;

Ao professor Nelson Ernesto Coelho Júnior por sua grande generosidade e contribuição;

Ao professor de minha formação na Universidade de São Paulo, especialmente: Bernardo Parodi Svartman a quem guardo carinho e estima por suas atentas contribuições em aulas no Instituto de Psicologia;

Às secretárias Rosângela e Nalva: pela atenção e dedicação de todas as horas, minha gratidão e estima;

Para as pessoas da minha vida que tornam meus dias mais doces e ensolarados: meu pai Roberto, minhas filhas Vitória e Mariana e ao meu companheiro Gabriel.

Há ações que têm a virtude de transportar da terra ao céu uma parte do amor que se encontra no coração de um homem.  
Simone Weil, "O enraizamento" (1949)

## RESUMO

PESTANA, J, G. *Estudo sobre memória de pessoa*. 2023. 210 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa recolheu lembranças sobre pessoas, pretendendo contribuir para os estudos de *memória de pessoa*. Quatro foram as pessoas recordadas (Alfredinho, Ute, Adilson e Eva) e oito os seus recordadores. Cada uma das quatro pessoas de referência foi encontrada segundo este critério: alguém que se havia feito perceber de modo significativo, no sentido político arendtiano, no grupo familiar, entre amigos íntimos e também na esfera pública. Para cada pessoa lembrada, foram entrevistados dois depoentes: um homem e uma mulher, sendo deles solicitada a evocação de histórias testemunhadas sobre a pessoa lembrada. Buscamos então identificar nestas narrativas traços psicossociais que permitissem discutir este problema: como opera a memória de pessoa, o que forma no recordador e o que torna memoráveis as pessoas que lembramos?

Verificamos que as lembranças sentiam a pessoa lembrada como próxima e transcendente, organizando-se rigorosamente segundo um princípio de intencionalidade, tal como afirmado pela fenomenologia. Enfatizamos os seguintes resultados:

Alguém se tornou memorável quando, por seus feitos e palavras, comoveu um público e certamente o recordador: inaugurou práticas ricas de sentido moral e político, isto é, virtuosas; os exemplos interpelaram e mobilizaram o lembrador, tornando-se matéria de contemplação (contato com a distinção e singularidade da pessoa lembrada) e, mais ainda, fonte de ação, trazendo o lembrador para a manifestação de sua própria distinção e singularidade. Um fenômeno que parece operar nesse processo é o princípio de causalidade pessoal, tal como Heider o caracterizou: as pessoas são sentidas como pontos de partida, iniciadoras, fundadoras. As rememorações de alguém marcante reorientam o lembrador, mas sem nunca fazê-lo coincidir com a pessoa lembrada, trazendo-o para uma espécie de imitação paradoxal, solta e ligada à pessoa rememorada.

A pessoa marcante é alguém que contribuiu para o resgate moral ou espiritual do recordador através da troca de dons e de mútua influência, o que assinala a generosidade da pessoa rememorada, capaz de doação e recepção.

A influência da pessoa lembrada na vida do lembrador, quando revelada por narrativas ou histórias, parece capaz de estender-se a outros, até mesmo àqueles que não foram diretamente tocados por ela: a memória de pessoa multiplica sua influência.

**Palavras- chave:** *memória de pessoa*, testemunho, causalidade pessoal, ação

## SUMMARY

PESTANA, J, G. Study on person memory. 210 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This search has collected remembrances about people in order to contribute to the studies of person memory. They were four remembered persons (Alfredinho, Ute, Adilson and Eva) and they were eight rememberers. Each remembered person was found according to this criterion: someone who had made himself significantly, in the arendtian political sense, noticed in the family group, among close friends and also in the public sphere. For each remembered person, two deponents were interviewed: a man and a woman, and they were requested to recall witnessed stories about the remembered person. Then, in those narratives, we identified some psychosocial traits that allow us to discuss this problem: how does person memory work, what does it form into the rememberer and what does make remembered person memorable?

We found out that memory feels remembered persons as close and transcendent people: it is strictly organized according to a principle of intentionality, just as stated by phenomenology. Since then, we emphasize the following results: someone became memorable when, through his deeds and words, he moved an audience and certainly moved the rememberer: he inaugurated rich practices of moral and political sense, that is, virtuous practices; his examples interpellated and mobilized the rememberer, becoming a matter of contemplation (the contact with the distinction and singularity of the remembered person), and, still more, becoming a source of action that brings the rememberer to the manifestation of his own distinction and singularity. A phenomenon seems to operate in this process and it is the principle of personal causality, as Heider characterized it: people are felt as starting points, initiators, founders.

The remembrances of a striking person reorient the rememberer, but without ever making coincidence between one and another: the rememberer is brought to a kind of paradoxical imitation which is loose and attached to the remembered person.

The striking person is someone who has contributed to moral or spiritual rescue of the rememberer, and this was reached through the exchange of gifts and through mutual influence, both pointing out the generosity of the remembered person as able to giving and receiving.

The influence of the remembered person into rememberer's life, when it is revealed by

narratives or stories, it seems to be extended to others, even those who were not directly touched by it: person memory multiplies its influence.

**Key words:** *person memory*, witness, personal causality; action

## Índice

<b>Apresentação</b>	11
<b>I - Sobre <i>memória de pessoa</i></b>	30
<b>II- Notas sobre as entrevistas e as pessoas lembradas</b>	50
<b>II.1. Roteiro sobre as entrevistas</b>	50
II.a. Alfredinho	53
II.b. Ute	56
II.c. Adilson	58
II.d. Eva	60
<b>II.2 – Os lembradores e seus depoimentos</b>	61
<b>1. Sidilene:</b>	61
1.a Depoente sem autorização	61
1.b O homem da humildade	65
1.c Ação e experiência: Alfredinho e Sidilene	71
<b>2. Miguel:</b>	74
2.a Lembranças espirituosas sobre um espírito autêntico	74
<b>3. Maria:</b>	79
3.a Muito ouro e pouco ouro	79
<b>4. Cido:</b>	88
4.a Das trocas de influência aos dons	88

<b>5. Nilza:</b>	100
5.a Do distanciamento ao universo dos afetos	100
<b>6. Adriano:</b>	105
6.a Um amigo nada convencional	105
6.b Uma ausência que se faz presença	110
<b>7. Márcia:</b>	117
7.a O esvaziamento de Eva em Márcia	117
<b>8. Eduardo:</b>	126
8a. Das opiniões às lembranças	126
<b>III – Memória de pessoa: esvaziamento, cotidiano, causalidade e ação</b>	136
3.a <i>Memória de pessoa</i> e o esvaziar-se em Alfredinho e Eva	136
3.b <i>Memória de pessoa</i> e memória social	140
3.c <i>Memória de pessoa</i> e cotidiano	143
3.d <i>Memória de pessoa</i> e sensorialidade	146
3.e <i>Memória de pessoa e causalidade pessoal</i>	147
3.f <i>Memória de pessoa e ação</i>	162
<b>Referências</b>	170

## Apresentação

Este trabalho deu-se início em 2015. Logo após minha defesa de mestrado ocorrida em dezembro de 2014, decidi continuar meu percurso acadêmico, mas algo aconteceu durante esse processo que me reorientou para um caminho até então não trilhado que me levou até os estudos sobre memória. Esta apresentação visa apresentar as principais questões e idéias que orientam esse esforço.

Se puder sintetizar a busca deste trabalho, direi de maneira simples que é o de investigar a memória de pessoa, em contraponto às nossas outras memórias - um objetivo que se inscreve no campo da psicologia e da psicologia social, e, como o entendo, exige o recurso a uma fenomenologia da memória e da percepção.

Mas esse objetivo é completado por outro mais difícil de definir, de reconhecer imediatamente, mas, ainda assim, um objetivo que me parece necessário e fundamental. Pois não recordamos de pessoas abstratamente, recordamos de pessoas concretas, e cada recordação nos exige uma disposição específica.

Podemos recordar do modo como o faz uma testemunha de um processo judicial, que alinhava fatos e tenta descrever o que viu com precisão - reconstituímos assim pela memória uma pessoa qualquer, marcante apenas pela exterioridade de sua aparência e de seus atos. Mas há aquelas pessoas que nos tocam mais decisivamente, que marcam mesmo a nossa existência, sobre as quais contamos histórias para tentar expressar não o que fizeram, mas *quem foram* ou *quem são*.

Não nos detemos até termos a certeza de que quem nos ouve pode imaginar como é sentir-se na presença dessa pessoa. São pessoas *memoráveis*, sobre as quais, justamente, não nos cansamos de contar histórias. Dentre essas pessoas, há aquelas também que se tornam memoráveis para todo um grupo, que disparam no grupo o desejo de recordar, de repetir histórias, as quais são contadas aos novatos, aos recém-chegados, como para dizer: "uma pena você não tê-la conhecido" ou "você realmente precisa conhecê-la". Estudar pessoas que se tornam memoráveis para um grupo inscreve o presente trabalho não apenas no terreno da psicologia social, mas também da política, relacionando-o com os anseios e as buscas coletivas.

*Pessoa marcante* não é uma categoria unívoca, atribuída de uma vez por todas a alguém. Trata-se, de certa forma, de uma leitura feita pelo grupo sobre si mesmo e que pode em um

momento destacar uma pessoa como importante, e em outro momento, sob outra perspectiva, outra pessoa. Há pessoas sobre as quais esse atributo recai frequentemente ou mesmo constantemente, o que indica sua importância para a própria identidade do grupo. Em um extremo, teríamos a História Oficial, mas gostaríamos de nos dedicar menos aos processos de grupo que podem fazer circular o caráter marcante de seus membros (que serão trazidos apenas tangencialmente ao debate, sem a pretensão de esgotá-los) e mais aos processos intersubjetivos envolvidos no momento em que recordamos uma pessoa vista como marcante.

Nesse sentido, elegemos como objeto a memória de pessoas particularmente marcantes, ou seja, que tendem a ser vistas como especialmente importantes para uma pessoa ou grupo. É ao esforço de compreender como se processa a memória de pessoas assim marcantes, pessoal ou coletivamente, que gostaríamos de dedicar este trabalho.

A influência de uma grande mestra, Ecléa Bosi, como professora e pesquisadora de referência nos estudos sobre memória causou-me profundas inquietações e me fez voltar às lembranças de meu percurso acadêmico e de vida: a presença de minha mãe e seu dom de espalhar sementes comunitárias e fraternas.

Com o luto pela morte de minha mãe e depois de Ecléa, pude refletir sobre a influência dessas duas mulheres em minha vida e isso me serviu de marco, para buscar outras pessoas e seus exemplos que considere igualmente importantes para mim, enquanto pessoa e pesquisadora.

E foi nesse processo que encontrei em minhas memórias a presença de Alfredinho, que costumava gerar-me grandes inquietações desde criança, por seu jeito peculiar de estar entre as pessoas mais simples e por seu modo místico de buscar a espiritualidade em pessoas anônimas e socialmente invisíveis.

Pessoas que eram relegadas socialmente, nunca antes vistas por olhos que não fossem de condenação, quando notadas como pessoas dignas, resgataram na presença de Alfredinho e seu grupo de pertença, rostos levantados e olhares brilhantes, cheios de força.

Alfredinho nos ensinou que a força provém do espírito e não da brutalidade. Era um homem pequeno em estatura, somente 1.50m e grande no coração. Seu olhar era firme e agudo. Trazia uma força de verdade que transmitia autoridade, “não autoritarismo”. Mas essa verdade parecia ser guiada pelo amor, não pelo julgamento. Possuía cabelos brancos e os olhos bem azuis. Alfredinho me marcou profundamente e me lembro do dia em que isto aconteceu.

Eu tinha somente nove anos de idade, quando foi almoçar em casa, com minha família. Meus pais, felizes em recebê-lo, prepararam o melhor almoço que podiam: uma bela de uma macarronada com um frango que só minha mãe sabia fazer.

Ele não se mostrou feliz com o que viu. Muito pelo contrário. Parecia incomodado, mas respeitoso. Comeu devagar e não se importava com algumas moscas que cismavam em pousar em sua mão. Eu fiquei olhando fixamente para ele, na tentativa de chamar sua atenção, coisa que nunca consegui, confesso. Ele não se encantava com bajulações nem com elogios.

Durante todos os anos que passaram, quando me recordava dele, buscava entender sua atitude em minha casa e seu olhar severo e profundo. Quando conheci melhor sua história, pude compreender que, muito provavelmente, o que o incomodou foi ver aquela mesa com alimentos que os pobres não comiam. Alfredinho não comia carne. Ali havia muito frango. Eu, “criança”, quis comprar uma Coca Cola. Para ele, a bebida era um símbolo do *Imperialismo*.

Alfredinho, como tantos falam e lembram, ensinava na simplicidade. E amava os simples. Os mais pequenos, aqueles que nada ou pouco podiam lhe oferecer, mas que compartilhavam com amor e fraternidade tudo o que possuíam.

Amava aqueles que não se sentiam dignos em sequer adentrar em uma instituição religiosa. A partir do momento em que se reconheciam como vida que merece ser vivida, por meio da participação coletiva e fraterna com Alfredinho e seu grupo social, pessoas comuns, já não se conformavam com a invisibilidade e a segregação e passavam a lutar em prol de reconhecimento e afirmação social, por espaços e pertencimento.

Esse reconhecimento da própria dignidade e a de outros de modo compartilhado fez essa percepção se transformar em ação, pois acontecia de modo horizontalizado, mais ou menos igualitário e mutuamente experimentado ainda que não espelhado. Nesse espaço de mútuo reconhecimento, a diferença entre iguais se torna presença: é justamente a capacidade de distinção que os torna iguais em ações políticas.

Em outro momento mais adiante da minha história, ainda no período da adolescência, conheci mais proximamente Eva. Nessa época, fazia parte da Pastoral da Juventude na mesma paróquia que Eva participava da Pastoral Afro. Portanto, sempre a encontrava nas celebrações da Igreja, mas também em outros momentos da história do bairro, onde o grupo de Alfredinho era atuante e Eva, uma pessoa comunitária, assim como minha mãe.

Era uma mulher inspiradora, pois suas armas de luta eram diferentes: provinham de sua força imantada na doçura. Sua resistência estava no sorriso, na comida saborosa que fazia e

compartilhava nas reuniões de luta contra a humilhação social e a invisibilidade: alimento que nutria o corpo, mas também o espírito. Eva: mulher e preta, Eva: mãe. Eva: costureira. Eva: mulher que lutava e resistia. Junto com outras mulheres, homens, idosos, crianças. Resistia à indiferença: Eva não era indiferente.

Já na graduação de Psicologia, em busca de trabalhos sociais que significassem algo além de certo automatismo profissional, para além do conhecimento acadêmico e do operacionalizado sistema de interpretação modelar de certas referências de sistemas psicológicos, encontrei o trabalho de Ute Craemer.

Logo que o conheci, ainda que de modo distanciado, encantei-me com a luta do bairro Monte Azul, onde se situa a *Associação Comunitária Monte Azul*, zona sul de São Paulo, localizado próximo ao Jardim São Luís.

Essa área é marcada pelo início da parte mais pobre da zona sul de São Paulo, onde logo após os arranha-céus e as grandes empresas, o cenário modifica-se em médios a pequenos comércios com aparência mais desgastada e cansada, juntamente com o empilhamento de barracos compondo um ambiente com pouco verde, muitas paredes acinzentadas, bairros marcados por bares, igrejas, pequenos comércios, grande densidade populacional em ruas mal afastadas, esquecidas pela ausência do Estado.

Em meio a cores sufocadas pela poluição, pela crueza da realidade marcada por habitações precárias e meios de transporte lotados e sufocantes, surge uma rua íngreme, com casas bem distribuídas, casas padrões. Mas ao fim da rua, dá-se passagem a uma esquina com um portão bem largo e dentro deste espaço, o início da *Associação Comunitária Monte Azul*.

Nada seria tão diferente de outras associações se ao passar pela comunidade, não víssemos casas coloridas, de muitas tonalidades diferentes, onde fica o espaço da escola de jovens e crianças, posto de saúde e creche, cuidados de modo em que não somente a funcionalidade, mas a beleza ocupe lugar, assim como todos os espaços existentes no coração dessa comunidade.

É uma beleza que pode ser pensada como aquela que transforma o local urbano em espaço lúdico e matéria viva, orgânica de afetos. Espaço de mobilização, de ação, de reunião e ludicidade. Bela porque existe o aspecto estético da harmonia em sua composição e cenário, mas também existe o elemento dinâmico e vivo de um espaço pulsante e criativo que deixa os olhares famintos de curiosidade e espanto.

Estagiários e voluntários de vários lugares do mundo, compartilhando seus talentos ali se reúnem em aprendizados sobre língua estrangeira, música, capoeira, teatro... Pessoas da

comunidade cuidando de suas e outras crianças que por lá passam todos os dias enquanto as mães estão trabalhando; crianças pequenas que aprendem desde cedo a tocar um instrumento musical de forma a espantar muitos adultos que esperançosamente, lutam para aprender com suas mãos já trêmulas e cansadas...

Em meio a esse cenário, conhecemos Ute. Uma mulher com olhos faiscantes. Brilhantes de esperança e alegria. Já com idade avançada, Ute continua trabalhando e ajudando a idealizar um pequeno mundo onde pessoas antes invisíveis agora soltam suas vozes, ideias e projetos em prol de uma comunidade mais viva e igualitária.

Ute, assim como Alfredinho criou um espaço de luta por igualdade política de modo mais ou menos horizontalizado, onde ninguém manda nem obedece, mas todos participam e contribuem com suas qualidades e talentos.

Por fim, veio-me à memória as lembranças sobre Adilson que me ensinou a não temer a vida, a continuar sonhando mesmo nos momentos de dor, a não se encaixar em papéis sociais por pura pressão ou medo de existir, a simplesmente existir. Ensinou-me que a espiritualidade é muito maior que a religião e que para senti-la é preciso entrar em contato com aspectos sombrios e contraditórios sobre mim.

Com ele aprendi o não julgamento e também a confiar além e a partir das flutuações da vida. Não somos papéis estanques. Nossas memórias são flutuantes: apagadas e profundamente alteradas com o tempo e nós também sofremos mudanças, assim como a ordem natural das coisas e pessoas. O que permanecem são traços e sentimentos mais ou menos eternos, carregados de significação e representação do que pensamos ser e sobre o mundo que vivemos.

Adilson conheci através de um amigo. Já possuía vinte e cinco anos e confesso que me espantei com seu jeito aparentemente excêntrico de ser. Admirei seu jeito próprio, desapegado de pressões sociais e seu caráter espontâneo e generoso. Adilson não era somente uma pessoa fora dos padrões sociais, mas era alguém amoroso e acolhedor.

Era dentista e já possuía mais de sessenta anos quando o conheci. Era espirituoso e sua casa mantinha uma biblioteca interessantíssima e vários objetos de arte. Possuía uma formação cultural admirável e ao mesmo tempo era amigo de pessoas de vários níveis culturais e sociais. Não temia não ser aceito ou amado, pois era livre e seu espírito de doação transcendia os possíveis cálculos e retornos do que poderia receber em suas atitudes mais honestas e gentis ou intempestivas e agudas.

Portanto, essas quatro pessoas causaram grande influência em minha vida e em minha identidade social e psicológica e é por isso que foram eleitas por mim como pessoas marcantes. Dentre os caminhos possíveis para um estudo como este, assim, escolhi aquele que também me

toma como parte do processo e que admite que a reflexão, a volta da consciência para si, e que continua sendo um instrumento de elevada importância para a psicologia e para a psicologia social.

Por meio deste trabalho pude aprofundar-me em minha própria história de vida, entrelaçada com a história de outras pessoas que também fizeram parte em menor ou maior grau das descobertas que realizei sobre mim, sobre elas, por nossas memórias sobre quem as pessoas de referência foram afetivamente para elas, para mim, para o espaço social que compartilhamos “e pude descobrir um pouco mais sobre mim, como pessoa e pesquisadora”, além de me aprofundar empiricamente em um estudo sobre memória de pessoa.

Esta pesquisa recolheu lembranças sobre pessoas que possuem em comum, práticas de igualdade política e a luta contra a opressão, pretendendo contribuir para os estudos de memória de pessoa.

Quatro foram, assim, as pessoas recordadas: Alfredinho, Ute, Adilson e Eva “e oito os seus recordadores”. Para cada pessoa de referência foram entrevistados dois depoentes: um homem e uma mulher, sendo deles solicitada a evocação de histórias testemunhadas sobre a pessoa lembrada.

Buscamos, então, identificar nessas narrativas, traços psicossociais que permitissem discutir este problema: como opera a memória de pessoa, o que forma no recordador e o que tornam memoráveis essas pessoas no sentido moral e político a ponto de não mais as esquecermos?

Nesta pesquisa, fomos sujeito quando procuramos saber e conhecer. E objeto quando escutamos e registramos, ao atuar como instrumento de recepção e transmissão da memória do grupo, da memória dos indivíduos. As narrativas, assim, foram registradas como captadas pelo fluxo de suas vozes. Algumas memórias foram recolhidas pelas entrevistas, outras, pelas conversas fora de hora, conforme proposto por Ecléa Bosi.

O objetivo central das entrevistas era de recolher lembranças dos depoentes a respeito da pessoa evocada a partir de perguntas norteadoras. No entanto, outras questões poderiam ser endereçadas ao depoente, de acordo com o tempo, a qualidade e o ritmo de seus depoimentos.

Todos os depoimentos foram gravados, sob o consentimento de cada depoente. As entrevistas aconteceram nos lugares escolhidos pelos lembradores, como sugere Ecléa Bosi.

As conversas com os depoentes aconteceram em um tempo não superior a duas horas. Todos assinaram o termo de consentimento do estudo e escutaram atentamente a pesquisadora a respeito dos objetivos, “que consistiam, fundamentalmente, em recolher lembranças a respeito da pessoa de referência evocada”. Também foi esclarecido a cada recordador que poderiam contribuir com mais lembranças, caso desejassem, a qualquer momento.

Ainda que as entrevistas tenham sido gravadas, no momento em que os depoentes falavam a pesquisadora também optou por escrever o que ouvia. Desse modo, após a coleta dos depoimentos,

foi feita a transcrição a partir das gravações realizadas e estas foram confrontadas com o material escrito que, “surpreendentemente”, revelava-se complementar.

Aqui, o modo de se fazer pesquisa escolhido é atravessado também pelo olhar etnográfico. Segundo Clifford Geertz (2008): “O etnógrafo inscreve o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”.

E, em diálogo com o autor, Maurice Merleau-Ponty (1980) acrescenta: “A etnologia não é uma especialidade definida por um objeto particular e sim a maneira de pensar que se impõem quando o objeto é outro e que exige nossa própria transformação”.

É um método singular, pois se trata de aprender a ver o que é nosso como se fôssemos estrangeiros e como se fosse nosso o que é estrangeiro. A escuta é composta pelo tom, feição e ritmo, recorrências e conteúdo manifesto.

As pessoas de referência são aquelas que, por razões que a pesquisa investigou qualitativamente, fizeram-se perceber de um modo igualitário no grupo familiar, no grupo de amigos íntimos e também na esfera pública. Esse campo de relacionamentos não supõe vínculo de parentesco, entre estranhos nem íntimos, mas alcançam ligações entre pessoas comunitárias.

Há variação nos graus de notabilidade entre as pessoas de referência, o que pode ser conferido no conteúdo das evocações. Porém, todas alcançaram testemunhos de outras pessoas na esfera pública e não só privada. O que as torna *memoráveis* é o que decidimos julgar a partir de testemunhos a elas ligados significativamente. Ainda, sabemos com Hannah Arendt, que feitos e palavras tornam-se memoráveis quando, como ações (*práxis*), surpreendem o público, inauguram processos virtuosos que não se poderiam esperar automaticamente das instituições.

Agora, apresento a seguir com algum detalhe as pessoas de referência evocadas.

Alfredinho (Fredy Kunz), nascido em Berna, na Suíça, em 1920 e que após sua experiência em campos de concentração, ordenou-se padre. Ficou conhecido como pessoa singular por seu engajamento no mundo como homem de ação.

Conheci Alfredinho em Santo André, quando retornou para a Congregação dos *Filhos da Caridade*. Eu e minha família pertencíamos à comunidade onde era conhecido como o religioso que havia morado no sertão nordestino e convivido com pessoas de lugares muito vulneráveis.

Ute nasceu em Weimar em 1938, na Alemanha “e era criança” quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Tornou-se tradutora e ativista em trabalhos sociais em países como o Brasil. Conheci Ute indiretamente, através de sua ação na *Associação Comunitária Monte Azul*, que ajudou

a construir com amigos e moradores locais do Jardim São Luís, área periférica da zona sul de São Paulo, em 1970.

Quando da realização desta pesquisa, estive pessoalmente com ela em algumas situações. Adilson conheci em Santo André, através de amigos. Ficou conhecido por mim pelas orações que realizava em sua casa às quartas. Declarava-se espírita e reunia pessoas próximas que o conheciam, seja por sua espiritualidade, profissão e cultura, seja por seu lado boêmio.

Eva conheci quando ainda era criança e frequentava a paróquia *São Geraldo*, em Santo André, onde “se reuniam” os *Filhos da Caridade*, congregação em que Alfredinho atuava fortemente, juntamente com as *Comunidades Eclesiais de Base* e os movimentos sociais na década de 1980, época de intensa mobilização de eventos políticos e sociais.

Todas essas pessoas têm em comum, ações em torno de pautas igualitárias, justiça social e organização em combate a experiências de *humilhação social* e opressão.

A memória de ações das pessoas evocadas, portanto, terá caracterizado as lembranças de Alfredinho, Ute, Adilson e Eva nos depoimentos de Sidilene, Miguel, Maria, Cido, Adriano, Nilza, Márcia e Eduardo? Os recordadores foram pessoas significativamente ligadas às pessoas lembradas.

Isso quer dizer que mantiveram contato prolongado e amigo variando o grau de admiração ou ponderação, identificação ou separação, afeto, crítica, simpatia, encontro ou desencontro.

Temas em torno de *memória de pessoa* inspiraram a busca dos elementos que decorrem das lembranças dos depoentes, enquanto traços que fundamentam um possível estudo empírico.

Quanto à estrutura geral desta tese, o primeiro capítulo buscará alinhar as principais teorias adotadas pela pesquisadora acerca dos temas: *percepção de pessoa, causalidade pessoal, lembranças de família e memória coletiva*, conceitos amplamente estudados por Maurice Merleau-Ponty, Fritz Heider e Ecléa Bosi, além de outros, com os fenômenos estudados e observados a partir das narrativas dos recordantes.

No segundo capítulo, faremos uma breve apresentação a respeito de cada pessoa de referência antes dos trechos selecionados de cada entrevista que revelam os modos das lembranças evocadas e como operam na memória do recordador.

No terceiro capítulo, realizaremos uma análise a respeito dos principais traços encontrados das lembranças evocadas e que remontam às características dessas lembranças: se estão mais intimamente ligadas a aspectos da pessoa rememorada: a seus feitos, palavras, elementos de sua constituição subjetiva e afetiva para o recordador; bem como as formas que essas memórias parecem vir revestidas quanto às suas tonalidades, movimentos, traços, composições sonoras, olfativas, culturais.

As evocações destacadas pela pesquisadora não possuem a pretensão de se tornarem exaustivas e se configuram em pequenos ensaios de percepção a respeito do que essas memórias pareceram revelar a partir do estudo realizado.

Suas recordações contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas pela dinâmica das narrativas. Importante ressaltar que em alguns casos, vivas recordações afloravam-se depois do término das entrevistas. A ação de *lembrar-se de alguém* constitui um fenômeno psicossocial relevante que contribui para a constituição da *alteridade*<sup>4</sup>.

Tem-se como uma das hipóteses norteadoras deste estudo a de que os modos de lembrar-se da pessoa rememorada trazem elementos da identidade social de seus recordadores. Esses traços são tonalizados ora por uma memória mais intimista, orientada por aspectos marcantes, traduzidos por realizações advindas do cenário cotidiano; ora centradas na esfera pública, capazes de grande influência que mobiliza até mesmo pessoas que não tiveram um contato direto com a pessoa recordada.

Esse fenômeno de *causalidade pessoal* estrutura-se de modo complexo, no qual os contatos mais intimistas também possuem o *poder* de constituírem-se como experiências de outros, tornando o recordante, assim, um agente de novos feitos (re) iniciados pelas pessoas evocadas, como veremos adiante.<sup>5</sup>

As *ações* da pessoa publicamente notável podem ser compreendidas como um fenômeno de grande *causalidade pessoal*, capaz de reorientar subjetividades e incitar a retomada de feitos anteriores que se encontravam adormecidos. Esses feitos trazidos à luz pela *ação* de outros e mediados pela memória, podem produzir amplitudes da realidade e reflexão naquele que se vê afetado por eles.

O estudo sobre *memória de pessoa* se faz de relevante importância como objeto da Psicologia Social. O ato de rememorar pressagia a *glorificação* que se traduz como a *ação* de assumir no meio dos outros e com os outros, uma luz. O testemunho dos outros, capazes de sensibilidade, torna a *aparição* do ser lembrado possível.

Um indivíduo tomado por luminosidade revela sua *aparição* manifestada no diálogo com os outros. A discussão deve ser valorizada, as ideias confrontadas, a dúvida estabelecida para se chegar a uma verdade que se revela como *algo em comum*. Para Hannah Arendt *falar sobre o algo em comum* é essencial para o estabelecimento da amizade:

---

<sup>1</sup> ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2010, p.225. Nessa passagem, Hannah Arendt afirma que: “[...] Dada sua tendência intrínseca de desvelar o agente juntamente com o ato, a ação requer, para seu pleno aparecimento, a luz intensa que outrora tinha o nome de glória e que só é possível no domínio público”.

A amizade consiste, em grande parte, na verdade, nesse falar sobre algo que os amigos têm em comum. Ao falarem sobre o que têm entre si, isso se torna muito mais comum a eles. Não só o assunto ganha sua articulação específica, mas desenvolve-se, expande-se e finalmente, no decorrer do tempo e da vida, começa a constituir um pequeno mundo particular, que é compartilhado na amizade.

A pessoa que recorda revela-se sujeita de uma ação importante: a de testemunhar algo do qual se sente parte. Fritz Heider (1970) orienta-nos sobre a importância de estudos que contemplem as relações intersubjetivas e a forma como a percepção e a *causalidade pessoal* estão implicadas neste processo.

A *história das pequenas histórias* marcadas por um universo fragmentário reorienta o sentido da História estruturada e contínua. A partir da memória oral, as narrativas do cotidiano são resgatadas e colaboram com a compreensão de uma psicologia dos microcomportamentos, de uma história das mentalidades.

Pela memória, o passado é reconstruído, reorientado. Os testemunhos são capazes de trazer à consciência experiências de outros, sua importância para a vida do depoente e até mesmo ressignificar a relevância da pessoa lembrada em sua existência.

Ao reconstituir o passado e a lembrança de alguém, a pessoa pode ser tomada por emoções intensas. A recordação pode trazer novas significações, ainda não esperadas e contempladas pelo depoente, por meio de exemplos, palavras e feitos da pessoa evocada.

Não raro, se a presença da pessoa lembrada fez-se marcante, se foi uma pessoa de *ação*, a pessoa que lembra pode se *espantar* com suas atitudes e com a influência da pessoa evocada em sua vida, como um efeito norteador de novas experiências e pensamentos a partir da retomada de consciência dessa convivência. Pela experiência de lembrar, as narrativas ganham movimento e parecem constituir as cenas de outrora, em cores vívidas. Os costumes, cultura, a maneira de as pessoas se relacionarem e conviverem. Também, a entonação, o silêncio, os ritmos e as pausas evocam a sonoridade do passado.<sup>2</sup>

Por outro lado, esta mesma memória e seus lapsos que advêm dos esquecimentos, dos estereótipos, dos preconceitos, das ideologias. Assim como as técnicas de registro da memória também têm suas lacunas. Nem sempre conseguem registrar a vivacidade daquilo que é narrado e/ou alcançar aquilo que foi transmitido. Mas é por meio da rememoração que as visões de mundo podem ser reveladas.

A narrativa, no caso, a *forma de lembrar*, ganha certa complexidade e “por isso, em muitos momentos, é possível articular o cotidiano à história”. (BOSI, 2004). A fonte oral exige sutileza e faz com que o pesquisador caminhe por caminhos não afirmativos, mas

---

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah, *Ibid*, p.98.

apenas sugeridos. A formação da memória se faz também importante porque o passado continua em suspenso: a promessa não realizadora de outrora pode oferecer um novo desfecho para *ações* do passado que fracassaram, assim como redimir aquilo que se havia esquecido para fazer emergir uma humanidade silenciada ou perdida.

Então, pode-se compreender que a memória possui uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.<sup>3</sup> Nossa posição existencial pode ser cristalizada se não a deslocarmos para enxergar outros posicionamentos: ninguém é autor de sua própria *estória*.<sup>10</sup> Alguém as iniciou anteriormente.

Assim também só se conhece quem alguém foi se reconhecermos a história na qual ele agiu, pois sua *estória*<sup>4</sup> escapa a toda generalização e só pode ser comunicada pela *imitação* de seus feitos. Toda *ação* é causa de novos processos, entretanto segue seu curso próprio, afeta outros e pode mudar todo o conjunto. Jamais alguém é revelado em *si mesmo* assim como a *ação*. E a compreensão sobre quem foi alguém só acontece quando a vida acaba e se deixa somente uma *estória*.

Temas sobre *memória de pessoa* têm sido estudados por muitos autores de modo indireto, sem uma definição específica. Fritz Heider, por exemplo, na obra **Psicologia das relações interpessoais** (1970) relata o que compreende por *percepção de pessoa*. Para o autor, pessoas são percebidas como propulsoras de ação, causadoras de sensações boas ou desagradáveis. Suas habilidades, desejos e sentimentos interferem e se inter relacionam no espaço e no tempo e com outros. É um fator de interação social relevante que desenvolve alicerces para a experiência da alteridade.

Nesse sentido, a alteridade manifestada revela a maior ou menor abertura de um ser à compreensão e comunhão com outro: é uma emoção que se encontra com emoção, um desejo que se encontra com um desejo, um pensamento que fala ao pensamento. Aparentemente, estamos diretamente afetados, ligados a outros quanto a nossos processos psicológicos.

<sup>3</sup>BOSI, E. **O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p.36.

<sup>4</sup>Estória no sentido que atribui Hannah Arendt. In: **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2010, p.230.

<sup>5</sup>Gilberto Safra em: **Disponibilidade para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e caritas**, afirma que: “o ser humano é abordado como ser aberto, no qual o psiquismo estaria em contínuo processo de constituição, que se daria por meio de três interfaces fundamentais: com a corporeidade, com o outro e com a área de experiências sensoriais. Nessa última fronteira, encontramos a abertura para os fenômenos do sagrado, dos valores e pensamentos abstratos”. Também acrescenta, mais adiante, nesse artigo que: “o ser humano necessita sempre da sustentação ofertada pelo outro”. In: SAFRA, Gilberto. **Disponibilidade para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e caritas**. IDE (São Paulo, IMPRESSO), v.56, p.91-104, 2013.

Na *percepção de pessoa*, o indivíduo percebido atua como fator de estímulo. A mediação para sua compreensão ocorre nas manifestações da personalidade daquele que o percebe, na medida em que determina o padrão dos estímulos perceptores.

Por meio da descrição aparente da experiência dada à consciência uma representação fenomenal do mundo percebido é realizada. Como afirma Maurice Merleau-Ponty, o mundo percebido é ligado e mediado pelo universo afetivo e, conseqüentemente, nos afeiçoamos a pessoas, coisas e seres por meio das emoções, o que condiciona em aparência nosso processo perceptivo<sup>6</sup>:

[...] o mundo natural se apresenta como existente em si para além de sua existência para mim, o ato de transcendência pelo qual o sujeito se abre a ele arrebatando-se a si mesmo e a nós nos encontramos em presença de uma natureza que não precisa ser percebida para existir. Portanto, se queremos pôr em evidência a gênese do ser para nós, para terminar é preciso considerar o setor de nossa experiência que visivelmente só tem sentido e realidade para nós, quer dizer, nosso meio afetivo.

Muitas vezes, enquanto nos tornamos conscientes dos processos causais de objetos e das indicações perceptuais que nos serviram de mediação, na percepção social nem sempre os fatores de mediação são muito claros.

Já para Fritz Heider, com frequência, o material bruto consiste em ações e reações da pessoa que podem ser percebidas isoladamente e que parecem ser condições que nos permitem tomar ciência de percepções, intenções, desejos, prazeres, habilidades e sentimentos de outra pessoa, e que se referem, portanto, a sua cognição. Enquanto que a percepção de coisas, de objetos se faz de modo mais ou menos constante, a percepção de pessoa é variável e obscura.

Assim, o espaço e as coisas conferem constância aos estímulos, por isso permite que a percepção de pessoa se torne ao mesmo tempo heterogênea e aguçada, revelando-lhe sentidos representados pela noção precisa da concepção gestaltista de forma e fundo.

Esses sentidos dizem respeito a traços de personalidade que caracterizam a pessoa percebida e que se conservam com o tempo, apesar das variações de circunstância e comportamento. Tais traços de identidade psicológica auxiliam a apreensão da percepção de pessoa e foram chamados por Heider de *propriedades psicológicas disposicionais*. Ainda, influem na percepção social e se referem a aspectos mentais e/ou psicológicos que não são definidos por seu aspecto material.

Neste sentido, a percepção social acontece entre o centro de uma pessoa a outro centro, de *espaço de vida a espaço de vida* e, portanto, a percepção de pessoa pressupõe

---

<sup>6</sup>MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p.213.

interação. E é neste interessante diálogo entre Heider e Merleau-Ponty que se compreende o que vem a ser esta *interação e percepção de pessoa* e, conseqüentemente, este *se lembrar de alguém*:

Na experiência de uma conversa, entre mim e o outro forma-se uma base comum, o meu pensamento e o seu constituem um tecido único, minhas palavras e as suas são provocadas pela fase da discussão, inserindo-se numa operação comum que nenhum de nós cria sozinho. Surge um ser duplo, e o outro não é para mim, em meu campo transcendental, um simples comportamento, nem o sou para ele, somos um para o outro, colaboradores numa perfeita reciprocidade, nossas perspectivas deslizam uma na outra, coexistimos no mesmo mundo<sup>7</sup>.

Os fenômenos causais são mediados por meio de ações, de acontecimentos. Um olhar endereçado a um objeto diz muito a respeito de suas possibilidades voltadas para seu aspecto utilitário. Embora conheçamos muito de uma pessoa a partir de um olhar estático e formal sobre ela, seus desejos, sentimentos e intenções são mais reveladores a partir do que diz (o que revela seu sistema de pensamento) e do que faz.

Essa abertura da presença de outros prediz uma ética, uma responsabilidade sobre nossa ação em relação a eles: um apelo. Por mais superficial que seja a relação estabelecida, não há como se fazer utilitária, a não ser que a desfaçamos decididamente e a tornemos pura ausência, coisificação.

A emoção pressupõe, assim, uma reorientação do indivíduo. O comportamento explícito revela os estados interiores e os estímulos espaços-temporais atuam como efeitos mediadores.

O conhecimento predeterminado sobre alguém também se constitui e é passível de mediação no processo perceptivo. Já o intrincado jogo das emoções, iluminado pelos processos de interação, pode ser compreendido, de certo modo, a partir do seguinte pressuposto: “Uma sentença específica pode ter muitos sentidos em diferentes situações e uma e mesma impressão pode ser provocada por muitas e diferentes sentenças”.

O processo perceptivo de pessoa configura-se como um sistema multiforme que se revela como fator integrador, gerando sentidos manifestados em sua aparência como unificadores. No entanto, ramificam-se em diversas combinações nem sempre assimiláveis e identificáveis. Assim, pode ser descrito e analisado de modo mais ou menos interpretativo, mas nunca esgotado em seus meios de compreensão.

É importante afirmar que uma representação coerente do mundo se dá pelos sentidos, mas também pelas crenças, interpretações e avaliações. Estas, integradas em um mecanismo de

---

<sup>7</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice (1945). In: HEIDER, Fritz. *Psicologia das Relações Interpessoais*. São Paulo: Editora Pioneira, 1970, p.48.

racionalização, atribuem coerência e homogeneidade em condutas e julgamentos substancialmente contraditórios e paradoxais.

O quadro ou a cena percebida compõem-se de cores, formas espaciais, sentidos de objetos e pessoas mediados por uma lógica pessoal perceptiva que atribui a cada coisa percebida suas propriedades em relação a outros, ajustando-se a um modelo relacional e comparativo entre o *ser-mundo* e o *ser com os outros*. Diante de duas ou mais possibilidades de integração “a escolhida é a menos problemática”. É o que Heider chama de *princípio de parcimônia*.<sup>8</sup> Isto resulta na possibilidade de uma dada situação significativa ser parcial ou completamente ignorada, dificultando o aprofundamento de seu significado.

Além do componente subjetivo de racionalizar a experiência perceptiva, a fim de se obter um sentido minimamente consciente, outro fator importante e influenciador do processo de percepção é o efeito de *causalidade pessoal*: nossa presença incita ou suprime as manifestações de alguns aspectos da personalidade de outras pessoas, a partir do tipo de comportamento que se espera de alguém em determinadas circunstâncias e situações, independente do grau da natureza da interação - um contato mais efêmero e passageiro ou mais íntimo e profundo, por exemplo: “[...] Para que uma pessoa esteja em contato com outra, e perceba e reaja aos sentimentos da outra, é necessária uma certa prontidão para perceber psicologicamente”.<sup>9</sup>

Assim, nossa cognição, desejos e ações baseiam-se num domínio da rede causal do espaço, pois acreditamos no testemunho dos olhos e no ambiente mutuamente compartilhado. O que permite pensar no mundo percebido enquanto exterioridade, o que está além do eu, o que lhe escapa.

Neste sentido, o mundo mutuamente compartilhado acontece quando as relações intersubjetivas são enraizadoras. Os indivíduos têm sua raiz por sua participação ativa e natural no espaço comunitário.<sup>10</sup>

A participação real é aquela que pressupõe a contradição como princípio e por este fator a presença de pluralidade se faz sentir: a comunidade aproxima-se do sentido de uma comunhão, cuja diversidade aparece pelo diálogo. Então, a participação pode ensejar o aparecimento do *sujeito glorificado*, como aquele que se revela em estado de graça, espontaneidade, leveza e pensamento, cujas palavras e ações não somente são lembradas, mas relativamente assimiladas e provocam identificação em seu grupo de pertencimento.

---

<sup>8</sup> HEIDER, Fritz, *Ibid.*, p.61.

<sup>9</sup> HEIDER, Fritz, *Ibid.*, p.73

<sup>10</sup> WEIL, Simone. *O Enraizamento*. São Paulo: Edusc, 2001, p.43.

Esse fator de identificação do *indivíduo com indivíduo* e *indivíduo - mundo* nunca é suficientemente compreendido. O enraizamento apresenta-se como uma das condições existenciais mais elementares e mais profundas do ser humano.<sup>11</sup> O grupo enraizado estabelece uma ligação constante entre o passado e o futuro. Também demonstra a necessidade do *estrangeiro*, das influências de outras culturas e de sua própria contradição. O grupo estudado é de pessoas que se lembram de uma pessoa, que de algum modo reorientou seus trajetos pessoais e coletivos.

As pessoas evocadas possuíam, por uma *capacidade de escolha, espontaneidade e/ou* posição social, práticas de igualitarismo com o recordante. Ainda que em posições sociais que pudessem conferir certo *prestígio*: Alfredinho como padre e estrangeiro, Ute também como pessoa estrangeira de nacionalidade alemã em uma comunidade pobre da zona sul de São Paulo e Adilson como pessoa culta e de boa posição social e econômica. De toda forma, buscavam de modo espontâneo ou por atitudes claramente pensadas (que ligavam à *ação* uma significação política), relações de igualdade entre pessoas de posições sociais que confeririam, em outras situações, sentido de subalternidade.

Nesse sentido, as pessoas *afetadas* por suas atitudes, comportamentos, palavras e *ações* demonstraram uma transformação importante de sua autopercepção, principalmente, quando eram impedidas de participação e sofriam experiências de *humilhação social*.

Suas identidades parecem se fortalecer na medida em que o sentimento de dignidade pessoal foi reavivado e, assim, demonstram-se capazes de certo protagonismo social: a experiência natural do *dom*<sup>12</sup>.

Para Hannah Arendt (2010) o dom é um dos elementos constitutivos sobre “quem alguém é”- pelo seu discurso e por suas ações revela-se a distinção da pessoa que age. Esse agir aparece no campo das relações humanas, isto é, nas esferas públicas e de certa notoriedade, onde outros indivíduos poderão contar histórias sobre os feitos realizados e não esperados por indivíduos iniciadores, ou seja, homens e mulheres de ação.

A ação aqui pode ser compreendida como aquela que se traduz em benefícios coletivos de práticas políticas que visam o bem em comum, isto é, desde um grupo social até no sentido arendtiano, de grande alcance público notório. Se traduz como uma maior ou menor capacidade de

---

<sup>11</sup> As trocas de influências entre meios diferentes não são menos indispensáveis do que o enraizamento no entorno natural. Mas um meio determinado deve receber uma influência externa não como uma contribuição, mas como um estimulante que torne sua própria vida mais intensa. Não deve alimentar-se das contribuições externas senão depois de as ter digerido, e os indivíduos que o compõem não devem recebê-las senão através dele. (WEIL, Simone, 2001, p. 43).

<sup>12</sup> Sobre o conceito de *dom*, ver “*A ação*” de Hanna Arendt. In: *A Condição Humana*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2010.

doação, de troca e aprofundamento nas relações pessoais. O sentimento de *ser gente* torna-se um imperativo, em meio aos iguais. A amizade cresce por meio do gosto pela convivência.

Um dos pontos importantes de nossa pesquisa parte da proposta de um deslocamento biográfico e da compreensão do depoimento como pesquisa de mundo(s). Estas pessoas configuram-se como centros de *ação*, iniciadoras e capazes de disparar um acontecimento que não ocorreria pela ordem natural das coisas, pois não esperados, atrelados a acontecimentos passados, que ressurgem com algumas significações conservadas e outras profundamente alteradas.

Ao longo deste estudo, buscaremos então recolher lembranças sobre as pessoas eleitas, que se tornaram publicamente notáveis, sejam em grupos sociais menores e mais ligados às suas comunidades de pertença, como Adilson e Eva, sejam aqueles que transcenderam essa esfera e tiveram um grau de influência mais vasto, tanto no que se refere a territórios quando no que concerne a pessoas, agindo sobre elas direta ou indiretamente, como Fredy Kunz e Ute Craemer.

De um modo mais geral, pode ser dito que as lembranças que permanecem ao longo do tempo e não se apagam a respeito de uma pessoa deixam marcas significativas e inquietantes. O estudo de *memória de pessoa* caracteriza-se por seu aspecto dinâmico e vivo. O que fica é o que se tornou enigmático, desconcertante, estranho, sinistro ou aquilo que se tornou significativo, muito familiar.

O que é estrangeiro torna-se familiar e, portanto, mais próximo. Este dado é muito importante, pois traz consequências ao fortalecimento da identidade pessoal que se faz dinâmica ao sofrer influências e influenciar pessoas, grupos, lugares próximos e distantes, influenciando, por sua vez, nesses aspectos a que se liga. Como as pessoas e os grupos, as lembranças também surgem carregadas de contradição. Contudo, uma *aparição*<sup>13</sup> luminosa é aquela em que a contradição é exposta.

---

<sup>13</sup> O conceito de aparição é trabalhado por Hannah Arendt, mas também por autores como Simone Weil e Walter Benjamin e até mesmo em Goethe. Em Hannah Arendt, por exemplo, podemos encontrar essa discussão em *A condição humana*. Em Simone Weil em: *Aulas de filosofia*. Campinas: Papyrus, 1996. Em Walter Benjamin em: *Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe*. São Paulo: Editora 34, 2009. E em Johann W. Goethe, em: *Afinidades Eletivas*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. O conceito de aparição é trabalhado por Hannah Arendt, mas também por autores como Simone Weil e Walter Benjamin e até mesmo em Goethe. Em Hannah Arendt, por exemplo, podemos encontrar essa discussão em *A condição humana*. Em Simone Weil em: *Aulas de filosofia*. Campinas: Papyrus, 1996. Em Walter Benjamin em: *Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe*. São Paulo: Editora 34, 2009. E em Johann W. Goethe, em: *Afinidades Eletivas*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

Marcus Vinicius Mazzari, em nota na obra citada de Walter Benjamin, por exemplo, explica: Empregado inúmeras vezes ao longo deste ensaio, o termo “aparência” corresponde no original a *Schein*, substantivo masculino que também significa “brilho”. Do mesmo modo, o verbo *scheinen* pode ser traduzido tanto por “parecer” ou “aparentar”, quanto por “brilhar”, “reluzir”. Ao campo semântico de *Scheimpertence*, portanto, não só a conotação negativa de “ilusão, aparência enganosa”, mas também a de manifestação sensível, fenomênica, relacionada a *Erscheinung*, isto é, “aparição” (*phainomenon*, em grego) p.13.

A forma como as lembranças vêm revestidas revela a capacidade de entrega do recordante, mediatizada pelo fenômeno da alteridade.

O fenômeno da alteridade revela os modos de subjetivação, as formas identitárias individuais e coletivas, acontecimentos sociais e políticos e permite a compreensão da experiência humana em sua radicalidade e nitidez. Para Simone Weil (2003), nosso corpo capta as relações e seus significados em uma dada totalidade: quando um pensamento nasce, brota de um universo já organizado, guiado pelos sentidos e pelas emoções.

O modo como percebemos o mundo é atravessado por nossos sentidos e compõe nossas recordações. Quando intensas, nossas sensações tornam-se indiferenciadas e de difícil discernimento: assim, há como que um arrastamento, um estado indefinível da alma - essa sensação é uma combinação de múltiplas possibilidades abarcadas pelo processo perceptivo, nem sempre processadas pela consciência.

O sentir, assim como o perceber e o lembrar são abarcados pelas possibilidades daquele que percebe, transmitindo uma ideia de totalidade. A importância da sensação para Simone Weil (1996)<sup>14</sup> é notória, pois através dela todo pensamento é constituído, pois sempre tentamos: “encontrar no mundo algo parecido com a sensação passada a partir do momento presente. O tempo adquire uma aparência homogênea e um caráter indefinido. Dentre aquilo que sentimos, a imaginação exerce um papel fundamental. Segundo Weil: “[...] *Temos consciência do que acreditamos ver e não do que vemos, do que acreditamos estar tocando e não do que tocamos etc. A sensação apenas serve de oportunidade para tomar consciência do que acreditamos sentir*”.

Assim, identificamos as coisas, as pessoas e o mundo circundante a partir de nossa interioridade. O espaço mediatiza este processo, pois tudo aquilo que sentimos e acreditamos se fundamenta nas reações corporais, em uma posição existencial mais ou menos aberta ao mundo, mais ou menos impedida de participação no mundo.

Para Simone Weil, o espaço, o relevo e as formas são fornecidos por nossa imaginação. Existe toda uma geometria elementar na percepção individual que diz respeito aos afetos, ao modo como as reações são relacionadas de modo a criar a percepção de unidade<sup>15</sup>. Como a forma de perceber, as lembranças também estão relacionadas à ordem dos afetos: cada lembrança é única, não pode ser repetida. O tempo nada pode lhe acrescentar, nem apagar. A lembrança pertence ao passado e torna-se consciente no momento em que é representada pelo corpo.

Por sua vez, há sentimentos que não encontram objeto no mundo presente e que permanecerão inexprimidos. Há sentimentos poderosos que ultrapassam o objeto. Por isso, é *a*

<sup>14</sup>WEIL, Simone. *Aulas de filosofia*. Org. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

<sup>15</sup>WEIL, Simone. *Aulas de filosofia*. Org. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996 p.39.

*matéria a guardiã da lembrança*<sup>16</sup>, é a ela que nos dirigimos, e através dela que nossas crenças tomam forma: é através da *ação*.

A *ação*<sup>17</sup> dá forma ao pensamento, dá vida aos sentimentos, que podem então ser exprimidos. É pela *ação* que a consciência adquire pleno sentido.

Arendt (2010) explana sobre a importância da rememoração que acontece nas relações intersubjetivas em virtude das *ações* humanas. O fenômeno da recordação exerce o caráter testemunhal dos feitos e palavras realizados que aconteceram no passado e que não poderão ser esquecidos enquanto forem relatados e confirmados entre os homens:

[...] Todo mundo factual dos assuntos humanos depende, para sua realidade e existência contínua, em primeiro lugar da presença de outros que tenham visto e ouvido o que se lembram; e, em segundo lugar, da transformação do intangível na tangibilidade das coisas. Sem a lembrança e sem a reificação de que a lembrança precisa para sua realização - e que realmente a torna, como afirmaram os gregos, a mãe de todas as artes -, as atividades vivas da ação, do discurso e do pensamento perderiam sua realidade ao fim de cada processo e desapareceriam como se nunca houvessem existido. (ARENDR, 2010, p.117)

Os feitos testemunhados e narrados pelos diversos grupos sociais podem se tornar atemporais, pois possuem uma riqueza e uma importância imensurável ao revelarem modos de vida e pensamento de sujeitos anônimos da história. Por trazerem elementos da vida comum compartilhada, configuram-se como testemunhos de fatos coletivos. Pelas suas vozes, contribuem para a constituição de uma memória mais democrática do passado, além de permitir a construção de uma historicidade a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram determinado período, suas referências e seu imaginário.

A história oral, assim, pode devolver aos sujeitos anônimos um lugar que é seu de direito, restituir à pessoa e a seu grupo social um espaço que lhes foi subtraído, muitas vezes, pela violência.

As entrevistas, bem como as *conversas fora de hora*, nesta modalidade de pesquisa, possibilitam a descoberta de documentos, fotografias e objetos que não seriam localizados de outro modo. Permitem, também, de modo absolutamente democrático, que os próprios sujeitos compartilhem fatos e informações que possam auxiliar em um melhor esclarecimento sobre circunstâncias que só teriam uma versão: aquelas narradas pelos documentos e pela *história oficial*.

<sup>16</sup> Definição profunda de Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Ao longo de toda a pesquisa, nos deteremos atentamente à obra de Ecléa que poderá ser lembrada aqui em várias passagens.

<sup>17</sup> *Ação* no sentido atribuído por Hannah Arendt. In: *A Condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010

Pessoas também precisam ser alimentadas afetivamente, pela participação por meio do reconhecimento de uma dignidade efetiva, compartilhada em um *solo comum*. Nesse contexto, a experiência de lembrar pode se constituir em uma vivência de humanidade:

[...] A memória pode despertar a dignidade e o ânimo contra a humilhação. A memória pode buscar valores qualitativos das coisas e das pessoas contra a desqualificação. [...] pode nos devolver a relação profunda com a experiência humana. A memória pode ser um apoio extremamente decisivo para a construção da identidade.<sup>18</sup>

Pessoas inauguradoras e que realizam feitos notáveis são comumente herdeiras de um mundo pessoal e social que transcende estas duas esferas e se colocam em um espaço existencial muito singular. Essas pessoas costumam deixar lembranças e estas lembranças passam a atuar em nós, como pessoas.

A evocação da memória permite ir ao encontro do presente depois de se ter banhado com as visões de outra época: alimenta a coragem e permite que transformações sociais ocorram, pois que encontram sua sustentação na memória social. As recordações, assim como as histórias que serão aqui contadas, são carregadas de contradições. Por meio destas, é possível recuperar a *unicidade* de pessoas, coisas e fatos a partir de uma percepção mais complexa e profunda de seres e mundo.

As lembranças evocadas carregam sempre consigo certa paisagem social, despertam pontos de vista calados pela versão oficial, evocam qualidades perdidas que se desejam reaver e por meio delas é possível reencontrar cenários da natureza, objetos biográficos de valor inestimável: a casa, o bairro, movimentos sociopolíticos que comparecem, em certas ocasiões, com suas cores vívidas, de acordo com o testemunho daquele que lembra. Também alcançam pessoas em sua inteireza.

Este trabalho é sobre mim e sobre todas as pessoas que comigo conviveram. Dedico este trabalho a todas as pessoas que fizeram parte desse tempo e dessa época e que permanecem em minha memória.

---

<sup>18</sup>GONÇALVES FILHO, J. M. *Memória e Sociedade*. Revista do Arquivo Municipal (São Paulo), São Paulo, v. 200, p. 15-63, 1991.

## I. Sobre *memória de pessoa*

Lembrar-se de alguém pressupõe uma relação interpessoal entre a pessoa evocada e o lembrador. O fato de a relação ser com outra pessoa e não com um objeto significa que o mundo psicológico de ambas as pessoas deve ser tomado em consideração.

Conforme o pensamento de Fritz Heider, geralmente uma pessoa reage a partir de *outra*: “Ao que pensa que a outra percebe; sente e pensa e não apenas aquilo que a outra faz.” Sendo assim: “*Os acontecimentos supostos no interior da outra geralmente estão entre os aspectos essenciais da relação*”<sup>19</sup>. Por isso, entende-se que o mundo interior do outro considerado será aquele revelado pela aparência da relação intersubjetiva pela recordação evocada.

Merleau-Ponty também se recorre da Psicologia da Gestalt para afirmar que a percepção de pessoa não se faz do mesmo modo como a de objetos físicos porque pressupõe a coexistência e apreensão de certa *intencionalidade*, uma interação humana, pois envolve cooperação, como o contato direto com o outro.<sup>20</sup>

O universo afetivo daquele que percebe também deve ser considerado. Os estímulos perceptivos, aquilo a que nossa atenção se dirige, sempre diz respeito ao mundo interior: as experiências passadas e significativas, reorientadas pelo campo perceptual.

Isso porque sentimos de acordo com a nossa orientação em relação ao mundo e em função de nossa posição em relação aos outros. Percebemos por meio de uma comunhão, um esposamento entre nosso corpo e o mundo circundante.

Uma percepção sempre parte de um dado constituído por uma atmosfera que possibilita sua revelação. Busca em cada manifestação o reencontro com lembranças familiares e experiências já constituídas.

As relações interpessoais constituem-se de modo a manter dois pólos em constante tensão: se por um lado, revelam fenômenos importantes, repletos de sentido, por outro, não se pode deixar de considerar a presença de um ocultamento de cada face revelada, constituindo o fundo do material representável.

Merleau-Ponty (1990) expõe de modo preciso esse fenômeno da ausência como objeto operante de significação:

Há, pois na percepção um paradoxo da imanência e da transcendência. Imanência, posto que o percebido não poderia ser estranho àquele que percebe; transcendência, posto que comporta sempre um além do que está imediatamente dado. E esses dois elementos da

<sup>19</sup> HEIDER, Fritz. *Psicologia das Relações Intepessoais*. São Paulo: Editora Pioneira, 1970, p.13.

<sup>20</sup>COELHO JUNIOR, Nelson, Ernesto. *Da Intersubjetividade à intercorporeidade: Contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade*. São Paulo: Psicologia USP, 2003, v.14, n.1,185-209.

percepção não são contraditórios propriamente falando porque se reproduzirmos em pensamento a experiência perspectiva, a aparição de “alguma coisa”, exige indiscutivelmente essa presença e essa ausência.<sup>21</sup>

Nas relações interpessoais, fundadas na experiência da alteridade, o outro se faz presente como um elemento que nos constitui, a partir de uma vivência sensível do corpo vivido. Essa presença é sentida dentro de um horizonte de visibilidade/invisibilidade, pois não se revela totalmente e escapa a qualquer forma de representação mais substanciada, fixada.<sup>22</sup>

De certo modo, as lembranças são constituídas pelos eventos narrados, mas também por aqueles esquecidos. As evocações reveladas pelas narrativas - as entonações, silêncios, o embargo da voz, a emoção que flui quando a lembrança é revivida, os gestos - constituem matizes de um princípio intencional trazido pelo lembrador. Também, podem revelar o modo como as recordações acerca da pessoa evocada se manifestam ao depoente, ao demonstrarem traços de seu mapa afetivo que tonalizam a forma perceptiva, como as características da pessoa evocada, objetos, cenários e acontecimentos.

Os eventos ‘escolhidos’ pelo lembrador passam por um princípio intencional que se revela homogêneo em aparência, mas que, no entanto, em seu fundo, apresenta segmentos de polarização que se harmonizam em um todo diferenciado e que se altera ao longo da vida, podendo adotar novas significações.

Entre a pessoa que lembra e o depoente há os exemplos que marcaram a memória do lembrador e que podem revelar traços a respeito de quem a pessoa evocada foi. Ao mesmo tempo, indicam a direção do movimento das *ações* perpetradas, o que caracteriza uma pequena distância entre sujeitos, quase que indiferençada e caracteristicamente temporalizada.

Essa experiência eu-outro, quase indiferençada, Merleau-Ponty chamou de *campo existencial*.<sup>23</sup> Nela, reencontramos o tempo e sob seu efeito paradoxal, correlacionando corpo, mundo e outrem por meio de uma experiência reflexiva.

---

<sup>21</sup> MERLEAU-PONTY, p.48.

<sup>22</sup> COELHO JUNIOR, Nelson, Ernesto. *Da Intersubjetividade à intercorporeidade: Contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade*. São Paulo: *Psicologia USP*, 2003, v.14, n.1, 185-209.

<sup>23</sup> Esse *campo existencial* seria calcado em um plano de experiências em que as diferenças quase que são abolidas, onde o que se vê e o que é visto se permutam reciprocamente e que Merleau-Ponty chamou de “carne”: [...] A “carne” não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, velho termo “elemento”, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma *coisa geral*, a meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a ideia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. (MERLEAU-PONTY, 1964 *apud* COELHO JUNIOR, 2003, p.204).

Entre a experiência eu-outro e o mundo circundante tem-se a memória como elemento disparador das experiências revividas e ressignificadas pela vivência intersubjetiva atravessada pelo espaço-tempo.

A experiência eu-outro se inaugura por meio do processo de perceber alguém distinto de mim e que difere da percepção de objetos, por exemplo. Por se tratar do envolvimento de uma coexistência, pressupõe a apreensão da intenção de uma outra pessoa, uma cooperação, uma comunhão.

Além disso, a experiência de outrem se *eterniza* no tempo subjetivo. A intersubjetividade adquire uma presença porosa e pelo fenômeno da *aparição* de outros, destaca-se, ao fundo, a figura de si. O pensamento se faz presente e forma uma aparente unidade entre o pensado e sentido.

Assim, pode ser dito que somos um *campo*, uma experiência na qual o tempo se faz caminho e conduz à ‘subjetividade’. O tempo constitui-se como uma *rede de intencionalidades*: a cada momento que chega, o precedente sofre modificações.

Para conservá-lo, faz-se necessário o estender da mão: é preciso tentar capturá-lo ainda que sob finas camadas, ainda que se faça escorregadio e instável pelas sobreposições de experiências, pensamentos e sentimentos, pelos instantes de sua *duração*.<sup>24</sup>

O acesso ao passado acontece onde ritmo e pausa se orquestram sob uma dimensão qualitativa, onde cada presente exclui outros presentes. Mesmo diante de uma recordação passada, só podemos abarcar uma parte dela, desenrolando-a novamente segundo seu tempo próprio, na qual só é possível uma apreensão ambígua da memória: conservá-la, mas à distância.

Quando paramos para pensar sobre as pessoas que marcaram nossa vida, de algum modo, surpreendemos com algumas recordações que aparentemente permaneciam esquecidas. Essas lembranças persistem em nossa memória de modo matizado e se constituem ao mesmo tempo unhas e diferenciadas. A recordação tem som e cor, inscrita em nós pelas diversas experiências vividas.

As lembranças que conservamos de outros possuem características importantes: referem-se a vínculos difíceis de separar e que persistem, mesmo quando o núcleo de suas histórias se desagrega. Na verdade, elas constituem um aspecto importante no que se refere ao fenômeno psicossocial do *enraizamento*: um *solo comum*<sup>25</sup> compartilhado com um grupo afetivo, identificado

---

<sup>24</sup>*Duração* em Bergson é o correr do tempo uno e interpenetrado endereçado à experiência vivida. Para maiores esclarecimentos. In: BERGSON, Henri. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

<sup>25</sup>Termo utilizado pelo psicólogo social Solomon Asch, conforme Fritz Heider em *Psicologia das Relações Interpessoais*. São Paulo: Pioneira, 1970 e retomado por Ecléa Bosi em *A pesquisa em memória social*. Psicologia USP: São Paulo, v.4, n.1/2, p.277-284, 1993.

a este sentimento de pertença grupal, seja este grupo familiar, comunitário ou de um nível social mais amplo e que transcende, portanto, o sentimento individual.

Segundo Ecléa Bosi, a força de coesão desse *enraizamento num solo comum*, acontece por causa do filtro dos acontecimentos externos que o grupo realiza e que dá um sentido muito singular e próprio àquilo que chega de fora.<sup>26</sup>

Isso acontece recorrentemente, segundo a autora, entre os grupos familiares, mas é válido afirmar, também, que este “apego” às concepções grupais e suas possíveis identificações, ocorre, além disso, em outros grupos coesos, constituídos de sentidos ideológicos. A manutenção de seus ideais se faz necessária para a sua preservação enquanto grupo.<sup>27</sup>

Esse sentido ideológico mencionado pode ser benéfico para a constituição e fortalecimento de grupos que possuam como princípio a realização de feitos transformadores e emancipadores que marcam a distinção versus a homogeneização dos indivíduos que os compõem.

Normalmente, essa força de coesão realiza-se por meio das lembranças de outros que narram suas memórias sobre alguém. Essa lembrança narrada forma a imagem da pessoa lembrada, tornando nítida e mais ou menos condensada a percepção do grupo a respeito de quem alguém foi, facilitando sua identificação do individual para o grupal, mesmo entre pessoas que não se conhecem, mas que, de algum modo, compartilharam este *solo afetivo comum*. Logo, em torno dessa “identidade” lembrada, incorporamos histórias, sentimentos e até traços da personalidade evocada.

Somos um uno diferenciado em que nosso espaço aparentemente individual se faz coletivo. A partir dessa identidade psicológica que também se faz social, nossas limitações são postas em relação com a nossa maior ou menor atuação no mundo, com outros. Somos um *campo* aberto e transformador às experiências de outros, a fim de acolher e imitar seus testemunhos.

A pessoa evocada pode não ser constantemente lembrada ou quase nunca recordada em seus traços. No entanto, quando sua lembrança vem à mente por um *esforço de atenção*, quando o trabalho da memória é realizado, faz-se surpreendente a constatação de como aquela pessoa se faz viva e presente na existência daquele que a evoca, normalmente, por meio de pequenas atitudes e *desvios* do caminho. Após minuciosa reflexão, se faz notar a influência da pessoa lembrada.

Assim como o passado, a significação de outros, das coisas e do mundo aparece como continuação de uma *ação* que jamais se encerra em si mesma: o passado permanece. A percepção de outros só se compreende pelo campo perceptivo que contribui para sua revelação, propondo ao

<sup>26</sup> BOSI, Ecléa. *Lembranças de família*. In: *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: 2004. 423.

<sup>27</sup> BOSI, Ecléa. *Ibid*, 424.

‘sujeito’ uma ancoragem possível: estamos ligados às nossas raízes em um espaço simbólico constituído, orientados por esse feixe de relações.

Muitas lembranças mergulham num passado anterior ao nosso nascimento e que pertencem a nossa ancestralidade. Foram contadas tantas vezes que as incorporamos como nossas. Desta maneira, a identidade individual toma forma, pois sempre se constitui a partir de nossos grupos de pertença. A comunidade é capaz de unir, mas, ao mesmo tempo, diferencia- nos a partir de nossas características únicas, singulares.

Ao longo do tempo, cada um de nós forma um retrato completo e rico de nuances, que sempre acaba por seguir certa expectativa social, segundo aquilo que se espera. Esta imagem é mais cristalizada e marcada por preconceitos e estereótipos, mas existe também uma mais espontânea e sensível, capaz de reconstrução.

As recordações só são apreendidas e apropriadas sob a condição de uma adesão geral à zona de nosso corpo e de nossa vida da qual elas dependem. Conforme Merleau-Ponty: “[...] *A recordação ou a voz são reencontradas quando o corpo se abre novamente ao outro ou ao passado, quando se deixa atravessar pela coexistência e quando novamente (no sentido ativo) significa para além de si mesmo*”<sup>28</sup>.

A percepção fornece um campo de presença que se estende pela dimensão espaço-temporal. Ao longo do tempo, vão se empalidecendo os traços da pessoa lembrada: as lacunas crescem, a imagem altera-se, pois caminha conosco ao longo da vida, nossa percepção se modifica.

Podemos conservar em nossa memória uma fisionomia, mas ela se empalidece se não for retocada por conversas, fotos, leituras, depoimentos de familiares e amigos, contato com os livros lidos, conhecimento a respeito dos amigos que frequentava, sobre seu meio profissional, sobre fatos históricos que tenha vivido... Tudo isso, como Ecléa nos ensina, ajuda a constituir sua figura.

A ideia sobre quem alguém foi, diz respeito ao *enraizamento* das grandezas e das distâncias. Refere-se à intensidade das lembranças evocadas, bem como à sua capacidade de expressão.

Essa recordação que se faz acidental ou por meio de um *esforço de atenção* possui como contraponto o esquecimento, característica não de falha do material lembrado e trabalhado pela memória, mas da distância entre corpos que coexistem e que configura movimento onde revela a pura passagem. Este movimento entre corpos e sua indiferenciada distância serve de fundo a toda percepção.

---

<sup>28</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p.228.

Essa capacidade de as coisas coexistirem no espaço por estarem presentes ao mesmo sujeito perceptivo é possível por estarem envolvidas na mesma onda temporal. O tempo é o mediano entre o *campo existencial* e a memória, onde a intercorporeidade se faz presente tornando possível a coexistência.

A memória alimenta-se do tempo: mantém-se aparentemente congelada em imagem, contudo, expande-se em símbolos, enreda-se em outras lembranças, constitui-se de lacunas e sentimentos correspondentes à lembrança guardada que se conserva de modo dinâmico e infinito. É uma memória em processo que muitas vezes retorna à consciência com uma nova camada sendo revelada. Este estrato se mostra sempre em relação à lembrança originária, agora alterada, ainda que parcialmente.

Com o amadurecimento pessoal, o repertório individual abrange-se e um novo horizonte descortina-se. Assim, as lembranças são resignificadas em matéria e sentimento. E assim também ocorre com as lembranças de pessoa. Elas também se modificam ao longo do tempo, apesar de possuir um conteúdo mais ou menos constante.

Quando um novo pensamento se faz um novo universo se mostra: a memória se apresenta em camadas, e onde a lembrança faz-se mais viva conforme a intensidade da *atenção* à vida que o lembrador alimenta. Nada se altera em nosso julgamento a não ser por meio de certas imagens particulares fornecidas pelo corpo.

Isso porque, de acordo com Ecléa Bosi (2004), a imagem que guardamos de alguém caminha e se transforma conosco. Alguns traços afloram-se e outros se apagam conforme o contexto da vida presente, mas sempre em função dos julgamentos que somos capazes de realizar.

Uma pessoa pode ser lembrada por seus traços físicos, morais, afetivos, psicológicos. Traços de caráter como tolerância, bondade e firmeza são muito citados quando se lembra de alguém.

Se uma pessoa é lembrada pelo trabalho que realizou, teremos ao lado da memória de pessoa, traços de uma *memória do trabalho*. Se a pessoa lutou por algum ideal na sociedade, teremos também, traços de uma *memória política*.

Normalmente, apreendemos certos traços da pessoa lembrada e é muito comum lembrar-se de alguém por meio de uma imagem fixada de sua juventude ou um gesto de amizade que demonstrou ao longo do tempo. Também é comum evocar a lembrança de alguém, sentir sua presença afetiva, como se estivesse presente fisicamente. Muitas vezes, é como se a pessoa que narra sua recordação estivesse, novamente, ao lado daquele que é *objeto* de sua lembrança. Enquanto realiza o processo de lembrar, o indivíduo mistura na sua narrativa seu modo peculiar de entrever pessoas e situações. Isso acaba por apresentar, ainda que parcialmente, traços de ideologia

que confluem para uma *convenção idealizadora final* e que dá sentido à sua lembrança, mas não em raras situações, também a traços de sua personalidade.

Para Merleau-Ponty, o outro está sempre à margem do que vemos e ouvimos, está sempre ao nosso lado ou atrás de nós, não está no lugar em que nossos olhos fixam, pois todo outro é *um outro eu mesmo*: esse outro é feito de nossa *substância* e no entanto, não é o eu. No entanto: “há um eu que é outro”. Nesse sentido, é possível pensar que em nossa ideia sobre um outro há sempre uma ideia de nós mesmos e um outro que nos torna mais eu, mais nós.

Pela escuta das narrativas, é possível identificar se a memória é mais afetiva ou ancorada em traços de uma memória mais social, se a pessoa lembrada é *objeto* de certa admiração em função de sua notoriedade e, ao mesmo tempo, sentir em maior ou menor medida como vem revestida.

Assim, a *dinâmica do lembrar* transforma-se em um ato de interpretar o passado no presente, revelando o ponto de vista do lembrador e seu posicionamento existencial, se fonte de emancipação ou de alienação.

Por meio das lembranças revestidas de idealismos, a identificação em um *solo comum* se faz possível e se funda, assim, uma comunidade afetiva e ideológica entre o indivíduo e o grupo local dominante. É assim também que a memória individual se ampara na memória coletiva e é modelada por ela.

Mas há brechas por onde as lembranças passam e resistem: nos grupos igualitários e resistentes à formação homogeneizante das recordações, há aqueles que se recordam das histórias anônimas daqueles que sobreviveram aos estereótipos sociais e semearam em seus grupos raízes férteis que os ligaram à prática de ações democráticas e igualitárias.

Nesse sentido, esses núcleos resistentes e democráticos adquirem a força de mudar a história a contrapelo, de trazer novos parâmetros para o discurso dominante que se vê, então, diante de outros pensamentos que incluem a libertação do povo pelos seus corpos e sua voz.

A identidade individual alimenta-se desta identidade coletiva. Ambas se sustentam pelo ato de lembrar e de narrar o que se lembra, de compartilhar com um grupo de pertença as recordações de espaços sociais, acontecimentos históricos, pessoas, mentalidades e costumes de toda uma época.

Também, é importante afirmar que as atitudes humanas ancoram-se nos instantes da *duração*, no elo que liga o passado ao futuro, entre a relação da consciência com o mundo na qual a memória opera.

Quando se coloca de lado o prático e o utilitário, fica o sentido da *duração*, do tempo vivido e é este momento que é capturado e transformado em lembranças. Como afirma Ecléa Bosi: “[...] *O papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória contrai numa intuição única passado-presente em momentos da duração*”.<sup>29</sup>

Essa *pureza* da matéria lembrada, marcada *pela duração*, caracteriza-se como uma recordação única, singular e irreversível de um acontecimento e de uma pessoa, por exemplo, e persiste ao longo da vida.

Assim, a memória pode ser compreendida como uma *atividade do espírito*. É um trabalho sobre o tempo vivido, mediado pela cultura e pelo indivíduo que abarca o tempo marginal, perdido na vertigem mercantil do utilitário.

A apreensão plena do tempo passado é impossível, assim como o é de toda alteridade. O conjunto da matéria lembrada pode ser uma construção social do grupo em que o indivíduo está inserido e onde existem ‘elementos de escolha’ a respeito do que será lembrado e o que será esquecido.

Portanto, a percepção coletiva abrange a pessoal e acaba por constituir as *formações ideológicas* que se reagrupam e interpretam em sentidos determinados as lembranças evocadas. Ainda, existem *campos de significação* da matéria lembrada na vida intersubjetiva, em que o passado se concentra no presente e os elementos psicossociais envolvidos se fazem marcantes, revestidos por traços ideológicos, transformadores ou alienantes.

A memória fluida e matizada abre-se em camadas, trazendo em seu bojo o mapa afetivo e intelectual da experiência individual e coletiva do lembrador.

Para que essa imagem se desvele, faz-se necessário o auxílio da história, o conhecimento do espaço onde viveram os depoentes, cruzando informações a respeito de lembranças de outros sobre a pessoa lembrada. Gradativamente, esta matéria fluida configura-se, apresentando seu *campo de significação*.

O que fica, contudo, desse exercício de se pensar o pensamento é que só é possível a reflexão sobre os seres, as coisas e o mundo, porque justamente se tem a experiência deles.

A partir da experiência do vivido se faz o pensamento, a experiência do pensamento. E se pensarmos assim, surge a reflexão de que só é possível o ato de perceber a partir do passado daquele que percebe: a experiência do pensamento se faz presente na experiência da percepção refletida e uma possível *verdade* constituinte do *objeto* percebido.

---

<sup>29</sup> BOSI, E. A *pesquisa em memória social*. Psicologia USP: São Paulo, v.4, n.1/2, 1983, p.280.

O *eu-outro* se faz próximo-distante, vê e é visto, percebe e se faz perceber de acordo com uma orientação em que oferece mais ou menos de si mesmo e se impulsiona para alguém ou além em uma dimensão espaço-temporal.

Assim, a experiência do eu-outro se realiza em um quadro de certa montagem em relação ao mundo, que é a posição do corpo<sup>30</sup>:

[...] “as experiências perceptivas se encadeiam, se motivam e se implicam umas às outras, a percepção do mundo é apenas uma dilatação de meu campo de presença”. [...]: o homem é somente um laço de relações e apenas essas lhe contam.

Isso porque uma *ação* nunca termina. O fenômeno de se lembrar de alguém é marcado por eventos que deram um sentido significativo a uma compreensão de quem a pessoa lembrada foi e que marcou o *espaço de vida* do recordador, alterando, em algumas situações, seu olhar sobre o evento recordado, implicando-o em uma dimensão ética.

A *ação* traduz-se em movimento assumido por outrem, caracterizando a esfera intersubjetiva da relação temporalizada, entre o passado e o futuro.

Os conteúdos perceptivos chegam à consciência daquele que percebe pela modelagem de *conceitos subjacentes* que variam conforme o sentido atribuído pelo indivíduo e que se altera de pessoa para pessoa, segundo também o *espaço de vida* de cada um, bem como de afetos relacionados em função da pessoa com quem se está em relação.

*Conceitos subjacentes* foram detidamente estudados por Lewin e desenvolvidos por Heider. Heider definiu como *conceitos subjacentes* algumas categorias para se pensar as relações interpessoais a partir de duas pessoas e que podem servir de base para se refletir a respeito de um estudo sobre *memória de pessoa*.

O autor cita o *espaço de vida* como sendo o lugar em que o narrador e a pessoa lembrada (no caso em questão, percebida) tiveram interações. É a consciência que se tem sobre o ambiente e os acontecimentos que nele ocorrem. Por meio da percepção que acontece com um contato direto com o ambiente, os fatos objetivos entram no *espaço de vida*, causando-nos reações que nos afetam em intensidade. O modo como agimos ou nos comportamos frente à situação refere-se a nossas expressões: nosso posicionamento corporal, a linguagem e as inferências que realizamos frente ao que percebemos.

A manifestação da natureza dessa relação pode ser compreendida em maior ou menor grau pela linguagem, expressa pela voz, mas também pelos gestos, movimentos corporais, pelo silêncio e até por uma aparente recusa e/ou negação diante da relação apresentada.

---

<sup>30</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*, 2015, p.408.

Sendo assim, uma mesma *ação* pode ter sentidos diferentes e ocuparem determinadas posições no *espaço de vida* de cada pessoa, variando em intensidade e expressividade.

A comunicação entre o *eu-outro* se faz possível por causa de uma pequena distância que há entre os corpos, pelas intensidades e expressividades. O corpo apreende os fenômenos sensoriais de modo qualitativo, por intensidades, e devolve ao mundo exterior, que está além dele, em forma de *ação* e movimento pela expressividade. Um objeto percebido sempre é interiormente retomado, reconstituído e revivido por meio de um mundo que trazemos conosco, sendo somente uma forma de apreensão dentre outras possíveis.

Por meio desse horizonte de interioridade e exterioridade, coabitamos com outros seres através do espaço-tempo. Para Merleau-Ponty, o mundo percebido não é somente meu mundo, mas ainda toda consciência que eu possa encontrar.

Assim, nas narrativas de cada depoente, os traços das lembranças evocadas constituem-se como coexistência, extensão do corpo próprio e de um eu-outro, tornando possível o estabelecimento de um reconhecimento do eu e de outrem e, conseqüentemente, de um nós, proporcionando o fundamento da alteridade. Como lembra Merleau-Ponty:

Minha mão direita assistia ao surgimento do tato ativo em minha mão esquerda. Não é de maneira diversa que o corpo do outro se anima diante de mim quando aperto a mão de outro homem, ou quando o olho somente. Aprendendo que meu corpo é “coisa sentiente”, que é excitável – ele e não somente minha “consciência”- preparei-me para compreender que há outros *animália* e, possivelmente, outros homens. É preciso notar bem que nisto não há comparação, nem analogia, nem projeção ou introjeção. Se, apertando a mão de um outro homem, tenho a evidência de seu ser-aí, é porque ela se coloca no lugar de minha mão esquerda. No aperto de mão, meu corpo anexa o corpo de outro numa “espécie de reflexão” cuja sede, paradoxalmente, é ele próprio. Minhas duas mãos são “co-presentes” ou “co-existem” porque são as mãos de um só corpo; o outro aparece por extensão desta co-presença. Ele e eu somos os órgãos de uma só intercorporeidade. [...] Percebo primeiro uma outra “sensibilidade” e somente a partir daí, um outro homem e um outro pensamento.<sup>31</sup>

Fritz Heider também menciona *conceitos subjacentes* ao processo de percepção de pessoa, como os mais especificamente voltados a situações causais: somos influenciados pelo ambiente e a pessoa se torna agente e paciente das ações e comportamentos de outros. Contudo, essa atmosfera não é, sobretudo, unilateral.

Sob as duas formas, causamos impressões, em sua maior parte, positivas ou negativas, que geram influências no ambiente. Essas descrições não são unilaterais e sim subsequentes, quase simultâneas, em uma operação de quase reversibilidade. Ainda sob esse aspecto, nessa mesma

<sup>31</sup> COELHO JUNIOR, N.E. *Da Intersubjetividade à intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade*. São Paulo: Psicologia USP, 2003, v.14, n.1, p.20.

operação de quase simultaneidade, também agem as motivações interiores profundas e suas fontes causais.

As lembranças evocadas pelos depoentes centralizaram-se, em sua maior parte, em impressões positivas, mais ou menos polarizadas, a respeito da pessoa de referência. As recordações agradáveis da pessoa de referência foram aquelas que se fizeram mais marcantes e são de fundamental importância para a compreensão de atribuições causais, pois influem, em um primeiro momento, nas ações do lembrador.

Há também que se considerar, quando a interação entre a pessoa evocada e o depoente se fez constante, que ambos foram influenciados por essa relação mediada por um maior ou menor desprendimento de si.

A atribuição de causas pessoais e impessoais se dá pela intenção e constitui acontecimento diário que determina grande parte de nossa compreensão do ambiente e reação a este. Uma causa pessoal não apenas provoca mudanças no ambiente físico, mas também consequências sociais.

O fenômeno de *causalidade pessoal* encontra-se marcadamente presente na ligação entre a pessoa evocada e o lembrador: em todos os depoimentos será possível perceber as influências da pessoa de referência na vida dos depoentes, por meio de seus exemplos influentes. Em várias situações, a pessoa lembrada não somente modificou parte da vida do recordador, como também o incitou a imitar seus feitos e palavras de forma singular, a partir de seus exemplos e do que sua história gerou de significação.

Isso pode ser percebido em maior grau nos depoimentos referentes a pessoas que marcaram largamente a esfera pública, como Ute e Alfredinho, mas também naqueles sobre Eva e Adilson, nos quais, os depoentes se surpreendem ao lembrarem-se da influência da pessoa evocada em atitudes e decisões da vida após a interação mais ou menos constante com elas.

Alguns elementos influem na concepção que formamos a respeito de quem alguém foi. Um desses aspectos refere-se ao fato de conseguirmos prever se uma pessoa é ou não capaz de realizar um determinado feito: o fato de uma pessoa ser ou não capaz de fazer alguma coisa é uma consideração muito importante que influi em nossa atitude a seu respeito e em nossas previsões de seu comportamento futuro. Os conceitos de *poder* e *habilidade* estão ligados a esse conceito.

Assim, as características atribuídas à identidade psicológica de cada pessoa de referência giram em torno da questão de suas *habilidades* e de seu *poder* de atuação e influência.

Os *conceitos subjacentes* mencionados por Heider são aqueles que auxiliam na constituição dos papéis de outras pessoas em nosso *espaço de vida* e dizem respeito a como reagimos a essa interação.

Todas essas características determinam o papel que outra pessoa desempenha em nosso *espaço de vida* e de como reagimos a ele. Esses conceitos podem ser considerados dimensões de nossas experiências do ambiente social.

As pessoas lembradas podem ser consideradas como capazes de *ação*. Não se percebe delas apenas propriedades espaciais e físicas, mas também aspectos intangíveis tais como desejos, necessidades e emoções que variam conforme a maior ou menor disponibilidade da pessoa percebora em relação à pessoa *objeto* da percepção. Esta operação acontece em um movimento de quase simultaneidade<sup>32</sup>:

Ver tem as características fenomenais de “estar aberto a”; mais geralmente, as de “participar em”. “Eu vejo a árvore” é equivalente a: “eu participo (de uma maneira definida) na árvore”, ou, “a árvore me é dada de uma maneira definida”. [...] Não podemos deixar de mencionar a “entrega” fenomenal do objeto, do qual eu participo ao ver. A árvore aparece “em pessoa”, e não “como imagem”.

Logo, o ato de perceber alguém se configura como uma *comunhão fática* no sentido que a atribui Malinowski e que constitui uma rede de intencionalidades: o ato de perceber é um modo de participação, de interação no qual se é objeto e sujeito, percebido e percebador: se o outro *olha* para mim, uma mudança básica ocorre em minha maneira de ser, pois: “Os olhos não podem obter a não ser que ao mesmo tempo entregue<sup>33</sup>”.

[...] Antes, o mundo estava aberto às minhas possibilidades; agora, é ele, o outro, que me define e define minha situação no mundo a partir de seu ponto de vista, e assim transforma minhas relações com objetos em fatores de *suas possibilidades*. [...] minhas possibilidades se transformam em probabilidades fora de meu controle, já não sou o senhor da situação, ou, pelo menos, a situação ganhou uma dimensão que me escapa. Transformei-me num instrumento com o qual e no qual o outro pode agir.

O processo perceptivo possui tonalidades de acordo com os diversos aspectos manifestados da identidade psicológica da pessoa lembrada que atuam como fator mediador. Não percebemos apenas o que vemos, mas também possíveis indícios em que se apoiam a percepção.

Também na *percepção social* existem casos em que os fatores de mediação são muito obscuros (quando não somos capazes de dizer qual o material bruto em que baseamos nossas percepções) e outros em que sabemos ou podemos saber quais as indicações para a percepção de outrem. Isso ocorre frequentemente quando se consegue interpretar a fisionomia de outra pessoa pelos seus gestos, tom de voz e outros aspectos expressivos semelhantes.

Os fatores de mediação obscuros, muitas vezes, servem de mediação para traços de personalidade, desejos ou atitudes da pessoa, sem que sejamos capazes de dizer qual o material bruto em que baseamos nossas percepções.

<sup>32</sup> CF.DUNCKER, 1947 *apud* HEIDER, 1970, p.35.

<sup>33</sup> SIMMEL, 1921 *apud* HEIDER, Ibid, 1970, p.88.

As diversas interpretações a respeito de *quem alguém é* acontecem pela compreensão de fisionomias, gestos, tons de voz mais ou menos constantes, desejos, atitudes, ações e reações da pessoa percebida. Uma pessoa é percebida e interage a partir de intenções, desejos, prazeres, habilidades e sentimentos.

A percepção está relacionada com as impressões provocadas na sensorialidade do percebedor e envolve também o reconhecimento do percebido. A mediação se faz possível e pode ser expressa pela linguagem (compreendendo aqui também as chamadas linguagens não verbais) quando acontece por meio de acontecimentos ou comportamento, tornando-se acessível à consciência.

Apesar de ser possível notar o fenômeno de constância na percepção de pessoa, este aspecto se faz em menor proporção que nos eventos envolvendo percepção de coisas. Contudo, ainda que o fenômeno de constância na percepção de pessoa seja menos recorrente, revela um elevado grau de não variação, isto porque qualquer traço de identidade psicológica expõe algo que caracteriza a pessoa e que se mantém ao longo do tempo, apesar da presença de elementos de imprevisibilidade de circunstâncias e comportamentos.

O fenômeno de constância se faz de suma relevância, pois são pelas referências a tais características duradouras que se é possível descrever, segundo Heider, uma grande variedade de relações interpessoais que envolvem o perceber, o pensar e o sentir em ambos os lados. Os motivos, intenções e sentimentos são processos psicológicos nucleares que se manifestam em expressão.

Os campos de estímulo básicos para uma percepção de pessoa são geralmente mais duradouros que os de percepção de coisa. A percepção do movimento de uma pessoa é adequada ao que veio antes, durante e depois, em uma forma de dar sentido e conformidade à ação.

Nesse sentido, conseguimos perceber de modo mais claro, as relações anteriormente atribuídas entre a ação e o movimento, tendo como centro a intersubjetividade atravessada pela *duração*.

A emoção é uma orientação do indivíduo em direção a, portanto, é um fenômeno de expressividade. Por sua vez, os sentidos referem-se à representação do mundo em um nível coerente e depende de crenças, interpretações e/ou avaliações que indicarão uma amplitude de fatores organizadores. As emoções são fenômenos causais e sempre pressupõem a relação com outrem.

O nível coerente das representações diz respeito à tendência à racionalização: tornar o material aceitável, compreensível, cômodo e direto, retirando-lhe todos os elementos perturbadores. É um poderoso fator em todos os processos perceptuais. Além disso, existe uma lógica da cena em torno do *objeto* representável, composta por uma coerência de cores, formas espaciais e sentido do fenômeno apreendido.

Para Heider, é a situação circundante que permite determinar as motivações e intenções subjacentes a um comportamento explícito, ao mesmo tempo em que nossa presença evoca ou suprime manifestações de alguns aspectos da personalidade de outras pessoas, por exemplo, pelos objetos e ambiente.

A ideia sobre *quem alguém é* também pode ser mediada por aquilo que outras pessoas contam a seu respeito, assim como o grau de intimidade entre duas pessoas acaba dependendo da situação, do período de tempo pelo qual as pessoas se conhecem, bem como por diferenças individuais. Contudo<sup>34</sup>:

[...] para que uma pessoa esteja em contato com outra e perceba e reaja aos sentimentos e desejos da outra, não é suficiente que esteja exposta a determinadas configurações de estímulo. É necessária uma certa prontidão para perceber psicologicamente.

Precisamos não somente contar o que testemunhamos, mas, acima de tudo, compartilhar nosso testemunho com alguém, que nos confirma aquilo que percebemos, o que vimos. É isso o que configura nossa realidade, um mundo mutuamente compartilhado, em que *o eu* transforma-se em *nós*.

Além de fatores mediadores externos, há fatores mediadores internos que podem alterar estados de percepção, quando, por exemplo, evidenciam-se conteúdos da personalidade que se deseja que outros percebam. Essa questão está muito relacionada à notoriedade e pode ser percebida nos relatos de Sidilene e Miguel referentes a Alfredinho, por exemplo.

Aparentemente, Alfredinho buscava frisar intencionalmente certos comportamentos, por meio de atitudes muito bem pensadas a fim de provocar reflexões e o engajamento em pessoas comuns, relacionadas a sua forma de pensar. O fenômeno do *prestígio* e/ou de notoriedade é um importante difusor de *causalidade pessoal*.

Assim, a percepção influi nas possibilidades de *ação*, ao despertar estados motivacionais, bem como no que se é capaz ou não de fazer, além de exercer controle do ambiente.

---

<sup>34</sup> *Ibid*, p.73.

Ainda, os motivos de outras pessoas são as invariabilidades que dão sentido às experiências. Tais sentidos são registrados no *espaço de vida* e podem ser considerados como sendo realidade do ambiente, sob o qual depois a pessoa reage.

O tempo é o medianeiro no que tange à atribuição de características pessoais a uma dada pessoa. Isso porque essas valências que realizamos sobre a capacidade de outros e nossa advêm com o tempo, com o que observamos dos outros, com nossa própria possibilidade ou não de agir, frente às mais variadas circunstâncias e contextos.

O processo perceptivo que acontece com as diversas linhas causais mediadoras que são relativamente independentes entre si provocam o percepto unitário de objeto. Enquanto que o mesmo *foco terminal* pode ser atingido por diferentes caminhos, todas as ações *combinam* para formar um efeito unitário.

As ações podem ser traduzidas pelo movimento causado pela pessoa: pelas mãos, por exemplo, altera concreta e/ou simbolicamente o movimento, pois cria uma dada situação, estabelece condições e indica uma mudança. Essas são mudanças que se influenciam diretamente por meio da sentença: semeia-se para colher, por meio de uma ética da realização: a boa ação se torna motivo de engrandecimento.

Uma das maiores características da mão humana parece ser sua abertura ao mundo expressada na *liberdade* e na *ação*. Para Merleau-Ponty em **Fenomenologia da Percepção**: “*a mão é como um cérebro, exterior do homem*”. Por meio dela, atribuímos sentido à nossa sensorialidade pela concordância entre suas variadas expressões que ao sincronizarem-se manifestam em uma aparente homogeneidade a apreensão daquilo que é tocado pelo corpo.

Pelas mãos, sentimos o mundo circundante que nos toca por meio das lembranças, sensações e sentimentos, por exemplo. Essas impressões sensoriais são elaboradas e devolvidas novamente ao exterior por meio de ações e posicionamentos corporais, onde a mão possui um papel fundamental pelas ações humanas.

A comunicação entre os corpos, *a comunhão fática*, entre agentes e pessoas comuns, transformadas pela experiência de outrem, só se faz possível por causa de uma pequena distância que há entre eles e acontece também por meio de intensidades e expressividades.

O corpo apreende os fenômenos sensoriais de modo qualitativo pelas intensidades e devolve ao mundo exterior, que está além dele, em forma de ação e movimento pela expressividade, por meio dos órgãos sensoriais, especialmente, as mãos.

As mãos auxiliam na criação de uma atmosfera mais ou menos constante em torno do indivíduo, revela o mundo dos afetos por meio das ações deixadas por ele, suas marcas. Por meio

delas, é possível afirmar se um indivíduo é acolhedor, amoroso, generoso ou avarento e violento, por exemplo. Por meio desse canal de expressividade, pode ser dito que pontes entre sujeitos são criadas por meio de uma impressão efêmera de previsão de condutas e atitudes humanas.

Pelas mãos, transformam-se ideias em atos, pelo tato, temos acesso ao mundo, nos conectamos com o exterior pela experiência do vidente/visível, pelo tocar e ser tocado, pelas distensões dos fios intencionais.

Pessoas de *ação* são capazes de feitos milagrosos: como afirma Hannah Arendt, aqueles que não estavam previstos, que não eram esperados, capazes de disparar um acontecimento, realizar uma mudança no curso da história.

É pela *ação* e pelo *discurso* que podemos aparecer uns aos outros. O fato do homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, pois é capaz de realizar o improvável.

Pelas mãos, Alfredinho rezou, abençoou, escreveu livros, cozinhou. Nos campos de concentração na época da Alemanha nazista, foi capaz de fornecer alimentos aos famintos prisioneiros políticos - sob os olhares vigilantes dos guardas da SS. Esses presos eram advindos do campo de Mauthausen.

Ao integrar o exército francês como cozinheiro na ocasião, encontrou amigos advindos da Alemanha socialista. Juntamente com centenas de famintos, no sertão nordestino, participou de trabalhos nos bolsões da seca, carregando carrinhos de mão, para construção de açudes debaixo de um sol escaldante, em troca de um pouco de comida que compartilhava com outros mais frágeis e famintos que ele.

Ute escolheu a profissão de tradutora, pois acreditava que as línguas separavam os homens, causando desentendimentos. Acredita em uma cultura de paz, promovida na *ação*, no cotidiano. Também estudou pedagogia, mas investia na educação social, na formação da consciência do povo da comunidade, de suas crianças, em diálogo com outras realidades sociais e culturais.

Assim como Alfredinho, escreveu vários livros. Um deles, chamado: **A mão humana**, afirma que "*a mão revela o homem*". Expressão máxima de individualidade, como assim compreende, pois retrata o poder de construir ao formar a cultura e transformar a história.

É pelas mãos que se desenvolve o sentimento de humanidade, pelo reconhecimento de um outro, de um nós. Pelas mãos, acredita-se tornar o mundo mais belo, trazendo dignidade, uma das dimensões éticas para o reconhecimento.

Adilson era dentista, desenhista, escritor, mas foi em seu traço acolhedor que foi mais lembrado. Chegou a receber em sua casa pessoas que precisavam de um lugar para morar. Também

cuidou de amigos doentes: dava de comer, banho, remédios. Por meio de sua atitude extremamente generosa, por suas mãos, atingiu a expressão máxima do cuidado com outrem.

Eva ficou conhecida por Márcia por ser uma hábil costureira e por ser uma pessoa altamente acolhedora. Qualidade também reconhecida por Eduardo. Eva acolhia pessoas mais desfavorecidas do que ela em sua casa e tinha o dom de agregar filhos e amigos em torno do *alimento*.

Todas essas pessoas, cada uma a seu modo, *agiam*. Suas mãos estavam a serviço: indicavam caminhos, exemplificavam e com outros, comungavam. Como bem lembrou Alfredo Bosi citado por Ecléa Bosi:

[...] A mão abre a ferida e a pensa. Eriça o pêlo e o alisa. Entrança e destrança o cabelo. Enruga e desenruga o papel e o pano. Unge e esconjura, asperge e exorciza. Acusa com o índice, aplaude com as palmas, protege com a concha. Faz viver alçando o polegar; baixando-o, manda matar. Mede com o palmo, sopesa com a palma.

[...] Aponta com gestos o eu, o tu, o ele; o aqui, o aí, o ali; o hoje, o ontem, o amanhã; o pouco, o muito, o mais ou menos; o um, o dois, o três, os números até dez e os seus múltiplos e quebrados. O não, o nunca, o nada. É voz do mudo, é voz do surdo, é leitura do cego. Faz levantar a voz, amaina o vozerio, impõe silêncio. Saúda o amigo balançando leve ao lado da cabeça e, no mesmo aceno, estira o braço e diz adeus. Urge e manda parar. Traz ao mundo a criança, esgana o inimigo.

[...] A mão joga a bola e apanha, apara e rebate. Soergue-a e deixa-a cair.

A importância das pessoas que *agem* revela-se pela comunhão entre duas ou mais pessoas. Quando ocorre, forma-se uma *unicidade*, um destino comum. A força heterônoma que tem origem em outra pessoa pode tornar-se parte do nosso *espaço de vida* de outrem, quando novos pensamentos e ideias são criados em torno de uma *ação* iniciada por alguém, que não estava prevista pelo ordenamento da história.

Também, a importância da formação de unidade perceptual como fundamento da percepção de pessoas e coisas se faz notável para Wertheimer, estudioso gestaltista. Por meio da formação dessa *homogeneidade*, o fenômeno causal é estabelecido.

Na vida cotidiana, o *juízo* acerca de traços de pessoa depende da apreciação de qualidades objetivas sobre a vida do indivíduo. Ações e emoções, de certo modo, são sempre adequadas ao sentimento.

Uma pessoa se liga a outra pelo grau de proximidade e igualdade existente entre elas. Quanto mais essa interação se faz de modo equilibrada e estável aos princípios de uma e outra, mais é lembrada de modo marcadamente agradável.

Pessoas se lembram de outras pelo processo de assimilação, superestimando a unidade da personalidade percebida: as impressões sobre pessoas são geralmente muito unificadas.

Em outras palavras, a unidade da pessoa tende a ser uniformemente positiva ou negativa. Isso é conhecido como o que Heider denominou de *fenômeno do halo*. A possibilidade de pensar numa pessoa com traços positivos e negativos exige um ponto de vista mais complexo, uma diferenciação em subpartes de valor diferente, da representação da pessoa. Conforme Fritz Heider:

[...] a interação e a proximidade aumentam o efeito de semelhança nos sentimentos, sobretudo o efeito de semelhança ou diferença de crenças e atitudes. Com atitudes semelhantes, a proximidade aumentará o grau de sentimento positivo, com pequenas diferenças de atitudes, pode-se provocar assimilação, e um aumento na amistosidade, com grandes diferenças, a hostilidade aumentará. [...]. (HEIDER, 1970, p. 216).

Também, a semelhança de crenças ou atitudes entre pessoas acontece em decorrência de uma identificação com o ambiente e se relaciona ao fato de se buscar, inerentemente, apoio a pontos de vista: a simetria é subjacente aos atos de comunicação. Sendo que a notoriedade de uma das partes se faz, muitas vezes, determinante.

Normalmente, as relações interpessoais são atravessadas por ligações de sentimento que se referem a avaliações que as pessoas fazem de algo que outra disse ou fez. Se o sentimento muda, altera a relação de unidade. Quanto mais adequado é, mais exerce influência positiva na pessoa.

Assim, a maneira como ‘apreciamos’ alguém, diz respeito a uma *teoria dos sentimentos*, na qual cada organismo tem a capacidade de iluminar o quanto possível, aparecer de modo que sua identidade pessoal se ampare a uma identidade coletiva, na qual existem representações do ambiente como fator apoiador.

Quando uma pessoa diz admirar alguém, significa que acredita que a outra pessoa, seus atos e desejos são valiosos e estão de acordo com a ordem objetiva. Em muitas situações, a percepção sobre o *poder* de alguém influi na atribuição causal de um ato de benefício.

Assim, a formulação de uma teoria da *memória de pessoa* ganha densidade em outros campos e estudos da Psicologia Social, no campo dos estudos da emoção, da teoria dos sentimentos e da percepção, fundando uma teoria das intensidades e expressividades.

Isso porque, para se atribuir valores a respeito de traços de pessoa, a prontidão em perceber deve se fazer preponderante e isso se refere à maior ou menor disposição da pessoa percebadora em relação à pessoa percebida, sua *atenção* e sua abertura.

Também, o modo como percebe, tonalizado por sentimentos, emoções e sensações, as ações e motivações, como também as normas e valores, individuais e coletivos, fazem-se presentes na complexidade da formação da memória sobre alguém.

Simone Weil pensou em um modo de fundamentação do conhecimento pela experiência. O método weiliano consiste basicamente na busca pelo diálogo com os opositores. Um diálogo que expõe, de acordo com a proposta, a contradição que se concilia, assim, com a realidade. Um

diálogo que opera a favor dos oprimidos. A pensadora acreditava que os pacifistas deviam se reunir no trabalho. E por trabalho, compreendemos aqui, a reunião em torno de *ações* que buscam um *solo comum*. O método dessa pesquisa fundamenta-se no que Simone Weil chamou de *atenção*<sup>35</sup>:

O método para compreender os fenômenos seria: não tentar interpretá-los, mas olhá-los até que jorre a luz. Em geral, método de exercer a inteligência que consiste em olhar [...]. A condição é que a atenção seja um olhar e não um apego.

Significa também um esforço no sentido de compreender a experiência de uma pessoa na vida de outras, pelos fenômenos de percepção e *causalidade pessoal*: como este fenômeno intersubjetivo se dá? Uma pessoa reage ao que pensa que a outra percebe, sente e pensa e estes fatores alteram, influenciam e interagem com seu mundo psicológico próprio.

Essa questão pode ser pensada a partir das modalidades testemunhais que foram trabalhadas nesta pesquisa. O método, então, consiste em uma não interpretação, mas no olhar até que o fenômeno seja tomado de luminosidade: é um exercício de conhecimento que sempre se faz por compreender de modo incompleto porém capaz de iluminação.

Esse caminho também dialoga com o método fenomenológico de Merleau-Ponty no qual não se é possível pensar no indivíduo separado de sua relação com o outro, isolá-lo dessa dimensão qualitativa da sua existência em relação a outra existência, em seu feixe de relações; bem como de seu mundo circundante.

Por sua qualidade de doação, a *atenção* se assemelha à prece, disse Ecléa Bosi. A *atenção* faz um movimento centrípeto, que é o do despojamento do eu em direção ao que está fora de nós. É um movimento de busca pelo que está quase invisível aos olhos, do infinitamente pequeno.

É um voltar-se para as coisas com desprendimento, sem certezas, sem apego, sem atribuir-lhes plenitude e significados, pois a plenitude vem do esvaziamento ocasionado pelo despojamento, pela ausência de expectativa: é preciso ouvir o silêncio. É preciso soltar os músculos, soltar a face, para que a leveza e a *graça* apareçam. É necessário o recuo diante daquilo que se ama, para que a contemplação possa acontecer.

Para Edmund Husserl, o *princípio de intencionalidade* conduz à colocação em suspensão a “realidade” como a entende o senso comum. Nesse sentido, quando abraçamos o caminho que a pesquisa nos propõe, temos como princípio o próprio processo de caminhar com o fenômeno intersubjetivo que desejamos conhecer sem buscar, contudo, tomar para nós enquanto objeto completamente inteligível, mas como indício de um caminho que se configura para além de si mesmo e do nosso total entendimento.

<sup>35</sup> BOSI, E. *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p.210.

O que conseguimos, então compreender, será sempre parte dessa configuração maior que nos escapa e que, portanto, nos convida à reflexão.

Como afirma Ecléa Bosi, a contemplação surge quando o consumo refreia, quando se pensa no que se produz, quando os objetos são utilizados por seu valor de uso, quando a não posse torna-se instrumento da *liberdade*. A partir então de um *esforço de atenção*, elaboramos um roteiro de entrevista fundamentado em pesquisas de Ecléa Bosi, José Moura Gonçalves Filho e Bernardo Parodi Swartman.

Este método de trabalho baseia-se na formação de vínculo de amizade e confiança com os recordadores e que fundamenta um desejo de compreender a narrativa revelada pelo lembrador.

## NOTAS SOBRE AS ENTREVISTAS LEMBRADAS

### II.1 Roteiro das entrevistas:

- Queria ouvir você a respeito do primeiro encontro que teve com (Alfredinho, Ute, Adilson ou Eva). Será que você se lembra de quando o (a) viu pela primeira vez? Poderia nos contar tudo o que lembra, como foi?
- Depois desse primeiro dia, outros encontros aconteceram entre ele(a) e você? Gostaria que buscasse se lembrar de um, dois ou três encontros com ele (a). Um encontro pode bastar. E se a memória trazer muitos encontros, vou também ter muita alegria em ouvir todos eles, mas escolha um que marcou muito você.
- Toda pessoa a quem a gente se liga muito e do fundo da alma mexe muito com a gente, muda a gente. (Alfredinho, Ute, Adilson ou Eva) mudou você? Você se lembra de uma mudança que aconteceu por causa dele(a), por causa da sua convivência com ele(a)?
- O que você consideraria importante falar sobre ele (a)? Coisas que ele(a) tenha realizado, histórias pessoais a respeito da experiência de (Alfredinho, Ute, Adilson ou Eva)?

O objetivo central da elaboração desse roteiro foi o de recolher lembranças sobre Alfredinho, Ute, Adilson e Eva. Antes de cada entrevista optou-se por uma breve apresentação de cada depoente.

As análises de cada depoimento realizadas após cada entrevista buscaram um caminho, retratado a seguir:

1. Como o depoente *vive* o mundo?
2. Observações sobre a entrevista ofertada pelo recordador e seu depoimento, destacando trechos que parecem revelar traços marcantes da pessoa lembrada, bem como traços da identidade psicológica do depoente, além de aspectos da relação diádica.
3. Análise dos traços destacados buscando responder às seguintes questões: a) Por que uma pessoa com os traços encontrados é marcante? b) Por que esses traços são marcantes e o que os torna memoráveis?

Também, ao longo da entrevista sobre Alfredinho, principalmente, as lembranças dos depoentes vêm ancoradas geralmente em uma *memória política* (circunstâncias históricas a

respeito de suas palavras e feitos). Isso também ocorre, em certa medida, quando da apresentação sobre os depoimentos a respeito de Ute.

Nesses casos, a pesquisadora recorreu a fatos biográficos acontecidos na vida das pessoas de referência que puderam auxiliar na compreensão dos eventos mencionados pelos depoentes.

Contudo, o objetivo da pesquisa não foi o de realizar um trabalho o mais fiel possível às cenas biográficas trazidas pelos lembradores, mas sim o de acompanhar como se recordavam da pessoa evocada, a forma como essas lembranças emergiam e seus traços que pareceram marcar a memória dos recordadores.

A substância da memória evocada refere-se, geralmente, a signos fortes: o que foi muito significativo e outros ícones mais ou menos fechados, estranhos, enigmáticos. As lembranças deixam conteúdos singulares, inconfundíveis sobre cada uma das pessoas de referência e muitas dessas recordações transformam-se em histórias sobre diversos acontecimentos que a pessoa que narra testemunhou ou ouviu sobre a pessoa recordada e que a marcaram.

Os traços de *memória de pessoa* apresentados na pesquisa apareciam nos depoimentos de modo entrelaçado, em um movimento de quase simultaneidade, como se a subjetividade de ambos, depoente e pessoa evocada, *conversassem*. A ação de narrar era *afetada* pelas lembranças sobre a pessoa evocada e, em muitos momentos, foi possível perceber influências da pessoa lembrada nos recordadores, constituindo-se em uma experiência do outro, mediada pela memória.

Quanto mais os gestos que realizou se tornaram expressivos e puderam, assim, manifestar-se na ação de se doar, mais esses traços fizeram-se significativos para aquele que lembra a ponto de não mais se esquecer.

Antes das entrevistas, a pesquisadora optou por realizar uma breve apresentação a respeito de cada pessoa de referência. Também, logo em seguida, tem-se, antes de cada entrevista iniciada, uma breve descrição a respeito do depoente, orientada em função de sua ligação com a pessoa lembrada, seguida então de cada depoimento.

As entrevistas seguem transcritas na íntegra. Logo após, segue uma análise vertical sobre os traços marcantes encontrados a respeito da pessoa evocada e o que parece justificar a importância desses traços para o lembrador.

Em um segundo momento, a relevância do que pareceu marcante sugere estender-se a outros depoentes e indica responder a questão acerca da razão de essas pessoas serem memoráveis a ponto de não serem mais esquecidas.

Após as apresentações das entrevistas, seguidas das duas modalidades de análise, uma vertical e outra horizontal, das lembranças estudadas, seguirá um breve ensaio final a respeito dos principais temas encontrados em forma de conclusão.

Antes, contudo, de seguirmos para as entrevistas, faremos uma breve apresentação a respeito das pessoas de referência que foram lembradas pelos depoentes: Alfredinho, Ute, Adilson e Eva.

## II.a *Alfredinho*

Todas as pessoas recordadas pelos depoentes eram muito singulares e marcaram a esfera pública.

Alfredinho foi uma pessoa tão marcante, que sua influência pode ser sentida, até mesmo, em pessoas que não o conheceram diretamente, mas que ouviram histórias a seu respeito.

Nasceu em Berna, na Suíça, em 1920. Seu sobrenome alemão despertava hostilidade em seus colegas de uma escola francesa e constantemente era agredido. Além disso, sua baixa estatura (marca diferenciada, Alfredinho não possuía mais de 1.50 m), também podia passar a impressão de fragilidade. O certo é que, nesses momentos, recorria ao aconchego de sua mãe, que lhe dizia frequentemente: “*you are a sufferer*”, como recordou o depoente Miguel.

Sua família possuía poucos recursos e aos onze anos já atuava como aprendiz de cozinheiro, sem nada ganhar. Trabalhava sem descanso e exaustivamente. Um dia, foi convidado por um amigo a participar das reuniões da *Juventude Operária Católica*, e lá se deu conta do quanto era explorado. Em uma reunião, perguntaram quem havia tirado férias naquele ano ou tido folgas no emprego. Alfredinho percebeu que era o único que havia trabalhado o ano todo, sem descanso.

Emocionava-se frequentemente, quando se recolhia junto à natureza, reconhecendo nesses momentos a presença divina. E ainda muito jovem, despertou nele a vontade de se tornar padre. Buscava um sentido para o sofrimento no mundo.

Como seu pai opunha-se a sua vocação, decidiu alistar-se no exército francês como cozinheiro. A França era oposta ao regime nazista na Segunda Guerra e tudo indica que essa decisão de Alfredinho deveu-se à influência de vários religiosos e leigos católicos que também se alistaram.

No entanto, logo no início, foi preso pelo exército alemão e conduzido a um campo de concentração próximo a Viena. Alfredinho permaneceu em reclusão até o final da Segunda Guerra.

Em uma manhã de abril de 1945, ouviram barulhos de canhão. Eram os russos que se aproximavam. Perto do meio-dia foi dada uma ordem para os presos arrumarem suas coisas. Os alemães colocaram os prisioneiros em coluna e, rodeados dos soldados nazistas e seus cães, deixaram o local.

As estradas estavam obstruídas, milhares de civis de diversas nacionalidades puxados por cavalos, militares alemães em desordem e famílias austríacas fugindo com suas malas.

Lojas fechadas de onde se faziam barricadas, alertas de aviões que faziam dessa massa humana um alvo. Foi nesse momento que Alfredinho e dois amigos aproveitaram a confusão para fugir. Mantiveram-se escondidos até a noite, no subsolo de uma casa destruída pelas bombas e depois se refugiaram na mata. No dia 15 de abril daquele ano, encontraram os primeiros soldados russos.

Enquanto esteve preso presenciou a chegada ao campo de concentração, para onde foi transferido juntamente com outros amigos, em decorrência de recusa de colaboração com o exército alemão, de mais de mil prisioneiros advindos do campo de Mauthausen. Alfredinho afirmou que aqueles presos eram a representação mais próxima que possuía da Paixão de Cristo.

Nos campos, organizou juntamente com outros presos, cristãos ou não, momentos de oração, de apoio mútuo, de conversas. Foi assim que conheceu presos de várias nacionalidades e que falavam diversas línguas. Alfredinho acreditava na capacidade de entendimento entre os seres humanos além da linguagem, assim como Ute.

Alfredinho distribuiu comida para os presos famintos, conseguiu remédios para muitos deles e ainda encaminhava cartas aos prisioneiros políticos, tudo isso de forma escondida. Ao ser descoberto foi severamente punido.

Passou muita fome, a ponto de amarrar em sua cintura uma marmita e uma colher, onde passava horas vasculhando o lixo em busca de um pouco de comida. Ao passar por essa experiência afirmou que a dimensão humana se perde em situações como essa.

Relatou em forma de diário sua vivência nos campos de concentração, e quando finalmente a guerra acabou, logo em seguida, procurou seu antigo capelão do campo, que lhe indicou um seminário religioso na França a fim de se consagrar padre. Acabou se ordenando pela congregação *Filhos da Caridade*, conhecidos por serem religiosos que foram trabalhar nas fábricas, como operários.

Logo após sua ordenação, morou em um bairro operário do Canadá. Em 1968, instalou-se no Brasil, em Crateús, cidade do Ceará, cujo bispo era conhecido por ser um sério opositor ao regime ditatorial.

Nesse local, decidiu morar com os pobres nas favelas. Dormia praticamente em estrados e sua alimentação era à base de legumes e arroz. Há relatos de seu alistamento nos bolsões da seca do nordeste, em épocas de grande seca e muita pobreza. Não raro, mulheres e crianças morriam à míngua, sem acesso à comida.

Em 1988 se estabeleceu no ABC paulista, local conhecido por suas muitas fábricas e por serem cidades de operários. Passou a viver em uma favela em um bairro muito pobre de Santo André. Em 1995, em seu aniversário de 75 anos, decidiu morar na rua e passou a ser conhecido por pessoas nessas condições, no centro da cidade e também na região do Glicério, em São Paulo.

Morreu no ano 2000 por complicações cardíacas e deixou um legado, fundado por ele e amigos, conhecido como *Irmandade do Servo Sofredor*, que até hoje atua em várias regiões do país, principalmente nas regiões mais pobres, buscando apoiar comunidades de resistência, tais como as indígenas, quilombolas, movimentos operários, das mulheres e buscando manter viva a memória de vários leigos e religiosos que deram seus testemunhos e suas vidas em busca de igualdade política.

## II.b. Ute

Ute Craemer nasceu em Weimar, na Alemanha, em 1938, pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Seu pai era professor universitário de engenharia civil. Sua mãe era costureira. Durante a guerra, sua família mudou-se para Graz, na Áustria. Em 1948 mudaram-se para Belgrado, na Iugoslávia, pois sendo alemã, tinham dificuldades de sobrevivência naquele país. Em Belgrado, seu pai trabalhou no Ministério da Construção e ela frequentou por dois anos uma escola servo-croata.

Acabando o contrato, a família mudou-se para Alexandria, no Egito, onde seu pai lecionou na Universidade de Alexandria, e Ute frequentou uma escola francesa. Em 1953, mudaram-se para Lahore, no Paquistão, e frequentou uma escola inglesa, onde concluiu o ensino médio. No ensino superior, formou-se em ensino de línguas na universidade (russo e francês), que concluiu em 1963.

Seu primeiro emprego foi em uma organização que se propunha a melhorar as relações político-sociais da Alemanha com a França. Em seguida, trabalhou na Ford alemã como secretária bilíngue. No governo do presidente Kennedy, o governo alemão criou um serviço de voluntários e em função disso inscreveu-se para realizar um trabalho no Brasil, em Londrina, no Paraná.

Em Londrina, integrava um grupo de voluntários alemães que trabalhavam na Vila do Grilo, como lembrado por Cido, um dos depoentes. Ute preferia trabalhar com crianças e com isso tornou-se educadora. Essa experiência foi fundamental em sua vida. Depois de dois anos, voltou para a Alemanha e cursou durante um ano o seminário Waldorf em Stuttgart, sempre com a ideia de voltar para o Brasil.

Em 1971, conseguiu uma vaga para lecionar na antiga Escola Higienópolis, hoje conhecida como Escola Waldorf Rudolf Steiner, de São Paulo, tendo assumido uma classe de terceiro ano, justamente quando houve separação entre classes em português e em alemão. Ute permaneceu com a classe em alemão que levou até o oitavo ano. Ministrava aulas de alemão e inglês em várias classes.

Em 1975 era comum algumas crianças da comunidade *Monte Azul* baterem na porta de sua casa pedindo algo para dar. Ute iniciou um trabalho com essas crianças e com seus alunos, então na sétima série. Como o número de crianças que frequentavam sua casa aumentou bastante, surgiu a necessidade de encontrar outro local mais apropriado para continuar e ampliar o trabalho desenvolvido.

Na ocasião, ao levar as crianças para assistir a uma peça natalina onde atuavam os professores da escola, Pedro Schmidt, presidente da empresa Giroflex, testemunhando o trabalho desenvolvido por Ute, perguntou-lhe como poderia ajudá-la, contratando Cido como seu colaborador que até então era voluntário do projeto, amigo de Ute.

Ute escreveu várias cartas para pessoas e instituições na Alemanha e no Brasil, solicitando auxílio para poder pôr em prática a construção de um local adequado para receber as crianças em um terreno cedido pela prefeitura de São Paulo. Um advogado alemão fez uma doação de U\$3.000 - seu filho de três anos, Johannes, havia sido envenenado por um produto de uma fábrica vizinha a sua moradia. A criança sofreu seis anos com seqüelas do acidente até falecer. O menino havia pedido que o dinheiro da indenização fosse entregue a projetos sociais envolvendo crianças em situação de vulnerabilidade social e animais em extinção.

Com essa doação, Ute conseguiu construir em 1979 uma escolinha de madeira em um terreno da prefeitura de São Paulo, ao lado da favela *Monte Azul*, no local onde fica hoje o Centro Cultural da Associação. Em 25 de janeiro de 1979 foi fundada, então, a *Associação Comunitária Monte Azul*.

Em 1977, tendo levado sua classe até o fim do ensino fundamental, continuou na escola dando aulas de línguas no ensino médio. Depois disso, dedicou-se totalmente ao trabalho da *Associação Monte Azul* que se ampliou em várias áreas como saúde e ecologia.

Foi a primeira comunidade, juntamente com a vila Madalena, a instalar coleta seletiva em São Paulo. Também havia projetos culturais, oficinas profissionalizantes nas áreas de costura e marcenaria, padaria, jardinagem, confecção de brinquedos educativos, informática...

Em 2001 fundou a *Aliança pela Infância no Brasil*, onde continua a atuar como conselheira, e o *Fórum pela Humanização Social*, assim como o grupo de estudos *Pindorama*, que busca pesquisar, por meio de estudos culturais, a alma do povo brasileiro. Ainda nesse ano, tornou-se membro do Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz da Assembléia Legislativa de São Paulo.

## II.c Adilson

Adilson nasceu no município de Monte Carmelo, em Minas Gerais. Sua mãe era uma parteira muito conhecida da região e chegou a conhecer Chico Xavier, o médium espírita. Seu tio residente em Uberaba era psiquiatra e também um homem muito culto que possuía uma vasta biblioteca. Adilson morou com ele durante um tempo em sua vida, formando-se dentista na ocasião.

Estabeleceu-se em Santo André, na região do ABC paulista, onde também moravam outras pessoas de sua família. Residiu durante muitos anos em uma casa simples, em um bairro de classe média, onde também funcionava seu consultório dentário.

A casa era assobradada. Não possuía garagem: Adilson não tinha carros. Logo na entrada, havia uma escada que dava acesso aos cômodos internos. Como o corredor era relativamente grande, em ambos os lados, havia tapeçarias e várias esculturas em gesso e metal, assentadas em peças de mármore, assim como diversos quadros, tapetes, artesanatos.

As paredes eram muito decoradas, conferindo um aspecto de que nessa casa morava um amante das artes. Os tapetes eram muito coloridos. Havia estantes, onde se situava um aparelho de som no qual os amigos costumavam disputar em torno de conversas acaloradas.

As pessoas sentavam-se nos tapetes, nos sofás ou em cadeiras, onde costumavam consultar os livros e também outros objetos culturais colecionados por Adilson. É assim que surgiam conversas sobre filosofia, literatura, arte, música...

Mais adiante, ainda na sala, ficava sua biblioteca. Havia muitos livros ali que costumeiramente conservavam singulares histórias advindas de suas viagens pelo mundo, assim como os objetos distribuídos pelo recinto: adorava *guardar* consigo peças de grande significação cultural.

Havia uma mesa grande, onde as pessoas podiam se reunir. O seu consultório ficava próximo à sala e mais adiante, a cozinha, onde os amigos costumavam se aglomerar ao sentir o aroma do café recém-passado. A parte da biblioteca dava para uma sacada que oferecia vista para a rua e as pessoas que por lá passavam.

Adilson costumava realizar uma oração em sua casa, sempre às quartas, à noite. Na ocasião, vinham pessoas que costumavam compartilhar desse momento, em que costumeiramente recebia a visita de uma freira. (Adilson era kardecista).

Também costumava visitar os amigos. Quando isso acontecia, levava consigo garrafas de bebida, sobretudo de vinho, e passava a noite toda conversando e se inebriando. Nilza relembra: *“Adilson não era páreo para ninguém”*.

Adilson era um homem que adorava viajar para vários lugares do mundo, possuía uma vasta biblioteca e vários objetos de arte. Era uma pessoa repleta de amigos e se identificava com a vida boêmia ao mesmo tempo em que cultivava uma espiritualidade incomum, capaz de grandes gestos de generosidade. Era um amante da vida e procurava, sempre que possível, usar de sua liberdade.

## II.d Eva

Eva nasceu em Tauape, na Bahia, em janeiro de 1944, e faleceu em 2013, na cidade de Santo André - SP, por complicações de um tumor cancerígeno que lhe tirou a vida em pouco tempo. Márcia, de modo muito comovente, lembrou que no hospital onde ficou internada, muitas pessoas tentavam visitá-la, mesmo sabendo que isso seria quase impossível, visto que só podiam entrar no quarto duas pessoas por vez. O tempo de visita era pouco.

Era uma mulher muito simples, moradora de um bairro pobre da região de Santo André, próximo à *Paróquia São Geraldo*, onde os *Filhos da Caridade* eram atuantes, local também frequentado por Alfredinho. Mulher de descendência afro-brasileira, de voz calma e um sorriso largo, a ida à Igreja era algo sagrado. Quase nunca deixava de ir.

Trabalhou durante muitos anos como costureira e foi nesse ambiente que conheceu Márcia. A depoente recorda-se de momentos do cotidiano compartilhado, histórias que vivenciaram juntas e que conservam anos de trabalho conjunto. A entrega de Eva ao trabalho era também sagrada.

Eva ficou conhecida por Márcia e Eduardo como uma mulher de um belo sorriso, que adorava cozinhar para a família e os amigos, capaz de grandes gestos de generosidade e despojamento.

## II. 2 Os lembradores e seus depoimentos

*Sidilene*

Enfermeira, 42 anos

Entrevista realizada no dia 17/07/18

Sidilene conheceu Alfredinho por volta dos doze anos, quando frequentava a *Igreja São Geraldo Magela*, localizada em um bairro periférico da cidade de Santo André, juntamente com sua mãe. O contato que teve com o religioso deu-se em função das celebrações que ministrava na paróquia, portanto, pode ser compreendido como uma aproximação mais “formal” e menos intimista. Muitas de suas lembranças são ancoradas nas memórias de outros a respeito de sua atuação radical em respeito aos pobres, assim como testemunhos sobre seus feitos e exemplos.

### 1.a Depoente sem autorização<sup>36</sup>

As memórias de Sidilene oferecem uma profunda impressão de alguém que passou por experiências de *humilhação social*. São lembranças que solicitam autorização para emergirem e esse assentimento aparece mediado por sua escolha ao utilizar um livro - um *saber oficial*, advindo de gente que se encontra em condições de anunciar. Esse saber constituído sugere considerações a respeito de quem Alfredinho foi.

Em alguns momentos de seu depoimento, suas lembranças ora parecem se ancorar nas memórias coletivas de seus grupos constituídos, ora apoiar-se em recordações da própria pesquisadora, como no momento em que demonstra se encontrar em dificuldades para descrever a pessoa lembrada em seus gestos simples e sua fala pouca, como nessa passagem: “*Uau! Achei que era uma deficiência minha, entendeu? Mas se você me diz que as outras pessoas também dão esse relato, é isso mesmo*”.

---

<sup>36</sup> Para José Moura Gonçalves Filho em “*A dominação racista: o passado presente*”: “[...] A subordinação impingida sobre africanos e afrodescendentes formou uma herança que se cristalizou em instituições, formou procedimentos muito automáticos e mais invisíveis de rebaixamento e segregação. [...] A experiência da dominação é múltipla e parece que há sempre alguma comunicação, possível e sempre muito profunda, entre todos os grupos que foram historicamente abalados por dominação de outros grupos. [...] É um golpe que atinge e excede a percepção. Um golpe que fere a memória e supera a memória”. In: *O Racismo e o negro no Brasil. Questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2018, p.p.143-159.

A intervenção da pesquisadora pareceu fortalecer seu modo de lembrar: foi assim que se recordou de Alfredinho, como alguém que naquele momento, somente a abençoou. Seu *poder*<sup>37</sup> era notado no silêncio, como bem recorda a depoente.

Essa busca pelo apoio grupal para a emergência de suas lembranças pode favorecer processos de idealização na evocação das memórias ao mesmo tempo em que contribui para acentuar certos traços da personalidade da pessoa lembrada. Como bem nos afirma Ecléa Bosi, alguns traços da *memória de pessoa* podem ser acentuados ou esquecidos, segundo os filtros compartilhados pelo grupo de pertença.<sup>38</sup>

O risco de a memória evocada aparecer em maior grau ancorada nas lembranças do grupo de pertença parece estar associado ao fato de que podem emergir com menos liberdade e mais tonalizadas por estereótipos, idealizações e até preconceitos: uma recordação mais ou menos despreendida consegue libertar-se dos filtros de que as memórias coletivas vêm investidas. Ainda, o próprio grupo de pertença nutre lembranças que lhe foram *emprestadas*, algo comum e que aparece em maior ou menor intensidade em todas as memórias trabalhadas nesta pesquisa.

Também, a forma como suas lembranças emergem parece associar-se ao fato de a pessoa recordada se tratar de alguém muito singular e com grande poder de influência, capaz de causar profundas impressões até mesmo em pessoas que não estiveram diretamente ligadas a ele e que somente ouviram histórias a seu respeito.

A grande habilidade de causar vastas influências pela pessoa de referência torna possível a afirmação de que uma pessoa se faz marcante, não tanto em função do contato freqüente e físico que possui em relação ao lembrador, mas, em certa medida, em razão de sua capacidade de influenciar pessoas para um despertar de sua identidade pessoal por meio de experiências reordenadoras: no caso aqui exposto, pelo encontro de estratégias de enfrentamento de experiências de *humilhação social* que acabam por reorientar a condição de uma subjetividade aviltada para a apropriação da dignidade.

Essas estratégias são capazes de libertar a ponto de retirar uma pessoa de uma situação de extrema fragilidade psicossocial, tornando-a agente, ela por si mesma e com outros, indivíduo propiciador de outras experiências de emancipação.

---

<sup>37</sup> O termo poder aqui adquire o significado de causar influência em outros, ofertar exemplos que despertam a vontade a outrem de segui-los. Capacidade de despertar reflexão, tirar a pessoa que entra em contato com a pessoa dotada de luminosidade do automatismo social, tornando-se agente, no sentido que atribui Hannah Arendt em *A condição humana*. Esse conceito também é contemplado por Fritz Heider ao longo desse estudo, especialmente no capítulo: *Sobre memória de pessoa*.

<sup>38</sup> BOSI, E. *Lembranças de família*. In: *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Sidilene revela-se *pequena* frente à pessoa evocada e sente necessidade de amparar-se em memórias de outros a respeito de Alfredinho, em função de experiências de *humilhação social*, mas também a partir de uma orientação subjetiva mediada por uma idealização a respeito da pessoa lembrada.

Assim, as primeiras lembranças que evoca sobre a pessoa recordada estão associadas às idas com sua mãe à Igreja. Provavelmente, as primeiras histórias que ouviu falar dele vieram de conversas da família que compartilhava experiências religiosas ligadas à paróquia. Sua mãe era uma assídua frequentadora.

Nesse sentido, como Ecléa Bosi relata <sup>39</sup>, as primeiras lembranças que guardamos foram contadas por pessoas da família, amigos e empregados de casa. Essas primeiras histórias misturam-se às nossas lembranças, de modo que fica difícil desprender a memória em sua exatidão sem misturá-la às impressões de nosso grupo de pertença.

Esse pensamento também pode ser estendido quando nos lembramos de alguém associado ao nosso convívio familiar. Muitas vezes, antes de chegarmos a conhecer a pessoa, nossa família já possuía um olhar sobre ela e que pode, desse modo, passar a compor nossos filtros a respeito de quem a pessoa é ou foi.

A experiência de Alfredinho em Sidilene é assim: uma impressão vívida, ancorada em seu grupo de pertença, como família, amigos, pessoas da comunidade que o conheceram e que compartilhavam suas impressões e histórias a respeito daquele homem pequeno e dotado de uma mística muito impressionante, capaz de arrastar consigo aqueles que o conheciam ou não.

Sidilene lembra-se de quando Alfredinho desenvolvia um trabalho na comunidade do morro da Kibon anteriormente ao início de seu trabalho desenvolvido na favela Lamartine. Segundo relatos de outras pessoas com quem conversei sobre a época, foi no morro da Kibon que Alfredinho desenvolveu seus primeiros trabalhos nas comunidades da região.

Era um lugar muito pobre, com muitos barracos de madeira, onde as pessoas viviam em uma situação muito precária de subsistência. Muito provavelmente, essa lembrança que possui de Alfredinho também foi contada por outros que conviviam com ela. Segundo a depoente, o religioso costumava dormir em estrados. A recordante enfatiza que “as pessoas comentavam”. Suas lembranças sobre a Casa São José, na época, uma casa religiosa, localizada no município de São Bernardo do Campo, que acolhia retiros espirituais, também são apoiadas por práticas religiosas advindas do grupo social no qual Alfredinho estava inserido.

---

<sup>39</sup> *Lembranças de família*. In: *Memória e Sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Essas recordações aparecem sustentadas em histórias coletivas, narradas por seu grupo social sobre os eventos que aconteciam no local, também *presenciados* direta ou indiretamente por Sidilene.

Por meio das ações desse grupo e de outros evocados, a depoente realizou uma mediação a respeito das ações possíveis realizadas por Alfredinho que se destacava, segundo a recordadora, de todos os outros religiosos por adotar uma espiritualidade mais aproximada dos pobres e marginalizados.

Nota-se que em muitas lembranças evocadas pela lembradora, Alfredinho não estava presente, mas sim o grupo fundado por ele e amigos, conhecido como *Irmandade do Servo Sofredor*, que costumava também realizar peças teatrais sobre opressão em suas variadas demonstrações de impedimento social, conforme recordou.

A depoente afirma que o teatro da *Irmandade* também tocava músicas, sempre com muita alegria, muita cor. Lembro-me que as músicas animadas pelo grupo continham instrumentos artesanais, feitos com material reciclado e que causavam diferentes tipos de sonoridade.

As cores também se faziam presentes em vestimentas, bandeiras, toalhas artesanais de procedência africana e indígena, feitas muitas vezes por artesãos em comunidades de resistência, trazendo símbolos de lutas históricas, de greves e movimentos importantes que foram abafados no curso da história. “Pai Nosso dos Mártires” era uma canção muito cantada nos grupos da época.

As lembranças da depoente ancoram-se em um sentimento condutor, central em sua narrativa: o sentimento de opressão. A cor de sua pele constitui um importante fator de impedimento social historicamente demonstrado e a fará enxergar o trabalho de Alfredinho como um notável movimento emancipatório e de libertação. Ao longo de toda sua narrativa, sua identificação com as mulheres, e as mulheres afrodescendentes em especial, ocupam vários espaços.

Também, Sidilene lembra-se de Alfredinho de modo muito associado ao grupo de que o religioso fez parte, a *Congregação dos Filhos da Caridade*. Sua narrativa comparava o modo de ser de Alfredinho em relação aos outros religiosos da mesma ordem. Ao mesmo tempo, seu discurso também se mantém ligado ao de seu grupo social, na época em que o conheceu: o grupo das pastorais da Igreja, da *Pastoral Operária*, da *Pastoral da Juventude* dentre outros.

Sua visão sobre quem Alfredinho foi liga-se à perspectiva de seu grupo e é atravessada por suas práticas: como o grupo agia, as conversas e histórias sobre Alfredinho narradas entre eles, suas perspectivas e visões de mundo. Muitas lembranças evocadas pela depoente são auxiliadas pelas canções e peças de teatro que testemunhou e que inundavam as cenas de outrora evocadas.

Alfredinho para Sidilene se revela como um homem que caminhava junto com pessoas anônimas e faziam-nas pensar que a dignidade se fazia possível, que eram capazes de *poder*, apesar

dos poucos recursos que tinham e de seu quase total impedimento social seja pela cor da pele, seja pela pouca qualificação profissional e/ou pelos recursos financeiros, dentre outros.

### **1.b. O homem da humildade**

Alfredinho é visto por Sidilene como uma pessoa comunitária. É lembrado como sendo a própria comunidade encarnada. Revela-se para a depoente como uma pessoa de condição elevada, apesar de possuir uma história proletária. O fato de ser europeu, padre e pertencente a uma condição social favorecida, sugere ter desautorizado a recordadora a falar sobre ele, servindo-se, de certo modo, de lembranças que não se faziam exatamente suas, mas de seu grupo social ou de saberes formalizados.

Assim, precisamos também considerar, dentre outros aspectos já demonstrados, que a depoente não estimou que a memória não está ligada a limites circunscritos como competências ou cultura letrada, mas sim da liberdade para enunciar o que as lembranças trazem. Essa dificuldade de se permitir narrar suas lembranças sobre a pessoa de referência revela-se em algumas passagens de seu depoimento, nas quais Alfredinho passa a ser narrado como uma pessoa mítica, idealizada e menos tangível.

Pode ser também que sua dificuldade em lembrar-se de suas ações deva-se a um contato mais formal e distante da pessoa recordada e menos próxima e frequente, o que dificultaria a evocação de memórias, visto que foram pouco ou parcialmente vivenciadas.

Por outro lado, outra hipótese seria a de que Alfredinho seria uma pessoa acessível, mas somente a determinadas pessoas e círculos sociais, tornando-se mais distante e enigmático para outras e daí a necessidade de apoiar-se em memórias sociais sobre sua figura.

De qualquer modo, é uma dificuldade comum pensarmos que ao recolhermos lembranças sobre alguém, é natural que essas surjam de modo espontâneo, com seu ritmo próprio (a do recordador e o que causam em si as memórias evocadas) e que o movimento de se permitir a essa fruição seja mais contido para uns e mais expansivo para outros.

Ainda assim, os exemplos da pessoa evocada causam profundas impressões, pois dão vida e personalidade aos valores comunitários. A primeira lembrança que Sidilene traz consigo sobre Alfredinho é a de um homem extremamente pequeno e de uma fala muito mansa, muito pacífica. Também, as primeiras recordações da depoente sobre Fredy, como era seu nome, é dele na Igreja, celebrando missas.

As missas de Alfredinho eram as mais democráticas: nelas participavam as pastorais, mas também o povo da rua, das comunidades mais afastadas que muitas vezes encenavam teatro para representar trechos do evangelho que eram lidos no dia associados ao cotidiano vivenciado por esses grupos.

Essas peças teatrais buscavam considerar a realidade das comunidades, os problemas enfrentados nos bairros da região. Situações como o desemprego, a violência, a desunião entre vizinhos que enfraquecia as lutas diárias e necessárias por melhores condições de moradia, saúde, educação e cultura.

Nas missas de Alfredinho, os cantos escolhidos também eram diferentes. Eram aqueles que se desprendiam mais dos tradicionais, adotados pelos centros litúrgicos locais. Muitas vezes esses cantos não tocavam a alma do povo, pois falavam de uma fé muito distante, uma fé sem ação, afastada da realidade em que viviam.

Alfredinho também gostava muito de ouvir as crianças. Em celebrações especiais para elas, sempre pedia para que contassem histórias sobre a experiência da fé. Acreditava que as crianças já eram capazes de compreender dilemas profundos vividos pelos adultos em comunidade.

Sidilene reconheceu em Alfredinho uma humildade diferenciada que não se faz como a do humilhado: é a humildade de quem faz homilias muito marcantes. Apesar de sua pequena estatura física, era uma pessoa que tinha força de espírito e nesse sentido, se fazia *grande*.

Suas homilias eram marcantes porque não discursava como os demais religiosos normalmente fazem. Alfredinho era um homem de ação. Agir é superar automatismos sociais e discursivos. O que diz assume uma verdade que as frases gerais e ditas de modo monótono perderam, pois não alcançam elevação.

A pessoa evocada tocou não somente Sidilene, mas muitas pessoas na época, que ficaram admiradas de ver um padre ir morar na favela. Quando Alfredinho rezava as missas, o povo da rua e da *Irmandade do Servo Sofredor* vinha assistir. Vestiam-se de modo muito simples, muito despojado e chamavam a atenção. Roupas limpas, mas muitas vezes largas, praticamente de algodão, sem adereços ou marcas.

Quando Sidilene narra sua experiência de Alfredinho na Igreja, ao vê-lo sair da missa com o papelão que carregava no braço para dormir nas ruas do centro da cidade, já era nos fins de sua vida, quase dez anos mais tarde, lá pelos finais da década de 1990. Alfredinho já estava com setenta e cinco anos. A sensação que a lembradora transmite, de querer procurá-lo para conversar, mas simplesmente se ater frente a ele e não conseguir dizer palavra era uma situação recorrente recordada por outros lembradores.

Miguel, outro depoente, sugere um caminho para interpretar esse possível impasse quando afirma que o religioso não forçava sua *presença*, mas que essa se fazia *aberta*, como um convite. Às vezes perguntava para algumas mulheres: “*Olá, como vai minha santa?*”. No entanto, na maior parte das vezes, escutava atentamente e com uma voz mansa, abençoava e, em seguida, convidava para a ação, para um novo posicionamento existencial, algo sugerido, não direcionado.

Muito provavelmente, essa atitude de desejar, mas não conseguir se aproximar de Alfredinho de modo concreto, remete-nos à hipótese de que algumas pessoas não se percebiam autorizadas a se aproximar, talvez, por se sentirem envergonhadas e terem uma visão idealizada de Alfredinho.

Por outro lado, há relatos de pessoas que o procuravam na madrugada em sua casa, na capela *Nossa Senhora Aparecida*, para conversar, desorientados, confusos e perdidos. Muitos sem rumo, sem trabalho, sem família, como é o caso de Cido, um morador da comunidade Lamartine que relatou que o procurava com frequência.

Alguns disseram que as pessoas simplesmente batiam à porta, independentemente do horário e quase sempre eram acolhidas. Muitas procuravam remédios, comida ou simplesmente descansar um pouco, frente a tantos problemas que encontravam pelo caminho. Sidilene aponta que seu tom de voz era suave, assim como Miguel. Portanto, sua acolhida era marcada por serenidade e proteção.

A depoente também diz que Alfredinho, em suas atitudes, deixava claro seu projeto político junto àqueles que estão à margem. Sidilene afirma: “*Alfredinho era o trabalho gigante espelhado na ação de outros*”.

A ação de Alfredinho de ir morar na rua, lutando contra a invisibilidade dos mais simples e anônimos, não somente através do discurso, fez com que outros religiosos da mesma *Congregação* se incomodassem como se estivesse se excedendo. Sidilene relembra:

*Era possível ver Alfredinho em cada pessoa. Então o Alfredo não mais existia, era todo aquele processo. Alfredinho era as pessoas fazendo o pão para vender, Alfredinho era uma mulher que eu conheci, puxando carriola e catando reciclável nas ruas, que tinha um monte de filho, e ela vinha todos os dias, passava lá na rua de casa, com um sorriso gigante, catando reciclável pra vender pra poder viver, e alimentada e viva e cheia de alegria de viver porque ela estava inserida nesse processo, junto com o pessoal do Servo Sofredor. Ela aprendeu a fazer pão, ela aprendeu a pintar guardanapo, de poder vender, pra poder ter outro meio de subsistência; então, falar de Alfredinho nunca será falar do singular. Falar de Alfredinho é falar no plural.*

Ao longo de toda a narrativa, a lembradora revela sua impressão a respeito de sua figura humilde e de poderosa influência que se faz representar por um espelhamento da imagem dos humildes, capazes de se libertarem da humilhação, incorporada à imagem do agente: reflete nos humildes sua imagem respeitosa e elevada que espelha seu exemplo de um humilde que agia.

Quando Sidilene testemunha a ida de Alfredinho para morar com as pessoas em situação de rua, compreende que ali não está mais o homem, mas sim uma *ação*, um pensamento que se estendera para além daquele momento, para um tempo alargado, longe da dimensão precisa do tempo mercantil. E é justamente nesse tempo de sua narrativa que a pessoa evocada parece ganhar dimensões míticas e que sugere da parte da depoente grandes idealizações, quando diz: “*Alfredinho é algo que te olha, é algo que te convida para ir além do sistema*”.

Podemos compreender dessas passagens da narrativa da depoente, tratar-se do espírito comunitário representado na figura de Alfredinho. A comunidade encarnada no homem que agia e que enraizava.

Para Sidilene, Alfredinho era um homem pequeno e grande demais. O trabalho realizado por ele, segundo a depoente, não pode ser mensurado pela concepção do mero trabalho mercantil, pelo valor de troca, mas por seu valor de uso, por seu significado que atravessa o tempo, que vai à *contramão do sistema* e que faz perceber a dimensão da dignidade humana em um rosto sem valor pela sociedade de consumo.

A depoente afirma que tudo o que sabe sobre Alfredinho não foi conversando com ele.

Não sabia o que pensava:

*É, padre Alfredinho era ação. O testemunho dele foi ação. Foi o que eu vi. A partir do que eu vi do padre Alfredinho, isso se tornou em mim essa reflexão, esse, essa reflexão, essa introspecção, então acho que isso é importante. Padre Alfredinho nunca foi um falador. Escreveu, mas nunca foi um falador. Verdade. Não tinha pensado nisso! Nunca, eu nunca conversei com o Alfredinho uma hora, bati papo com ele. Ele não é um só, ele é tudo isso em silêncio. Gente, como assim? É. Como assim? Como assim? Em silêncio.*

Alfredinho se fazia presente pelo silêncio, pelo seu modo de falar manso e calmo, sempre baixo, por sua vestimenta simples e despojada. A radicalidade de seu testemunho estava na firmeza de suas ações, porém exercidas de modo terno e brando, sem violência. Sidilene descreve:

*Ação. Veja bem, um homem de 1,50, talvez, silencioso que quando falava, falava baixo, Mahatma Gandhi e padre Alfredinho têm algumas afinidades. A revolução a partir da não violência. Eu nunca ouvi dizer de padre Alfredinho alterado, ele nunca tinha uma atitude de desamor. Ele era gentil e forte. Faz lembrar aquela passagem que a cavalaria passava e Mahatma Gandhi deitou e todo mundo deitou e disse pode passar por cima. Eu não vou fazer nada. Nós não vamos fazer nada. Então, muito claro que você pode resistir e amar, amar o próximo. Essa proposta também do Alfredinho. A resistência, à margem. Nós estamos aqui resistindo, estamos. Somos nós os operários, as mães, porque tinham muitas mães solteiras, porque os maridos estavam presos ou que tinham sido mortos que andavam com o padre Alfredinho. Estamos aqui, temos voz, somos pessoas. Resistência e amor, ação. É isso, é isso mesmo. Se teve alguém que conheci que fez e não falou, esse alguém foi padre Alfredinho. Não falava muito não. Acho que é isso.*

Lembra-se de Alfredinho como alguém pequeno, mas de uma grandeza que se fez sentir não por suas palavras (pois não era um falador), mas por suas *ações*. Era um homem que seguia a tradição de sua ordem: rezava a missa na paróquia, mas debaixo da batina estavam suas roupas

simples e largas e seu chinelo de dedo. Um homem que após a celebração da missa, ao invés de retornar à casa paroquial para dormir, buscava seu papelão para dormir na rua, junto com outras pessoas que não tinham onde morar.

Alfredinho é, enfim, descrito como um homem de fala mansa e baixa, mas que tinha uma grande influência sobre todos os que o conheceram. Próximo das mulheres, capaz de levantar um rosto rebaixado socialmente, curvado ao peso da opressão.

O lugar que Sidilene atribui a Alfredinho em seu espaço subjetivo é muito expressivo, tanto que ao final de seu depoimento não se refere mais a ele como alguém, mas como algo que transcendeu a esfera humana e que adquiriu uma condição divina, mítica ou sobrenatural.

Segundo a depoente, a pessoa evocada traz dignidade àquelas pessoas que estão ali, ocultas à maioria. Mas não por meio dele mesmo. Sidilene afirma: “*Alfredinho é um projeto, Alfredinho é um processo. Alfredinho é um modo de vida. Alfredinho é ação*”.

Está claro que o espírito comunitário agia no homem comunitário de Alfredinho. Então, o que a recordadora parece dizer é que as ações da pessoa evocada se estenderam para além dela, atingindo largueza de atuação por sua grande capacidade de influenciar pessoas e grupos sociais e que passaram a agir de modo muito apropriado ou menos desprendido, o que confere a Alfredinho, também, uma grande habilidade de esvaziar-se em serviço do próximo.

Assim, de acordo com a depoente, Alfredinho era a mulher do carrinho de catar material reciclável que tinha cinco filhos para sustentar e que, apesar de tudo, carregava um sorriso no rosto.

E era também Tetê que sofria com a opressão e a violência do marido e que morava em um barraco tão pequeno que mal se conseguia habitar. Também era Sidilene, uma menina pobre que descobriu seu valor e sua dignidade na profissão de enfermeira, lembrando-se de todas as mulheres que conheceu e que se mobilizavam em torno da promessa de uma vida redentora e redimida, pelos exemplos ofertados por Alfredinho.

Essa impressão que Alfredinho causava em Sidilene e em outras pessoas que contaram lembranças sobre ele em conversas ocasionais não se faz gratuita. Parece que pelo seu exemplo, queria despertar em outros a consciência de si mesmos, seus *dons* e talentos, sua luminosidade e graça.

Dessa forma, outros começavam a brilhar por si mesmos e essa experiência já não lhes era atribuída interiormente, mas, sobretudo, compartilhada. Era apropriada pelos próprios humilhados. A dignidade lhes era restaurada de modo não caritativo, mas de forma muito singular, de modo que já não lhes poderia ser subtraída.

Essa forma muito singular de Alfredinho de atuação só foi possível por causa de seu desprendimento e sua maturidade e inteireza experienciada por anos de entrega ao próximo e de uma grandeza mística que transcendia à compreensão daqueles que conviveram com ele.

As pessoas que marcam a memória de outros criam uma presença capaz de contribuir para questões como o engrandecimento, formas de libertação e a capacidade de agir. São pessoas que oferecem possibilidades de existência próximas à humanidade de cada um, que são interpelados como pessoas em pleno sentido, e não somente como organismos puramente alimentados fisicamente. Podem, então, despertar nos lembradores sua consciência pessoal.

Neste sentido, a pessoa lembrada é capaz de influir de maneira significativa naquelas que conviveram com ela, cujo testemunho dessa influência pode ser verificado até mesmo sobre terceiros com quem sequer tiveram um contato aproximado. A repercussão da influência de pessoas marcantes nas memórias de outros não termina nas testemunhas. Alcança também quem ouve seus testemunhos.

A *ação* que rompe o automatismo social é uma atividade que liberta, que dá *rostro* e que destaca o agente, que de pequeno, até mesmo imperceptível, adquire certa grandiosidade. As pessoas que marcam nossa memória são aquelas que contribuíram para nossa personalização.

Alfredinho era uma pessoa “grande” porque permitia que o inusitado surpreendesse: fazia sermões como nenhum outro fazia. O que ele dizia tinha *verdade* porque era dito com muita *autoridade*. Respondia ao evangelho com personalidade; possuía uma autenticidade que correspondia a sua dignidade.

Não era a presença dos valores comunitários que regia Alfredinho, mas era ele quem dava vida, verdade e personalidade à comunidade e aos valores comunitários. Ao que tudo indica, a julgar pelos depoimentos, este aqui discutido e outros, as pessoas marcantes não são, para esses depoentes, aquelas que prezamos em virtude de valores pessoais, mas sim as que trazem vida, verdade e personalidade a esses valores.

Mesmo em sua ausência física nos encontros comunitários, sua presença podia se fazer sentir por meio da reunião de pessoas que lhe eram afins e comungavam dos mesmos princípios. Sidilene é uma pessoa humilhada que sentiu com ele o sopro do reconhecimento e elevação. Alfredinho elevava a si e a outros, estendia a mão, alimentava o corpo e a alma, dava de comer. Erguia os caídos. Era pobre, fez-se sem teto e é aí, justamente, nesse intenso despojamento de si que se revela sua grandeza.

### 1.c Ação e experiência: Alfredinho e Sidilene

Ao recordar-se de indivíduos marcantes, os lembradores são capazes de trazer à tona experiências da pessoa evocada, tão concretas e transformadoras que é possível afirmar o acontecimento de uma reorientação de suas subjetividades.

Em Sidilene, percebe-se a experiência de Alfredinho, em sua vontade despertada pela busca de uma vivência religiosa mais profunda, na escolha por sua profissão, na sua reflexão de como caminhar junto com ele, em pensamento e ação, principalmente quando afirma a necessidade de *ir contra o sistema*, isto é, contra se tornar uma mera engrenagem social autômata, destituída da capacidade de reflexão e crítica às situações sociais opressoras. Sidilene acredita que os exemplos de Alfredinho espalharam-se como sementes e estão a produzir frutos.

Parece que Alfredinho avivava em outros uma consciência de si adormecida e/ou alienada. Pelo testemunho de seus feitos, a pessoa passava, em certos casos, a despertar, adotando, a partir dessa luminosidade apropriada, uma maior autenticidade, orientando-se para vocações até então não conhecidas. Contudo essa experiência não se fazia individual e sim coletiva. A retomada da consciência crítica e da capacidade reflexiva fomentada pela luta contra a opressão se fazia coletiva. O indivíduo que reflete é, sobretudo, um indivíduo comunitário.

A depoente também afirma que embora não tenha convivido mais proximamente com Alfredinho, suas ações causaram-lhe profundas impressões. A depoente acreditava em suas ações *ardentemente*: “[...] *eu quero acreditar que ele sabia quem ele era. Qual era o papel dele nesse contexto transformador das pessoas que estão à margem*”.

As ações de Alfredinho testemunhadas por Sidilene causaram-lhe profundas reflexões e foram capazes de reorientar suas futuras *ações*, gerando frutos. Para a recordadora, *negar o sistema é enxergar* pessoas e ver nelas mais que coisas.

Para ela, a proposta de Alfredinho se faz transformadora, pois o templo passa a não ser mais um lugar definido e circunscrito. Ao enxergar o outro como alguém que abriga o espírito divino e por si só se faz reconhecidamente digno, desfazem-se as estruturas políticas de desumanização, de auto alienação, de um vazio desolador: torna-se *capaz* e isso dá *poder* ao indivíduo e a sua comunidade. Poder de realização e ao mesmo tempo, *liberdade*. É o que permite erguer o rosto caído pela condição de humilhação e invisibilidade e torná-lo capaz de luminosidade.

Um rosto luminoso, capaz de *aparição*, torna-se então, ele mesmo, esse Alfredinho exemplificado, possibilitando-lhe erguer a si próprio e com outros que não se reconheciam mais em sua dignidade aviltada<sup>40</sup>

Nesse sentido, Alfredinho pode representar um *espírito comunitário*: pessoas subjugadas passam a se sentir profundamente importantes, com grande força de vida, capaz de transformação. Por isso, tomam posse de um lugar de existência.

Sidilene afirma, ainda nessa conversa, que a pessoa anteriormente aviltada, no contexto exposto, passa a dizer a si mesma: “[...] *Eu sou a minha luz, eu sou minha voz e quero ouvir sua voz*”. E o papel de Alfredinho:

*Uma pequenina semente com um fruto gigante. Um fruto gigante. O Alfredinho deu ferramenta para as pessoas saberem que elas valiam mais que a mais valia. E esse significado de valor dentro do contexto em que eu estou. Não ser levado para essa roda viva. Todo esse processo de se perceber, de se tornar templo, poder adentrar porque o acesso é teu. E quando você adentra, você se torna templo. O eu se transforma dentro do contexto do coletivo, nunca do individual.*

A depoente espelha-se em Alfredinho na singeleza de sua profunda pequenez. A condição da humildade refletida na simplicidade das grandes ações. O encontro entre essas duas dimensões de humanidade reorienta testemunha e autor.

Através da humildade, Sidilene atinge a expansão de sua condição subjetiva por meio do encontro de sua vocação dimensionada nos exemplos de Alfredinho. Pelo contato fático com outros, Alfredinho se apequena adquirindo uma grandeza humilde que oferece a impressão de uma grande estatura que não pode ser dimensionada na esfera objetiva dos homens.

Alfredinho se faz gigante pelas ações dos pequenos. A depoente se faz pequena, tocada pela grandeza da simplicidade do pequeno homem. Seu testemunho trazia vida e verdade aos valores de outros, pois os engrandecia com sua humildade. Diante desse posicionamento existencial, tudo pode ser considerado importante: os pequenos gestos revelam grandes atitudes. Foi possível perceber em mais de um depoimento a grandiosidade das pequenas ações, dimensionadas pelos depoentes.

A proposta deste estudo é de ser uma pesquisa de mundos. E o mundo de Sidilene é serpenteado, metamorfoseado por sentimentos profundos e tocantes, norteados pelo enunciado da opressão. O impedimento social se faria marcante no rosto de pessoas anônimas e quase despercebidas se não houvesse o encontro com pessoas singulares, pessoas de *ação*, como Alfredinho em meio a pessoas iguais em espírito e diversas em sua singularidade.

---

<sup>40</sup>BOSI, E. *Sugestões para um jovem pesquisador*. In: *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

Alfredinho ousa se aproximar desses rostos rebaixados socialmente e olhá-los profundamente. Sentar-se com eles, aperceber-se de seus mundos, de suas realidades. Estar com eles em silêncio. Sem alardes ou sem colocar-se em evidência. Caminhar-se com os mais anônimos, oferecer a amizade e os braços para as lutas diárias.

Aqueles que se encontram na invisibilidade social, ao serem reconhecidos em sua dignidade humana, tornam-se capazes de mudança. Assim, a experiência de Alfredinho se faz a experiência de outros: sua *ação* continua a tocar outras pessoas, outros lugares, outros acontecimentos que não se fariam de outro modo, que não aconteceriam sem a sua presença atuante no curso natural da história.

O eu se reconhece somente no coletivo, em seu grupo de pertença, em um *solo afetivo comum*. Aquilo que se percebe, sempre diz respeito a algo de nós mesmos, um eu que é um nós. Nossas lembranças só permanecem porque são ancoradas em outras memórias individuais e coletivas, de nós mesmos, mas também de outros e de outros tempos. Uma constituição individual só se faz possível em relação a outros e se fortalece quando nos lembramos de alguém que nos foi marcante, alguém de quem nunca esquecemos, pois a presença dessa pessoa se faz constitutiva de quem somos e, desse modo, permanece eternamente em nós, mesmo quando não temos mais a memória da pessoa propriamente conosco.<sup>41</sup> e que também se fez presente e marcante na memória daqueles que conhecemos e com quem convivemos: nesse sentido a memória cumpre sua tarefa enraizadora.

Suas histórias confundem-se com as nossas, misturam-se às lembranças individuais e já não é mais possível dizer qual história que se antecedeu a outra, onde uma começa e outra termina. As histórias continuam no curso do tempo alargado, no tempo não demarcado: a memória se faz *duração* e a pessoa, *lugar*.

A pessoa se faz lugar, enquanto espaço de reconhecimento, de intercorporeidade, espaço imbricado entre a linguagem do eu e a linguagem do mundo, entre corpo presente e corpo passado, ligados pelo tempo da memória. Somos o que lembramos.

---

<sup>41</sup> Agradeço às sugestões valiosas e sempre pontuais de meu orientador, Gustavo Martineli Massola.

*Miguel*

Padre, 79 anos

Entrevista realizada no dia 24/07/18

Miguel é padre como Alfredinho da mesma *Congregação Filhos da Caridade*. Conheceu o colega no início dos anos 80, quando o visitou em Crateús, onde Alfredinho morava.

Permaneceu com ele na região durante um mês e relatou essa experiência como sendo muito difícil. Nesse pouco espaço de tempo emagreceu sete quilos por causa da austeridade do amigo evocado que assim agia por escolha, principalmente no que se refere à adoção de moradia *precária*, como os pobres e alimentação.

Sua convivência com Alfredinho parece ter sido ocasional, em função do ofício comum. Dizia não compartilhar das mesmas escolhas, mas apesar disso, respeitá-las. Miguel revela-se ao longo de seu depoimento como um amigo atento às *ações* da pessoa evocada, acompanhando-o de longe, com impressões profundas e detalhadas sobre suas palavras e feitos.

## **II.a . Lembranças espirituosas sobre um espírito autêntico**

Miguel recorda-se de Alfredinho de modo espirituoso e o identifica como uma pessoa marcante, pois libertadora, que auxiliava as pessoas a se desprenderem de uma fé institucionalizada e canonizada.

Próximo da percepção de Sidilene, nota o colega como alguém que, com seus exemplos, consegue alcançar a dimensão humana de pessoas que se encontravam, até então, com sua consciência pessoal adormecida, marcadas por experiências de *humilhação social*.

O primeiro traço de Alfredinho lembrado por Miguel é sua singularidade marcante, que transbordava sua atuação como religioso, inclusive. Seu desempenho como padre, portanto, diferia, em variadas situações, do que era esperado dele: comportamentos automatizados e protocolares que seguiriam certa estrutura eclesial.

O desprendimento da pessoa evocada é revelado pelo lembrador de modo tão tocante que é possível perceber por trás da figura do religioso, suas condições mais humanas e menos institucionalizadas.

O depoimento de Miguel inicia-se marcado por sua posição: é padre e é deste lugar que se dirige para buscar suas lembranças sobre Alfredinho. Ainda assim, em muitos momentos, sua narrativa se desprende mais ou menos dessa condição. É quando suas memórias ganham força e

traços de sua identidade psicológica se sobrepõem. Assim, sua visão sobre Alfredinho ganha certa liberdade do olhar social em torno de sua figura religiosa.

Ao longo de várias passagens dos relatos do depoente é possível identificar traços de espiritualidade e leveza quanto às lembranças evocadas e que sugerem uma relação com a pessoa lembrada marcada por certa igualdade de posição social e existencial.

Suas lembranças não aparecem de modo formal, mas sim com um tom de espiritualidade próprio de relações igualitárias que permitem críticas e chistes, mas também capazes de admiração e inspiração.

Assim como Alfredinho, Miguel também era padre da mesma ordenação, europeu e, portanto, foi influenciado por condições sociais muito parecidas.

Traços da identidade psicológica de Alfredinho são revelados pelo lembrador quando associa seu modo de agir com sua história de vida. Miguel busca demonstrar, em vários momentos de seu depoimento, como a pessoa evocada foi transformada por acontecimentos de sua vida e como esses fatos o motivaram a fazer as escolhas que fez, muitas vezes, decisões que o singularizavam e que demonstravam muita *liberdade* e desprendimento de convenções e até mesmo de determinações institucionais.

Alfredinho havia sido servidor do exército francês e, após, um religioso, duas ocupações aparentemente muito fechadas, que permitem pouca largueza de atuação. Ainda assim, conseguiu nesses dois momentos de sua vida, uma *liberdade* sem precedentes, agindo e atuando de modos muito inesperados, de acordo com as circunstâncias lembradas por Miguel, que o define como um *provocador*, mais adiante.<sup>42</sup>

Alfredinho nasceu na capital da Suíça, em Berna, em 1920. Nessa época, dois países vizinhos, França e Alemanha, acabavam de se tornar inimigos declarados, por causa da Primeira Grande Guerra.

O sobrenome Kunz, de origem alemã, despertava em território francês certa hostilidade. Por sua baixa estatura, estrutura franzina e pelo sobrenome, era alvo constante de agressões na escola. Alfredinho, que escreveu alguns livros, unindo sua biografia com a proposta de sua mística, redige um depoimento sobre essa época de sua vida.

---

<sup>42</sup> Quando os colegas da escola me batiam, eu voltava em casa chorando. Minha mãe me abraçava, me consolando, e dizia: 'Você é um sofre dores' (como um saco de pancadas). Eu recebi assim a unção do Espírito para atravessar, digerir o sofrimento. E como Jesus eu entrei na fileira dos excluídos, publicanos, vítimas da prostituição, pra nunca mais sair dela.

Para o depoente, a pessoa evocada representava uma experiência profética, expressada em sua forma de agir, marcada por certa leveza e força, sem automatismos. Essa liberdade de ação e pensamento acontece quando há abertura de consciência e para experiências de outros.

A narrativa de Miguel é entrecortada por lapsos temporais. Inicia seu depoimento falando da infância de Alfredinho, para em seguida contar sua opção por uma evangelização fundamentada nos cânticos de *Isaias*, atrelada a experiências de sofrimento e humilhação na infância e juventude, também acontecidas por trabalhos extenuantes e não remunerados.

Por essa razão, valemo-nos de referências biográficas da vida da pessoa de referência que se fizeram relevantes. Muitas dessas passagens foram escritas pelo próprio religioso. O critério para a escolha desses trechos se fez em função de suas evocações pelo depoente e que podem contribuir para a compreensão da força de sua personalidade associada à sua experiência de vida.<sup>43</sup>

Ainda que a opção de Alfredinho de se tornar padre venha já na juventude, por oposição do pai decide se alistar no exército francês na *Segunda Grande Guerra*. Acabou sendo capturado pelo exército alemão e conduzido a um campo de concentração, próximo a Viena.

Sua mística associada ao sofrimento começa a ser amadurecida nos *campos alemães*, quando testemunha o sofrimento de prisioneiros políticos advindos do campo de *Mauthausen*. Somente mil desses homens sobreviveram. Alfredinho narra, em seus livros de natureza biográfica, que foi tomado pela fome, vasculhando montes de lixo em busca de comida, com uma marmita amarrada à cintura.

Em várias obras<sup>44</sup>, Fredy Kunz retrata em forma de diário a vida no *campo*, na região de Viena. Ao que tudo indica, ele foi libertado com outros prisioneiros do campo, mas o campo não saiu dele, como ocorreu com outros sobreviventes, inclusive Primo Levi, que deixou diversas obras relatando a vida ou o mais correto, a ausência dela, em um campo de concentração. Em: **É isto um homem?** (1947), Primo Levi discorre sobre o significado profundo da palavra *levantar* que se aproxima, ao que tudo indica, à palavra ter esperança.

Afinal, quando se inicia um dia, é de se esperar que expectativas sejam alimentadas, mas no campo, o dia que se inicia possui outra compreensão, ou melhor, ausência e impedimento de

---

<sup>43</sup> A fome-vivi esta experiência quando prisioneiro na Alemanha, de 1940 a 1945 – de um só golpe salta-lhe do estômago à cabeça. Torna-se uma obsessão, uma ideia fixa, um “fim” supremo da vida: comer. À noite, sonha-se com mesas fartas de carne assada... Chegou um tempo em que eu não saía ao campo sem a marmita amarrada à cintura e uma colher no bolso. Esperava pela menor possibilidade de encontrar um resto, uma sobra. Quando os olhos, os ouvidos, as narinas se põem a serviço de um cérebro alucinado pela fome, há uma dimensão do homem que se desfaz.

<sup>44</sup> KUNZ, Fredy; BOUCHAUD, Joseph, 1977, p.23

qualquer entendimento. Neste caso, a nutrição de expectativa se resume de fato à mísera nutrição do alimento a que se tem direito.

Já quando Alfredinho, após cinco anos de prisão, é finalmente libertado, por causa do fim da Segunda Guerra, reafirma, então, sua vontade de se tornar padre. Sua espiritualidade singular vai se constituindo aos poucos, durante sua formação religiosa e após sua experiência de padre paroquiano em Paris.

O bairro escolhido para iniciar uma experiência de espiritualidade singular localizava-se em Montreal, um bairro de operários pobres. E é nesse lugar que Alfredinho inicia o trabalho com os grupos de sete, citados por Miguel. Ordenado padre em 1954, foi vigário por um ano em Paris, na paróquia de *São João Batista de Belleville*, bairro operário da cidade. Nesta época, encarregava-se mais do trabalho com os jovens, inspirando-se nos movimentos da *Juventude Operária Católica*, da qual fez parte, antes da guerra.

Em 1955 foi para o Canadá, ao encontro do padre André Monnier, seu antigo superior geral. Ele estava em Montreal, na paróquia *São João*, no bairro da Pointe-Saint-Charles, onde havia uma grande concentração de fábricas e muita pobreza, segundo Alfredinho.<sup>45</sup>

No seminário, Alfredinho tomou conhecimento do franciscano polonês Maximiliano Kobe. Aprisionado pela *Gestapo* e detido no campo de concentração e extermínio de Auschwitz com o número 16.670, Maximiliano Kobe se ofereceu para substituir um pai de família condenado à morte, em represália depois de uma tentativa de fuga. Preso com nove outros reféns no “bloco da fome”, faleceu no dia 14 de agosto de 1941.

No bairro operário de Pointe Saint-Charles, Alfredinho lança o “Círculo Max Kolbe”. Quando uma família necessitada se apresentava à paróquia, ele a confiava a um “servidor” desse círculo que se constituía em uma equipe de sete. Revezando os dias, cada membro da equipe lhe trazia leite ou pão. A família também tinha o seu dia de serviço. Ia, por exemplo, serrar lenha para os outros aquecerem sua casa.

Segundo Alfredinho, citado por Michel Bavarel, essa foi a origem das *Irmandades do Servo Sofredor*, grupo criado por ele e amigos que desde então, vinham refletindo sobre o mistério do sofrimento a partir de sua experiência nos *campos* de concentração na Áustria, conforme relata:

[...] Estava sob o impacto do que vira nos campos de prisioneiros. Refletia sobre o problema do mal, do porquê do sofrimento. Uma vez, fui levado a fazer três dias de jejum

---

<sup>45</sup> BAVAREL, Michel, KUNZ, Fredy. *Alfredinho e o povo de sofredores*. São Paulo: Loyola, 1992, p.30.

na solidão de uma floresta, em união com o sofrimento daqueles que tinham passado pelos campos de concentração, com o sofrimento dos asiáticos que tinham fome.<sup>46</sup>

O lembrador continua sua narrativa para chegar às motivações da pessoa evocada de vir para o Brasil. Segundo o depoente, Alfredinho queria exercer seu sacerdócio na Índia, muito provavelmente, por sua grande admiração por Gandhi, a quem gostava de citar quando estava entre amigos. Inclusive sua inspiração por trabalhos manuais, fabricação de pães, o modo de se vestir, a escolha pela *austeridade* e pela *não-violência*.

No entanto, sua *Congregação* não se encontrava na Ásia, somente na América do Sul, e foi então que Fredy Kunz, em 1968, inicia sua incursão pela América Latina, optando pelo Brasil, por meio da mediação da *Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus*, que se inspirava também na prática de *austeridade* e na opção pelos pobres. No Brasil, passou notadamente por Fortaleza e um ano depois, estabeleceu-se em Crateús, no Ceará.

Crateús era uma cidade do interior do Estado do Ceará, em pleno sertão – zona semiárida do Nordeste, marcada pelas secas periódicas e, sobretudo, pela injustiça. As imensas fazendas herdadas da época colonial deixavam pouco espaço e recursos de sobrevivência à massa dos pobres. Vários deles são obrigados a emigrar para as grandes cidades do “Sul” ou para a Amazônia.

O que o atraiu para a região foi a reputação daquela diocese, conhecida como símbolo de resistência à ditadura militar. Consideração devida ao bispo Dom Fragoso, um dos pioneiros das *Comunidades Eclesiais de Base* e da opção preferencial pelos pobres.

Miguel narra que Alfredinho chegou sem uma missão muito definida ao afirmar que o colega foi morar com os pobres e que o conheceu nos anos de 1980. Descreveu a pessoa evocada como alguém muito intenso, que reage de modo muito rápido. Uma pessoa amorosa, mas impetuosa. Uma pessoa paciente com os pobres e com aqueles que pareciam rir dele, de seus modos simples.

Fredy Kunz não demonstrava receio de ser desacreditado, acreditava no poder de sua singularidade, adotada, por sua perseverança e por suas atitudes inesperadas, por colegas de *Congregação* e religiosidade, pelas pessoas mais simples, de classes sociais mais favorecidas, de várias crenças ou não.

---

<sup>46</sup> BAVAREL, Michel. *Fredy Kunz. Alfredinho e o povo de sofredores*. São Paulo: Loyola, 1992, p.31.

*Maria*

Pedagoga Idade: 47 anos

Entrevista realizada no dia 10 de julho de 2018.

Maria conheceu Ute em razão de sua admissão na *Associação Comunitária Monte Azul* como educadora. Na época, há mais de vinte anos, a entidade aceitava no ofício pessoas que não tinham qualificação na área da educação, como era seu caso.

Segundo a depoente, nem mesmo havia terminado o ensino médio e ficou muito feliz e surpresa por ser selecionada. Na época já era mãe de três filhos e era casada. Seu casamento passava por dificuldades e pensou em começar a trabalhar.

Com o passar dos anos, a lembradora passou a ser secretária de Ute. Aprendeu a organizar os eventos que eram muitos. Formou-se como pedagoga e o tema de seu trabalho de conclusão de curso foi inspirado na *Pedagogia Waldorf* a exemplo de Ute.

Nesse espaço de tempo, segundo a recordadora, Ute deu vários exemplos de consideração em relação à Maria. Tratava-a com muita atenção e cuidado, com igualdade. A forma de agir de Ute influenciou Maria, fortalecendo sua confiança em si e tornando-a capaz de realizar feitos nunca imaginados.

Também, desse contato entre as duas nasceu uma grande amizade. Em momentos difíceis da vida de Maria, Ute não somente esteve presente, mas tornou seu caminho menos árido e sofrido.

#### **II k. Muito ouro e pouco ouro**

As lembranças de Maria sobre Ute aparecem tonalizadas por um sentimento de amizade e de reconhecimento, pois sua relação com a amiga evocada lhe causou profundas impressões e influenciou diretamente seu destino.

Isso porque, ao longo de todo seu depoimento, é possível perceber a habilidade de Ute em tratar os pequenos e grandes gestos com o mesmo grau de importância.

Maria, ao longo de toda sua narrativa, revela-se como uma pessoa tímida e insegura que não acreditava em sua capacidade de realização. No término de seu depoimento, reconhece-se, com *espanto*, quando afirma sobre as coisas que foi capaz de realizar desde que começou a trabalhar com Ute, como nessa passagem destacada de seu depoimento:

*Uma pessoa que nunca tinha trabalhado fora, foi trabalhar como educadora, depois fui trabalhar como secretária da fundadora da ONG, de uma pedagogia que eu nunca tinha ouvido falar e agora estou aqui dando palestras sobre a entidade, a Associação, e aí vinha tudo ao mesmo tempo, né? Meu Deus! Isso tá parecendo um sonho!*

Seu jeito inseguro já se deixa mostrar logo no início de sua narrativa quando afirma: “*vou tentar lembrar, mas confesso que minha memória não anda muito boa*”... Imagina se andasse Maria!

E é assim que a recordadora lembra-se de Ute em um encontro entre os colaboradores da *Associação Comunitária Monte Azul*, quando começou a trabalhar como educadora social. Havia muitas pessoas aglomeradas em torno da amiga evocada e ela se perguntava de que modo poderia garantir uma aproximação:

*Eu era muito tímida, o máximo que eu conseguia falar era bom dia, boa tarde, tudo bem como quando eu entrei na Monte Azul, então, eu pensei, puxa! A Fundadora da Monte Azul, como que eu vou chegar, bom dia, tudo bem, prazer, sou Maria, a nova colaboradora, não consegui! Aí tinha um monte de gente em volta dela, falando com ela, e, mas eu não consegui chegar perto dela. E daí eu lembro que eu tava perto dela, tava passando em frente ao refeitório e ela tava passando por mim e daí ela esbarrou em mim, aí ela: oi tudo bem? E eu: tudo bem. Bom dia! Bom dia! E ela parou assim em frente de mim, olhou pra mim e, o coração passou pela boca, falei: então, eu sou a Maria e aí me apresentei, tô trabalhando na creche, aí ela: ah! Prazer! Seja bem-vinda! E aí pensei. Falei com a fundadora! E ela seja bem-vinda! Fique à vontade! Depois a gente conversa e aí ela saiu com outras pessoas: então esse foi meu primeiro contato com ela.*

Maria relata que é filha de fazendeiros e nasceu em Rondônia. Quando veio para São Paulo, já casada ainda no início da juventude, não havia terminado os estudos. Com filhos e com o casamento em dificuldades, pensou em arrumar um emprego. Foi quando uma cunhada lhe sugeriu passar por uma entrevista na *Associação*. Maria foi admitida mesmo sem ter terminado o colégio e aquela experiência a transformou profundamente. A depoente narra o início dessa transformação, nessa passagem:

*Às vezes eu a via na comunidade, mas não tinha tempo de ir falar com ela. Às vezes, eu via ela na padaria tomando café, também conversando com o pessoal da comunidade, mas eu não tinha coragem de chegar nela e... Falar... e daí em um dia, a gente tava na integração novamente e... Ela chegou para mim e falou "oi": oi Maria, tudo bem? E eu, nossa! Ela lembra de mim! Ela lembrou de mim, porque duzentos e cinquenta colaboradores e mais o pessoal do PSF e ela lembrar de mim ou ela tem uma memória muito boa, ou a gente teve alguma coisa... Aí eu falei: Oi Ute! Toda tímida assim... Aí ela me convidou pra: você não quer participar de... Um dia em minha casa, um grupo de estudo? Eu faço um grupo de estudo na minha casa e eu gostaria que você participasse! Estudo? Não entendi assim, eu fazia o curso de sábado, mas não entendi, assim, aí ela falou: ah! De reflexão! Vem no horário e você vai lá que a gente conversa mais e aí eu lembro que o dia que eu fui no grupo de estudo, eu agora não lembro o assunto, e eu fiquei perdida né? Porque um monte de gente falando assim, um monte de coisa que eu nunca tinha ouvido falar, da pedagogia Waldorf, o que que eles estão falando? E aí ela começou a fazer umas perguntas assim e eu comecei a responder e aquilo foi me dando um ânimo.*

Mais uma vez, a lembradora percebe-se como uma pessoa tímida, que chegava até mesmo a duvidar de sua própria capacidade. Gostaria de aproximar-se de Ute, mas não sabia como. Até que um dia, Ute aproximou-se de Maria, demonstrando-lhe consideração,

tratando-a de modo a dizer: você tem importância, tem capacidade, você consegue! Isso foi fundamental para a depoente, como mostra adiante:

*E aí, quando terminou a reflexão lá do estudo, todo mundo foi embora e daí ela falou: espera mais um pouquinho que eu quero falar mais com você. E aí o pessoal foi embora e eu fiquei e aí ela começou a fazer umas perguntas sobre o que eu fazia antes da Monte Azul e aí eu comecei a contar minha infância, quando eu percebi, eu tava conversando com ela de igual para igual, assim, tinha passado minha timidez e eu sai de lá tão aliviada, parece que eu já conheço ela há muito tempo né? De outros carnavais e ela é uma pessoa tão simples, né? Tão simples, a fundadora da Monte Azul, né? Achava que pra conversar com a fundadora da Monte Azul tinha que marcar hora, tinha que fazer tudo... E não era qualquer pessoa que podia conversar com ela, uma simples educadora, tendo uma conversa tão íntima né? Que pessoa né, que... Então né, e eu lembro que todas as integrações a gente conversava, mesmo que ela tivesse com muita pressa, a gente conversava, cinco minutinhos e aí ela perguntava como eu estava e as pessoas assim não entendiam né? Porque que a gente tinha essa relação: Nossa, você acabou de chegar e você já... Você, tímida assim, como você consegue conversar com ela? E eu também não sei. Isso é coisa que eu também não sei explicar.*

Ute estabelecia laços de igualitarismo com Maria. *Uma amizade política*<sup>47</sup> é aquela capaz de se fazer aparecer a igualdade, uma ‘simetria assimétrica’, atravessada pela responsabilidade por outrem, em que o que emerge é a união em torno de um bem comum, de ações em comum: a falta de estudos ou a posição social e política de Maria em relação à pessoa evocada não foi capaz de tornar a relação entre elas distanciada. O preconceito passou longe, assim como os comportamentos automatizados, os estereótipos, pois a escolha de Ute em se aproximar da depoente se fez de modo espontâneo, afirmada em relações de gratuidade:

*Quando foi em 2005 eu tive que sair da Monte Azul por que meu médico me proibiu de trabalhar com crianças, então eu, aí eu engravidei também da minha caçula e aí então eu pedi pra sair, pra ser mandada embora e saí. O coração apertado, assim, tinha sido tão bom pra mim, tinha aprendido tantas coisas na Monte Azul. Nesse pouco tempo que eu fiquei como educadora me fez crescer bastante como pessoa.*

No entanto, assim que pode, resolve voltar a trabalhar e a estudar, pensando: “*Agora eu sei que posso, eu vou conseguir*”:

*[...] daí eu pensei em voltar a estudar, vou fazer alguns cursos, tenho que fazer alguma coisa, quero crescer, quero ser uma grande educadora e no futuro quero ser uma professora, uma pedagoga e aí eu voltei a estudar, terminei meu ensino médio e nessa época fiz também um curso de informática, informática e cidadania.*

Percebe-se nessa passagem a grande influência que Ute teve sobre Maria. A depoente inspirou-se em Ute para fazer o curso de Pedagogia, sonhando em um dia se tornar uma grande educadora.

<sup>47</sup> Um conceito de amizade política aproximado para Hannah Arendt encontra-se nessa citação de Adriano Correia: “[...] A política surge no intraespaço e se estabelece como relação. O único fator material indispensável para a geração do poder é a convivência entre as pessoas. [...] Não podemos conceber uma comunidade política sem um mundo que ao mesmo tempo separe e relacione os homens entre si. Assim, “a política organiza, de antemão, as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade *relativa* e em contrapartida às diferenças *relativas*”. (HANNAH ARENDT *apud* ADRIANO CORREIA. *A Condição Humana*. São Paulo: Editora Forense, 2010, p.p 37-38).

Logo voltou a trabalhar, dessa vez, como professora de informática. A insegurança de Maria era sentida por todo o seu corpo: suas pernas começavam a tremer, a cabeça começava a girar, vinham pensamentos negativos, como se fosse ser demitida, acreditando que não iam gostar do seu trabalho.

A insegurança e o medo de não conseguir é uma constante que parece estar relacionada à situação de muitas mulheres brasileiras: o dia-a-dia enfrentado por condições opressivas no lar, a preocupação na criação dos filhos (muitas vezes com a ausência dos pais), o distanciamento da família e parentes, a violência familiar, como agressões físicas e psicológicas, as duras condições de trabalho e da dupla jornada...

Parece que a situação de opressão vivida por Maria com sua chegada a São Paulo, distante dos pais, trouxe-lhe um sentimento muito grande de impotência que somente não a imobilizou, pois encontrou em seu caminho razões para não ‘tomar para si’ as constantes humilhações e impedimentos sociais.

Quando pensava que não ia conseguir responder às novas responsabilidades profissionais, vinha em sua mente a voz de Ute que sempre lhe dizia: “*“você consegue, você vai conseguir, você pode!”*”. É assim que Maria lembra-se de seu reencontro com Ute:

*[...] um belo dia eu tava na padaria tomando café e ela passou. Ai tava eu e minha amiga e ela passou assim e fez assim dois passos pra frente e voltou e falou pra ela assim: E aí, você já falou com ela? E ah! é! Eu tinha esquecido! Mas eu vou conversar com ela, vou aproveitar que a gente tá aqui tomando um cafezinho e vou falar com ela! Daí ela falou assim: ela vai conversar com você, tá? Mas pensa com carinho! Meu Deus, o que será agora? Qual é o nosso desafio? Ai ela se despediu e foi embora e eu lembro que sempre que eu via ela passar, ela passava muito rápido, assim, como se fosse um raio. Nossa né? Ela deve ter milhares de compromissos, que ela fala com a gente e de repente ela some.*

A depoente lembra-se da amiga evocada nas primeiras passagens de seu depoimento, como alguém sempre solicitada, muito dinâmica e rápida, atenta e que sabia cativar, mobilizar e agregar.

Quando Ute a convida para ser sua secretária, Maria declara seu espanto: eu? Como assim? Agora já é demais! Não vou conseguir! Imagina? Trabalhar ao lado da fundadora da *Monte Azul*? Uma mulher tão inteligente! Não vou conseguir!

Maria conta que foi até lá, realizar um processo seletivo, somente porque havia sido convidada, mas que tinha certeza que não seria escolhida. Mais uma vez relata as sensações no corpo: as pernas tremiam, suava frio e o coração disparava. A depoente relembra sua insegurança e a maneira como toda a intimidade que havia sido construída entre elas, por seu medo, havia sido aparentemente dissipada:

*[...] e aí eu lembro que toda aquela intimidade que eu já tinha com ela como se eu fosse amiga há muito tempo sumiu na hora e foi me dando uma coisa, foi me dando uma coisa e*

*eu falei: gente! Que que tá acontecendo comigo? E acalma, calma, que tudo vai dar certo! E eu muito nervosa e quando ela chegou, ela olhou pra mim e ela abriu um sorriso e parece que tudo foi se acalmando, assim, foi ficando tranquilo, e aí ela chegou, me cumprimentou, vamos conversar então? E quando ela começou a conversa, aquela imagem que eu tinha tido pela primeira vez voltou tudo de novo, parece que já a conhecia há muito tempo e eu fiquei calma e a conversa fluiu normalmente.*

Maria não se sentia apta em colocar-se existencialmente à *altura* de Ute, mas o modo como a amiga a acolhia, olhando para ela de modo atento, sorrindo, demonstrando cuidado, trazia à depoente uma impressão de que era importante, que era gente, digna e capaz.

As pessoas de modo geral, assim como a recordadora, viam-na como uma pessoa muito dinâmica, que sempre estava fazendo muitas coisas ao mesmo tempo. Num curto espaço de tempo, muitas situações passaram pela cabeça de Maria, enquanto retornava para um novo encontro com Ute: desde dizer que não poderia ir porque estava doente até que seria praticamente impossível Ute admiti-la, dada a sua extrema agilidade e o *espanto* de Maria diante da possibilidade de imaginar sua capacidade em conseguir corresponder a uma posição que a honrava, que a colocava como uma pessoa capaz de responder àquele convite, àquela abertura.

Maria lembra-se de Ute como alguém que possuía muitas tarefas, mas que não se esquecia de lhe afirmar recorrentemente que era capaz de realizar grandes e pequenos feitos. Parece que Ute possuía um papel maternal frente à recordadora, escrevendo bilhetes sobre as tarefas diárias, com muito carinho e cuidado. O primeiro contato da depoente com o trabalho foi de surpresa, mas depois percebeu que realmente era capaz de realizar:

*[...] quando eu cheguei, eu lembro que ela tinha deixado um pacotinho de bala, umas balas da Alemanha em cima da minha mesa e uma flor no vaso e um bilhetinho: fui para tal lugar, vou voltar tal hora, é... E as tarefas, tudo escrito no papel... E... E aí aquele pacotinho de bala ficou né? Eu olhava para aquele pacotinho de bala, assim e pensava: será que é pra mim ou é pra entregar pra alguém? Daí eu olhava pra todo mundo na sala: não, não sei, nem vi quando ela colocou essas balas aí.*

A depoente *espanta-se* mais uma vez com Ute. O cuidado e o carinho, revelados pelas pequenas atitudes, pelos pequenos gestos. Esse cuidado tornou-se diário e deixava Maria particularmente feliz, motivada e cada vez menos insegura.

Ute também parecia exercer um papel muito forte de uma mestra, uma professora à Maria por meio de orientações ou ao possibilitar-lhe que descobrisse por si mesma a solução de tarefas cotidianas.

Maria encontrou Ute e esse acontecimento permitiu que entre elas existisse um sentimento de *atenção* muito forte, capaz de abertura e mudança, capaz de troca. Esse cuidado diário promovido por uma relação de igualdade é lembrado por Maria:

*E... E aí sempre quando ela chegava, de costa para porta, assim, e aí quando eu entrava, parecia que ela sabia que eu tava chegando. Ela virava a cadeira assim, bom dia! Você tá bem? Nossa, né? Qual é o chefe que tá preocupado com seu funcionário, se ele tá bem, porque antes de eu trabalhar aqui eu tinha trabalhado nove meses, eu trabalhava na informática e trabalhava meio período no projeto POMAR que é da secretaria do meio ambiente, que cuida do Rio Pinheiros, que faz toda parte do meio ambiente e lá era tudo assim, né? Tudo muito rígido, se você chegava: bom dia! Boa tarde! Fazia o que tinha que fazer, ninguém quase conversava com você, era muito, então... Fazia meio que um estágio de escritório e até então não sabia o que era um computador a não ser nas aulas de informática e quando eu fui fazer o curso. Mas trabalhar mesmo, foi essa minha experiência no projeto POMAR e essa vez aqui com ela. E aí ela fazia essa todo dia, eu chegava e ela me dava: Bom dia! Olhava pra mim e o tempo foi passando, foi passando e as pessoas perguntavam: e aí? Você tá trabalhando mesmo com a Ute? E aí? E eu tô e aí como é que tá? Nossa! Tá uma maravilha, ela me trata como se fosse assim, não sei, como se fosse minha mãe e... Me dá conselhos, me escuta, conversa comigo, é... Pergunta se eu tô bem, mesmo na correria do dia-a-dia dela, ela tem essa preocupação, de ter um cuidado comigo, deixa um chocolate, balinha, coloca uma florzinha, sempre deixa um presentinho na minha mesa, o dia que nós não vamos nos ver ela deixa um bilhetinho falando aonde ela tá indo, mesmo eu tendo a agenda dela, ela deixa um bilhetinho: olha! Eu tô indo pra tal lugar, vou chegar tal hora ou eu não venho hoje, então ela sempre tinha esse cuidado e o tempo foi passando e quando eu percebi tinha passado cinco anos e a gente junto e nossa! Uau! E sempre as pessoas me perguntando, né? E como é trabalhar com a Ute? E, aí eu falei, normal, super, não tenho o que reclamar dela. E quando eu vim trabalhar com ela, ela me disse: daqui uns três meses, nós vamos sentar e fazer uma avaliação, vou te avaliar, seu trabalho, pra ver se você vai continuar e... Aí passou esses três meses e, nada dela fazer essa avaliação, daí eu cheguei pra ela e falei pra ela: e aí? Você falou que a gente ia fazer uma avaliação quando passasse três meses e ela: esquece! Já tá aprovado! E aí eu lembro que quando fez três anos, aí ela falou: agora a gente vai sentar e fazer uma avaliação! Daí, assim: acho que fiz alguma coisa de errado! Porque nos três meses ela não fez e agora, agora, ela quer fazer. Aí... Eu lembro que a gente foi pra uma salinha lá em cima, aí ela: então, como você está se sentindo trabalhando comigo? Nossa! Eu estou me sentindo uma rainha, estou ótima! Estou me sentindo super bem! É! Estou me sentindo super importante! Aí ela falou: que bom! Gostei muito de trabalhar com você, não tenho nada que reclamar de você, mas eu queria que em vez de eu te avaliar, você me avaliasse. Como assim? Como eu vou avaliar a fundadora da Monte Azul? Ela: sim! É... Que às vezes eu posso falar muito rápido, eu escrevo algumas coisas que você não entende direito, mas você pode me perguntar. E... Meu raciocínio às vezes é muito rápido, então, você fica à vontade, seu eu fizer alguma coisa que eu não te agrade, você pode me falar. Eu tinha pensado, magina né? Se eu vou falar! Aí eu falei Ute! Não tem nada que falar de você, pelo contrário é, acho que, além de ser uma ótima chefe, ela: não, chefe não! Chefe é de índio! Nós somos companheiras de trabalho! Ela não gosta dessa palavra, coordenadora, somos parceiras de trabalho e eu sou sua conselheira, esse nome é mais apropriado. Tudo o que você precisar de conselho, você pode reportar a mim. Eu falei: tá bom! Mas eu não tenho nada que avaliar de você, a única coisa que eu tenho é só agradecer, né? Pela oportunidade, pelos ensinamentos, pelo que você tá me passando e... Só e não tem que te avaliar. E ela: cé tem certeza? E eu: tenho!*

A recordadora descreve seu trabalho como aquele em que a igualdade política se estabelece. Aquele em que não há chefes e sim conselhos, exemplos, ensinamentos e gratuidade. Por suas ações, Ute coloca-se de igual para igual com Maria e permite o fortalecimento da amizade, onde a confiança se faz sentir.

A depoente começa então a deixar de se perguntar: será que eu consigo? Para começar a perguntar: como eu consegui fazer isso? Como dei conta daquilo? Começa a se espantar com sua própria capacidade que se encontrava supostamente adormecida para si mesma.

Maria via em Ute uma mulher com uma imensa força de vontade, que até mesmo doente não deixava de trabalhar, de fazer o que precisava ser feito para que as coisas acontecessem. Lembra que foi a partir desse exemplo constante que via dela, que decidiu, efetivamente, fazer a faculdade:

*Preciso fazer a faculdade, né? Mês que vem eu vô! Daí passava aquele mês, mês que vem eu vô, quando eu vi ela tirando toda aquela força do interior eu falei: não! Olha minha idade e a dela, né? Então eu preciso criar essa força e fazer essa faculdade e aí eu fui, me matriculei na faculdade pra fazer pedagogia e aí eu lembro que quando cheguei pra ela e falei: Ute, eu me matriculei na faculdade, ela falou: sério? Ficou toda feliz e radiante! Falei: sério! Ela falou: que bom! Que bom, vai ser muito bom pra você! Se você precisar, você pode contar comigo que, pra qualquer coisa, pro que der e vier.*

Ute demonstra sua amizade. Através do olhar, do sorriso, de escutar com *atenção*, de perguntar *como você está?* Da demonstração de paciência para que o outro possa acompanhá-la naquilo que já lhe é óbvio. Na afirmação de que Maria era capaz. No trato do dia-a-dia, nas gentilezas, no cuidado e agora, na dedicação ancorada na partilha de seu tempo já escasso para ajudá-la com o conhecimento. Maria relata essa dedicação de Ute durante a faculdade:

*Ela foi assim, nossa mestre no TCC, porque a gente fez entrevista com ela, conversava com ela sobre Pedagogia, o que a gente não entendia, ela sentava comigo, que ela foi uma das minhas professoras que eu me lembro assim, tudo o que acontecia na faculdade, que eu chegava pra ela e perguntava: preciso conversar com você hoje, você tem dois minutinhos hoje pra eu te fazer uma pergunta, mas não é nada sobre trabalho. Ela: Sim, tenho, aí ela largava o que tava fazendo e virava pra mim e me explicava, então, qual é a dúvida que você tem? Então e eu lembro que esse dia em diante ela sempre perguntava: se precisar de alguma ajuda e às vezes eu chegava na minha mesa e tinha uma pilha de livros assim, sobre a educação infantil, dentro da Pedagogia Waldorf.*

A recordadora lembra-se de Ute como alguém que mesmo com o tempo escasso, encontrava um espaço para lhe ajudar a estudar, separando até mesmo, trechos de livros. Maria a descreve como alguém extremamente inteligente, muito intuitiva: “capta as coisas, assim, no ar”, que sabe conversar sobre variados assuntos, que possui uma energia e uma saúde incríveis. Dessa aproximação entre as duas nasceu uma grande admiração e sintonia fundamentada na *amizade política*.

Quando pergunto para Maria se Ute havia lhe causado alguma mudança, a resposta pareceu contundente: “se não a tivesse conhecido, hoje seria uma dona de casa. Não teria voltado a trabalhar nem a estudar”.

Ute trouxe um alimento diferente para Maria. Um alimento para a alma. Para os sonhos, que rejuvenesce, que dá saúde, disposição, alegria, ânimo. Que afasta da solidão, do isolamento social, do sentimento de impotência: é uma amizade que cresce com outros, com a experiência de outros e que gera mudanças. No depoimento abaixo, temos uma síntese do espírito dessa mudança em Maria, da experiência de Ute em sua vida:

*[...] essa força que ela me passou, que eu posso, que eu consigo, eu faço coisas que às vezes até eu duvido assim né? Faço projetos, faço diagramação de livros, ajudo nas escritas dos livros, eu faço de tudo um pouco, faço teatro, canto, que era uma coisa que, é...*

*Naquela época que eu mudei aqui pra São Paulo eu era uma simples dona de casa, filha de fazendeiros, fui criada com mimos, é... Quando mudei pra São Paulo não sabia o que, que era trabalhar fora e a minha realidade mudou totalmente, eu tenho certeza que se eu não tivesse conhecido ela e a Monte Azul, meu casamento com o pai dos meus filhos não andava bem, era uma pessoa assim, muito, como te falei, muito tímida, não conseguia nem falar direito com as pessoas e... Hoje já dou palestras, falo da Monte Azul, falo de outros temas, falo da Pedagogia Waldorf, me formei, sou uma pedagoga, é claro que eu tenho muitas coisas pra aprender, mas se não fosse ela e a Monte Azul eu não seria essa pessoa que eu sou hoje. Uma pessoa formada e hoje faço milhões de coisas, é... E não teria tido a força que tive pra... Tanto na minha vida profissional quanto na minha vida pessoal, né? Que talvez eu teria ficado no casamento né? Que era um casamento sofrido assim, que já não existia mais amor. E essa fala dela mostrou pra mim que eu posso né? Tudo que eu quiser, eu posso, é só eu correr atrás e seguir em frente e é isso assim, se não fosse ela, eu não seria nada assim do que sou hoje, não teria coragem de tá falando com você. Por exemplo, sai de um casamento com três filhos, só sai com a roupa do corpo e essa força que eu tive de arrancar lá de dentro, com três filhos pequenos, a caçula tinha cinco anos, com os três, com a roupa do corpo, com a cara e a coragem. Quando ele conversava depois que bebia, cada vez ficava pior e aí eu falei não. Não quero mais. E eu tive essa coragem de sair de casa com os três filhos, nessa cidade.*

A amizade entre as duas cresce ainda mais em cumplicidade, quando Maria narra sua saída de casa, somente com as roupas do corpo e com os três filhos pequenos:

*E eu lembro que foi ela que me arrumou. Me arrumou duas panelas da casa dela, talheres, utensílios de cozinha, que eu falei que não queria tirar nada de dentro de casa, que depois ele não ia cobrar nada de mim, então eu vou sair só com meus filhos e a mochila, e ela: nossa! Mas se você quer, eu te apoio! E eu me lembro que ela me deu dois colchões de solteiro, e aí pediu pras pessoas me arrumarem um colchão de casal e deu uns lençóis da casa dela, utensílios de cozinha, um fogareiro, um fogãozinho assim de duas bocas, uma geladeirinha, pequeninha que ela tinha também e todo dia ela chegava e perguntava: como você tá? Ela sempre fazia isso, mas eu lembro que na primeira semana, quando eu chegava, tinha sempre uma flor em cima da minha mesa, um bilhetinho, falando assim, você vai ficar bem, você é uma mulher forte, guerreira, uma boa mãe, você vai conseguir e se você precisar, conte comigo! Então foi uma pessoa que me deu muita força nessa época, e também logo depois que eu me separei, eu fiquei doente e foi acontecendo uma coisa atrás da outra e daí eu pensei: Nossa! agora minha vida, né? Foi pro fundo do poço, mas só o fato de eu lembrar que eu vinha pra Monte Azul trabalhar com ela e eu ia ter esse contato com ela, me dava forças né? Ela me ajudou muito, conversava muito comigo, quando ela percebia que eu tava meio caidinha assim, ela sentava, falava: deixa aí o computador! Aí ela me levava pra outra sala, aí eu ia, desabafava, saía de lá com um escudo, assim, saía de lá como uma mulher maravilha! Eu posso, eu vou conseguir, então, sempre foi uma pessoa fundamental na minha vida, pra ser hoje o que eu sou.*

As lembranças de Maria sobre Ute vêm carregadas de um sentimento de amizade, construído ao longo do tempo, por meio da convivência diária, pelo trabalho mutuamente compartilhado, pela troca de experiências vivenciadas em comum, pela comunhão e partilha de momentos de sofrimento e alegria, impedimentos e feitos.

Um sentimento de gratidão parece guiar suas lembranças que procuram evidenciar as motivações da geração desse sentimento de amizade pelas ações de Ute. A recordadora procura evidenciar em seus relatos, qualidades da pessoa lembrada que a fizeram se tornar conhecida por esse viés.

A *verdade* contida em seu depoimento consegue demonstrar, até mesmo, as consequências dessa amizade, as transformações acontecidas em si, as influências de Ute em sua vida, a experiência dela, por meio das lembranças evocadas.

Durante todos os exemplos de Ute lembrados por Maria, foi possível perceber a habilidade da pessoa evocada em ofertar grandes e pequenos gestos de generosidade: assim, oferecer uma flor à Maria, diariamente em seu local de trabalho, adquire o mesmo grau de generosidade e importância para a depoente em relação ao momento em que Ute lhe auxilia no processo de separação, quando recorda sua saída somente com a roupa do corpo e com os três filhos ainda pequenos de casa.

Nesse sentido, as condições para uma pequena realização eram as mesmas para uma grande realização. A atenção ofertada para ambas as realizações eram dimensionadas de modo igualitário, sem distinções aparentes.

Assim, uma pessoa que inicialmente só era capaz do pequeno e que duvidava de sua capacidade de realização foi capaz de grandes feitos pelo exemplo da amiga evocada.

Ute demonstra com seus gestos que a exigência do grande está à altura do pequeno e os menores gestos e acontecimentos possuem a mesma altura e o máximo de espírito.

Maria, a partir dos exemplos de Ute, descobriu-se uma pessoa agente, capaz de realizar o que não poderia prever ou esperar. O despertar de sua segurança interior aconteceu em função de sua relação profunda e dialética com Ute, na qual testemunhou sua capacidade de tratar os pequenos e grandes gestos de forma virtuosa.

Por sua capacidade também de lidar com os grandes problemas de modo semelhante ao que lidava com os pequenos problemas, Ute foi capaz de realizar grandes feitos. Dedicava-se ao que é grandioso com modéstia e ao que é pequeno com toda a grandeza do espírito.

Ute demonstra ter um modo temperado de sofrer, pois o sofrimento acompanhava suas *ações*, seu modo inesperado de ser torna-se marcante porque é inspirador e transformador.

Pessoas marcantes e que jamais esquecemos possuem a virtude da *ação* de realizar feitos inesperados: suas realizações inspiram outros, é capaz de despertar e pelos seus exemplos, sem imposições, são capazes de nos reorientar em perspectivas, atitudes e gestos.

Suas *ações* passam a ser também realizadas por outros que passam a imitá-las singularmente. Ute foi capaz de nos mostrar que há nos pequenos gestos grandes virtudes e que o cotidiano pode se desprender dos automatismos e adquirir certa *liberdade* e elevação.

*Cido*

Educador, 66 anos,

Entrevista realizada no dia 20/07/18

Cido conheceu Ute aos doze anos, em função do trabalho voluntário que Ute e outros estagiários alemães vieram desempenhar na comunidade que habitava, em um bairro periférico da região de Londrina, nos anos 70.

Ute optou prontamente a realizar um trabalho com as crianças e assim descobriu sua verdadeira vocação, a de ser educadora. Com elas, desempenhava um trabalho fundamentado no igualitarismo, no qual as crianças eram ouvidas ao ajudarem a cuidar do local, bem como na elaboração das tarefas propostas.

Isso favoreceu o amadurecimento rápido do *curioso* Cido, que em pouco espaço de tempo tornou-se seu assistente e amigo, compartilhando com ela sonhos de continuar esse trabalho em um futuro não muito distante.

Alguns anos se passaram, Ute teve de retornar à Alemanha, mas continuavam mantendo contato. Ute tornou-se amiga de Cido e também de sua família, retornando ao Brasil algum tempo depois, onde deu seguimento a seus projetos.

Cido esteve ao seu lado durante todo o tempo desde então. Tornou-se educador em função de Ute, ofício que mantém até hoje, na *Associação Comunitária Monte Azul*. Entre Cido e Ute houve o despertar de uma grande amizade, capaz de *troca e doação* que transformou ambos.

## II I. Das trocas de influência aos dons

Cido inicia sua narrativa contando como conheceu Ute, por volta de seus onze, doze anos. Sua aproximação de Ute deu-se por uma curiosidade ansiosa, pois o trabalho que realizaria como educadora na comunidade em que morava, no Paraná, iria ser realizado no espaço onde se encontrava uma Igreja.

O local estava sendo reformado e o depoente recorda-se das pessoas se perguntando, afinal: o que seria realizado ali? O lembrador enfatiza em sua narrativa: queriam saber o porquê daquele local estar sendo reformado. Quando pergunto: mas porque vocês queriam saber? O porquê desta curiosidade? Ele responde: *“É porque, assim, a casa estava meio abandonada, de repente, a gente viu pintando, carregando moveis e... Todo um movimento, mas muita gente sabia que, o prefeito já sabia, mas nós criança não sabia, né?”*

Nota-se em seu depoimento que apesar do prefeito e, provavelmente, a comunidade já estar sabendo do motivo da reforma, as crianças não participavam, não sabiam. E isso o deixava intrigado. Cido recorda-se que depois ficou sabendo que um voluntário da Alemanha ia realizar um trabalho na comunidade, que era conhecida como Vila do Grilo, na cidade de Londrina, no Paraná.

Enfatiza que o nome da Vila não se deu por acaso: o local realmente possuía muitos grilos, afirmou se tratar de um lugar muito pobre e quando o pessoal da Alemanha chegou, já estava loteado. A região havia recebido algumas melhorias.

Relembra de maneira muito vívida quando Ute chegou para trabalhar na comunidade. Lembrou-se até mesmo de sua idade: 28 anos. Segundo ele, Ute ia trabalhar na parte da educação com as crianças e a casa do padre havia sido reformada para dispor de uma sala de aula.

Também se recorda que desde o início o problema da língua não foi impeditivo para Ute. Sabia se articular muito bem e estabelecer comunicação com as crianças, entre elas, Cido. A sala de aula compreendia crianças de todas as faixas etárias. De manhã, ficavam as menores e à tarde, as maiores. Desde então, ajudava Ute nas salas de aula. É assim que Cido relata essa convivência com Ute, nessa época:

*E eu não tinha experiência porque eu era criança né? Mas ela achava que eu sabia. Ela achava que eu tinha o dom para dar aula de teatro, que eu tinha o dom pra fazer isso, fazer aquilo, fazer gincanas e ela achava isso incrível, então eu fiquei mais como ajudante dela do que como aluno. Então a gente ia pra casa dela, já ela ensinava a gente a fazer trocas né? De coisas que eu sabia e depois ela ficou dois anos.*

Aqui se percebe um movimento semelhante que Ute fez com Maria. Ute aproximou-se de Cido, acolheu sua abertura e buscou promover uma mudança. Mais do que acreditar em sua capacidade, criou condições para que pudesse ir ao seu encontro, caminhar em direção desse trabalho em conjunto.

Depois, Ute teve que voltar para a Alemanha, mas buscava sempre que possível manter-se próxima de Cido:

*[...] depois ela voltou pra Alemanha e ficou um tédio nessa vila, porque a gente não tinha espaço e ela falava: Ai Cido, continua né? Fazendo trabalho, mas foi difícil pra mim né? Porque não tinha como. Acho que continuei brincando e fazendo algumas coisas e a gente ficou se comunicando por cartas. E ela sempre falava que ela ia voltar, que ela ia continuar e acho que talvez que ela tinha escolhido que realmente ela ia pra esse meio da educação, né? Que ela queria ser professora mesmo. E aí, um belo dia, ela ainda foi visitar a gente, mas a gente tinha mudado pra, pra um sítio e lá nesse sítio a gente ficou por dois anos e ela foi nos visitar nesse sítio.*

Uma das maiores dificuldades encontradas pelo lembrador foi constatar a falta de espaço e voz para as crianças e jovens da comunidade, o trabalho iniciado por Ute tornava-se cada vez mais

inviável. Ute parecia trazer essa voz às crianças, que não saberiam adquiri-la por si mesmas. Construía, com elas, um espaço de encontro.

Cido morava em um sítio, afastado da cidade e por lá permaneceu até seus 16 anos. A continuação dos estudos tornou-se difícil, porém Ute mantinha uma aproximação e lhe fez a proposta de ir morar com ela, em São Paulo, quando voltou para o Brasil.

Antes de aceitar o desafio, passou por muitos impedimentos. Mais do que convidá-lo para morar em sua casa e terminar os estudos, Ute compartilhava de seus sonhos, *chamava-o* para um trabalho em conjunto:

*E aí a gente sempre conversava depois que ela chegava do colégio, né? Ela ficava no colégio na parte da manhã, depois do meio-dia, ela chegava e do tempo que eu estava desempregado, a gente conversava muito assim, qual era os planos que ela tinha, qual a ideia pro futuro que ela tinha, ela sempre comentava. Fazia reunião de três, quatro, ali na sala, ela sempre comentava isso.*

Ute compartilhava com Cido seus projetos, incluía-o nos trabalhos que pensava em realizar. Permitiu que caminhasse ao seu lado, crescesse com ela, mudasse e realizasse feitos que não se cumpririam se não fosse por sua influência, sua amizade.

Cido relembra que não somente ele, mas uma parte de sua família, dois irmãos e dois sobrinhos também foram morar com ela. O trabalho, enfim, apareceu. As crianças do bairro ficavam curiosas com o balanço que Ute tinha no quintal e pediam para brincar. Eram crianças, em sua maioria, da comunidade local, muito pobre e com pouca infraestrutura. Ela as convidava para entrar e também oferecia lanche.

O número das crianças foi crescendo, até que se tornou inviável a acolhida delas em sua casa e tiveram que lutar por um espaço maior. Também convidava as crianças da escola que ministrava aulas, de classe média alta, para participarem destas tardes. Cido sempre contribuía às quartas, quando tinha folga do seu trabalho de cozinheiro. Mais uma vez, relembra da falta de espaço para as crianças e adolescentes em lugares mais pobres com ansiedade:

*Dai eu estava, assim, ansioso, né? que o pessoal fica sem atividade, sem nada aqui, né? E um trabalho social seria melhor e aí foi, ela foi atrás na prefeitura e conseguiu, né que eles doassem, quer dizer, nem foi doado, nem nada né? Eles doaram por um tempo. Uns setenta anos. E já está há quarenta.*

Recorda-se dessa época que tudo era muito improvisado e foi sendo construído aos poucos. Paulo, outro voluntário que iniciou este trabalho também com Ute, dava aulas de marcenaria à luz de velas à noite. Assim que possível, ela solicitou a algumas empresas, que já apoiavam o projeto, a custear um salário para Cido:

*E eu por exemplo na época, quando comecei na Ute, o seu Pedro era dono da Giroflex que é uma loja que fabricava móveis para escritórios e aí seu Pedro também veio nessa escola,*

*ele participava das reuniões, tinha reuniões com a Ute e a Ute falava que ela queria, se alguém pudesse pagar um salário para mim poder trabalhar junto com ela. Aí seu Pedro, primeiro ele falou: Ute, o que que eu posso ajudar você lá? E a primeira ajuda é o seguinte: eu queria que o Cido trabalhasse comigo, mas ele precisa ganhar né? Aí, então, ele falou o seguinte: eu pago um salário pra ele trabalhar com você. Quando eu cheguei do meu trabalho a primeira coisa que ela falou: olha Cido, tem uma coisa bem legal pra te contar! Eu, ah! o que foi? Eu acho que eu consegui um salário pra vc trabalhar aqui. Ah, então, amanhã mesmo eu já peço a conta.*

Cido afirma: “*Nossa, fiquei muito feliz né?*”. Quando ficaram surpresos e pediram para ele ficar, afirmou: “Era um sonho de muitos anos! Percebe-se no modo como relembra que foi um sonho construído em conjunto, em sua nascente, com Ute. Mais uma vez, ressalta: “*essas crianças vinham com sede de tudo. E a gente pintava, dançava, brincava, passava às tardes com elas*”.

A primeira vez que Cido viu Ute foi marcada por muita ansiedade. Ele queria ardentemente estar presente no dia da inauguração do trabalho, no Paraná. Mas seus pais não permitiram que ele faltasse na escola. Relembra que jogou sua mochila e saiu apressado em direção ao evento. E a primeira pessoa que viu foi Ute.

Ele parecia estar com uma fome diferente, uma fome de conhecimento, de amizade, de espaço em que poderia brincar, ser criança, se divertir... Simone Weil afirma que as necessidades da alma são representadas pela coletividade, por um alimento diferente do corpo físico.<sup>48</sup> Ute estava também faminta de aprender a realidade dessa gente, sua língua, seus costumes, sua cultura. Quando pergunto como eles se comunicavam, Cido diz:

*Ah! Muitas vezes era gesto, outra ela falava e a gente tentava adivinhar e a gente também e ela corria com o dicionário né? A Ute era muito esperta! Nossa! E ela foi a que mais aprendeu o português mais rápido e ela tinha muita vontade de aprender e a nossa família, ela ficava muito lá em casa né? Só não dormia porque ela morava pertinho né? A gente dormia lá de vez em quando. Então ela vinha, ela jantava, ela almoçava, batia aquele papo, a gente saía junto, então ela, meu pai, minha mãe meio que adotou ela, então meu pai falava que era a filha loira. E então tudo que existia era em casa e ela tinha uma vontade muito grande de ouvir histórias e ela sempre mandava eu contar histórias pra ela e ela queria aprender tudo, ela tinha muito interesse em aprender as coisas, né? Daqui do Brasil né? Então ela trazia aquela vontade de lá, mas parece que a vontade maior era de conhecer aqui primeiro né?*

Descreve Ute como alguém que queria também conhecer a cultura do povo: que tipo de alimento se comia, as histórias, as festas, a cultura local. Esse interesse era motivo de muitas trocas e muitas conversas. Ute ensinava sua torta de maçã. Cido, juntamente com sua família, preparava alimentos procedentes do milho: curau, pamonha, milho-cozido, milho assado, bolos:

*Então a gente, ela tinha curiosidade de tudo, tudo que ela queria aprender, ela queria ouvir, ela queria histórias. Ela adorava que as pessoas contassem histórias, histórias*

<sup>48</sup> WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001, p. 12

*antigas, que elas contassem, ela gostava muito das danças, das brincadeiras, então, tudo ela colocava no caderno, tudo que, que ela sentia, ela tirava foto, ela tinha um diário e lá ela escrevia tudo.*

Cido relembra que Ute anotava todas as histórias que ouvia: os cantos, as danças e que também adorava registrar esses momentos tirando fotos. Relembra como Ute datilografava rápido, assim como Maria, que lembrou o modo como digitava. Ute registrava as histórias que ouvia e as guardava, assim como as fotos que tirava. É com surpresa que relembra:

*Ela me deu umas coisas agora que eu jamais, umas cartas, umas coisas que eu escrevi e uns registros que ela me deu. Nossa Ute! Ela guardou! Todo esse tempo? Então ela gosta realmente de histórias das pessoas, principalmente as pessoas que têm essas histórias rurais, essas pessoas de sítio, que tem muita coisa a contar de beira de fogão, de fogueira, ela adora!*

Tanto Maria quanto Cido recordaram-se de Ute como uma pessoa que valoriza muito as pessoas, independentemente de sua condição social e formação cultural. Ute foi lembrada também como alguém que incentiva outros em sua capacidade de ofertar *dons*.

Ute preparava-se para o encontro e possibilitava que outros a encontrasse. A relação que estabelecera com Cido parece ser composta de uma assimetria marcada pela responsabilidade, pela obrigação de responder àquela vida que tinha fome, uma fome diferente.

Quando tive a oportunidade de conversar com Ute, afirmou que ela e Cido tiveram um encontro nessa vida. Por essa razão, lancei esta pergunta a ele. Foi então que lembrou a época em que foram morar no sítio, distante de tudo. A *atenção* de Ute em relação a ele e sua família é uma constante que irá marcar a união entre eles, ao longo dos anos:

*[...] e quando a gente morava no sítio. A gente dizia: imagina, a Ute nunca vai vir aqui! Então né? Ela sempre dizia: não! Eu vou visitar vocês! Como é que ela vai visitar a gente nesse mato? Gente, mas é de uma sabedoria, a gente falou mais ou menos, não tinha endereço, não tinha rua, assim, não tinha número. Aí ela falou assim: não, eu vou visitar! Aí diz que ela chegou nessa cidade pequenininha eu nem sei quantos habitantes, agora nem sei mais e era uma cidade chamada Morumbi. Morumbi. Aí gente é um sítio chamado Morumbi, que tem um casal, tem uns filhos assim, assim, assim, tantos homens, tantas mulheres, aí ela falou dessa forma. Aí minha senhora, acho que a gente sabe mais ou menos. E ela alugou um jipe. Alugou um jipe na cidade e aí a gente: gente, o que é aquele jipe que tava descendo a rua de cima, pela estrada e ele deu a volta e depois entrou dentro de nosso sítio, aí quando salta do jipe era a Ute! Nossa, incrível, daí ela ficou com a gente, acho que duas, três semanas. Daí ela falou: Nossa, Cido que bão que eu encontrei vocês lá, ela trouxe roupa pra gente, trouxe bolo, doces, chocolate, salgado. Daí eu trabalhava, né? Que eu não podia né? Mas ela disse, eu vou levantar cedo e eu vou lá junto com você, né? Eu vou levantar cedinho, carpinando e ela lá do lado. Cido, vamo fazer um teatro, e eu falei: vamos! Você vai inventar a história. Aí eu falei: ai Ute, eu tenho vontade de criar uma história mesmo! Daí ela falou: vamo! Fizemos, sei lá, só sei que foi uma pena porque a gente perdeu essa história, não sei como veio na minha memória, e eu fui contando essa história e ela foi escrevendo, aí eu colocando, ela escrevendo e a gente fez um roteiro. E a gente fez um teatro com os moradores lá. Foi lindo, foi a despedida dela lá. Aí a gente fez um, pusemos a lona, fizemos um espaço pra dançar, fizemos um teatro, nossa! Ela chorou muito! Daí ela foi embora, no outro dia e foi como despedida. Então era assim, as coisas*

*que a gente fazia na hora. Ela adorava jantar com a minha mãe, com meu pai e ouvir as histórias. Eu sempre falo, eu acho que a gente tinha algo muito forte.*

Ute aceitava o protagonismo de Cido na escola. Alimentava sua curiosidade. Incentivava sua colaboração que se tornou frequente. Deu-lhe espaço para confiar. Incitou-o a continuar o trabalho quando não pode mais permanecer no Brasil.

Convidou-o para morar em sua casa e também parte de sua família. Compartilhava seus sonhos com ele e passaram a ser também os sonhos dele. Em um momento de maior vulnerabilidade, quando foi morar em um sítio, afastado da cidade e dos estudos, Ute esteve com eles, presente.

Ajudou-o nas escolhas de café, mas também o auxiliou a continuar alimentando seus sonhos. Assim, muitas coisas de Cido também ficaram para Ute: as histórias, o modo de cozinhar alguns alimentos, seu modo de brincar com as crianças, a reunião na Semana Santa inspirada no contato diário com os pais e irmãos...

Mais do que valorizar as sugestões, colocá-las em prática é algo que permitia e permite a vivacidade do trabalho em conjunto, a aproximação, a amizade, que possibilita a experiência da participação. Pergunto a Cido há quanto tempo se reúnem para fazer o dia da Santa Ceia na *Monte Azul* e ele contribui com a questão e vai além:

*Há quarenta anos! Desde a Fundação da Monte Azul. Tem esse movimento né, o cozinheiro faz o pão, aí tem o motorista que leva, é bem legal esse movimento né? Aí tem o outro morador pra ajudar a limpar, o outro vai pegar a planta, o outro vai arrumar a mesa, é bem legal. E acho que esse movimento né? Eu acho isso e da Monte Azul foi os, os mutirões, quando começou esse movimento de todo mundo vir pegar o tijolo, carregar o tijolo, né? De varrer, de pintar. Acho que esse movimento, uma coisa viva. E eu conheci a Ute fazendo isso. Ela adorava lá no Paraná de ver aquele movimento, de pintar a escola, de bordar a cortina, uma vez por ano a gente fazia isso e é legal porque sai resultado, não é perfeito, mas você jamais vai esquecer aquilo. Aquarela que a gente fazia pintura a giz.*

Cuidar do espaço que trabalhavam juntos era uma constante desde a época do Paraná. Até mesmo trazer outras crianças para ajudar Cido a escolher o café e poder ir para a escola. Quando a escola precisava de pintura, todos se reuniam para pintá-la e daí por diante. Ute ajudava as crianças a fazer trabalhos de artesanato que eram vendidos e o dinheiro arrecadado ia para as festas, ia para elas.

As lembranças de Cido sobre Ute são norteadas por sua vontade de conhecimento, de saber, de buscar saber, de outras histórias, da busca por formas de se sair de modos limitantes e impeditivos de realização.

As relações de Ute com Maria e outros, parece estar fundada na pluralidade: relação estabelecida na igualdade e na *distinção*. As histórias de Cido e Maria são diferentes, mas ambos constituíram laços de amizade muito profundos com Ute.

Cido conheceu Ute logo na sua chegada ao Brasil. Ute conseguiu aproximar-se do depoente, apesar da assimetria evidenciada que existia entre os dois: Ute, uma alemã muito mais velha que ele. Ele, de uma família humilde do interior do Paraná, ainda criança. Comparativamente, Maria conheceu Ute quando já havia se estabelecido como educadora na comunidade *Monte Azul*, quando a *Associação* já existia. Sentia-se insegura quanto a sua capacidade de realização, mas Ute também conseguiu se aproximar dela, de modo a estabelecer laços de uma amizade igualitária. Para Hannah Arendt: “*se os homens não fossem iguais, não poderiam compreender uns aos outros, nem os que vieram antes deles, nem mesmo fazer planos para o futuro, contudo, se não fossem distintos, não precisariam da ação e do discurso para se fazerem compreender.*”<sup>49</sup>

Pela *ação* e pelo *discurso*, os seres aparecem reciprocamente, não somente em sua manifestação física, mas em sua inteireza. O que traz justamente vivacidade ao cotidiano são os feitos que se realizam em conjunto com outros. É por meio deles que se inaugura a humanidade concreta e que podemos nos reconhecer.

As narrativas que Maria e Cido contam trazem um apelo. Os dois depoimentos carregados de histórias narram as *ações* iniciadas por Ute. Contam sobre o primeiro encontro deles com a pessoa evocada, inclusive, no caso de Cido, a chegada de Ute ao Brasil.

Por meio de suas narrativas, percebe-se que as *ações* de Ute mudaram a trajetória de vida dos lembradores. Coisas que não aconteceriam pela ordem natural das coisas, caso a pessoa evocada não os tivesse implicado.

Mais do que implicado, acreditou na habilidade dos depoentes de agirem juntos, surgindo, assim, uma grande amizade entre eles, uma amizade que tinha como objetivo primeiro *ações* em comum, o bem comum de uma comunidade que ia deles e para além dela.

Histórias de vida de outras pessoas e outras *ações* se cruzaram e deram início a outros feitos não esperados, feitos milagrosos, como diria Hannah Arendt. Assim como Cido, outras pessoas da comunidade pobre da zona sul de São Paulo e de outras regiões do país, tiveram suas vidas transformadas e se tornaram, também, protagonistas de outros feitos.

A força da *amizade política* é difícil de mensurar, é difícil prever quando essa *ação* chegará ao fim. O fato é que Ute tomou para si a responsabilidade pela vida de pessoas com realidades muito diferentes das dela. Permitiu-se e se abriu a essas diferenças que se dialogam constantemente entre si.

No espaço social da *Associação Comunitária Monte Azul*, é possível ver a movimentação de muitos voluntários advindos de vários cantos do mundo e de pessoas de várias condições sociais agindo juntas. Percebe-se a efervescência de uma pluralidade riquíssima, que, contudo, *age* em prol

<sup>49</sup> HANNAH ARENDT. *A ação*. In: *A condição humana*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2010, p.p.219-220.

do fortalecimento de tradições culturais e festas populares, tais como as lembrada por Cido: a *Folia de Reis* e a comemoração da *Semana Santa*.

As festas populares religiosas são realizadas, mas não como as liturgias religiosas, talvez como fonte de separação do povo. Nas comemorações, pessoas de várias crenças participam e oferecem sua contribuição, cada um a seu modo.

Tanto Cido quanto Maria não se sentiam capazes de realizar o que Ute propunha. Seja por impedimentos sociais que inviabilizavam tentativas de emancipação ou por questões relacionadas aos estados interiores de ambos.

Contudo, os recordadores sentiram-se fortalecidos com essa vivência de participação social que se transformou em uma experiência de *enraizamento*. O grau da influência de Ute na vida de Cido e Maria não é possível de mensurar, mas é passível de compreensão em intensidade e sentido.

Para Simone Weil, o *enraizamento* é a necessidade mais importante da alma humana e uma das mais difíceis de definir. Diz respeito à participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade. Ainda para a autora, cada ser humano precisa ter múltiplas raízes.<sup>50</sup>

Entre Cido e Ute aconteceu o que Simone Weil compreendeu por *trocas de influências*<sup>51</sup>. Segundo a autora, essas trocas acontecem entre meios muito diferentes e são muito importantes como efeitos enraizadores. Essa *troca* é recebida como um estimulante que torna a vida mais intensa : [...] “*não deve alimentar-se das contribuições externas senão depois de as ter digerido*”. Nesse sentido, o contato entre Ute e Cido beneficiaram a ambos, que se engrandeceram com a experiência dessa relação, tanto eles próprios como aqueles que estavam ao seu entorno.

Não podemos nos esquecer que Cido apresentou a Ute uma série de informações, contatos e conhecimentos a respeito de sua cultura também e foram, de modo muito singular, *incorporadas* por Ute.

Por sua vez, Marcel Mauss, ao escrever sobre trocas e dons em **Dom, contrato, troca**, afirma que em todos os tipos e graus de civilização, as *trocas* e os *dons*:

*[...] que ligam as pessoas se efetuam a partir de um fundo comum de ideias: a coisa recebida como dom, a coisa recebida, em geral compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário. Vindo de uma pessoa, fabricada ou apropriada por ela e sendo dela, confere-lhe poder sobre o outro que a aceita. [...] No caso em que a prestação feita não é retribuída na forma jurídica, econômica ou ritual prevista, o doador leva vantagem sobre aquele que participou do festim e absorveu suas substâncias, sobre aquele que desposou a filha ou se ligou pelo sangue sobre o beneficiário que faz uso de uma coisa encantada com toda a autoridade do doador. [...] a prestação – tipo entre os antigos germanos e escandinavos é o dom da bebida; a cerveja; em alemão, o presente por excelência, é aquilo que derrama. [...] os dons consistiam essencialmente em bebidas*

<sup>50</sup> WEIL, Simone. *O Desenraizamento*. In: **O Enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.

<sup>51</sup> MARCEL MAUSS. *Dom, Contrato, Troca*. In: **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2015, 365.

*tomadas em comum, libações oferecidas ou a retribuir. [...] é sempre um encantamento que une para sempre os comunicantes.*

O termo *dom* possui ainda uma conotação ambígua que vale ressaltar: a bebida mágica converter-se-ia em um encantamento delicioso, podendo adquirir um efeito bom e/ou mau.

A expressão ressaltada pelo autor pode incluir também os venenos, condição não explorada nesta pesquisa e que poderia trazer um sentido marcante pela experiência da recordação em virtude de um contato enigmático e/ ou traumatizante em torno da pessoa lembrada.

Nessa pesquisa, então, as recordações dos lembradores fundaram-se, sobretudo, em experiências de *enraizamento* norteadas por sentimentos de inspiração e admiração pela pessoa recordada, preponderantemente.<sup>52</sup>

Assim, é válido afirmar que aquele que oferece *dons* a outros adquire o poder da autoridade. O *dom* ofertado estabelece uma ligação entre aquele que oferece e o que recebe.

Aquele que recebe ‘absorve suas substâncias’, o que compreendemos por influências. Essa ligação transforma-se em um encantamento que liga para sempre os comunicantes. No caso, a oferta de *dons* aqui apresentada é de ambos os lados. Cido e Maria retribuíam as ofertas de *dons* de Ute.

Alguns exemplos *das trocas de influência* podem ser citados, como o contato de Ute com a comida típica advinda do milho, o conhecimento sobre a comunidade que Cido estava inserido e sua realidade social e familiar, como, por exemplo, informações sobre os modos de vida locais, assim como comemorações e festas populares tipicamente brasileiras, tais como a *Festa do Divino* e a *Folia de Reis*.

As histórias contadas por Cido e sua família eram cuidadosamente anotadas por Ute e registradas em forma de diário, como bem lembrou o recordador. Além disso, ela própria *sorvia* o alimento ofertado por Cido e sua família, captando a essência do conhecimento adquirido e apropriando-se desse saber que se traduziu em experiências singulares de participação e criação de festas populares únicas.

A festa de *Folia de Reis* realizada pela *Associação Comunitária Monte Azul* inicia seus ensaios todos os anos em setembro para se apresentar em diversas instituições, como bem lembrou o depoente, até início de janeiro de cada ano.

A amiga evocada é uma pessoa enraizadora, pois possui múltiplas raízes e é capaz de enraizar outros. Suas raízes, por estarem solidamente ‘internalizadas’ possibilitou-lhe entrar em contato com pessoas de diversas nacionalidades, sem ter nem mesmo o conhecimento da língua

---

<sup>52</sup> MARCEL MAUSS. *Dom, Contrato, Troca*. In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2015, 365.

natal. O fato de não conseguir ‘dominar’ o idioma não era empecilho para que estabelecesse com outros uma comunicação bem sucedida e expressiva, como bem lembrou Cido sobre sua habilidade em conversar e aprender rapidamente a língua desconhecida.

Isso porque Ute acreditava na capacidade existente em cada ser humano de se entender além da linguagem verbal. Acreditava na possibilidade de uma comunicação essencial existente em cada cultura, independentemente das condições locais: aquilo que nos assemelha como humanos.

Ute, por ser uma fonte de comunidade, não demonstra apego, mas sim *amor* à raiz. A partir dessa necessidade radical, estabelece comunicação com as raízes de outros que se faz por meio de um amor desprendido, como afirma Weil, um amor fundamentado, na verdade que atua como vasta influência, tornando-se força agente.<sup>53</sup> É um amor que se orienta com respeito e atenção às raízes dos outros, supondo para tanto, uma raiz própria.

A pessoa evocada tratava Maria e Cido, os depoentes que se lembram de si, suas palavras e feitos no mesmo nível e grau de *atenção* e respeito, fundamentado no reconhecimento de suas presenças e costumes. A igualdade é um traço característico do modo de Ute tratar Cido e Maria é uma fonte de *enraizamento*.

Também, Ute não somente foi capaz de tratar outros com igualdade, mas também foi hábil em torná-los agentes. Isso só foi possível porque reconheceram em si uma influência fundamentada, na verdade, uma hierarquia simbólica: tinha consciência de sua capacidade de despertar em outros o mesmo grau de devotamento e respeito às necessidades e obrigações comunitárias, tratadas com o mesmo nível de respeito.

Assim, a função de educador na *Associação*, podia ser desempenhada não por quem adquirira certo conhecimento formal, mas por quem possuía um conhecimento diferente advindo da experiência comunitária. Também, um educador tinha o mesmo grau de respeito endereçado a quem participava da elaboração da comida e da manutenção dos locais utilizados para os encontros. Cido relembra: a comida para Ute é algo sagrado. Tudo é importante, as pessoas e suas realizações.

Ute reconhecia na comunidade local a necessidade vital de aprofundar suas raízes em um território que se fazia desenraizado. Por meio de atividades enraizadoras, quais sejam, agentes comunitários locais cuidarem de seu próprio território e habitantes, as pessoas foram incitadas a se apropriarem pelo pensamento de tudo o que se apossaram por muito tempo e continuamente para o trabalho, o lazer e suas necessidades, o que propiciou o surgimento de um sentimento de

---

<sup>53</sup> WEIL, Simone. *O enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001, p.229.

pertencimento do espaço e de uma fonte identitária comum, na qual a pluralidade é consentida, pois há espaço para a *liberdade* e a diferenciação.<sup>54</sup>

Simone Weil discorre a respeito das necessidades da alma e seus efeitos enraizadores. Todas elas, a necessidade da *ordem*, da *liberdade*, da *obediência*, da *responsabilidade*, da *igualdade*, da *hierarquia*, da *honra*, do *castigo*, da *liberdade de opinião*, da *segurança*, do *risco*, da *propriedade privada*, da *propriedade coletiva* e da *verdade*, que se tornam a própria fundamentação de princípios enraizadores.<sup>55</sup>

O sentimento de obrigação devido a um igual, pois que reconhecido em sua humanidade com necessidades como o alimento (tanto físico como *afetivo*), a segurança, a propriedade, a dignidade advinda do suprimento do vestuário que alivia o calor e o frio, também aquela que advém da higiene e dos cuidados em caso de doença.

Sabe-se que a comunidade *Monte Azul* era privada, no início de sua constituição, das estruturas mínimas para condição de sobrevivência da população local, tais como uma moradia segura, água e energia elétrica, assim com a canalização de córregos com esgoto não tratado, dentre outros. A crueldade advinda da negação dos cuidados mínimos da sobrevivência de cada ser humano pode atingir a vida de uma pessoa, sem se materializar na privação corporal.

Há também certos alimentos que só podem nutrir a alma. O respeito à coletividade, segundo Simone Weil, advém do reconhecimento de que pode alimentar um conjunto de almas, até mesmo as gerações seguintes e caso seja destruída ou desenraizada, não poderá ser substituída.<sup>56</sup>

O ser humano tem sua raiz por sua participação ativa e natural. Ute trazia para as crianças a experiência de uma *vivência entusiasmada*. Esse despertar de um *dom* pelo sopro de elevação de Ute levava as crianças a um comprometimento e uma viva colaboração para a experiência de participação.

Pessoa não convencional, as regras de convivência com Ute não eram definidas pelos laços do matrimônio oficial. Com ela conviveram na mesma casa grande parte da família de Cido e outras pessoas que se alimentavam do mesmo espírito comunitário. Cido mesmo conviveu com Ute na mesma casa durante onze anos.

---

<sup>54</sup> Cf. WEIL, 2001, p.36.

<sup>55</sup> WEIL, Simone. *As necessidades da alma*. In: **O enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.

Cf. Weil, 2001, p.11

Ute estabelece alianças não matrimoniais que atendem às necessidades das pessoas que passam, então, a se apropriarem das fontes enraizadas exemplificadas por ela, independentemente do vínculo de parentesco. Sua casa que abrigava pessoas que se *nutriam* do mesmo sonho torna-se, em pouco tempo, uma escola de *estrangeiros* e aliados.

Também possui uma capacidade de improvisação fraterna, pois criou instituições a partir de necessidades compartilhadas por pessoas estranhas, unidas no provimento dessas obrigações. Quando supridas, as necessidades do corpo e da alma despertam muito *entusiasmo*. Seu espírito comunitário despertou nessas pessoas que comungam da mesma experiência de participação uma *aparição* também comunitária.

### 5. Nilza

Formada em Direito, pedagogia e matemática, atualmente advogando e aposentada 67 anos,  
Entrevista realizada em 25/07/18

Nilza, assim como Adriano, conheceu o dentista Adilson sob perspectivas diferentes: em um primeiro momento, em função de seu ofício de dentista. Durante muitos anos, o contato entre os dois era mediado pelo ofício de Adilson. E assim poderia ter permanecido se Adilson não tivesse decidido mostrar a Nilza um Réquiem.

Adilson gostava muito de música clássica e era comum que as ouvisse enquanto atendia seus clientes. Foi assim que entre os dois nasceu uma amizade, a partir do momento que Nilza teve conhecimento de que Adilson iria abrir um centro espírita kardecista juntamente com uma amiga em comum. Através do apoio solidário e concreto a esse projeto, a ligação entre os dois se estreitou, fato que permaneceu até o falecimento do amigo. Ainda hoje Nilza é assídua frequentadora do centro espírita que fundou com Adilson e amigos.

#### 5.a Do distanciamento ao universo dos afetos

O depoimento de Nilza sobre Adilson aparenta estar *aprisionado* à sua condição social e econômica, pois há uma recorrente valorização deste aspecto. Assim, suas lembranças apontam o amigo evocado reconhecido em seu prestígio e por seu posto social privilegiado. Tal fato, aparece sob um contexto de *afirmação* em várias passagens de sua narrativa.

É nesse sentido que seu depoimento pode ser compreendido como sendo uma narrativa mais distanciada. Não é que não estivesse, de certo modo, *ligada* ao amigo evocado, mas as características de sua personalidade são dadas e relacionadas quase sempre ao *prestígio*, algo que tonalizava sua narrativa, conferindo um aspecto um tanto *altivo*.

É assim que em vários momentos, ao perguntar a respeito das lembranças evocadas, recusava-se a esmiuçá-las e em algumas ocasiões, afirmava ter dificuldades para se lembrar ou simplesmente que não se recordava. Apesar disso, a personalidade marcante do amigo se sobrepõe, cujos traços complexos e ambivalentes são ressaltados e lembrados em razão de uma *aparência* altamente significativa de Adilson. Sua notabilidade surge, em várias passagens de seu depoimento, assemelhando-se aos traços evocados por Adriano.

O que tornou Adilson marcante parece ser sua habilidade, sobretudo, em quebrar expectativas de pessoas próximas e adotar um modo de ser mais ou menos liberto de convenções sociais. Nilza inicia seu depoimento lembrando-se da característica agregadora da personalidade de Adilson: reunia pessoas de ‘várias tribos’, pois transitava por lugares de diferentes condições sociais e culturais.

No entanto, suas lembranças sobre Adilson ganham certa particularidade, quando relembra de sua sensibilidade gerada, segundo a depoente, por uma mediunidade muito singular, pois era médium kardecista e não raro retratava em forma de música e pintura conhecimentos específicos da área, o que despertava certos espantos em outros, notadamente quando tocava músicas ao piano.

Essas lembranças sobre esse vínculo em comum são atravessadas também por essa memória grupal, fundada no conhecimento religioso da doutrina que os unia e que os aproximou, a ponto de fundarem juntos uma casa espírita em companhia de outros amigos.

Nilza também se recorda do aspecto generoso da personalidade de Adilson, quando narra a sua disposição em ficar com sua filha pequena para poder participar das reuniões semanais no centro espírita. Porém, retrata outros aspectos da personalidade de Adilson que matizam sua complexidade: um olhar penetrante que despontava em determinadas ocasiões, certo de tédio perante a vida e pessoas e suas festas marcadas por certo exotismo. A recordadora afirma: “nestas festas, trajando smoking e repleto de anéis, Adilson se fazia belo”. Percebe-se nessa afirmação, uma orientação existencial que valoriza o *prestígio*.

Revela uma ética e uma estética da existência no modo como Adilson vivia: a apreciação pelo belo, a reunião com os amigos em torno de assuntos sobre arte, sobre a vida. A alegria de viver com intensidade atravessada pelo sentimento de melancolia. Nilza afirma: “Adilson não era preso à rotina nem a convenções sociais.”

A depoente revela um aspecto da vida de Adilson: o clima de se fazer aparecer, de mostrar conhecimentos culturais entre amigos, por meio de encenações teatrais ou declamações de poemas que alimentava um círculo de vaidades entre eles. Quando Adilson revelava seus *dons*, nos poemas que criava, gerava a admiração geral de todos os presentes:

*Que um dia foi feita uma festa na casa dele e o pessoal chamou aqueles poetas urbanos, eu não me lembro o nome, Adilson ficou feliz, aqueles bonitinhos sentados na cadeira, tudo, mas chegou o momento, Adilson declamou um poema em agradecimento à presença deles. Foi um show, né? Eles já tinham dado um show e Adilson levantou e deu outro espetáculo, falando um poema da mente dele, da cabeça dele, inventando na hora porque ele tinha esses rompantes.*

Adilson revelava-se como um homem que tinha seus *rompantes*, qualidade afirmada pela depoente, que sabia se fazer ouvido, apreciado. Nilza sugere que a grandeza da formação cultural de Adilson deve-se, sobretudo, à influência de sua convivência com seu tio, que era psiquiatra, dotado de grande erudição e portador de uma vasta biblioteca. Isso se deu no período em que foi estudar odontologia, morando por algum tempo em sua residência em Uberaba, conhecendo também, Chico Xavier.

Recorda-se também que Adilson não costumava viajar para Minas Gerais sozinho quando já estava em São Paulo. Habitava-se a chamar os amigos para ir com ele. Nilza recorda-se que, em algumas ocasiões que chegou a viajar com o amigo para Uberaba.

Também se recorda de um traço da pessoa evocada em dias de oração, quando reunia os amigos em sua casa, sempre às quartas-feiras: Adilson tinha um *olhar penetrante*. A profundidade de seu olhar revelava a de seu espírito que buscava, sobremaneira, romper aparências de papéis sociais modelados por comportamentos automatistas.

Contudo, esse espírito mais ou menos livre, quase dotado de uma *mística*, gostava da boemia: “Ele gostava de beber, ele gostava de ir no bar “das prima”, ele não tinha, ele ia em tudo quanto é bar”.A depoente ainda afirma: “não era páreo para ninguém”. E gostava, sobretudo, de frequentar bares conhecidos por serem frequentados por prostitutas e travestis.

Outras ações geradas por Adilson e revelam uma personalidade complexa, que não seguia convenções sociais e que demonstrava a que tudo indica um gosto por quebrar expectativas de outros a seu respeito pode ser percebida nessa passagem da lembrança narrada por Nilza:

*Eu lembro que uma vez ele foi em um bar em São Paulo, eu não estava presente, mas as pessoas comentaram, ele chegou e... E o Adilson tinha um poder econômico bom, ele era dentista, era respeitado, mas ele têm amigos pobres e os meninos, sabe? Humildemente, um pediu coca-cola e o outro sabe? Coisa assim? Coisa simples e o garçom meio que questionou: só isso? Tal né? Não. Ai ele falou, me traz isso, isso e começou a pedir, na hora que encheu a mesa ele falou: Quanto deu? Agora tô indo embora, uma forma de tratar bem os amigos, porque é preciso respeitar, né? Não importa o pedido. Ele não deixou, nem chegaram a perceber. [...] Ele pediu só pra satisfazer o garçom né? Essa a ordem? Já atendido? Ok? Então ele tinha esses lances né?*

Mais uma vez, a recordadora descreve o amigo como uma pessoa que podia se vestir de modo muito sofisticado e elegante, mas, ao mesmo tempo, estar entre as pessoas mais simples, ‘alinhavando’ essas duas realidades e, assim, agregando pessoas de diferentes condições sociais.

Nilza também relembra essa função acolhedora que Adilson tinha, pelo hábito de escrever livros e textos com amigos. Ainda se recorda de sua vasta biblioteca e coleção de músicas levadas por parentes para Uberaba, quando faleceu. Também rememora de modo breve que Adilson não gostava de emprestar seus livros e que costumava cobrar os amigos.

Mais uma vez, o traço generoso da personalidade de Adilson é lembrado por Nilza quando relata: “Eu conheci o Adilson em 78 e a Cátia foi uma pessoa muito importante na vida dele também. Ela morreu. E ele cuidou muito dela. Ela estava doente, ele fazia curativo, o Lúcio também, ele ia escovar o dente do Lúcio, ele cuidava do Lúcio, ele tinha esse zelo”.<sup>57</sup> Assim, é possível perceber nessa passagem o traço de generosidade da personalidade de Adilson, capaz também de cuidar de amigos adoentados, com muita dedicação e espírito de doação.

As primeiras lembranças que Nilza possui de Adilson eram em função de seu ofício de dentista, que costumava realizar ouvindo músicas clássicas. Neste sentido, a recordadora relembra que o amigo gostava de apresentar seu gosto musical aos amigos, fazê-los entrar em contato, promover uma abertura:

*Eu conheci como dentista, então, a primeira vez que eu o vi, é... No consultório, ele falou: vou por um réquiem pra você e na época eu não sabia o que era um réquiem. Ai eu deixei ele por né? Que ele achou que eu entendia e eu não entendia nada dessas músicas.*

Nilza afirma o tom de amizade entre eles: “Aos poucos, a gente foi se desvelando um para o outro, né?”. As relações de amizade fundamentam-se nessa possibilidade mesma do despojamento, do desnudamento, onde aparecemos reciprocamente, em virtudes e vícios. Abre a possibilidade do conhecimento, de entrarmos em contato com sentimentos, pensamentos e experiências desconhecidos até então de modo suficientemente consciente, mas que, na maioria das vezes, já se encontravam internalizados por nós, aguardando nossa *atenção*. Uma abertura para se fazerem efetivamente presentificados e possibilitando, assim, um reordenamento de conduta, um ampliado do olhar.

Adilson que se fez um defensor dos amigos no restaurante em São Paulo, e se posicionou enfaticamente contra possíveis discriminações de classe, mostrou-se preocupado com a gravidez de Nilza, o que a fez pensar que estava agindo de modo preconceituoso com ela: “Eu fiquei grávida, eu achava, eu achei muito engraçado que ele falava assim: você quer passar um tempo em Uberaba? Não é melhor você por uma aliança? E eu falava: “Adilson, você com preconceito? Não, eu não!”

Também, a figura da pessoa evocada como um personagem exótico e mítico aparece nessa evocação de Nilza, que denota certo ar de mistério à narrativa:

*Ele falou uma vez que veio um senhor pedir na casa dele comida, mas chegou desesperado e deixou, deu um relógio e esse relógio foi perguntado, é um relógio de série, né? Tem poucos exemplares. E esse senhor, ele achava que era algum fugitivo da África, alguma coisa assim, algum nobre, porque pediu dinheiro e deixou o relógio. Ele não queria ficar com o relógio, mas ele fez questão de dar. E ele arrumou dinheiro pra pessoa que a pessoa*

---

<sup>57</sup>Lúcio era um amigo muito próximo de Adilson, chegou mesmo a morar em sua casa, durante muito tempo. Como estava muito debilitado pela doença, Lúcio teve AIDS em uma época em que não havia muito tratamento disponível, Adilson que era dentista, além de outros cuidados, chegava a cuidar de seus dentes periodicamente.

*precisava. Não sei quanto era porque ele não era de muito contar, tá? Ele contou o fato que era um relógio de numeração. Desses de fabricação limitada com poucas séries.*

Como Nilza se lembra de Adilson é muito peculiar: apresenta em vários momentos de sua narrativa certa recusa em estender-se na atenção de lembrar-se, por isso, sua forma de recordar-se pareceu se revelar mais funcional, mais diretiva e objetiva. No entanto, o que poderia parecer uma característica de seu depoimento, demonstrou em sua qualidade revelar traços da identidade psicológica da recordadora, a quem o mundo parece tonalizar-se em seus aspectos mais práticos e formais e, portanto, menos orientado ao universo dos afetos.

Nilza afirma que o amigo queria que as pessoas se desenvolvessem culturalmente: deixava livros espalhados pela casa e coisas que queria que os outros soubessem. Desejava que se interessassem pela pintura, poesia, filosofia, música... Tratava pessoas de diversas condições sociais com muito respeito e não fazia julgamentos sobre a vida dos amigos. Adilson ao estar com os amigos despertava em outros, necessidade de elevação e uma busca pela intensidade da vida.

A amizade de Adilson com os amigos fazia-se constituída por uma profunda riqueza e grandiosidade, ao possibilitar que as expressões de amizade se revelassem de modo a provocar o espanto e a espontaneidade, nas quais as áreas de atrito não eram de modo algum evitadas: isso causava estranheza e afastamento de uns e outros, mas os amigos sempre retornavam e a amizade, com isso, crescia em diferenças e respeito.

Contudo, ainda que suas lembranças sejam tonalizadas por valores como *prestígio*, em determinados instantes, os espaços de afeto entre a depoente e a pessoa evocada crescem em sentido. Apesar das lembranças ancorarem-se muitas vezes em estereótipos na *memória de pessoa*, o aspecto singular da relação entre depoente e pessoa evocada surge com toda força e *verdade* quando se fez marcante na vida do lembrador, capaz de, por alguns instantes, fazer desprender o recurso da lembrança de padrões normativos, conferindo-lhe espontaneidade e vivacidade.

Traços de generosidade da identidade psicológica do amigo evocado não passam despercebidos, apesar da posição social da depoente nortear toda a narrativa a ponto de ter dificuldades em se libertar de certas convenções sociais. Parece que esses traços eram muito valorizados por Nilza que buscou ressaltar em vários trechos de seu depoimento, exemplos de desprendimento, cuidado e atenção de Adilson com ela e amigos.

## 6. Adriano

41 anos, professor de artes

Entrevista realizada em 27 de julho de 2018.

Adriano conheceu Adilson ainda criança, quando frequentava seu consultório de dentista com sua família. Mas o conhecimento que Adriano tinha sobre Adilson era muito diferente daquele que teria no futuro, como amigo.

São olhares diferentes sobre a pessoa evocada. O olhar sobre Adilson como amigo permitiu-lhe lembrar-se dele com espontaneidade, onde os traços das recordações acerca da pessoa evocada surgiam, até mesmo, em suas ambiguidades. A figura do amigo querido despertava-lhe aproximação e distanciamento, admiração e certa tensão em razão de sua personalidade generosa e um tanto *bélica*, como bem se recordou o lembrador.

Em função de problemas pessoais, a mãe de Adriano, que era amiga de Adilson, pediu-lhe que se aproximasse do filho a fim de lhe orientar o caminho. Adriano gostava muito de artes em geral e acabou se formando em Educação Artística, um gosto comum compartilhado com o amigo evocado. E foi assim, que em um dia, ao se encontrarem nas ruas do bairro onde moravam, resolveram marcar uma conversa que se transformou depois em uma grande amizade que perdurou até o falecimento de Adilson, em 2005.

### 6.a Um amigo nada convencional

A quebra de expectativa foi um traço marcante destacado por ambos lembradores em relação à identidade psicológica de Adilson. Talvez tenha sido a única pessoa de referência a ser recordada em suas contradições e ambiguidades.

Justamente por isso, Adilson revela-se como uma pessoa marcante. E é assim que Adriano recorda-se do amigo evocado: uma pessoa que transmitia uma força singular por meio de uma estética e uma ética da existência. Uma pessoa agregadora, extremamente generosa, mas, ao mesmo tempo, *bélica*.

Segundo o recordador, adorava transmitir conhecimento e despertar interesse dos frequentadores por meio de seus livros, CDs, esculturas, quadros, tapeçarias e outros elementos culturais que dispunha de modo a chamar a atenção daqueles que entravam em sua moradia. Muitos pertences exóticos, carregados de significados culturais, dispostos e organizados de modo a dar sentido ao seu modo agregador.

Adriano recorda-se desses objetos culturais que compunha a atmosfera do lugar onde Adilson recebia seus clientes e também seus amigos: diversos tapetes, a tapeçaria na parede, as peles de animais, a heráldica, os vasos indígenas, as esculturas em gesso e metal, as louças de pedras, cálices, castiçais, móveis coloniais...

Eram frequentes as reuniões dos amigos em torno de assuntos em comum: livros de filosofia, artes, conhecimentos em geral, o gosto pela conversa:

*É... O Adilson indicava, fazia indicações literárias fantásticas, filosóficas, a gente passava horas tendo conversas profundas sobre a vida, sobre a existência e também a gente começou a escrever junto, né? Passou a ter uma produção literária conjunta porque aparentemente o Adilson também já teve outras, mas sempre foram coisas rápidas com outras pessoas, né? E eu acho que essa produção foi um incentivo pra ambos, né?*

As lembranças de objeto evocadas por Adriano estabelecem traços das relações entre os amigos: cuidar da biblioteca, indicações de livros, conversas baseadas no conhecimento dessas obras relacionadas a temas do cotidiano. Tudo isso ajudou a construir um laço entre eles que pareceu nortear as escolhas de vida de muitos que frequentaram a casa do amigo. Os amigos reuniam-se para cuidar de sua biblioteca:

*Sobre a produção mesmo do que a gente fazia, a, a... Tem algo também legal sobre a biblioteca, né? Às vezes, assim, eu e algum outro amigo, por exemplo, o Sandro, né? Que foi um grande amigo que a gente conheceu e hoje a gente tá um pouco distante, e hoje é um professor de português, fez Letras, né? Então a gente tinha essa identidade com a Literatura, ele também ajudou a cuidar da biblioteca, né? Então a gente limpava, tirava o pó, organizava os livros, né? É... Com o passar do tempo, o Adilson foi diminuindo o interesse pela biblioteca também.*

O amigo possuía uma personalidade que esboçava traços relacionados a uma ética e uma estética da existência, aspecto também lembrado por Nilza. Nota-se nesse trecho do depoimento de Adriano, um elemento mítico, quase sobrenatural matizando suas lembranças, em torno de Adilson:

*Na casa do Adilson tinha, acho que um baú assim, né? Muito grande, muito bonito e era uma coisa muito curiosa, né? Porque ele ficava na sala do lado de uma cristaleira, né? Cristaleira, essas coisas, muito coisa de mineiro, né? Por cima desse baú, ele deixava, às vezes, alguns objetos de decoração, com toalha, alguma coisa. Um dia eu perguntei que tinha dentro do baú, né? E ele disse que a grande obra da vida dele tava lá dentro e que ele um dia talvez, talvez, ele ia me mostrar, anos depois, eu não sei exatamente como nem quando, ele abriu o baú. O que eu vi, é que era uma, era como se fosse uma pequena memorabilia, sabe? Havia algumas pinturas que ele fez, alguns recortes de jornal que ele tinha sido notícia, por ser destaque de algum concurso de artes plásticas quando ele era novo, tinha foto, tinha alguns diários, né? Mas eu não lembro de ter nenhum poema dentro desse baú, né? É... Mas o conteúdo do diário, que eu vou manter em segredo, em respeito à memória do Adilson, eu li o diário, ele me mostrou, né? E... O que eu posso dizer é que dentro do diário, era um relato comovente do período mais feliz da vida do Adilson. É... Eu entendi naquele momento que o Adilson optou pela poesia da própria existência, deixando de lado, em segundo plano, a literatura, né? Então eu acho que quando eu falo poesia é na, é na... O Adilson tinha uma ética de viver, de fazer as coisas, né? Eu acho que ele não chamava de ética, né?*

O traço extremamente generoso de sua personalidade pode ser demonstrado na seguinte passagem narrada pelo depoente:

*Muitas pessoas moraram com o Adilson também, né? Conheci algumas delas, outras eu só soube pelas histórias e essas pessoas e essas pessoas, todas essas histórias formavam uma mitologia em torno do Adilson, né? Algumas histórias dessas pessoas eram tristes, algumas também inspiradoras, tem a história de uma senhora cega que também viveu na casa dele, tem outra também que era uma empregada velha que estava para se aposentar, ele meio que chamou ela para viver com ele, e ele comprava roupas, deixava ela super elegante, levava pra sair nas rodas sociais assim e era uma coisa muito interessante e ela um dia disse que ela queria aprender a pintar, mas ela nunca tinha pintado na vida e o Adilson comprou o material pra ela, as coisas e ela começou a pintar e ela meio que magicamente, assim em um mês, ela tava pintando os quadros e na casa do Adilson tinha uns quadros que ela mesma pintou, né? É...*

Aqui se percebe que Adilson era um homem de ação, pois realizou feitos inesperados que não aconteceriam sem a sua influência, como o fato de ter acolhido em sua casa uma mulher (que era sua empregada) e que depois, ao envelhecer, acabou se tornando pintora, graças ao seu apoio.

Adilson era uma pessoa que não se apegava a convenções sociais, tanto no que se refere às questões de classe, como questões religiosas, de gênero e de conduta, como veremos em outras passagens dos depoimentos de Adriano e também de Nilza.

Ao agir e ao falar, Adilson revelava seu aparecimento no mundo, sua identidade pessoal única e uma verdade reconhecida pelos amigos, como uma ética da existência, pois tratava as pessoas, independentemente de sua condição social com igualdade e atenção.

O caráter inspirador de sua personalidade envolvendo um aspecto sobrenatural e mítico em torno de sua figura pode ser demonstrado também nessa passagem recordada pelo lembrador:

*E era comum ele lembrar da mãe dele, por exemplo, a mãe dele, se não me engano, era parteira na cidade natal, que eles nasceram, se não me engano, acho que era Monte Carmelo, ela, ele dizia que ela era uma mulher a frente do tempo, né? E... E... Desde cedo, ela tentou ensinar valores da vida pra ele e pros irmãos também, né? Pelo que sei. E uma noite, quando ele ainda era uma criança, ela fez ele levantar e acompanhar até a casa, não sei tava chovendo também, ele falava, ele andou muito, bastante com ela e até a casa de uma mulher dar à luz, né? E quando ele perguntou: o que que a gente tá fazendo aqui mãe? Ela falou: tal pessoa vai dar à luz e ela entrou no quarto e ele ficou lá esperando, né? E dizia que ele ficava olhando pra lâmpada do teto balançando e aquela luz e provavelmente ele fazia alguma associação muito maluca daquela luz ser causada pela mãe dele também, né?*

O aspecto ilustre de sua figura, tonalizado por matizes míticas, também são ilustradas nessa passagem:

*É... Outra história, que também é bem interessante, essa também ter a ver com a literatura também é ele e o Ricardo foram tomar um café da tarde com a Cora Coralina e aí ele entregou um livro para ela autografar, dela né? E ela folheou e falou: Ah! Isso aqui não fui eu que escrevi! E ela começou a corrigir o livro, ela riscava e escrevia os versos e isso numa quantidade absurda de poemas, por sorte, eu cheguei a ler esse livro, foi emocionante ver o livro que a própria poeta, ela corrigiu, ela recriou os versos, ela reescreveu né?*

Esse aspecto de sua personalidade alia-se ao seu espírito poético. Uma pessoa polivalente: dentista, escritor, médium kardecista, desenhista... Repleto de amigos, pessoas de diferentes condições sócio-culturais que costumeiramente se reuniam em torno de sua figura emblemática e que, provavelmente, jamais se encontrariam em outras circunstâncias na vida.

Adilson era também escritor e em torno dessa ocupação agregava os amigos. Adriano descreve uma cena, aos moldes de um pintor, sobre o amigo evocado que retrata um costume que acontecia frequentemente, às tardes. A lembrança parece vir aqui em sua pureza:

*O último trabalho que eu lembro que ele começou a produzir era um livro que ia se chamar Livro dos Dias, que era pra ser um prólogo de alguém que passava as tardes na janela, né? Como ele fazia, todas às tardes pitando um cigarro na janela, né? Que dava pra rua, da biblioteca, na verdade, era a janela da biblioteca, e quando ele observava a rua ele ia criando o devaneio e as impressões que o mundo ia causando, né?*

Um toque pitoresco às lembranças de Adriano sobre Adilson também pode ser demonstrado nessa seguinte passagem:

*E havia um amigo do Adilson que meu irmão lembrava com muito carinho, né? Em especial, que era um argentino e eu não lembro exatamente o nome dele. É... Eu não cheguei a conhecer ele porque já tinha morrido. Ele ajudou o meu irmão durante um ano inteiro com correção de matemática. O meu irmão tava indo muito mal na escola e aí, esse argentino, era muito bom em matemática e acabou ajudando meu irmão, assim, vários dias da semana, durante o ano inteiro, meu irmão passou de ano, foi super legal, né? Anos mais tarde eu conheci a família desse argentino, na primeira vez que eles vieram para o Brasil, e eles vieram fazer uma visita pro Adilson, pra família do Adilson, né? E a segunda vez que os vi foi que eles vieram buscar os ossos desse parente que havia falecido, eu não sei se ele ia passar por exumação, eu não lembro se ele chegou a ser cremado ou só exumado, né? Mas eu lembro que os ossos, esse amigo falecido, ficou alguns dias na casa do Adilson, né? Porque os argentinos ainda iam lá, tiveram que viajar de novo pra mais alguma coisa, e eu lembro que parece que eles ficaram na escadaria, na entrada da casa do Adilson, ficavam lá um tempo, uns dias assim, uma coisa maluca, que eu acho que o Adilson também deve ter achado maluco um pouco demais né?*

O traço extremamente generoso da personalidade de Adilson pode ser verificado nesse acolhimento desmedido e que muitas vezes, acabava por criar tensões entre os amigos que, de certo modo, *abusavam* de sua hospitalidade.

Adilson acolhia em sua casa pessoas de todas as condições sociais e muitos amigos encontravam-se ‘perdidos’, ‘desorientados’ e encontravam em sua pessoa uma sustentação. Era comum alguns deles, terem uma história de dependência química e depressão, como o relato a seguir, recordado por Adriano:

*[...] o Mário Ferrari brigou com o Adilson, uma certa, como outros amigos também do Adilson, que também às vezes, sei lá, tinham algum tipo de crise e se afastavam e conforme ia passando o tempo, com o passar dos anos, eles acabavam voltando e o Mário foi um desses.*

Nesse momento do depoimento de Adriano como em outras passagens, suas lembranças adquirem uma tonalidade sombria, *amuada*, termo utilizado pelo recordador para descrever a cena lembrada do dia em que se tornou amigo de Adilson, definitivamente, pois em um primeiro momento, o amigo evocado era somente dentista da família e mais próximo de sua mãe e de seu irmão.

Adilson é lembrado pelo depoente também como alguém irritado, cansado de um *estado de coisas*, que se impacientava com barulhos e movimentações em excesso. O tom de sua lembrança se dá de modo divertido, descontraído, com um toque de tristeza em uma tensão de aproximação e distanciamento, ao mesmo tempo:

*Sobre a biblioteca ainda, bom, ele tinha o costume de emprestar livros com frequência, muita gente não devolvia ou às vezes devolvia com certa falta de cuidado e ele foi se tornando mais seletivo nos empréstimos, né? A cadernetinha ele marcava pra quem é a data que o livro foi emprestado e ele ficava muito irritado com os livros que não voltavam. Com o passar do tempo ele baixou os empréstimos a zero, né? Sobre a manutenção da biblioteca, às vezes recebia ajuda de outras pessoas, procedimento era quase o mesmo assim, o trabalho era regado a cervejas, cigarro, a gente tirava todos os livros, limpava, sempre tava cheio de poeira, tentava colocar na melhor ordem possível, mas pra limpar, por causa do espaço, do lugar, a gente acabava fazendo uma bagunça muito grande pra reorganizar depois, né? E... Quando chegava perto do fim ou na metade, o Adilson ficava muito impaciente, ficava louco, por causa de toda movimentação que exigia aquilo, né? E ele falava: eu vou doar tudo isso daí, eu não quero mais saber disso, e aí isso virou um bordão quase porque sobre a biblioteca dele, talvez foi a frase que eu mais escutei: eu vou doar tudo isso daí, eu não quero ficar mais com nada, ficar com um pouquinho de livro, mas eu não quero mais saber disso, né? Ele falou, falou, falou mais nunca ele desfez da biblioteca. Nunca desfez.*

O lembrador finda seu depoimento sobre o amigo de modo muito profundo e comovente. Nessa passagem, os traços de generosidade, belicismo e sua paixão pela vida são ressaltados, como mostrado a seguir:

*[...] O Adilson tinha vários vícios, mas muito mais virtude, né? Ele era uma pessoa cheia de compaixão, generoso demais. A generosidade dele, talvez era uma coisa que, era muito grande, né? Eu encontrei pouquíssimas pessoas tão generosas quanto Adilson. [...], Mas o Adilson apesar de várias virtudes também era extremamente bélico, né? Algumas vezes ele era muito bélico né? É... Bélico no sentido assim, quando amigos ou pessoas restringiam a paixão dele pela vida, ou a liberdade dele, cobravam ele demais, ele ficava muito bravo [...] Ele não era nenhum santo, ele detestava que as pessoas olhassem ele como mestre, pra muitos era inevitável, né? Ele amava a vida, ele amava festa, ele era o tipo corpo dionisíaco de alma romântica, ele buscava a intensidade da vida e com certeza e com certeza é o que mais buscou, ele buscava, ele, ele... e quando não tinha isso ele ficava muito pra baixo, então ele era uma pessoa que precisava de intensidade né? E eu acho que essa é a lição derradeira que ele deixou pra mim, né? Ele me deixou assim que para além do sentido da busca pelo sentido da vida, né? Porque às vezes a gente pode não encontrar esse sentido, mas a gente pode encontrar paixão, a gente pode encontrar paixão pela vida, pela beleza, através da intensidade de existir, de uma intensidade, de um querer tá vivo, de um querer coisas, né? Eu acho que... Essa forma de vida que ele criou pra ele é o que fica pra mim e é o que me diz todo dia: você tem que criar a tua vida, né? A minha. Por isso que eu tinha dito anteriormente, que no pensamento não é igual a do Adilson, as crenças não são igual do Adilson, mas essa busca pela intensidade da vida é aonde eu me reencontro, é onde eu tenho um bom reencontro com a memória do Adilson!*

## 6.b Uma ausência que se faz presença

Ao longo da narrativa de Adriano é possível perceber uma polarização entre ausências: uma ausência que diz respeito ao lembrador, onde suas memórias adquirem uma tonalidade sombria e, utilizando das palavras do próprio recordador, até melancólica.

Essa tonalidade pode ser melhor percebida quando narra passagens a respeito da relação de Adilson com sua família e lembranças de sua infância, quando adquire o primeiro contato com o amigo evocado.

A segunda ausência, sentida em seu depoimento, diz respeito à relação entre ambos. Apesar disso, Adriano percebe as qualidades do amigo evocado, sua busca pela intensidade da vida e sua extrema generosidade.

No entanto, também ressalta e com certa evasão, nesse instante, o trabalho em comum realizado com Adilson que era a de escrever um livro, colocando-se como um *mero escriba*. Ressalta o ciúme dos amigos em torno de sua figura, assim como o próprio distanciamento de Adilson em relação aos frequentadores de sua casa.

A passagem a seguir, revela a ligação ambivalente que Adriano mantinha com Adilson, uma aproximação que se fazia distante: *“E eu, assim, eu trabalhava muitas vezes, mais como um escriba e, e... anotando, digitando, às vezes, aconselhando, falando: ó, corrigindo alguma coisa mesmo, dando sugestão, ele aceitava muito bem, né? Não existia essa vaidade né?”*.

Nota-se que Adriano utiliza o termo escriba para relatar que prestava serviços a Adilson, em torno da escrita do livro, revelando uma tonalidade contrariada, mas que ainda assim, fundamentada em uma amizade que possibilitava críticas, diferenciação e ambiguidade baseada em laços de uma relação igualitária.

Em outro momento, Adriano enfatiza os traços depressivos e irritadiços da personalidade de Adilson, bem como o afastamento e distanciamento de amigos em comum. Todos esses relatos dão uma tonalidade *acabrunhada* e solitária ao seu depoimento que, no entanto, consegue, ainda assim, ressaltar grandes e inesquecíveis traços da personalidade do amigo evocado, conferindo-lhe até mesmo, um aspecto mítico e/ou sobrenatural.

Também, há espaço na narrativa de Adriano para uma tonalidade espirituosa ao lembrar-se, com certo divertimento, das constantes irritações do amigo, em relação a sua inadequação quando do manuseio de uma máquina de datilografar: *“Um dia, pareceu uma máquina de escrever elétrica, né? E por um tempo, ele tinha uma certa dificuldade de usar, né? E era divertida ver a irritação*

*dele, né? Dizia que que as máquinas de escrever tradicionais eram mais práticas pra manusear, né?”.*

Suas primeiras lembranças sobre Adilson, entremeadas pelas lembranças de família, são narradas por Adriano como advindas de um contato *banal*, cotidiano, pois o amigo evocado era dentista da família.

Conforme a narrativa de Adriano, a amizade com Adilson foi algo que se estendeu por toda a família: as lembranças que possui sobre ele ancoram-se nas lembranças familiares e seus afetos, sobre o amigo em comum. Também, suas recordações se imbricam com as memórias de sua própria infância, de quando ia ao consultório, com sua mãe.

A cena evocada de Adriano sobre a sala de espera do consultório de Adilson adquire também uma tonalidade *amuada*:

*Lembro também que às vezes, quando minha mãe ia no consultório e eu acompanhava ela, ia também fazer tratamento, ficava na sala de espera e de vez em quando uma ou outra pessoa passava, né? É... Passava super silenciosa, cumprimentava, depois voltava com um cigarro na mão, né?... É...*

Essa passagem da narrativa de Adriano parece revelar seu modo singular de se lembrar de Adilson e sua admiração sedimentada nas lembranças por essas pessoas que compuseram sua infância, mais tarde, possivelmente orientadoras de sua personalidade, como se parece: *“mais tarde, eu também, vim a ser uma dessas pessoas que às vezes passavam por ali e tinha alguém pra tratar de dente, também ia cumprimentar e fazer aquela coisa. É...”*

A melancolia como um estado recorrente de seu depoimento também parece estar relacionada com os modelos que via passar, em frente ao consultório de Adilson. Pessoas de caras sérias, caladas, ensimesmadas, que transitavam pelo local fumando *elegantemente*... Parece que Adriano admirava essas pessoas e no fim dessa lembrança, afirma que mais tarde passou a *imitá-las*. Esse sentimento parece se fazer presente como um filtro, um modo de olhar poetas e boêmios que por lá passavam e que, de certo modo, identificou-se.

Os traços evasivos das memórias de Adriano, norteados por certa nostalgia, aparecem mais notadamente quando evoca suas lembranças familiares acerca do amigo em comum:

*Sobre a relação do Adilson com a minha mãe, a minha mãe era uma mulher muito religiosa, né? E quando ela conversava com o Adilson, muitas vezes a conversa entre os dois girava em torno de espiritualidade, de família, é... muitas vezes, é... Ela levava livros pra casa emprestados do Adilson, né? Os livros sempre com temática espiritualista, né? O meu irmão na juventude ele teve ligações com o Adilson, na casa do Adilson, com os amigos do Adilson também, né? O Adilson também levava ele pra passear nas noites paulistanas, tal e... Quando meu irmão lembrava disso e vinha me contar, ele contava com muita alegria, né?*

A amizade de sua mãe com Adilson apoiava-se em algo que nutriam em comum: a espiritualidade. A de seu irmão era sua identificação com os amigos de Adilson e os passeios que realizavam juntos pelas noites paulistanas. Seu irmão lhe contava isso com muita alegria. O que parecia unir Adriano a Adilson era a amizade dele com sua mãe e seu irmão. Adilson era aquele amigo querido da família que podiam contar e se apoiar.

Foi em função de uma conversa de sua mãe com Adilson que Adriano voltou a encontrá-lo, dessa vez para conhecê-lo de um modo diferente, não mais como dentista da família, mas como um amigo com quem podia contar e que nutria interesses em comum: o gosto pela arte.

Adilson era realmente visto como um amigo da família a ponto da mãe de Adriano pedir que conversasse com o filho, temia que estivesse perdido, como o depoente contou. Quando sua mãe lhe pediu para conversar com Adilson, Adriano deixa o assunto para lá e o tempo passa. Contudo, os vínculos de amizade são atravessados pelo tempo. Adilson encontra Adriano casualmente, na via pública, algum tempo depois e demonstra interesse por ele: precisou-se de uma atitude de Adilson para com Adriano, um *esforço* de sua *atenção*, para que houvesse uma real aproximação:

*Passou o tempo e por acaso encontrei com o Adilson na rua, perto da casa dele mesmo, acho que eu tava voltando do centro da cidade, a gente conversou rapidamente, sempre com muita educação e ele me contou que conversou com a minha mãe que admirou que eu queria mexer com arte, trabalhar com arte, e ele me convidou de novo para ir na casa dele e dessa vez eu aceitei o convite e uns dias depois eu fui pra lá, acho que era uma segunda-feira, né?*

Sua lembrança parece adquirir nesse momento um tom mais vívido, como se remontasse à cena primeira:

*Eu lembro que quando eu cheguei lá, naquela tarde tava o Carlos e o Ricardo que eram amigos do Adilson e depois viriam a ser tornar meus amigos até hoje, né? [...] A gente conversou sobre vários assuntos, né? Eu me senti acolhido por alguém que compreendia que a arte podia ser muito importante, pra mim a arte tinha, tem muita importância, né? Hoje eu sou formado em arte, sou professor de arte, né? E a conversa que eu tive, sabe, me fez me sentir muito bem porque o Adilson compreendia que a arte podia ser vital pra alguém como era pra mim, né? E a partir daquela tarde, assim, né, teve muita, essa amizade começou mesmo e voltei lá várias outras tardes, vários outros dias e ia durar anos, né?*

As lembranças também se ancoram em cheiros, tonalidades de luz e sons. O café era um símbolo dos encontros na casa de Adilson. Como havia pessoas de diferentes ‘tribos’, era comum formarem-se pequenos grupos dentro do grupo maior. O café reunia todos os pequenos grupos, era o momento de comunicação entre pessoas que habitualmente não conversavam entre si. Uma tonalidade melancólica parece matizar o depoimento:

*Mas de resto, assim, a tarde foi muito silenciosa, eu até achei meio sombrio assim, as pessoas tava acabrunhadas, tava que eu acho que era início de inverno né? E... Ou final de outono e todo mundo tava meio amuado, mas acho que era por causa do tempo, assim, mas era uma coisa estranha, as pessoas pareciam bem sérias, assim, né?*

Aqui, o estado interior sombrio entremeado pela melancolia acentua um deslocamento da lembrança: atribui-se ao mundo exterior, ao tempo das estações, o estado emocional das pessoas reunidas naquele momento, um estado interior permanente de Adriano também, ao que parece.

A melancolia como sentimento condutor do depoimento de Adriano, capaz de filtrar seu olhar sobre o amigo evocado, que também se mostrava melancólico a ele, pode ser percebida nesse trecho de sua narrativa:

*Agora pessoalmente, observando o Adilson, o que ele me inspirou pessoalmente é, posso dizer que o Adilson era muito mais complexo do que podia aparecer. Apesar de sua grande espiritualidade, ele tinha crises existenciais muito pesadas, né? Ele compreendia isso, às vezes algumas pessoas não entendiam como ele podia ser um médium, ter muita fé e tal e ter crise, ele tinha crise com morte, com a vida, ele tinha crise, né? E muitas vezes, ele passava períodos muito longos de melancolia, né? É... Victor Hugo tem uma frase, se não me engano, que é: a melancolia é a alegria de estar triste. Talvez, o Adilson tinha umas reminiscências de um passado muito feliz, também e gerava certo saudosismo nele, né?*

Adilson é retratado por Adriano em sua complexidade. Seu depoimento não se faz de modo idealizado: busca descrever o amigo tal como parecia ser para ele, alguém com uma personalidade e temperamento complexo, com crises de depressão, rodeado de amigos, mas profundamente solitário, alguém extremamente generoso, contudo que podia ser bélico.

Um amigo que agregava, mas que mantinha certa distância. Alguém nostálgico, que gostava de contemplar a vida, mas que, no entanto, buscava viver aquilo que idealizava, tanto quanto lhe era possível.

É muito difícil afirmar, certamente, o nascimento dessa identificação com estados melancólicos e que fugiria a proposta do estudo. Mas parece, ao que tudo indica, que o sentimento de melancolia em Adriano encontra ressonância em Adilson ou o contrário: esse sentimento em Adilson encontra espaços de identificação em Adriano.

O distanciamento da relação entre Adriano e Adilson pode ser demonstrado no trecho a seguir, de sua narrativa. Na passagem, o lembrador também enfatiza a perda de interesse do amigo em atividades que antes desempenhava:

*[...] e passado os anos, o Adilson foi perdendo o interesse por produzir arte, né? Ele não havia perdido a sensibilidade poética, artística, mas parecia que outras coisas eram mais urgentes, mais importantes pra ele, né? E aí a sua produção poética, os livros foi ficando em segundo plano, terceiro, até praticamente, assim, ele nem falava mais sobre isso até quase, falava muito pouco comigo, né? É...*

Adilson foi se distanciando de Adriano e de outros amigos. Contudo, parece que a admiração em torno de sua imagem era algo frequente entre aqueles que o conheciam. Brigas e afastamentos de amigos em torno de uma reivindicação por exclusividade sugeriam sustentar o traço dessas relações ao mesmo tempo, em que parecia lhe entediar.

O amigo evocado, então, é retratado como alguém que reclamava para si, com seu jeito agregador e extremamente generoso, a presença dos amigos que lhe admiravam, mas, ao mesmo tempo, buscava dentro do possível manter certo afastamento, norteado por episódios de introspecção e depressivos.

Assim, sua forma de evocação, parece ser norteada pelo sentimento nostálgico e melancólico que se torna mais ou menos unificador e constante ao longo da narrativa. Esse sentimento parece permear todo o depoimento, entremeado por tensões, muitas vezes de sentimentos contrários ao primeiro ou complementares, que reforçam de qualquer modo a lembrança da pessoa evocada, como alguém que realiza feitos inesperados e desprendidos de convenções sociais.

Ao mesmo tempo, em que Adilson é narrado como alguém que adorava compartilhar com os amigos o gosto pela arte, dispondo dos objetos da casa de modo que pudessem tocar, manusear esses elementos de modo a suscitar conversa sobre eles, é também lembrado como alguém que possuía ciúmes de seus pertences, notadamente por seus livros:

*Ele tinha um profundo ciúmes dos livros dele, ele tinha muito ciúmes das coisas dele, da casa dele também, né? Mas dos livros era impressionante, assim, então ele limitava o controle de empréstimos, até porque quando ele emprestava ele perdeu muito livro, né? Ele tinha uma cadernetinha que ficava perto dos livros também, aonde ele anotava pra quem ele entregava, a data, e mais ou menos quando que ele queria receber.*

O recordador também se lembra do amigo como um comprador ávido de livros e que costumava fazer várias anotações, em muitos deles. Após sua morte, segundo o depoente, os amigos compartilharam entre si algumas dessas lembranças deixadas por ele em forma de anotações, fotos e alguns livros.

As lembranças de Adriano ancoram-se, muitas vezes, em uma profunda admiração polarizada por certo assujeitamento versus competitividade, denotando um comportamento descontraído e rebelde em face de um retrato de Adilson como sendo alguém distante, mas, ao mesmo tempo em que se faz intensamente presente.

Nunca sabemos como uma história começa nem como termina. Uma pessoa, ao nascer, traz com ela a promessa de sua revelação, de assumir com os outros, uma luz. Oferecer a outros, uma luz, possibilitar sua *aparência*, é um modo de partilhar dessa experiência de comunhão, assumida por Adilson com outros.

De certo modo, parece que a pessoa evocada também reclamava perante os amigos essa função de *parteiro*, como sua mãe, ao possibilitar a eles, uma convivência baseada na abertura pelo *discurso* e pela *ação*.

Isso porque Adilson *quebrava expectativas* dos outros em relação a si: ora se mostrava como uma pessoa bastante acolhedora e generosa, ora distante e irritadiço. Além disso, costumava *brincar* de mudar os *destinos*.

Pessoas de rebaixada condição social eram favorecidas e incentivadas por ele em diversas oportunidades, tais como propiciar, a uma senhora idosa que trabalhou durante sua vida em empregos humildes, a possibilidade de realizar um grande sonho: o de se tornar pintora. Não somente Adilson viabilizou esse contato da mulher com a arte, mas também a reconheceu, expondo alguns de seus quadros em sua casa, juntamente com outros objetos de arte, o que lhe fazia, também, sentir-se reconhecida.

Também, Adilson chegou a acolher em sua casa uma senhora cega que não tinha onde morar, além de muitas histórias somente sugeridas pelo lembrador, de pessoas que o amigo evocado recebeu em sua moradia, gesto máximo de generosidade.

Isso mudava destinos. Adilson retirava pessoas de uma representação social mais estereotipada, tanto aqueles de classes sociais mais favorecidas como os mais simples.

Traços de nostalgia e melancolia matizam as memórias de Adriano sobre o amigo evocado. Na materialidade das lembranças, quando se recorda de dias chuvosos e pouco luminosos, as pessoas *acabrunhadas*, bem como situações inusitadas envolvendo o tema da morte de outros e de próprio Adilson, além de seu adoecimento até níveis mais abstratos do sentimento que parecem se traduzir em uma narrativa distante da pessoa lembrada, mas não menos ligada a ela.

A ausência parece ser um traço marcante de seu depoimento, mesmo quando as presenças são relatadas. Sendo, assim, por exemplo, mesmo quando Adilson é descrito como alguém próximo, que fez algo para o lembrador, que o ouviu e/ ou o amparou, o sentimento de vazio parece se revelar pleno de sentido.

Esse vazio é melhor percebido em seu depoimento quando sua voz se cala e o silêncio reflete uma certa vaguidão, um descolamento da fala, uma incerteza da voz. Parece negar, mas ao fazê-lo confirma a presença de Adilson em sua vida, quando afirma ao final do depoimento que o que ficou do amigo evocado é a busca pela intensidade da vida.

Assim, ao buscar a intensidade de sua própria vida, Adilson se presentifica. O amigo querido, amado até mesmo em suas contradições se presentifica pelo deslocamento das lembranças.

Também, uma dimensão do sentimento de melancolia revelado pelo depoimento de Adriano sugere estar associada à sensação de vazio e distanciamento relacionados, ao que tudo indica, a experiências que se perderam e que não estão conectadas ao presente, mas que reservam emoções profundas do passado: o amigo querido já não se encontra mais entre nós. Uma temporalidade

marcada pela urgência do tempo mercantil marcou uma larga distância entre os acontecimentos passados e o presente vivido.

Adilson revelou-se uma pessoa contraditória, cheia de ambiguidades: sua dimensão humana foi expressa através do depoimento de Adriano, mas também o de Nilza. A amizade entre Adilson e outros se mostrou profunda: somente entre íntimos podemos nos revelar totalmente, em nossas qualidades e defeitos.

No círculo pessoal de Adilson, as pessoas se mostravam tais como eram. Ainda assim as amizades se faziam longas. Os amigos construíam projetos juntos, nutriam-se mutuamente de sonhos e realizações, compartilhavam de histórias e realizavam feitos que não aconteceriam se não houvesse a presença iluminadora de Adilson, uma pessoa autêntica que despertava autenticidade.

Por essa razão, ao que tudo indica, Adilson conseguia, também, olhar as pessoas profundamente, por trás de suas posições sócio-culturais, enxergá-las em seus aspectos distintamente humanos. Assim, as pessoas revelavam-se, descobriam seus *dons*, como Adriano, que confirmou sua orientação para as artes, assim como a senhora que acolheu em sua casa e se descobriu pintora e até mesmo Nilza que até hoje frequenta o centro espírita kardecista que fundou com o amigo evocado.

Dava de comer, um alimento ao corpo e também ao espírito e exemplificava a outros que sempre era possível romper com velhos automatismos sociais. Ensinou que a beleza do mundo existe na *aparência* das contradições na qual se é possível viver com o máximo de espírito.

## 7. Márcia

52 ANOS, comerciante,  
Entrevista realizada em 19 de julho de 2018

Márcia conheceu Eva em função de seu ofício. Eva era costureira e Márcia trabalhava com as modelagens das roupas. Em razão dessa parceria, as roupas criadas e costuradas por Márcia e Eva duravam muitos anos, pois eram feitas com muita dedicação.

A recordadora relembra com carinho desses anos de parceria com Eva, evocando sua dedicação, seu carinho e sua competência em tudo o que fazia. Em razão do trabalho compartilhado, nasceu entre as duas uma grande amizade, pois entre um serviço e outro, era comum saírem assuntos relacionados sobre a vida pessoal de ambas.

Eva, muitas vezes, dava conselhos para Márcia, sobre a educação dos filhos, sua conduta com o marido, o que despertou na lembradora um amor profundo, a ponto de considerá-la como uma mãe.

Também se recordou que outras mulheres haviam sido apoiadas por Eva, como Neide, que ao trabalhar com ela, deixava Gabi, sua filha, no cercadinho. O fato de Neide ir trabalhar com a filha não era impeditivo para Eva, nem tampouco se transformava em um problema.

Márcia relembra que Eva tinha uma grande consideração por Gabi, tratando-a como se fosse uma neta. Assim é possível perceber na fala de Márcia, uma profunda ligação entre ela e Eva, alicerçada no trabalho compartilhado e em uma amizade que foi crescendo ao longo dos anos, por meio da convivência e da oferta de dons.

### 7a. O esvaziamento de Eva em Márcia

O sentido atribuído à palavra esvaziamento encontrado sobre Eva e em Alfredinho converge com o pensamento de Simone Weil, quando afirma:

Enquanto o homem tolerar ter a alma cheia de seus próprios pensamentos, de seus pensamentos pessoais, está inteiramente submetido até o mais íntimo de seus pensamentos à coerção das necessidades e ao jogo mecânico da força. Se acreditar que não é assim, está errado. Mas tudo muda quando, pela virtude de uma verdadeira atenção, ele *esvazia*<sup>58</sup> sua alma para deixar penetrar aí os pensamentos da sabedoria eterna. Carrega então em si os próprios pensamentos aos quais a força está submetida.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Grifo da pesquisadora

<sup>59</sup> WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001, p.263.

Significa, portanto, que o espírito de pessoas capazes de um amor com todo desprendimento possível, em sua capacidade de doação, no *trabalho compartilhado* que desperta a verdade contida nesse doar-se, torna essa verdade uma força agente que reorienta e faz pensar.

Márcia inicia seu depoimento recordando-se que conheceu Eva em função do trabalho. Afirma duas características da pessoa evocada: a primeira, sua capacidade enorme de amar e a segunda, sua disposição e necessidade em ser produtiva, de um modo mais específico no trabalho, mas também em outros aspectos de sua vida.

Um elemento observado no depoimento da recordadora referindo-se à Eva como uma pessoa produtiva parece estar relacionado à sua capacidade de amar, observada por Márcia. Parecia que estava sempre disponível, de forma amorosa, seja no trabalho, na família ou na Igreja, três lugares frequentados por Eva. A última possuía cinco filhos, um deles adoentado e que chegou a falecer precocemente.

Eva é lembrada como uma pessoa produtiva: o trabalho assumiu uma representação do espírito de serviço para outrem. Isso parece significar que não é um trabalho relacionado somente às suas necessidades, mas também às de outros.

Márcia recordou-se que essa acolhida de Eva se fazia de modo tão profundo, que, com o passar dos anos, já não a sentia mais como uma amiga, mas como uma mãe. Uma mulher que sempre esperava o melhor das pessoas e situações e ofertava *dons* como a depoente relembra:

Então assim, uma mulher batalhadora, esforçada, cheia de amor é... Que ensinava sempre isso pra gente, me lembro uma vez que o uniforme escolar teve uma crise né? e eu cheguei lá e falei: dona Eva, eu vou parar de confeccionar né? A gente tá tendo muito pouca encomenda e as escolas tão falando que vão proibir isso e aí ela firme, não brava, mas firme, disse pra mim: você não tem o direito de parar de trabalhar, você faz o que faz muito bem feito e você dá emprego pra muita gente e oportunidade pra muita gente. Então você vai continuar trabalhando, não era um conselho, era uma ordem. Estou aqui até hoje trabalhando né?

E apesar de trabalhar muito como costureira, em casa também não era diferente. Cinco filhos para criar, um deles acamado e sempre muito bem disposta:

É era uma pessoa que apesar de trabalhar muito, todas as obrigações dela dentro de casa ela também dava conta, quantas vezes eu cheguei, ela tava lá, o almoço dela na hora certinha, ela era uma mulher de muito amor, entendeu? Não lembro da Dona Eva ter nenhum egoísmo, nenhum egoísmo, sabe? Nenhuma vaidade, nada. Eu nunca ouvi a dona Eva falar assim: hoje eu não vou fazer nada, hoje eu vou cuidar de mim, não, era sempre os outros, era sempre os outros, né? É isso que eu lembro muito forte dela, né?

Márcia oferece vários exemplos da *capacidade de doação* de Eva e como isso marcou muito sua memória: parece que se tornou um traço constante de sua identidade psicológica. Uma dessas recordações refere-se ao movimento da amiga evocada, de ir ao encontro de familiares que precisavam de amparo, como sua irmã e sua filha.

A depoente recorda-se, em vários momentos, com certa emoção, cenas do cotidiano retratado. Rotineiramente, sentava-se no chão, na escada da casa de Eva, que ficava próxima ao porão onde costumava costurar e enquanto aguardava suas costuras para levar para seu comércio, conversavam muito sobre a vida, sobre a educação dos filhos, sobre a relação com o marido e frequentemente dava-lhe conselhos.

Em outros momentos, ouviam juntas histórias contadas por um programa de rádio, esperando o tempo passar. Márcia afirma: “*o tempo rouba essas intimidades da gente*”. O tom de suas lembranças retrata a intensidade do tempo vivido, entremeado por cenas de uma profunda intimidade, construída ao longo dos anos. A capacidade de esvaziar-se de si mesma era tão espontânea que seus conselhos sempre ajudavam de modo a buscar a melhor situação e o melhor sentimento para todos.

O filho de Eva era totalmente dependente de cuidados: não conseguia se alimentar sozinho, usava fraldas... Márcia afirma que nunca viu Eva desanimada, centrava-se no cuidado. Quando relembra essa *ação* da amiga, da atenção dedicada constantemente ao filho, solta um longo suspiro e é tomada pela emoção da lembrança.

Éclea Bosi compreende esse fenômeno traduzindo-o como um movimento espontâneo e fugidio da evocação: as lembranças trazem o depoente de volta à cena rememorada, assim como emoções, cores e sons correspondentes, é um reviver, próximo ao sonho<sup>60</sup>.

Eva aparece para Márcia como uma mulher com muita força de vida, capaz de compreender outras mulheres, apoiá-las, ampará-las. É assim que se lembra de Neide, uma conhecida de Eva que trabalhou durante muitos anos em sua casa e que durante o expediente levava sua filha Gabriela consigo:

Teve a Neide que a Neide chegou na casa dela grávida da Gabi, hoje e e... Eu acho que ela sentia também aquele prazer de tá ali produzindo junto, né? E criando a Gabi junto... Acho que a maneira dela estar próxima de pessoas e produzindo, trabalhando, acho que talvez assim, né? O entender que ela era importante ali também né? E o cuidar da gente cuidando de um, cuidando do outro, o outro chegava, o outro chegava... E os conselhos.

As reminiscências dos lembradores sobre Eva espelham-se em seu despojamento, em seu esvaziamento de si mesma, em sua *capacidade de doação*. Em alguns momentos das narrativas de Márcia e Eduardo, tem-se a sensação de que os recordadores trazem novamente à consciência cenas vívidas de sua pessoa, como nesse trecho do depoimento de Márcia: “*É tão engraçado, né? Que a gente fala dela e a gente se vê né?*”

<sup>60</sup> “*MEMÓRIA- SONHO E MEMÓRIA-TRABALHO*”. In: *Memória e Sociedade – Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Suas lembranças também vêm marcadas por memórias de objetos, locais e cenas da época, atreladas a lembranças da pessoa evocada, tais como a cena descrita abaixo:

Era um quatinho na casa e descia mais umas escadinhas, a gente poderia falar porão, mas não que era uma casa inteira ainda né? Eu ainda lembro que tinha o canto da sala, tudo. Mas eu sentava no degrauzinho e eu ficava ali, eu queria ficar ali né? Conversando com ela, ouvindo conselho, por que você sentia né? Amor. É o que eu falo, né? É... Falar dela, é falar de amor o tempo inteiro. Não tem muitas histórias de você falar. Ah! Eu vivi isso, eu vivi aquilo, não! Ela sempre estava ali disponível, trabalhando, né? Não é assim que ela ficasse ali parada, vamo lá gente, vamo papeá não, ela lá no overloque e a gente conversando e contando né?

As lembranças que Márcia possui de Eva são fundamentadas no *trabalho compartilhado*. O contato entre elas deu-se mediado pelo trabalho, condição sempre presente das conversas de todas as horas, da cumplicidade e da doação, assim como Neide que enquanto trabalhava, colocava sua filha no cercadinho.

E assim o tempo foi passando, a criança, crescendo. Um ambiente em que cresceu também a amizade: assim como Márcia, Neide era parceira de Eva. A capacidade de agregar outros em torno da conversa também era uma constante. A depoente recorda-se da casa de Eva, sempre repleta de gente, amigos e família: todos ali, sempre juntos, como recordou.

Márcia também se recorda de Eva como uma mulher regrada, senhora de um tempo próprio que revelava sua singularidade: religiosamente, cumpria com cada um de seus deveres matizados por um aspecto sagrado: o trabalho, a família e a Igreja. Apegou-se a Eva como a uma mãe. E mais uma vez relembra sua imensa capacidade de amar e de doação:

[...] É... O amor que a dona Eva tinha pra me passar, pra me aconselhar, pra puxar as orelhas quando fosse necessário, era mais que amor, né? Porque, principalmente quando a gente tem uma mãe que não dá muito amor pra gente assim, né? Aí aquelas que dão amor e dão bronca e tudo, ficam especiais né? E era assim. Uma pessoa correta. Uma pessoa corretíssima.

E mais uma vez, o *trabalho compartilhado* aparece em sua narrativa, entremeado com tonalidades de afeto e admiração:

O que era dela era dela, o que era seu, era seu. Eu nunca é... A gente tem o lado de amor, de parente, de tudo, mas assim, a minha confiança nela era total né? Porque ela zelava o que era da gente assim, como se fosse dela, então era muito correta, muito correta, aliás ela era além, né? Porque, então ela doava o que era dela, né?... Às vezes chegava lá aquele monte de roupa que tinha chegado do cliente, mal 'feito', ela desmanchava, não tinha uma reclamação pra falar daquilo né?

As lembranças do cenário onde a memória fundou-se também continuam lá, com seus detalhes constituídos pela presença de objetos, cheiros, cores e sons que se contrastam com o presente. Ao recordador cabe *alterar* as recordações ou as cenas tais como se dão. Márcia afirma: “[...] É que agora eu pensei na casa, eu pensei em descendo as escadas, hoje a escada é de ferro,

*eu pensei: não, elas não eram de ferro, eram de cimento normal, porque não tinha a parte de cima, né?”.*

Isso pode revelar aspectos importantes sobre o modo como lembramos cenários que se modificaram na atualidade, mas que permaneceram quase que inalterados em nossa memória. Somos capazes de descrever em detalhes vívidos as cores, o relevo, os sons, os cheiros, os espaços de lugares de antigamente. Como estão dispostos em nossas lembranças, podem até mesmo impor-se teimosamente às percepções da atualidade e se fazerem presentificados.

Isso porque o que permanece das lembranças é sua forma constituída que dá sentido e, em muitas situações, as partes que as estabelecem, ainda que alteradas, não conseguem destituir o significado da recordação que se mantém, em algumas situações como essa, por exemplo, com o sentido de outrora.

A capacidade de Eva de se esvaziar de si mesma e de ouvir se fazia uma abertura, um convite, para que outros fizessem o mesmo. Márcia relembra:

A maneira como ela, ela... Porque assim, como é o meu caso, quando você não tem referência de família, né? É... E... E... Você conhece e convive com uma pessoa como eu passei a conviver, então é, tudo o que aquela pessoa fala pra você se torna referência da sua vida, né? Qualquer dificuldade que eu tinha né? Com as crianças e tudo né? Eram pequenininho os meus filhos né? Então, ela, todos os conselhos dela a gente acatava. É...

Eva oferecia seus *dons*: exemplos que outros seguiam como modelos de ser mãe, de paciência com os filhos, o seu inesquecível sorriso, mesmo diante das dificuldades. Traço lembrado por ambos lembradores, sempre com um aspecto apaziguador.

Enxergava como um verdadeiro *dom* as modelagens que Márcia fazia das roupas para costura, visto que nunca havia feito um curso: era um conhecimento fundado na vida. Eva tinha *dom* em também descobrir e revelar *dons* de outros. As lembranças sobre Eva causam uma forte impressão de que era uma pessoa que se esvaziava porque ouvia e se deixava habitar pela realidade do outro. Esse parece ser um traço muito específico de sua maneira de ser.

Era uma pessoa *capaz de doação* em suas diversas dimensões: doação de coisas e de si mesma aos outros. E ouvia, outros também despertavam para essa habilidade em *atender*. Parece que, de certo modo, havia *troca* na relação de Eva com aqueles que a conheceram. A reciprocidade não vinha daquilo que outros poderiam lhe oferecer em igualdade, mas estava justamente, ao que parece, na capacidade de deixar-se, também, que ela habitasse em si, tais como uma presença porosa, contudo, marcante.

As lembranças de Márcia sobre Eva sugerem estabelecer um fio forte, consistente de recordação, ligado ao *trabalho compartilhado* e a profunda ligação que se estabeleceu entre as duas

pelo ofício de modelagem e costura de uniformes escolares. Suas recordações transcendem a pura significação quando pergunto para Márcia o que significa o ofício de modelagem para a costureira:

Tudo. De pegar a roupa, fazer o tamanho, pp, p, m, g que vai dar certo no corpo das pessoas, entendeu? Então, eu nunca fiz um curso. Daí você vem e fala, daí a gente tem que ir na escola, daí você ter que fazer quimono. Hum, tá? Tem algum quimono que você dê de referência? Ah! Tem! Então eu sei que aquele é o quadro, que ele desenvolvia o número 2, 6, 8,10, eu desenvolvia a grade toda... E costurar certo é assim, muita gente vai, corta, mais ou menos e aí a costureira vai receber uma coisa mais ou menos e eu nunca gostei disso. Eu sempre gostei de fazer a coisa boa, a coisa fácil, a coisa certa né? Então, e a dona Eva falava que isso era um dom que... que... aí ela pegava uma roupa minha, de fora a fora e isso ia dar certo e isso é modelar a roupa né? Fazer todos os tamanhos e fazer a costureira aqui bater, acho que até hoje não entendo muito o que eu faço, entendeu? É realmente dom e ia fazendo e ia dando certo né? Mas eu sempre gostei de fazer bem feito né? Facilitar a vida do outro né? Pra que que você vai fazer no mais ou menos. Porque eu sempre achei que a minha entrega tinha que ser boa, falo que o uniforme escolar tem que ser o melhor que a roupa de shopping, a roupa mais cara de shopping pode ter uma costura mais ou menos, o uniforme não. Ele tem que ser muito bom. Talvez a Dona Eva que pôs isso em mim porque ela foi uma das primeiras costureiras minhas e a gente brincava né? Porque o tecido que eu comprava e o uniforme que ela costurava durava 10 anos! Encontrava as pessoas que falavam né? Nossa, meu filho usou 5 anos esse agasalho. Eu guardei ó, já tem 5 anos que tá guardado e tenho esse filho que vai usar, não sei mais quanto tempo. É porque a gente fazia muito bem feito né? Tanto eu, preocupada com a compra do tecido, da modelagem boa e ela com a costura né? É... Quando a gente catava, ia ter outra costureira né? A gente falava, mas não tem uma barra igual a da dona Eva né? Porque ela era caprichosa e humilde. Então, então... ela era de uma simplicidade, sabe? Ah pessoa, mas, sei lá, tudo tinha amor no que ela fazia, então tudo era bem feito, né?

O capricho de Eva com as costuras, seu zelo pelo trabalho e sua dedicação, inspiravam Márcia a também exercer o ofício com o mesmo cuidado. Além disso, é lembrada pela recordadora como alguém que se despojava tanto de si mesma a ponto de não revelar qualquer vaidade, seja em sua fala ou em sua maneira de agir, ou se fazer representar.

Márcia consegue compartilhar conosco como era sua convivência rotineira com Eva, fundamentada no *trabalho compartilhado*:

Então, eu ligava pra dona Eva: eu to indo aí pra levar não sei o que, né? É... As camisetas, as bailarinas, os blusões, né? Posso levar? A senhora tá precisando de alguma coisa? Aí, é... chegava lá, punha na sacolinha e sentava na porta, né? Eu me vejo ali sentada na porta, né? papeando, aí chega um, chega outro, chega, um, chega outro, aí aquela coisa, ela trabalhando mais, todo mundo ia lá, no porão e ficar em volta, né? Conversar. Ou às vezes que ela tava na cozinha né? Com a Andréia e a Andréia gostava muito da cozinha também e... A planetária dela pra bater os bolos, acho que quanto tem muito filho faz muita comida né? E era isso. E aí a gente se via todos os dias, ou ligava, é porque chegou uma época que eu já não conseguia ir todos os dias né? Levar minhas roupas, eu tinha motorista, aí as pessoas que iam levar meu serviço, mas eu falava com ela por telefone, né? É, o rádio ligado o tempo inteiro, aí tinha os casinhos né? “Que saudade de você!”, que todo dia ela tinha que ouvir: que saudade de você, o radinho dela lá. O radinho ligado lá e a historinha né? Às vezes, a gente chegava e o rádio estava ligado na historinha, a gente sentava e ouvia história também, pra passar o tempo, né? Com esse conversar e poder ir embora. Então, assim, no mínimo, 3 vezes por semana eu ia lá.

Percebe-se, assim, nesse trecho do depoimento de Márcia, como a lembrança evocada retorna à consciência com a atmosfera de outrora, com suas paisagens e cores vívidas.

A recordadora relembra, comovida, do laço forte que as unia, a contar da internação de Eva no hospital, quando já se encontrava no estágio final de uma doença que a levou repentinamente:

E... Não sei quem entrou no quarto depois de mim que eu fui ver a dona Eva né? E a pessoa falou assim, Márcia, tava comigo e depois saiu e falou: você percebeu que a minha mãe tinha certeza que você tava ali, né? E, ali, inconsciente, mais as lágrimas escorrendo e aquela leve mexidinha na mão, então, não sei se era alguém, se era a Andreia que ficou com ela o dia inteiro, né? E falou isso pra mim: minha mãe sentiu que você tava ali porque minha mãe não teve reação o dia inteiro e a hora que você tava lá teve né? Claro que eu tava lá, eu enxuguei a lágrima e tudo e eu vi mexendo né? Então, assim, a gente não sabe que estágio é esse né? Da, do quase morte né? Que acho que outro dia a Dona Eva acabou falecendo. E foi bom sentir, né? Que você faz parte da vida daquela pessoa né? É porque tinha um sentimento ali né?

A prática de dons afeta quem dá e recebe. Entre um e outro espaço, estabelece-se um sentimento profundo de alteridade capaz de reorientar pensamentos, sentimentos e ações.

Já não se é possível mais afirmar o quanto de Eva está presente em Márcia, o quanto a influenciou em afetos, pensamentos e ações. O fato é que essa presentificação de Eva em Márcia aconteceu em uma temporalidade muito singular, marcada pela relação entre as duas, mediada pela memória de Eva em Márcia.

Essa temporalidade se faz singular porque não é aquela medida pelo tempo cronológico, linear e quantitativo, mas por um tempo subjetivo, orientado pelos afetos que permaneceram sobre a pessoa lembrada, um tempo marcado pela *duração*, onde o passado, o presente e o futuro se conversam e se misturam, reciprocamente.

É um tempo sentido, incorporado à subjetividade, mediado pelas afinidades do indivíduo que lembra: aquilo que lhe fez sentido, significou.

O laço que as unia também reuniu suas famílias. Assim, os filhos de Eva tornaram-se amigos de Márcia e de sua família. Era comum antes das festas de fim de ano trocarem presentes: “Já era um costume estar próximos. Quando a dona Eva tava viva e eu ia depois que a dona Eva faleceu, as meninas vinham né? Pra não deixar aquilo passar, mas vai passando, não tem jeito. Os anos acabam roubando essas intimidades da gente”.

O tempo quantitativo é aquele que nos rouba o tempo e a intimidade com aqueles que gostamos e que gostaríamos de manter próximos. É o tempo das urgências, do trabalho não compartilhado, que nos mantém isolados e alienados de nós mesmos e de outros.

O *trabalho compartilhado* entre Eva e Márcia se fazia diferente. Dele surgiu uma amizade que vai além do tempo quantitativo, pois que está fundamentado em uma modalidade diferente de sentir o passado, o tempo subjetivo, orientado pela memória e pelos afetos que permaneceram ao longo dos anos e que não serão dissipados enquanto se puder transmitir a história sobre quem a pessoa evocada foi, sobre a amizade.

Quando não reunia as pessoas em torno do *trabalho compartilhado*, seja na oficina, seja nas pastorais, Eva tinha também uma grande capacidade de agregar pessoas em volta dela, principalmente em torno da cozinha, do alimento. Assim lembrou Márcia:

É... Eu, assim, eu sempre cheguei perto do almoço e a dona Eva tava fazendo a comida e a Andreia, sempre gostou muito de cozinhar, então a Andreia também cozinhava muito de fim de semana, mas durante a semana, sim, acho que pelo serviço, do marido dela que também era junto né? Porque assim ela tava costurando lá embaixo e ele lá em cima, na oficina. Então era todo mundo junto e eu sempre lembro dela cozinhando, cozinhando. Então né, a pia enorme, eu lembro dela sempre cozinhando muito também.

A amizade que Eva estabeleceu com Márcia, Eduardo e outros, era tão grande que no hospital, quando se encontrava internada, ainda que só pudessem entrar duas pessoas no horário de visitas, sempre havia no mínimo dez que se encontravam e se reviam, sejam familiares, amigos e pessoas da comunidade. Apesar da atmosfera de um hospital ser marcada por um clima solitário, em torno do quarto de Eva era diferente:

[...] eu fui duas vezes, uma vez eu cheguei a entrar, outra não, exatamente por isso porque podiam entrar poucas pessoas, eram dois horários de visitas e eu só ia à noite. É... Às duas vezes que eu fui eu só fui à noite. Podia entrar dois, três, mas lá fora eram sempre muitas pessoas, 10, 12, pessoas. E aí tinham pessoas que a gente não via há muito tempo: ai, oi, tudo bem, Márcia? Tudo bem! Fulano, não sei o que é todo mundo ali. É, dez, doze pessoas, os filhos dela, as irmãs, é... Muitas pessoas da Igreja né? E aí a gente todo mundo lá fora, querendo saber dela né? Poderia não entrar né? Mas ninguém, a maioria das pessoas não se conformava em apenas de ligar e perguntar pros filhos como é que tava né? Em uma das visitas, a Carol, minha filha, foi comigo né? E aí ela falava: mas quem é ela? Daí eu falava: você não conhece né? Mas quem é essa e quem é aquela? Porque sempre tinha muita gente pra saber um pouquinho de como ela estava também, mesmo que não pudesse entrar. Estavam lá, todos juntos.

A mediação das lembranças acontece também pelo cotidiano compartilhado que enriquece a memória de pessoa por lembranças simples a respeito da pessoa evocada com traços diferentes daqueles encontrados quando a relação entre a pessoa lembrada e o recordante ocorreu na esfera pública.

Assim, por exemplo, no depoimento de Márcia, percebe-se o surgimento de outros tipos de memória, tais como a de objetos, de espaços e cenas compartilhadas que não aparecem com toda sua nitidez quando o encontro aconteceu na esfera pública.

Isso porque, a *memória de pessoa* que se estabelece pelo cotidiano é rica de nuances: os objetos intimistas aparecem, os lugares preferidos da pessoa lembrada, seu modo de ser para aqueles que conviveram com ela na esfera privada, surgem com nitidez.

Nesse sentido, por exemplo, é possível, recordar como Eva trabalhava: ao som do programa de Eli Correia, algo rotineiro, que atravessou a esfera de relação entre as duas. Enquanto Eva costurava em seu overloque, Márcia sentava-se na escada. E assim acontecia de conversarem sobre a vida. Eva ofertava conselhos à depoente que procurava ouvi-los e segui-los atentamente, como lembrou.

A escada, símbolo dessas conversas, com o tempo modificou-se: já não era mais a mesma, a lembrança teme em modificar a cena atual, sobrepondo-se muitas vezes a da cena primeira.

O modo que Eva revelava sua singularidade, até mesmo pela forma que se representava visualmente a outros, permitia a Márcia afirmar com segurança, que não possuía nenhuma vaidade, pois testemunhou ao longo dos anos seu despojamento de si e sua doação a outros.

Assim como o uso da bateadeira *Planetária*, símbolo da reunião dos filhos e conhecidos em torno das comidas deliciosas que preparava, dentre estas, os bolos.

A memória de Márcia sobre a pessoa evocada está muito centrada na convivência e isso permite que as lembranças da recordadora sejam enriquecidas por evocações muito simples, nem sempre afetadas pela admiração de feitos que na esfera pública assumiram grande notoriedade, eventos que na ação pública em que foram testemunhados, ficaram grandiosos.

Apesar disso, as lembranças intimistas como as de feitos públicos podem trazer de maneira variada, contrastante a simplicidade das recordações. Eva, tanto para aqueles que a conheceram na esfera pública, mais esporadicamente, quanto para aqueles que estiveram com ela mais no cotidiano, é recordada como uma pessoa *capaz de doação* em suas variadas dimensões: doação de coisas, de habilidades.

Foi uma pessoa que compartilhou o que possuía, ensinou o que sabia e levou algumas pessoas a adquirir certas competências com ela. Também foi uma pessoa que ouviu, que se esvaziou em favor de outros. Uma pessoa em quem os outros podiam se ver.

## 8. Eduardo

71 anos

Metalúrgico aposentado. Entrevista realizada em 27/07/18

Eduardo conheceu Eva em função da *Pastoral Afro*, movimento que os dois participavam, na primeira década dos anos 2000, em um encontro nacional promovido na *Paróquia São Geraldo Magela* em Santo André.

Apesar dos poucos encontros que Eduardo teve com Eva, todos em razão da *Pastoral Afro*, Eduardo pode perceber em Eva seu desprendimento, sua capacidade de doação, sua acolhida, sua capacidade de dar de comer – à alma e ao espírito, qualidade também lembrada por Márcia.

Eduardo recorda-se de Eva preparando pães de cenoura nos encontros da *Pastoral*, marca de sua presença segundo o recordador. Também evoca seu sorriso acolhedor e marcante, assim como seu espírito de acolhida e desprendimento quando das reuniões em grupo. Segundo o depoente, Eva sempre abria as portas de sua casa para receber as reuniões e sempre aceitava amorosamente as propostas do movimento, com um espírito de abertura.

Eduardo relembra que em seu velório havia muitas pessoas presentes, ofertando seus testemunhos, a respeito da capacidade de amor e generosidade de Eva.

### 8a. Das opiniões às lembranças

O modo como Eduardo recorda-se de Eva parece ancorar-se em filtros de um idealismo justificado em função de alguns pilares, marcados por fatos sociais advindos de experiências de *humilhação* pela cor da pele, fundamentalmente.

A ação de recordar-se aparece, portanto, orientada sob condições sociais muito relevantes, tais como: modos de agir, pensar e sentir exteriores ao lembrador, dotados de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem.

O depoimento de Eduardo inicia-se denso, muito preso às suas opiniões e convicções consolidadas, onde as lembranças adquirem pouco espaço de atuação. No entanto, percebe-se que seu narrar, da onde se revela seu conhecimento sobre Eva, quem foi e como a conheceu, vem travestido da importância desse enquadre: o modo da pessoa negra se perceber em relação ao social e à sua história que foi despedaçada pela violência do desenraizamento.

Pelo processo de enculturação, onde crenças cristãs e tradições culturais são resgatadas, Eduardo pode se perceber negro, com toda a afirmação social que essa atitude interiormente

despertada implica e conseguiu também proporcionar essa descoberta a outros. Por meio do movimento social, do estar com pessoas que possuíam as mesmas crenças e valores, Eduardo pode *conhecer* Eva, segundo o recordador: “preparando uma farofa deliciosa”, para um encontro nacional promovido pela *Pastoral Afro* na paróquia *São Geraldo*, em Santo André.

Como Eduardo lembra, parece apoiar-se em uma *realidade* mais ampla, intersubjetiva, que permeia as instituições sociais e que depende, portanto, de seu relacionamento com um grupo social mais vasto, peculiar a ele, qual seja, os grupos das *pastorais* da Igreja e por sua *comunidade de destino*.

Eduardo começa seu depoimento determinando-se em sua condição social, marcada pela cor: negro e a negritude, assim como no depoimento de Sidilene, atravessa toda sua narrativa. Além disso, o depoente desde cedo começou a trabalhar em fábricas. Foi nesse ambiente que conheceu a *Juventude Operária Católica*, na década de 70.

Naquela época, a juventude pobre costumava se reunir para lutar por seus direitos nas fábricas e também para trocar experiências de vida, fundamentadas, em sua grande parte, nas dificuldades que o jovem dos bairros periféricos da cidade encontrava para se afirmar socialmente, seja na própria comunidade, seja nos estudos ou no emprego.

Por meio de uma identificação, a de serem jovens pobres e operários, o grupo constituía laços de *amizade política* de enfrentamento de situações de *humilhação social*. Eduardo não parou, continuou nos movimentos *pastorais* da igreja progressista e parece que sua identidade psicológica se ancora firmemente e marcadamente a de um grupo social mais amplo.

Vale ressaltar que o discurso de Eduardo é muito tonalizado por essas questões sociais, ainda que em não contexto de entrevista, quando tive a oportunidade de conversar com ele, em outros momentos.

E é justamente em um espaço constituído de afirmação social com o tema exposto acaba conhecendo Eva, também negra. Seu relato é todo constituído com base no laço que os uniu, lá pelos idos dos anos 2000, como afirma, a *Pastoral do Negro*. Seu depoimento é atravessado por questões de sua *comunidade de destino*, de seu grupo de pertença.

Eva e Eduardo, por meio do grupo em comum, a *Pastoral Afro*, despertam para o reconhecimento de seus *rostos* negros. A afirmação da negritude vem da tomada de consciência da história de uma ancestralidade, do passado de povos submetidos à escravidão, buscando retomar parte dessa identidade cultural despedaçada pela violência a uma submissão de uma cultura estrangeira e colonizadora.

Assim, quando Eduardo resgata em sua fala a dimensão histórica do passado desses povos em seu depoimento, está ao mesmo tempo, ao que tudo indica, identificando-se com essas culturas e

suas histórias e afirmando-se como pertencente a elas, advindo de uma história não submetida à escravidão e sim anterior a ela e além dela.

Ao buscar suas raízes e sua história ancestral, Eduardo torna-se, então, capaz de fazer com que outros despertem para essa mesma necessidade vital. O apoio a essa busca, Eduardo em Eva e outros, permite o despertar dessa *necessidade*, pela participação ativa e natural, em busca da *origem* que possui princípios enraizadores.

Em grupo, Eduardo, Eva e outros se tornam capazes de se afirmarem em suas raízes e despertar outros que têm fome do mesmo alimento: a busca por sua ancestralidade, fonte de sua identidade pessoal.

E é assim que Eva havia se prontificado a acolher pessoas que vinham de vários lugares do país, inclusive para se hospedarem em sua casa, como recordou Eduardo. É lembrada pelo recordador como uma pessoa acolhedora, generosa, solidária e muito sorridente.

O aspecto acolhedor de Eva é rememorado de modo especialmente marcante, quando Eduardo evoca a lembrança, comentada por outros, dos feitos de Eva: amparar em sua casa com almoço e até mesmo repouso e banho, uma mulher que possuía cinco filhos e que era catadora de material reciclável que costumeiramente passava em sua residência, sabendo da especial cordialidade da amiga evocada, bem como da amizade desinteressada entre elas.

Eva, sabendo que a senhora passaria, organizava-se com os filhos para tratar de deixar separados materiais que poderiam ser levados pela mulher e assim a ajudava de duas formas: no trabalho (traço característico de Eva: o *trabalho compartilhado*) e na vida.

Outro traço singular de Eva: o apoio a outras mulheres. A intersecção desses dois traços marcantes encontrados traz uma impressão muito tocante do espaço que ocupava na vida de muitas mulheres do bairro: uma mulher que amparava outras, pelo *trabalho compartilhado*, o que revela muita inteireza e maturidade de sua identidade psicológica.

Eduardo lembra-se que as reuniões ao lado de Eva eram muito profundas e permitiam o compartilhar das dores, histórias de vida e circunstâncias mediadas pelo impedimento social pela cor da pele: relações de dominação ancestrais nas quais o negro é silenciado em sua existência e lugar. O impedimento social adquire, assim, duas gradações diferentes: uma autonegação advinda da dificuldade em se reconhecer como negro e assumir a negritude e sua cultura.

Ao mesmo tempo, os golpes advindos da *humilhação racial* podem ser nutridos por um sentido de desvalia e imenso desamparo frente ao descrédito e vergonha pela negação existencial infligida de outros.

Essa existência negada pode ser compreendida em suas diversas dimensões: psicológicas, afetivas, sociais, culturais e religiosas. Portanto, o racismo possui efeitos psicossociais importantes,

produtor de sentimentos profundos de angústia advinda da humilhação sofrida. É um golpe desferido contra a pessoa que se faz social e que só pode ser elaborado em comunidade.

O fenômeno de *humilhação social* recorrente cria a sensação da iminência de que outros golpes virão. Golpes contra a pessoa, sua dignidade, sua honra, desmoralizando cada ação ou gesto, como causador de violência quando essa mesma violência já roubou todo sentimento de caráter e dignidade que se podia sentir. Não raro e muito costumeiro, a pessoa que sofre dessa *humilhação* recorrente costuma atribuir a si mesma as causas de tais maus tratos advindos dos grupos sociais, repletos de violência que a despojam de qualquer possibilidade de inteireza.

A fim de conseguir elaborar tais golpes, a pessoa, em grupo e em companhia de outros, terá que se haver de uma inteligência social-histórica, política, amparada aos grupos de pertença para se diferenciar a violência que lhe é atribuída a fim de não se violentar.

Segundo o lembrador, as muitas reuniões da *Pastoral Afro* aconteceram na casa de Eva. Lembra dela estar sempre sorrindo, muito afetuosa para com todos que lá se reuniam, onde conversas e encontros aconteciam em torno da busca por afirmação social. É assim que se recorda de Eva, enquanto parceira de luta:

Lembro de uma pessoa maravilhosa, de estar sempre com aquele sorriso, as boas-vindas, aí você acaba participando também da vida familiar, as pessoas da vida familiar, acaba participando da reunião, do encontro, né? O que marca assim é que uma pessoa cheia de animação. Eu não me lembro de nenhum momento assim que as decisões, as propostas, as ideias, era acompanhada ou barrada com pessimismo, ou de não vamos fazer. Nunca lembro de ter acontecido isso. Tudo o que foi feito assim não é dizer que as ideias já vem pronta, não, toda a reflexão do que vai ter, se vai ser um almoço, se vai ser uma feijoada, se vai ser uma exposição, a presença dela assim sempre disposta, né? Na medida do que estava presente de estar dando sua força era marcante em nossas celebrações o pão. Ela fazia um pão de cenoura, então volto a falar de comida novamente né? Mas desse pão que ela sempre partilhava que era a marca. Ela fazia aquele pão caseiro que ela repartia e levava na celebração e a celebração afro ela traz isso, né? [...] Então uma coisa que é muito bonita em outras raças ou em outras etnias é dessa mesa comum né e a celebração afro sempre traz isso e esse pão dela é assim, é de grande motivo, né? Desse pão bonito, né? Era um cesto, né? Com muitos pães, eram vários pães que depois iam ser partilhados com esse espírito.

Eduardo consegue alinhar pelas lembranças o que Eva significava para ele: a cesta repleta de pães de cenoura que cozinhava e distribuía nos encontros, símbolo da presença atenta e fraterna. O recordador acrescenta: “[...] *ela representa, olhando pra ela é o que a comunidade devia ser. O papel de uma comunidade é esse, é uma comunidade que acolhe, então ela era uma pessoa que acolhia, que acolhe com alegria, e com compromisso*”.

Toda comunidade deveria conservar em seu espírito essa capacidade de ofertar *dons* em sintonia e comunhão entre iguais. Mais uma vez, Eva aparece para Márcia e Eduardo como uma pessoa capaz de um desnudamento que fazia espelhar-se em si o outro:

Então eu, eu tava conversando até em casa, lembrando antes de vir, né? Também com outra pessoa amiga, falando assim que ela é o retrato da comunidade representada e expressada na pessoa dela. Que é essa alegria do acolher, mas que é também esse compromisso de

aliviar a dor do outro. Foi a imagem que eu tenho dela. Tô refletindo. Era isso. Muito aberta pro diálogo e...

Na narrativa de Eduardo é possível sentir a abertura de Eva, capaz de fazê-lo refletir e pensar em seu movimento de doar-se. O depoente recorda-se do dia do falecimento de Eva: muitas pessoas se reuniram em seu velório e deram testemunhos sobre ela. Contaram histórias sobre seus feitos que fizeram com que pessoas mais próximas a redescobrisse em faces diferentes, a graciosidade de sua *aparição*.

Conforme Hanna Arendt só é possível saber quem alguém foi quando se vai.<sup>61</sup> Nos velórios é comum se ouvir pessoas contarem sobre a pessoa falecida, coisas que se lembra, seus feitos durante a vida. E o velório de Eva estava repleto de pessoas que se lembravam dela, de suas realizações e se reuniram para contar histórias sobre ela. É na organização política, social, que a amizade se fortalece e se é possível conhecer profundamente outros. O otimismo de Eva é mensagem de perseverança, símbolo de resistência ancorada no amor.<sup>62</sup> Eduardo revela alguns traços do modo de aparecer de Eva quando em comunhão com outros. De modo muito apurado, nos ensina:

Então, eu convivi mais assim na casa dela, quando ela nos acolhia por organizarmos alguma coisa junto. Porque quando você organiza alguma coisa com as pessoas, tem uma coisa, você descobre tudo: tem gente brava, tem gente que tá emburrada, tem gente que tá: ah! Isso não vai dar certo, será que vale a pena? Do lado dela eu nunca vi isso não, então, como eu conversei com uma pessoa amiga, eu falei assim: eu vou falar disso, você também já percebeu isso? Você já vivenciou isso? Ela, a pessoa, confirmou, não era aquela pessoa pra baixo, pra baixo, assim, tá em derrota, aí em desânimo, não era uma pessoa assim em que, pelo que a gente escuta da família, dos parentes, uma pessoa, muito assim, pra cima nesse aspecto. Então o que agora dá pra se saber é isso, que na, alguém vai dizer assim: Qual é a contribuição dela pra mudar o mundo, pra, não. Na abertura da casa dela, ao participar das reflexões, das preparações, seja de retiro, de missa, sempre tinha um tema, um assunto. Pra você preparar um retiro, uma exposição, você vai pensar em uma reflexão pra vida.

É quando construímos coisas juntos que nosso aparecimento acontece: crenças, valores, atitudes, sentimentos, pensamentos e ações revelam traços de nossa identidade psicológica e, em suas nuances, demonstram um pouco de nós mesmos aos outros, com seus riscos e exemplos que acabam, por vezes, sendo seguidos atentamente, como Márcia revelou, ao afirmar, por exemplo, que seguia os conselhos de Eva. Assim, deixamos um pouco de nós em outros e outros deixam um pouco de si em nós.

E é pelo exercício mesmo de doação que podemos aparecer para os outros, em espontaneidade e *graça*. É em comunhão que nosso *rostro* pode iluminar-se ao trazer luz às ações

<sup>61</sup> Hannah Arendt afirma em *A condição humana* (2010, p.240): [...] O problema é que, seja qual for o caráter e o conteúdo da estória subsequente – quer transcorra na vida pública ou na vida privada, quer envolva muitos ou poucos autores –, seu pleno significado pode se revelar somente quando ela termina. [...] muitas vezes quando todos os participantes já estão mortos.

<sup>62</sup> ARENDT, Hanna. *A ação*. In: *A condição humana*. São Paulo: Editora Forense, 2010.

que se tornam capazes de se fazerem plenas de sentido a ponto de serem internalizadas e transmitidas em história e experiência:

Na casa dela, a gente refletiu momentos assim e nós vamos louvar e agradecer a Deus, pela amizade, pela nossa unidade, por nossa acolhida, pela partilha, quer dizer, você preparando alguma coisa que vai fazer você uma pessoa melhor, né? Toda vez que você reflete a vida, é uma oportunidade, dependendo de como você está ou de como você abre seus ouvidos, você vai estar crescendo ou não ficando estacionado. E a gente teve várias vezes essa oportunidade e então isso vai daí, de ouvir, de estar presente, dessa conversa e dessa dedicação também, né?

A abertura acontece pela aproximação, fundamentada no cotidiano, em um exercício reiterado e cada vez mais familiar que possibilita o encontro, um *nós*.

Eva cativava as pessoas com seu envolvimento compromissado com o grupo e levava consigo os familiares, coisa admirada por Eduardo que relembra com carinho essa sua capacidade de agregar pessoas próximas da intimidade, algo não muito comum de se realizar:

E ela cativava as pessoas, é, da família a participar porque nem sempre e vinha muita gente da família a participar dessa, dessa pastoral, motivado por ela. Que eu falo assim que não é... Muito comum nas famílias, por exemplo, na minha família, eu participei da JOC, meu irmão teve um primeiro contato, assim, mas os outros nunca participaram. Então ela tinha, sim, essa coisa de cativar as pessoas, de motivar, pelo menos pessoas da família, de perto da família, pelo menos de perto como de longe, eu lembro que tinha sobrinhos dela de outro bairro que vinham participar.

Eduardo relembra de Eva como uma pessoa muito marcante, que encantava outros por sua simpatia e *capacidade de doação*:

Ela era uma pessoa marcante, né? Olha, se você disser, eu ia dizer tudo, tudo assim, porque, essa questão do acolhimento, do sorriso, do acolhimento. Eu, aos poucos, ao longo da minha vida, fui descobrindo a importância disso, do bom acolhimento, né? Mas ao conviver com ela, isso foi fortalecendo, porque nem todas as casas são abertas pra reuniões, pra reflexões e a casa dela sempre teve à disposição, que ela colocava à disposição e que sempre motivava a gente, né? E... Então isso e colocar aquilo que tinha, acho isso legal, não só a casa, mas o que eu tenho aqui eu vou partilhar. É um chá, um café, então a gente vai se reunir e partilhar. Então essa coisa do abrir a casa e do partilhar e dessas boas-vindas traduzida pelo acolhimento e de vivência na casa, de você ficar à vontade, que a casa estava aberta, então isso me marca porque vai em contraponto com a nossa sociedade que é bem fechada. [...] Esse espírito tribal. Minha casa tá aberta pra gente estar refletindo sobre a vida, sobre os nossos problemas, então é... Isso mesmo, a pessoa dela. O que marcou assim, o sorriso, a alegria, a disposição desde quando conheci prolongou o resto da vida. Então isso ficou. Um exemplo, se falar pra mim assim, eu to aqui quieto, triste num canto. Que que era a Dona Eva, se for lembrar dela, a alegria, a disposição e a vontade de viver e que os outros vivam, então acho que isso né? Eu acho que vai pro resto da vida. Toda vez que fala dela, dá vontade de sorrir né? De – nossa! Que coisa boa, que coisa bonita lembrar da...<sup>63</sup> Emociona! É. Emociona, né? Tomara a Deus que tenha mais dona Eva e que outras pessoas despertaram também a partir dela. Se não a partir dela, a partir da pastoral que ela ajudou a motivar enquanto teve vida e... vamo dizer assim, esse sorriso, essa acolhida que é dela, que era só dela, mas que nos contagiou e que me contagiou e tomara também que contagie mais pessoas né, de. E é gostoso né? Porque se alguém chegar na minha casa, de

<sup>63</sup> Se pudesse precisar o momento em que Eduardo se entrega às lembranças de Eva, seria esse momento. Percebi em seu relato, que nesse instante, havia sido tomado pela recordação que o emocionou vivamente e pareceu reorientar o significado que Eva parecia tomar para si.

eu estar estendendo esse sorriso, essa, essa alegria e olha, entre, seja bem-vindo, né? Então, essas pessoas vão nos ajudando a ver que. Faz com que a gente não se sinta assim, é: ah! Eu não vou fazer mais! Ah! Eu já cansei disso! Lembrar dela, eu não lembro disso, então, quando eu lembro dela não tem isso, então, aquela coisa que: não brinco mais! Não vou brincar mais porque você é isso, você é aquilo, não, não vou brincar mais, não vou me reunir mais, porque parece que a vida não muda, quando a gente pensa que tá resolvido, lá vem outro caso de preconceito, não. Nenhum momento teve isso né? Então tem pessoas que cansam, vão embora, desanimam porque às vezes vai caminhando e dá de cara assim, com a realidade.

A *capacidade de doação* torna a vida rica em vivacidade, pois que nos permite conviver em pluralidade. E por sermos aptos a essa diferenciação sem nos perder na indiferenciação é que nossa singularidade se fortalece e aparece manifestada em luminosidade. Eva tinha vontade de vida e vida em abundância: vontade que outros também vivessem.

Esse traço característico de Eva se imbrica ao movimento da pastoral que Eduardo ajudou a construir com a amiga é revelado também por Márcia, o que possibilita afirmar que esse esvaziamento de si sentida profundamente pelos depoentes era um traço importante e muito próprio de sua identidade psicológica.

Eduardo é tomado pela emoção ao lembrar-se de Eva. Permite, ainda que por breves instantes, um esvaziamento de si, uma troca que a experiência dela em si aconteça.

O lembrador abre-se a essa experiência de recordar-se da pessoa evocada e permite que mudanças ocorram, acontecendo uma reorientação de seu depoimento e do entendimento do significado de Eva para si.

O despencar para a realidade de que trata Eduardo na narrativa parece estar associado ao sentimento de isolamento e despersonalização a que fica submetido o oprimido e o opressor. Ambos alienados de si, destituídos de um sentimento de pertença, de *enraizamento*.

O oprimido sofre violência e pode se tornar violentador. O opressor, ao mesmo tempo, em que subjuga outrem, torna-se escravo de sua própria subjugação, aprisionando-se em filtros propulsores de preconceitos e estereótipos.

Ao oprimir, o opressor torna-se produtor de automatismos, distante de qualquer reduto de *liberdade* que só acontece quando advinda de ações enraizadoras.

Eduardo compartilha, em seu depoimento, o fenômeno da *humilhação social* como um mecanismo que vai além do sentimento, pois que transcende a esfera do indivíduo, pela marca de suas dimensões políticas:

[...] igual esse fato que contei dessa pessoa quando os pais estavam acariciando as filhas e chamando de princesa e a outra pessoa diz: duas macacas e ele chama de princesa! Duas macacas, então aquilo me chocou muito, me deixou muito triste e a gente diz: Nossa! Quando a gente pensa que a cabeça das pessoas está se abrindo, você dá de cara com esse depoimento.

Contudo, logo em seguida, Eduardo recorda-se com alegria do espírito agregador de Eva, em sua luta comum contra fenômenos de *humilhação social* advindos, sobretudo pela questão racial, mas também presentes em outros modos de dominação:

[...] e se eu pensar na dona Eva, eu falo: não! A luta tem que continuar [...] Enquanto ela teve vida, é aquela alegria, vamos nos reunir, vamos celebrar, vamos continuar nossa luta porque vale a pena! Vamo filho, vamo sobrinho, vamo neto! Essa coisa dela chamar, ela motivava. A gente presenciou essa motivação de fazer com que a família participasse também das... Então é isso. Mas é legal, é muito gostoso a gente, é [...], Aliás, essas pessoas igual a dona Eva, com essa generosidade, faz com que o mundo não exploda. Essas pessoas de boa vontade.

Vida em abundância é aquela em que o espírito de humanidade sobrevivente em cada pessoa pode se fazer sentir pela singularidade de cada um, mas também pela pluralidade. Na diferenciação podemos reconhecer aquilo que nos pertence e nos revela.

Na singularidade, conseguimos obter forças para comungarmos de pensamentos, sentimentos e ações que favoreçam o aparecimento de mutualmente pela liberdade. Pessoas capazes de disparar um acontecimento que não se iniciaria pela naturalização de atitudes e automatismos sedimentados pela dominação são aquelas que conseguem, juntamente com outros e com o apoio destes, romper estados de homogeneização repletas de indiferença e recrudescimento. São capazes de lançar luzes à mundaneidade de outros e gerar novas formas de pensamento e ação.

A pessoa que se lembra de Eva se vê em sua alma. Foi uma pessoa capaz de doação na gratuidade. Entregava-se, ofertava coisas, partilhava *dons*, esvaziava-se. São ações que apontam dimensões diferentes de sua generosidade.

A *troca* começa na memória quando Márcia e Eduardo procuram esvaziar-se de si próprios, quando permitem que a lembrança de Eva possa acontecer. E às vezes, certos filtros e mediadores interferem nesse esvaziamento. No caso de Márcia, sua condição de comerciante e sua situação social e econômica permeiam em sutilezas sua narrativa.

No caso de Eduardo, sua vocação como agente pastoral, fortemente posicionada, atravessa toda a narrativa. Mas, em alguns momentos, é possível entrever esse estado de esvaziamento que gera emoção nos dois depoentes, ao lembrar-se da pessoa evocada, remetendo-se à rememoração como se estivessem presentes. Como se a cena evocada, voltasse novamente ao presente, com todas as suas tonalidades vívidas.

Simone Weil nas primeiras páginas de **Enraizamento** diz que ocupar-se da fome do outro é respeitar do modo mais fundamental sua dignidade. A fome e o consumo nos põe em uma condição de um relacionamento autorreferente, atrativo, centrípeto com o mundo. A fome nos põe em uma relação de consumo com o outro e não de devoção.

Mas uma pessoa que se ocupa não justamente de sua fome, mas da fome alheia, está ao mesmo tempo, agindo em relação as suas necessidades, agindo moralmente alta, e espiritualmente com desapego, porque não está se alimentando, mas sim nutrindo outrem. É de se apostar que algumas pessoas são capazes de realizar tal feito somente porque viram o *rosto* do outro.

Alimentar não se limita à justificativa de que se nutre porque está com fome. Alimentar é procurar proteger a existência de alguém. Nesse sentido, Eva é prontamente lembrada como alguém que preparava uma farofa deliciosa para o encontro da *Pastoral Afro*. Esse gesto atinge, assim, uma alta manifestação ética.

Eva revela-se desapegada da própria fome, não somente lidando com a fome de outrem, mas também protegendo e amparando. Eduardo, por sua vez, percebe o gesto da amiga evocada de trazer comida para outros. Então, nesse sentido, é possível afirmar que nesse instante, comunga dessa altura ética, confirmada e apoiada.

A julgar pela *memória de pessoa* em Eduardo, a pessoa marcante é alguém que contribui para um resgate moral e espiritual do lembrador, sendo que esse resgate se faz por exemplos, por palavras, ações e também pela mobilização do depoente, pela provocação de ações no recordador.

Quem dá de comer leva os outros a também fazerem o mesmo, a também dar de comer. Nutrir é uma *ação*, não somente uma necessidade de si ou dos outros. É um desprendimento do agente a favor da dignidade espiritual de outrem, em respeito à condição do faminto como *alguém*.

A *ação* de dar de comer é um ato que incita o seu seguimento, se põe como um exemplo a ser seguido, desperta um sentimento de inspiração e multiplicação.

A pessoa marcante mobiliza o depoente: o lembrador tem vontade de imitar seus feitos. Além disso, pela sustentação espiritual ofertada a outros, aqueles que a conhecem sentem-se no mesmo nível, no mesmo grau de entendimento e elevação e por isso são capazes de se esvaziar, como ela.

É lembrada como uma pessoa que alimenta, mas essa lembrança se sustenta em igualdade, os outros são seus iguais. É uma pessoa sentida como alguém que não faz comando, que ouve e que, ao mesmo tempo, instiga, apoia, estimula. O *trabalho compartilhado* com outros possui igualitarismo e colaboração.

O igualitarismo é um traço marcante de sua personalidade. O que permanece não é a ideia de igualdade, mas sim sua pessoa igualitária, uma pessoa comunitária. Por isso é que aprendemos com ela o que é comunidade.

Eva oferecia sustentação às pessoas em uma dimensão física, mas também moral. Não é lembrada pelos depoentes nem como uma pessoa servil, nem como soberba, mas sim como alguém

sempre envolvida em *trabalho compartilhado*, colaboração e hospitalidade: uma pessoa igualitária é aquela que hospeda a dignidade da gente.

Hospitalidade e igualitarismo são traços evocados pelos depoentes sobre Eva. Ela não é lembrada como uma pessoa que governa o trabalho dos outros, mas como alguém que trabalha também. Sua simplicidade revela-se pela entrega do produto de seu trabalho, uma pessoa que trabalha com os outros de igual para igual, uma pessoa de colaboração.

### III- *Memória de pessoa*: notas sobre o esvaziamento, o cotidiano, a causalidade e a ação

#### 3.a. *Memória de pessoa e o esvaziar-se em Alfredinho e Eva*

Em uma passagem de sua obra, Simone Weil utiliza o termo esvaziamento para circunscrever o campo de transição entre os comportamentos regidos pelos automatismos sociais e sua passagem para os espaços de uma verdadeira *atenção*, capaz de esvaziar o espírito por meio da prática do *dom*.<sup>64</sup> Esta ideia indica pressupostos importantes para a reflexão em torno de *memória de pessoa*.

Essa capacidade de desprendimento das convenções sociais, orientadas pela habilidade de doação, pelo espírito de serviço a outros, norteado por uma obediência interior, torna as pessoas lembradas *marcantes*, pois que foram capazes de realizar feitos memoráveis e reconhecidamente humanos, plenos de generosidade, autenticidade, igualitarismo, liberdade e despojamento.

As pessoas de referência lembradas no decorrer da pesquisa parecem dotadas, em maior ou menor grau, da capacidade de *desnudamento*. Especialmente, nos depoimentos de Alfredinho e Eva, o ato de esvaziar-se aparece com toda sua força e sugere o *dom* de entregar-se a outrem, com um relevante espírito de obediência.

Significa, como já comentado, que o espírito de pessoas capazes de um *amor* construído a partir de um importante desprendimento, em sua capacidade de doação em diversas formas, desperta a *verdade* (subjacente a esse *doar-se*), tornando-a uma força agente que reorienta e faz pensar.

Em um trecho do depoimento de Sidilene, é possível notar esse entendimento sobre Alfredinho:

*E de fato, é, se anulou. Quando eu falo pra você se anulou, porque é muito fácil falar: fulano se anulou, mas eu to fazendo aquilo, eu também to fazendo aquilo porque eu gosto, eu vou te contar aonde eu encontro a anulação, essa, essa coisa do pe. Alfredinho. Você vê naqueles períodos que ele tava conosco e ele trazia aquelas pessoas, era possível ver o padre Alfredinho em cada pessoa. [...] então, falar de Alfredinho nunca será falar do singular. Falar de Alfredinho é falar no plural.*

Pessoas capazes de tal despojamento fazem-se marcantes, pois são capazes de provocar uma experiência transcendente em relação ao outro. A exterioridade marcada pelo movimento centrípeto sustenta em outros uma valência do *eu* e atingem, portanto, uma dimensão ética da existência.

Nesse sentido, pessoas que realizam tais feitos desprendem-se de uma identidade amorfa e adquirem *distinção*. Existir, a partir de tal movimento, alcança um sentido plural, em que é possível

---

<sup>64</sup> SIMONE WEIL. *O enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001, p. 263.

*aparecer* na esfera pública e, assim, superar uma significação privada da subjetividade, o que lhe confere uma tonalidade mais autêntica, pois mais *humana*.

São pessoas que agiram e viveram de modo distinto. Essa *distinção* acontece, como indicado, pela capacidade de ofertar *dons*, pelas *trocas de influência*, pelo *trabalho compartilhado*, que são capazes de estabelecer ligações de profunda consideração para a dignidade alheia e suas raízes.

Pessoas que se sentem dignas são capazes de grandes gestos de altruísmo. Pessoas enraizadoras respeitam as raízes de outros. A *ação* de enraizar possui um efeito multiplicador, o que possibilita tornar outros agentes enraizadores.

Aqueles que enraízam, apelam recorrentemente para a existência de outrem. Despertam dons. Lembremos da interpelação realizada incessantemente para Ute, em sua moradia: *tem algo para dar?* Sempre há algo para dar. O que nos torna distintamente humanos é essa capacidade de alimentar: dar de comer ao corpo e ao espírito de outrem.

Quando Alfredinho foi morar na comunidade Lamartine, ocupou sua casa com quase nada dentro. Os vizinhos se organizaram rapidamente para lhe providenciar um pouco de arroz, uma panela, um lugar para cozinhar. Ele dizia que existe bondade dentro do coração humano, mas que é preciso dar-lhe ocasião para demonstrar. Esse episódio demonstra a capacidade de despertar dons naqueles que se encontravam adormecidos pelo isolamento social, pela solidão imposta.

O esvaziar-se de Alfredinho pode ser compreendido por sua figura *humilde* e de poderosa influência que se faz representar por um espelhamento da *imagem dos humildes*, capaz de se libertarem da humilhação quando incorporada à imagem do agente: esta reflete nos humildes uma imagem respeitosa e elevada através de seu exemplo, o de um *humilde que agia*. O homem comunitário foi capaz de uma vasta influência, pois mobilizou pessoas e grupos a agir em comunidade. Para o depoente Miguel, esse esvaziamento de Alfredinho tão destacado no depoimento de Sidilene aparece de modo diferenciado, como a seguir:

*Eu me lembro de um religioso que ia fazer um retiro lá na casa dele em Crateús até meio em São Paulo e ele dizia: eu nunca viveria esse tipo de vida, mas de estar com Alfredinho e poder partilhar um pouco, viver esse despertar, essa fome, essa plenitude de Deus, despojada de tantas coisas que nos preocupam materialmente né?*

Segundo o lembrador, Alfredinho possuía autenticidade, ocasionada por um despertar pessoal que implicava despojamento. Esse despertar foi motivado por uma *fome interior*, assim como a própria esperança de supri-la. Mas também, em outros que sofriam, como ele, as

necessidades da alma: de ter alimentado o corpo e, da mesma forma, o espírito, o direito à liberdade, à igualdade, ao pertencimento.<sup>65</sup>

Em Eva, por sua vez, esse esvaziamento poderia ser mais bem compreendido no sentido que a atribuiu Márcia e Eduardo, em sua capacidade de *doação*, o que chamamos de *prática de dons*. Eva era uma pessoa que se esvaziava em favor do outro, por uma grande capacidade de gratuidade nos gestos de amor e dedicação: por meio do *trabalho compartilhado* com Márcia, como costureira e com Eduardo, no reconhecimento da negritude, demonstrou sua capacidade de se doar com desprendimento.

Márcia relembra várias histórias a respeito dos feitos de Eva, como sua dedicação ao filho acamado, o alimento produzido com amor e alegria que reunia a família na cozinha, seus conselhos, sua generosidade que a fez sentir-se como se fosse sua filha, sua habilidade de acolher familiares em sua casa que precisavam de seu apoio, seu modo de receber Neide e Gabi em sua casa, para que pudesse trabalhar com a filha ainda criança e muito provavelmente, sem ter onde deixá-la, sua dedicação ao trabalho, com muito carinho e afincos...

Conforme Márcia relembra das cenas evocadas, percebe-se que suas lembranças estão tocadas pela presença de Eva em vários espaços, de modo que fica difícil precisar quais partes das recordações dizem respeito aos modos de recordação da depoente ou aos modos de ser de Eva. Os lembradores Márcia e Eduardo são pessoas que, em maior ou menor grau de contato, foram *comovidas* com a mesma intensidade a respeito de sua presença de espírito.

Eva foi capaz de esvaziar-se em favor de outros e seu esvaziamento foi passível de fazer os lembradores também esvaziarem-se, apropriando-se subjetivamente de suas qualidades marcantes. Por exemplo, quando Márcia recordou-se que foi com Eva que aprendeu a dedicação ao trabalho como algo sagrado. Seu modelo de família foi inspirado na forma com que Eva cuidava dos seus. Também, para Eduardo, a dimensão do espírito comunitário da amiga evocada foi um traço muito valorizado.

Ambos se recordam de Eva cozinhando: Márcia lembra-se da amiga preparando bolos para os filhos que vinham visitá-la, sempre em torno da cozinha. Já Eduardo recorda-se dela “*preparando uma farofa deliciosa*”. Também, afirma que sempre fazia pães de cenoura para os encontros da *Pastoral Afro*: “*era uma marca registrada dela*”.

Alimentar o corpo e o espírito é um gesto de uma força contagiante: quem *dá de comer* leva outros a fazerem o mesmo. É uma *ação* do agente em favor da dignidade espiritual de outros, em respeito a sua condição. Provoca a continuidade, põe-se como um exemplo a ser imitado, desperta

---

<sup>65</sup> WEIL, Simone. *O Enraizamento*, 2001, p.36.

um sentimento de inspiração e multiplicação: o esvaziamento de Eva e Alfredinho era aquele em que outros podiam se ver.

### 3.b. *Memória de pessoa e memória social*

As recordações dos lembradores aparecem sustentadas pelas lembranças de seus grupos sociais, seja amparando-se em memórias familiares a respeito da pessoa evocada ou em outros grupos sociais mais ou menos amplos.

As lembranças de Sidilene sobre Alfredinho surgem misturadas às memórias sobre acontecimentos quando de sua ida à Igreja e nas pastorais. Sua mãe participava desses movimentos na mesma comunidade e parece ter *transmitido* aspectos de sua vivência comunitária à filha, influenciando seu modo de perceber a pessoa evocada.

Assim, suas lembranças sobre Alfredinho indicam já vir constituídas por um saber anterior sobre quem a pessoa evocada foi, conforme os olhares, as vozes e as lembranças de seu grupo de pertença, mais notadamente, de seu grupo familiar. Sidilene se recorda sobre o religioso como aquele que “*realizava um trabalho no morro da Kibon*”, o lugar mais pobre da região, onde costumava dormir em estrados, pois: “*as pessoas comentavam*”.

Algo muito similar parece acontecer com as recordações de Adriano a respeito de Adilson: um sentimento de afeto nutrido pelo amigo evocado que já era anteriormente alimentado por sua mãe e seu irmão. A sua aproximação com Adilson aconteceu na maioria por interferência de sua mãe, que solicitava ao amigo para conversar com o filho que se encontrava *perdido*. As lembranças afetivas de sua mãe e de seu irmão sugerem trazer um sentido às suas inclinações e memórias e nortear, posteriormente, uma atitude atenta à abertura do amigo.

O lembrador recorda-se de ser apenas uma criança quando frequentava o consultório de Adilson, o dentista que costumava ouvir música clássica quando atendia seus clientes. Além disso, suas recordações aparecem atravessadas pelas memórias de sua família, também tonalizadas pelas recordações de amigos em comum e do grupo social que convivia rotineiramente com o amigo evocado.

Por sua vez, as lembranças de Cido sobre Ute acontecem, em um primeiro plano, de forma simultânea. Aos poucos, vão se misturando às lembranças de sua família, pois a amiga evocada acaba convivendo com todos os seus integrantes. A amizade com Ute cresce em confiança e afeto e todos de sua família acabam por abrir-se a esse encontro, modificando-lhes os destinos.

As memórias do depoente sobre sua vida familiar entremearam-se com suas lembranças sobre Ute, pois em vários desses momentos, a amiga evocada esteve presente: mudanças de domicílio, o trabalho com o pai, as escolhas de café, auxiliado por Ute e por outras crianças, a vida difícil em uma zona rural do Paraná, distante da escola. Já as lembranças de Maria são apoiadas ao grupo maior também de pertença de Cido, a *Associação Comunitária Monte Azul*.

É possível observar que aquilo que testemunhamos em companhia de outros se torna nossa realidade. Em variadas circunstâncias na vida, outrem nos afirma os acontecimentos que se passaram e assim, temos a certeza que os fatos que testemunhamos ‘verdadeiramente’ ocorreram. Como diz o personagem Vitângelo Moscarda, na obra **Um, nenhum e cem mil**, do escritor italiano Pirandello<sup>66</sup>:

*Quando a visão dos outros não nos ajuda a constituir em nós mesmos a realidade daquilo que vemos, nossos olhos não sabem mais aquilo que veem e a nossa consciência se perde, porque isso que consideramos a nossa coisa mais íntima, a consciência, quer apenas dizer os outros em nós, e não podemos nos sentir sozinhos.*

Sidilene ainda precisou se apoiar em conhecimentos da época que a lembrança se evoca, seja nas memórias de grupos ou nos livros, a fim de se sentir autorizada a falar sobre a pessoa evocada, que se revelava dotada de uma grandiosidade que lhe despertava estarrecimento.

Miguel também se recordou de histórias que outros contavam sobre a pessoa lembrada: é assim que se lembrou do movimento realizado por ele e amigos contra a Coca-Cola, recém-chegada na cidade de Crateús, na década de 70. Também, suas recordações aparecem tonalizadas pelas expectativas e olhares dos grupos religiosos que conviviam com eles.

As lembranças de Nilza ficaram mais centradas ao grupo que frequentava os dias de oração na casa de Adilson, mas também vêm apoiadas em um grupo social mais amplo no qual histórias sobre o amigo eram contadas e se tornavam ‘lembranças comuns’.

As evocações de Márcia apoiam-se em evocações da família de Eva sobre a amiga que compartilhava com ela momentos no ambiente mutuamente compartilhado. A sua casa transformava-se em um local comunitário: um ambiente familiar, mas que também era aberto aos encontros com pessoas que a buscavam para todo o tipo de conversa, de conselhos a encontros religiosos e trabalho.

Por sua vez, as lembranças de Eduardo sobre Eva vêm apoiadas no grupo social mais amplo e, ao mesmo tempo, mais específico: os encontros promovidos pela *Pastoral Afro*.

Dessa maneira, é importante notar que nossas impressões sobre as pessoas tendem, muitas vezes, ‘simplificar’ noções mais complexas. Uma aparente homogeneização traduzida em diversos matizes pode tonalizar a figura em torno de alguém.

Muitas vezes, aquilo que acreditamos pensar já vem ancorado em uma memória familiar e de grupos de pertença, trazendo consigo o olhar social sobre aquilo que acreditamos ser somente nosso modo de ver os seres e as coisas.

---

<sup>66</sup> PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Cosac Naify, 2000, p.144.

Assim também acontece quando pensamos a respeito de *quem alguém foi*. Todas as narrativas vieram amparadas em grupos familiares e sociais e esse parece ser um importante indicativo de que a *memória de pessoa* é, de certa forma, *memória social*.

O olhar social que norteia nosso modo de lembrar surge conduzido por filtros que selecionam nossa compreensão sobre pessoas. As recordações podem se manifestar mais ligadas a convenções e instituições que as pessoas lembradas pertenceram: Sidilene e os grupos da *Igreja*; Miguel e sua posição religiosa fundamentada na mesma instituição que Alfredinho; Maria e seu trabalho na *Associação Comunitária Monte Azul*; Cido e suas lembranças familiares que revelavam sua convivência constante com Ute.

De outra maneira, o olhar de Adriano vem sustentado pelos familiares e amigos que conviveram com Adilson; a narrativa de Nilza ancora-se em sua privilegiada posição sociocultural e no centro espírita fundado com o amigo evocado; a narrativa de Márcia sustenta-se na sua profissão de comerciante; e a de Eduardo na *Pastoral Afro* onde conheceu Eva. De algum modo, essas peculiaridades da formação subjetiva de cada depoente, marcadas por sua posição social e existencial, parecem, assim, influenciar na condução das evocações.

Um elemento mediador em estudo sobre *memória de pessoa* é a percepção dos depoentes sobre a pessoa evocada, filtrada por condições de classe e ideologias que tonalizam os depoimentos: um traço importante da pessoa evocada que pareceu se revelar nos depoimentos esteve relacionado às convicções políticas e idealizações manifestadas pelos olhares do percebido.

Alfredinho pareceu se revelar para Sidilene e Miguel como um homem comunitário, dotado de grande autenticidade, capaz de se apropriar do universo religioso de modo muito singular, muito próximo dos mais sofridos e excluídos da sociedade.

Ute revelou-se dotada de grande idealismo, ao buscar estabelecer pontes entre universos distintos entre crianças que possuíam acesso ao universo cultural e as que estavam famintas desse alimento tão indispensável ao espírito.

Adilson, ao buscar libertar-se de papéis muito engessados e pré-estabelecidos, desenvolveu uma espiritualidade muito singular, ligada às artes, às músicas, na fome de conhecimento e na busca da intensidade da vida.

Eva foi capaz de sustentar outros na busca por dignidade e pela afirmação social no reconhecimento compartilhado da negritude, bem como na busca por estratégias de enfrentamento da *humilhação social*.

### 3. c. *Memória de pessoa e cotidiano*

Assim como Miguel, quando busca lembranças sobre Alfredinho, Márcia ao lembrar-se de Eva afirma não ter muitas histórias para contar, pois sua convivência era aquela do cotidiano, do dia-a-dia, atravessada pelo trabalho.

Percebe-se que há uma ideia sedimentada em lembrar-se de alguém como sendo aquela somente reservada a fatos extraordinários, como se as memórias de situações do dia-a-dia não fossem, também, elas mesmas, recordações, tão intensas e marcantes quanto às marcadas por uma grandiosidade de acontecimento, pois que se fundamentam na experiência da convivência.

As ações mínimas, quase despercebidas, são capazes também de orientar e reorientar. São difíceis de perceber como sendo reorientadoras, pois são fundadas nas mínimas experiências, em ações quase anônimas e/ou invisíveis. É surpreendente quando nos damos conta da importância e da significação de convivências fundadas no cotidiano. Quando se tornam suficientemente conscientes são capazes de nortear condutas, sentimentos e ações.

Eva aparece inicialmente como uma ‘mulher comum’, mãe de cinco filhos, costureira, que gostava de participar das pastorais da *Igreja Católica* em contraste como Alfredinho, Ute e Adilson. O que a distingue das demais pessoas evocadas é o seu aparecimento estar condicionado às convenções sociais: Alfredinho foi um religioso pouco convencional, afastando-se dos padrões esperados até mesmo por colegas de sua ordem, sem, contudo, romper com a estrutura eclesial.

Ute iniciou um trabalho social que se estendeu para além da *Associação Comunitária Monte Azul*, não se casou e nem teve filhos, desviando-se de expectativas sociais comuns; Adilson quebrava expectativas a todo instante e não se prendia a convenções sociais. Já Eva teve sua vida dimensionada na família, no trabalho e na Igreja.

O que todos possuem em comum é a prática de *dons*, em graus distintos. As pessoas lembradas desprenderam-se de um aparecimento somente tangenciado na esfera íntima e se estenderam a ligações sociais mais ou menos amplas, pois atingiram certa notoriedade pública. Eva, por exemplo, possuía muitos amigos associados ao seu trabalho com a Igreja e também amigos do bairro onde morava, por exemplo. Contudo, o olhar de Márcia sobre ela foi aquele da convivência diária em que os mínimos gestos adquiriram grande significação.

Assim, é possível afirmar que a *qualidade* da evocação depende do grau de interação que envolve a relação entre a pessoa evocada e o lembrador: se o nível de convivência entre ambos aconteceu na esfera pública, mediada por feitos grandiosos da pessoa evocada, as lembranças parecem nortear-se pelas ações que revelam quem a pessoa foi por meio de traços de sua identidade psicológica, em um cenário compartilhado.

Contudo, se as lembranças da pessoa evocada são alimentadas pela convivência rotineira de anos a fio, então a memória do lembrador parece orientar-se por pequenos feitos da pessoa evocada, ricos em nuances e singeleza e trazem em conjunto com as lembranças de pessoa, aspectos mais nítidos de outras memórias vividas, compartilhadas.

Assim, recordações de toda uma época mediadas pela lembrança de pessoa parecem aflorar: músicas, cheiros, costumes, tradições culturais locais, atravessadas por um cenário modificado, onde as lembranças parecem resistir à paisagem modificada de outrora.

Isso porque, a *memória de pessoa* que se estabelece pelo cotidiano é rica de nuances: os objetos de estima aparecem, os lugares preferidos da pessoa lembrada, seu modo de ser para aqueles que conviveram com ela na esfera privada parecem emergir de modo mais nítido. Contudo, a *memória de pessoa* ancorada em feitos públicos também pode aparecer mediada por outras memórias, mas estas sugerem estar mais entrelaçadas aos feitos evocados pelos lembradores, centradas na pessoa de referência e menos a um surgimento mais espontâneo dessas outras modalidades de evocação.

A *memória de pessoa*, então, parece ser guiada por imagens vívidas, em que o tom da narrativa se faz mais intimista, revelando aspectos mais sutis da identidade psicológica da pessoa rememorada. Em torno da pessoa lembrada, há episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação do agente parece definir a natureza íntima do grupo, daqueles que a conheceram.

Assim, as palavras e as ações da pessoa lembrada podem se transformar em atitudes símbolo. A reconstituição do episódio torna-se capaz de transmitir princípios enraizadores ao grupo e tornar-se fonte de inspiração, inclusive aos que virão.

Os traços de *memória de pessoa* encontrados em uma relação marcada pela esfera pública são sustentados e centrados nas *ações* da pessoa lembrada, o que a fez tornar-se marcante, o que revelou sua identidade psicológica no aparecimento social. Assim, são traços mais densos, concentrados, enquanto aqueles manifestados na esfera intimista parecem se mostrar mais dispersos e entrecortados com outras memórias, que se misturam à identidade psicológica da pessoa lembrada, revelando uma complexidade rica em nuances e singeleza.

Há, contudo, certos traços comuns entre as duas manifestações das lembranças: a autenticidade contida em Alfredinho, o igualitarismo em Ute, a liberdade em Adilson e a obediência em Eva. Nesta última, esse mesmo traço aparece por quem guarda lembrança dela admirada, mais ligada a seus feitos públicos como Eduardo e também aparece em uma lembrança menos ampla, marcada por episódios cotidianos.

Percebe-se, assim, que as lembranças de pessoa constituem-se em filtros: das pessoas que lembram, mas também em função do modo como o encontro entre o lembrador e a pessoa evocada

se deu. Quando os encontros ocorreram em função do ofício da pessoa evocada, aconteciam de mais naturalizado e menos espontâneo. Contudo, com o passar do tempo, não raro, era possível nascer desse contato cotidiano uma grande amizade.

A pessoa evocada aparece para o lembrador em diversas gradações e matizes. Foi possível notar nos depoimentos descrições importantes sobre a identidade psicológica das pessoas lembradas, em função de uma proximidade atenta por parte do recordador à pessoa evocada.

A memória de Márcia sobre Eva, por exemplo, aparece marcada pela convivência e isso permite que as lembranças da depoente sejam enriquecidas por recordações muito simples, nem sempre afetadas pela admiração de feitos que na esfera pública assumiram grande notoriedade, eventos que na ação pública em que foram testemunhados ficaram grandiosos.

Apesar disso, as lembranças simples e as de feitos públicos podem trazer, de maneira variada e contrastante, as lembranças comuns. Eva, tanto para aqueles que a conheceram na esfera pública, mais esporadicamente, quanto para aqueles que estiveram com ela no cotidiano, é lembrada como uma pessoa *capaz de doação* em suas variadas dimensões, como a doação de coisas e de habilidades.

Foi uma pessoa que compartilhou o que possuía, ensinou o que sabia e levou algumas pessoas a adquirir certas competências com ela. Também, foi uma pessoa que ouviu, que se esvaziou em favor de outros. Uma pessoa em quem os outros podiam se ver.

A lembrança mais intimista parece marcada por uma temporalidade diferente daquela revelada pela esfera pública: as lembranças da pessoa rememorada parecem não serem caracterizadas como *pela primeira vez*. É como se sempre estivesse estado ali, presentes na subjetividade do depoente. São guiadas por um sentimento de familiaridade, de continuidade e serão eternas enquanto existir aqueles que as alimentam e as transmitem pelas histórias.

### 3.d. *Memória de pessoa e sensorialidade*

As lembranças também podem se fazer constituir a partir de cheiros, tonalidades de luz e sons. Assim, Adriano recorda-se do dia em que foi encontrar Adilson em sua casa para conversarem, como amigos.

Era um dia de outono ou seria inverno? O lembrador não saberia precisar, mas o fato é que as pessoas estavam *acabrunhadas*. Isso faz pensar em um daqueles dias em que a luminosidade se faz pouca, como ele mesmo afirma: “fazia um tempo sombrio”. Os amigos se reuniam em torno do café, na cozinha. Adriano chega a se recordar do aroma, associando esse costume às reuniões frequentes na casa do amigo.

As lembranças parecem em alguns momentos virem marcadas por certa sonoridade: assim lembrou Sidilene, de uma canção muito cantada na época em que conheceu Alfredinho, *Pai-Nosso dos Mártires*. Festas de aniversário, religiosas e culturais, tais como recordou Cido e que se fundaram em tradições também muito apropriadas a partir da relação entre os lembradores e as pessoas evocadas.

Assim, a festa de *Santo Reis* de Ute tornou-se diferente por trazer à cena o nascimento do menino Jesus, algo que não acontece nas festas tradicionais. Cido compartilhou dessa tradição ressignificada a partir da amizade e acompanhou durante muitos anos no estudo e na participação das festas religiosas populares brasileiras. Juntos, fundaram uma tradição singular, que também se deu na comunhão da celebração da *Semana Santa* anualmente, na *Associação Comunitária Monte Azul*, uma *Semana Santa* diferente, como lembrou Cido, inspirada na reunião diária que ele e seus irmãos tinham com seu pai, todos os dias, quando retornava do trabalho.

Recordamos também o programa de rádio, realizado por Eli Corrêa, lembrado por Márcia, no qual se cantava a vinheta célebre que se tornou símbolo das conversas que mantinha com Eva, nutridas pela cumplicidade do *trabalho compartilhado*.

### 3. e. *Memória de pessoa e causalidade pessoal*

Os traços marcantes evocados pelos lembradores aqui são discutidos sob o viés de *causalidade pessoal*, termo discutido amplamente por Fritz Heider em **Psicologia das Relações Interpessoais**. O modo como os lembradores recordaram-se das pessoas evocadas e até mesmo os filtros pelos quais suas recordações passaram e o que *escolheram* lembrar são mediados pelas influências da pessoa de referência no recordador. Também, o modo como as lembranças foram narradas e como se desencadeou as histórias.

A *intencionalidade* presente nos modos de lembrar e nos exemplos citados pelos depoentes parece ser um importante fator sobre como as lembranças emergiam e sobre o sentido que lhe foram atribuídas pelos recordadores.<sup>67</sup>

A pessoa evocada parece ser lembrada, sobretudo, em dois aspectos norteadores: o primeiro; refere-se a traços da identidade psicológica do depoente e parece conduzir as lembranças, como aparecem: seu universo próprio em relação com a exterioridade; o segundo, diz respeito a uma dinâmica própria da relação entre a pessoa lembrada e o lembrador e sugere configurar as dimensões das lembranças manifestadas.

Essas dimensões associam-se, sobretudo, a elementos espaço-temporais, afetivos, sociais, psicológicos e históricos que trazem singularidade à relação entre o recordador e pessoa evocada. Assim, lembramos em função de uma época: suas cenas, paisagens, aspectos históricos, políticos, sociais. E também de um tempo *quantitativo* e, sobretudo, *qualitativo*, submetido à orientação da subjetividade, mediada pela memória e seus filtros.

Nesse sentido, o que lembramos parece estar tangenciado por um tempo próprio que marca singularmente a relação com a pessoa evocada. Aspectos emocionais do lembrador e da pessoa evocada parecem conduzir as lembranças, os afetos que significaram a relação, o modo de perceber muito próprio do depoente, seus filtros subjetivos, mediados por seu grupo de pertença e por suas recordações familiares.

Também, lembramos, em função do espaço que ocupamos, a posição social: se de maior ou menor impedimento social, como Sidilene e Eduardo, por exemplo. No entanto, a posição existencial também influencia o modo como lembramos: a maneira como estamos mais ou menos atentos ao encontro com a pessoa evocada; nossas atitudes e disposições interiores reveladas por nossos discursos e ações, por nossa *aparição*.

---

<sup>67</sup> Sobre o conceito de intencionalidade, consultar Edmund Husserl. *A intencionalidade da consciência*. In: **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Enfim, são muitos elementos que podem influenciar o modo como lembramos e todos os aspectos citados, de algum modo, apareceram nos depoimentos dos depoentes. Não pretendemos, assim, esgotar todas as possibilidades de compreensão de um estudo sobre *memória de pessoa*. Pode-se considerar que todos os aspectos abordados sobre como o lembrador se recorda também acontece com a pessoa evocada e influencia o grau e a natureza intersubjetiva, mediada pela memória, pois são elementos que norteiam modos de interação humana.

O que pareceu demonstrar traços importantes e significativos das lembranças evocadas pelos recordadores foram as ações realizadas pela pessoa lembrada e que marcaram não somente a relação entre ambos, de modo direto ou indireto, mas também a um grupo social maior, passível de maior ou menor influência.

Foi assim com Sidilene que se impressionou com o fato de Alfredinho dormir praticamente em estrados, somente de ouvir dizer. Também Miguel, que se espantou com o movimento contra a *Coca-Cola* realizado pela pessoa evocada, também somente de ouvir histórias a respeito. Não raro, a aproximação entre pessoa evocada e depoente transformava-se em uma grande amizade regida por uma sintonia que chamamos de *abertura*. A experiência da pessoa lembrada gerava influências no lembrador difíceis de precisar.

Uma pessoa marcante, na interioridade do recordador, pode assumir inusitada profundidade, fonte de experiência insaciável, tesouro de onde saem incessantemente descobertas sobre a pessoa, sobre o seu recordador e talvez sobre todos nós.

É o que pode ser colocado como *trocas de influência*, conceito amplamente discutido por Simone Weil<sup>68</sup>, que se refere à capacidade de ser *comovido* pelo mundo do estrangeiro que se transforma em familiar: a influência externa transforma-se em um estimulante que torna a vida do influenciado mais intensa.

A experiência de *trocas de influência* foi destacada, principalmente na ligação entre Ute e Cido. A prática de *dons* entre eles foi capaz de transformar a ambos. Ute apropriou-se de modo muito singular do universo de Cido e seus familiares: seus costumes e sua cultura, assim como Cido, que aprendeu com Ute a ser educador, seu modo de estar com as crianças de distintas condições sócio-culturais, por exemplo.

Assim também, os gestos de Alfredinho foram capazes de despertar a atenção de Miguel para o desempenho da hospitalidade com leigos franceses que não falavam a língua local e iriam passar alguns dias na moradia dos *Filhos da Caridade*. O lembrador recorda-se de um gesto concreto da pessoa evocada, sem muitas palavras, quando afixou em lugar visível da moradia

---

<sup>68</sup> WEIL, Simone. *O Desenraizamento*. In: *O Enraizamento*. Bauru: Edusc, 2001.

compartilhada um cartaz que dizia as palavras de São Paulo: *praticai a hospitalidade*. Ao recordar-se dessa ação simples e profunda, Miguel rememora a paciência virtuosa encontrada na pessoa de Alfredinho e revê atitudes de impaciência.

O depoente afirma que Alfredinho tinha uma atitude mais provocativa, isto é, que buscava despertar dons e paciência com os pobres. É possível perceber em sua fala certa reflexão entre a postura da pessoa evocada e de outros religiosos, como se sua forma de ser agregasse valores ao seu modo de pensar e agir também como religioso.

Adriano e Nilza ao se lembrarem de Adilson citam que o amigo despertou neles a curiosidade pelo conhecimento sobre artes, filosofia e música. O depoente cita sua busca pela intensidade da vida como algo do amigo que permaneceu nele. Já Nilza se lembra da busca por uma necessidade de elevação. A depoente foi além de uma reorientação mais subjetiva, pois consegue, com o amigo, fundar uma casa espírita. Ou seja, a influência do amigo em sua esfera íntima atinge, então, uma concretude.

Márcia e Eduardo foram capazes de internalizarem os exemplos de Eva, cada um a seu modo: a depoente, no modo de dedicação ao trabalho, inspirando-se no espírito de *obediência* da amiga evocada.<sup>69</sup> Eduardo por meio do exemplo de seu espírito comunitário, de sua acolhida, do sorriso, da partilha e da doação que a pessoa evocada promovia ao ceder sua casa, seu tempo e o que possuía para compartilhar com os amigos das pastorais e do bairro onde morava.

Ute, segundo os depoentes, foi uma pessoa que transformou, de fato, suas vidas. Sem a sua influência, muito provavelmente Cido não se tornaria educador, nem mesmo Maria, que reconheceu que sem a presença de Ute, seria até os dias de hoje dona de casa.

Alfredinho e Ute atingiram grande notoriedade pública e foram capazes de influenciar grupos sociais de outras regiões do país e do mundo, influenciando pessoa que não tiveram contato direto com eles. Adilson, também possuía amigos em outros países, que mantinha relativo contato. Porém, sua influência sobre essas pessoas pareceu ser menor por estar relacionada diretamente a indivíduos e seus grupos menores, familiares, e não a grupos sociais mais amplos. Já Eva pareceu influenciar grupos sociais menores, mais associados à comunidade que pertencia.

As *ações* da pessoa evocada são recordadas também pelos lembradores em diversas dimensões que se referem às influências de maior ou menor notoriedade da pessoa evocada, mas também há que ser considerada a dimensão do sentido que essas ações tiveram para o depoente.

---

<sup>69</sup> Simone Weil reconhece a obediência como uma das necessidades da alma. Assim, em **O Enraizamento** afirma que a obediência: “[...] supõe o consentimento, não para com cada uma das ordens recebidas, mas sim um consentimento concedido de uma vez por todas, sob a única reserva, se for o caso, das exigências da consciência” (2001, p.17).

Logo, alguns traços manifestados de *causalidade pessoal* da pessoa evocada no lembrador e parece sugerir o grau de experiência da pessoa de referência na pessoa que lembra. Essa ‘presença’ da pessoa lembrada no depoente pode ser, assim, compreendida, como reorientadora de sua subjetividade, sendo essa reorientação mediada pela memória.

Assim, alguns traços foram notados nos depoimentos: certas lembranças causam profundas emoções nos depoentes. Essas emoções podem ser percebidas por meio das pausas, silêncios, voz embargada, olhos marejados, suspiros. De um modo menos ‘objetivo’, parecem causar também reflexões e, por vezes, reorientação do depoimento (*percepções*), antecedidos por *espantos* (a lembrança, ao ser evocada, parece prenunciar a revelação da importância da pessoa recordada, sua presença mais ou menos inconsciente na vida do depoente e agora, tornada consciente, retomada).

Essa experiência da pessoa evocada no lembrador é capaz de reorientá-la. Fazê-lo repensar pensamentos, sentimentos e ações. A presentificação da pessoa evocada é capaz de incitar o depoente a reiniciar a ação exemplificada, de modo singular, a ponto de fazê-lo se sentir responsável pelo curso da *ação*, modificando-lhe profundamente modos de agir e pensar.

Sidilene afirma: foi a experiência da espiritualidade de Alfredinho capaz de fazê-la pensar em se tornar religiosa e depois, enfermeira. Assegura ser a sua capacidade de resistir ao *sistema*, um modo de seguir os exemplos da pessoa evocada. Podemos sentir a aproximação de Alfredinho, assim, no modo de ser da recordadora, em suas tomadas de decisões, refletidas em suas ações.

Miguel fica pensativo enquanto suas lembranças vão se tornando cada vez mais profundas e tocantes sobre Alfredinho e cita que suas ações faziam com que os demais colegas da congregação repensassem seus modos de acolhida.

Ute mudou profundamente a vida de Maria e Cido. Ambos os depoentes reorientaram-se. Suas ações e destinos de hoje refletem a experiência da amiga evocada, relembrada e retomada no presente ao mesmo tempo, em que se presentifica neles a cada nova ação que realizam, motivados pelo exemplo que ela ofertou.

O modo de ser da pessoa evocada parece influenciar como o depoente lembra: se a pessoa evocada causou profundas influências no depoente, as lembranças se desprendem com maior liberdade do olhar ‘subjetivo’ do recordador, revelando parte da relação entre a pessoa lembrada e o lembrador.

Contudo, no caso de a pessoa evocada apresentar-se de modo muito singular, de uma singularidade difícil de qualquer vinculação, marcada por quebras de expectativas recorrentes, como Adilson, as lembranças dos depoentes parecem fixar-se mais em suas próprias constituições subjetivas. Tal fato revela uma relação promovida por uma espécie de ‘identificação’ do recordador com a pessoa evocada e não necessariamente a uma vinculação promovida por *troca de dons*, o que

parece ocorrer quando acontecem mudanças de reorientação subjetiva na pessoa evocada e no lembrador em função da experiência do encontro entre ambas, como aconteceu entre Ute e Cido, por exemplo.

Pela concretude do *encontro*, as lembranças parecem revelar pura alteridade, tornando-se difícil identificar onde começa a subjetividade daquele que lembra e onde se iniciam as influências da pessoa lembrada na subjetividade do lembrador. Importante pontuar que essa *experiência do encontro*, específica no modo da constituição das lembranças, somente fortalece a identidade psicológica do recordador que se torna agente de novos feitos, pois é capaz de entregar-se à experiência de outros, sem, contudo, perder-se na indiferenciação.

Sendo assim, compreende-se aqui a *experiência do encontro* como a vivência de outrem que se torna mais ou menos indistinta, com o passar dos anos, da própria constituição subjetiva do depoente. Porém, ao mesmo tempo, contribui para que seu processo subjetivo de diferenciação revele uma personalidade mais ou menos autêntica, como foi visto nas pessoas evocadas que foram capazes de abrirem-se para o contato profundo com outros.

Assim, é possível afirmar que a experiência da pessoa evocada na vida do lembrador acontece enquanto houve da parte da pessoa lembrada uma maior abertura, desprendimento de si mesma, uma maior *capacidade de doação*, capaz de causar um esvaziamento, também, da pessoa que lembra e uma consequente entrega, ao enxergar nos exemplos da pessoa recordada uma implicação, uma responsabilidade ética, uma necessidade de assumir com ela, ainda que ‘virtualmente’, um compromisso e dar, assim, um prosseguimento às ações (re) iniciadas por ela.

Nesse sentido, a pessoa evocada torna-se exemplo de um espírito comunitário internalizado pelo lembrador, imitador de seus feitos, agora assumidos por ele. O lembrador torna-se, assim, uma testemunha da memória de outros: sua subjetividade é reorientada para que a pessoa evocada passe a *habitar* sua interioridade: o eu torna-se nós.

De um modo mais específico, a forma de ser da pessoa evocada parece revelar uma singularidade tão marcante que permite causar no lembrador um esvaziamento de si, espelhado na pessoa recordada. Neste caso, as lembranças parecem se desprender abruptamente, o que se vê nos momentos de grande emoção das narrativas, como se o recordador estivesse revivendo a cena evocada. Esse estado emocional acontece de modo fugidivo e parece reorientar o depoimento que antes aparecia ditado pela simples evocação, entremeado com a identidade psicológica do depoente que se faz marcadamente presente, anteriormente à experiência emocionada.

No caso em questão, parece esse movimento estar diretamente relacionado ao modo de ser de Eva, que despertou nos depoentes essa forma muito característica de lembrar.

As *ações* da pessoa evocada são capazes de alcançar vastas subjetividades, causando-lhes profundas reorientações e modificações. Assim é possível verificar nos depoimentos frases como: *as pessoas comentavam, as pessoas pensavam; nossa como é possível um padre ir morar na favela?* Pessoas diziam ao lembrar-se de Alfredinho. *O que fazem esses voluntários estrangeiros aqui?* Pensava Cido e sua família, incitando-lhes a curiosidade e a vontade de participação; fundamos *um centro espírita para acolher pessoas como Adilson*, Nilza afirmou. Assim como muitas pessoas reuniram-se no hospital e no velório de Eva, conforme lembraram Márcia e Eduardo.

O modo da pessoa evocada de se fazer representar é capaz de revelar aspectos de sua singularidade, possíveis de provocar profundas inquietações e reflexões na pessoa que lembra. É assim, por exemplo, que Alfredinho se fazia despojado de si. Esse desnudamento revelava-se pelas roupas largas que vestia, pelo chinelo de dedo que trazia a ele um aspecto de mendigo, como revelou Miguel.

O modo de se fazer compreendido de Adilson era logo avisado também pela forma que se vestia: ora de forma elegante, ora de modo simples e despojado, ora de modo a misturar as representações de gênero: masculino e feminino. De smoking, chinelo de dedo ou salto alto, Adilson quebrava expectativas. E muitas vezes, esse modo de vestir-se também se passava despercebido, quando buscava se retratar de forma comum e esperada.

Eva é citada como uma pessoa sem vaidade, também pelo modo de se fazer representar. Márcia afirma que não se vestia de maneira relaxada, mas despreziosa, sem vaidade. Vestia-se de forma simples e revelava sua simplicidade pelo seu modo de aparecer a outros.

As pessoas lembradas são capazes de causar sentimentos nos recordadores, como Alfredinho, juntamente com outros, ajudavam pessoas que sofriam de *humilhação social* a resgatarem sua dignidade. O gesto simbólico de Alfredinho de levantar o queixo de Tetê é um exemplo.

Ute fazia com que Maria se sentisse importante, ao deixar-lhe bilhetes com flores e doces e perguntar-lhe sempre se estava bem, com um *interesse desinteressado*, buscando ressaltar um vínculo de igualdade em um lugar marcado majoritariamente por relações de dominação que são comumente as relações de trabalho. Um aspecto muito profundo de compreensão sobre o grau de influência da pessoa evocada sobre o lembrador parece estar associado ao entendimento de que uma pessoa capaz de *ação* é aquela que realiza coisas que outros se sentem impelidos a seguir.

Quanto maior é o exemplo deixado pela pessoa evocada e seguido pela pessoa que lembra, maior parece ser o grau de influência da pessoa de referência na interioridade do recordador. Isso porque, a experiência de uma pessoa na vida de outra culmina sempre, em maior ou menor grau, na exteriorização dessa presentificação sentida no discurso e na ação, capaz, portanto, de concretude.

A influência da pessoa evocada na vida do lembrador pode, então, ser revelada por meio do reconhecimento de si como lugar de dignidade, ofertando *dons* para que esse lugar encontre um espelhamento em outros.

Nesse sentido, a memória se faz *duração*, pois a lembrança de outros se presentifica na experiência da alteridade do outro em nós. A pessoa torna-se lugar, pois irradiadora de enraizamento, torna-se capaz de disparar acontecimentos, enraizadores e dignos.

Tornamo-nos, assim, aquilo que lembramos e que nos constituiu pela memória. Traços enraizadores são capazes de reorientar subjetividades, tornando-as reorientadoras de outros. O conhecimento profundo da história de vida de alguém é capaz de nos fazer compreender ações aparentemente incongruentes. Foi assim que Miguel conseguiu enxergar nos comportamentos de Alfredinho como religioso, traços de sua personalidade marcados por sua infância e por sua passagem nos *campos de punição* para presos políticos.

A pessoa de referência é lembrada por seu modo de agir, muitas vezes marcado por certa leveza e força, ausente de automatismos. Eram consideradas pelos depoentes como pessoas capazes de abertura.

As pessoas lembradas são também evocadas por seus gestos: simples e fortes como os de Alfredinho; confiantes e ágeis como os de Ute; inusitados e espirituosos como os de Adilson; firmes e amorosos como os de Eva; todos eram gestos capazes de fazer outros refletirem e eram possíveis de influenciar outros. Todas as pessoas evocadas estavam próximas aos oprimidos.

Outro ponto importante a ser ressaltado: os fenômenos de *humilhação social* parecem ser mais reorientadores da subjetividade quando vivenciados pelos depoentes, e menos quando somente evocados pelo lembrador, relacionados somente a experiências da pessoa rememorada. Quando acontecem experiências de opressão muito enigmáticas com os depoentes, estes parecem se identificar com essas vivências de modo mais ligado às pessoas evocadas, possibilitando uma identificação mais enfática porque mais representada. Assim parece ser com Sidilene e Eduardo.

Os níveis de influência da pessoa evocada na vida da pessoa que recorda podem ser demonstrados desde uma capacidade maior de refletir sobre a importância da pessoa de referência, como Miguel, até uma transformação mais profunda na vida da pessoa que lembra. Um exemplo pode ser visto quando Ute afirma que Maria era capaz, que conseguia realizar coisas. Por isso, a mudança advinda de uma reorientação.

Em todos os casos, percebeu-se que a pessoa evocada tratava a pessoa que lembra com igualdade. Não raro, uma *amizade política* nascia entre elas; reunião em torno de crenças em comum acontecia: foi assim com Maria e Cido, Nilza e Adriano, Márcia e Eduardo. Contudo, não

pareceu que Alfredinho construiu coisas em comum com Miguel e Sidilene, mas que coisas aconteceram com eles em torno de palavras e feitos de Alfredinho.

Um traço muito revelador da identidade psicológica dos depoentes que reconheceram as pessoas evocadas como marcantes sugere estar relacionado à necessidade de corresponder, cada uma a seu modo, à abertura ao encontro da pessoa recordada. Os exemplos mostram os depoentes sob níveis diferentes de entrega, em que encontram na ação da pessoa evocada um apelo à mudança.

Contudo, vale ressaltar que as lembranças de alguém marcante parecem reorientar o recordador, mas sem nunca o fazer coincidir com a pessoa lembrada, conquistando-o para uma imitação paradoxal, solta e ligada à pessoa lembrada, uma retomada inspirada, não uma cópia.

Quanto mais os laços de amizade mostraram-se fecundos e fortes, mais os depoimentos demonstravam dimensões das lembranças reveladas em suas nuances, como coisas que a pessoa evocada causou. A experiência desse contato na vida dos lembradores, na qual se é possível perceber as influências em acontecimentos, marcaram a memória do depoente.

A abertura de Sidilene em relação a Alfredinho, por exemplo, parece estar relacionada mais a um movimento muito próprio de sua personalidade e também a sentimentos causados pela pessoa evocada, de modo indireto, pelos exemplos que manifestava em suas ações e que deixavam histórias compartilhadas por pessoas em seu meio.

Já Ute, por exemplo, colocou-se em situação de igualdade com Cido, apesar de ele possuir na época somente doze anos. Ute parecia ouvir atentamente as crianças, levando-as a sério, inclusive quando brincavam, respeitando suas necessidades de espaço, de lazer e de escuta.

Ao que tudo indica, os traços recordados pelos lembradores foram selecionados por serem considerados importantes, dignos da memória da pessoa evocada. O critério para a escolha das histórias a serem narradas pareceu convergir com aqueles aceitos e reforçados pelo grupo de pertença.

Assim, suas lembranças apoiam-se nas de outros, que trazem histórias a respeito de quem a pessoa evocada foi, confirmando sua importância e lugar em uma memória que se faz também social. As lembranças que permaneceram parecem se fundar em interações muito profundas, em que a reciprocidade se fazia presente, como a oferta e recebimento de *dons* de uns e outros. Os exemplos deixados pela pessoa recordada estão a influenciar seus recordadores, de modo imprevisível e inesgotável.

Gestos fortes tornaram-se atitudes-símbolo. Assim, Alfredinho abençoava e comungava, mas também cozinhava, especialmente entre as mulheres. O alimento se fazia sagrado em torno de ações comuns, sociais e políticas.

Ute cozinhava para Cido e sua família para a amiga evocada que registrava as histórias que ouvia com carinho em sua máquina de datilografar. Adilson escrevia histórias e poemas juntamente com Adriano e fundou com a amiga Nilza uma casa de oração.

O *trabalho compartilhado* entre Eva e Márcia consistia em uma parceria na qual uma costurava e a outra modelava. Segundo a depoente, os uniformes escolares desenvolvidos pelas duas eram muito resistentes, pois eram feitos para durar.

Não somente as pessoas evocadas, mas também seu grupo de pertença pode ser adotado por uns e outros como modelos de figuras admiradas. Essa identificação com as condutas de todo um grupo social pode ser imitada singularmente e internalizada.

Em aparência, o próprio recordador pode acreditar tratar-se somente de sua singularidade manifesta. No entanto, as ações de todo um grupo social podem trazer o testemunho de outros, a presença de outros e confirmar posicionamentos existenciais aparentemente individuais como sendo reprodutores de posicionamentos grupais.

Um exemplo desta afirmação é a recordação de Adriano sobre o comportamento de pessoas que, enquanto aguardavam o atendimento do amigo evocado no consultório dentário, fumavam nos corredores e se revelavam para o depoente um tanto quanto distraídas e ensimesmadas. Após algum tempo, afirmou adotar o mesmo trejeito.

As lembranças sobre quem a pessoa foi podem ser ressignificadas a qualquer momento, trazendo novos sentidos para a aproximação. Também, o encontro com a pessoa lembrada pode adquirir gradações diferenciadas, segundo a complexidade do contato com a pessoa evocada.

Assim, Maria, que iniciou uma aproximação com Ute pela sua função de educadora na *Associação*, depois, adquire o papel de sua secretária e o contato entre as duas, passa a adquirir uma tonalidade diferente quando Maria decide se separar do marido. Nesse instante, Ute apoiando-a também nessa importante decisão, acaba por fim estreitando o laço de amizade existente entre as duas. Cido, que conheceu Ute como adolescente e aluno, transforma-se, aos poucos, em colaborador e passa a se tornar um grande amigo e parceiro de um sonho comum compartilhado, juntamente com sua família.

Adriano e Nilza, pacientes de Adilson no consultório dentário, transformam-se, com o passar dos anos, em grandes amigos, trazendo novos sentidos à relação constituída com o dentista. A amizade de Márcia com dona Eva também sofreu uma diferenciação e aprofundamento ao longo do tempo: do trabalho comum compartilhado nasceu uma grande amizade.

Assim, pode ser dito, que o exercício de recordação traz diversas dimensões que precisam ser destacadas, pois se referem a gradações expressivas da memória como interação humana, na qual a pessoa atua como testemunha de feitos caracterizados por um tempo e espaço diferenciados:

é um tempo marcado pela *duração* das lembranças, onde o passado se faz presente, trazendo-lhe novas significações. Onde o espaço da memória encontra-se em correlação ao espaço social da casa, dos objetos e dos lugares sociais, na qual a memória se faz política, pois que permeada por idealizações e olhares sociais e a recordação se faz trabalho e iniciadora de novas ações.

As lembranças sobre Eva causam uma forte impressão de que era uma pessoa que se esvaziava, porque ouvia e se deixava habitar pela realidade do outro. Esse parece ser um traço muito específico de sua maneira de ser. Era uma pessoa *capaz de doação* em suas diversas dimensões: doação de coisas e da doação de si mesma aos outros. E por que ouvia, outros também a ouviam.

Parece que, de certo modo, havia uma troca na relação de Eva com aqueles que a conheceram. A reciprocidade não vinha daquilo que outros poderiam lhe oferecer em igualdade ao que oferecia, mas estava justamente, ao que parece, na capacidade de deixar-se, também, que ela habitasse em si, tais como uma presença porosa, contudo, marcante.

A troca simbólica proporcionada pelo encontro entre a pessoa evocada e o lembrador se faz, muitas vezes, de modo tão profundo, que fica difícil precisar o quanto de Eva, por exemplo, se faz presente na subjetividade de Márcia, o quanto a influenciou em afetos, pensamentos e ações e isso acontece em maior ou menor grau nos demais recordadores.

A amizade entre a pessoa evocada e o lembrador estendeu-se a familiares, amigos e pessoas de um grupo maior; os feitos da pessoa evocada influenciaram as ações de pessoas próximas, estendendo seus efeitos a grupos maiores, mais ou menos conscientes da história que os antecedeu, podendo atingir grupos mais distanciados, menos conhecedores dos eventos antecedentes.

Ao lembrar-nos a respeito de pessoas que marcaram nossa memória, percebemos o quanto dessas pessoas permanecem conosco, a nos guiar e orientar em ações e sentimentos. Conseguimos manter viva a lembrança da pessoa evocada, ainda mais forte, pois que agora consciente de sua presença e influência.

Essa capacidade de reconhecer a importância de pessoas que passaram por nossa vida e que nos deixaram lembranças causam por vezes o *espanto*<sup>70</sup> que é justamente essa possibilidade de reconhecer fenômenos inexplicáveis, extraordinários, que saem da esfera do automatismo promovido pelo tempo quantitativo.

Por reorientar subjetividades, a capacidade de se espantar desperta um sentimento profundo de enxergar a realidade subjetiva com outros filtros: a pessoa se abre ao novo e uma nova *ação* pode

---

<sup>70</sup> A definição de espanto aqui pode ser compreendida como uma forma de (re) conhecimento que antecede a abertura ao que nos escapa.

ser então reiniciada, retomada. A pessoa torna-se capaz de *ação*, capaz de passar adiante a experiência internalizada e apropriada, produto da memória.

Assim, nutrir afetos sobre alguém se torna um fenômeno de grande *causalidade pessoal*, capaz de influenciar outros e se estender para além do grupo mais próximo. Pode se tornar um fenômeno de grande coesão grupal e alcançar notoriedade pública.

É quando construímos coisas juntos que nosso *aparecimento* acontece: crenças, valores, atitudes, sentimentos, pensamentos e ações revelam traços de nossa identidade psicológica e, em suas nuances, demonstram um pouco de nós mesmos aos outros, com seus riscos e exemplos que acabam, por vezes, sendo trilhados atentamente. Assim, deixamos um pouco de nós em outros e outros deixam um pouco de si em nós.

Eva ofertava dons e despertava a consciência pessoal de outros para o espírito de doação e de serviço a outrem. Despertou em Márcia a obediência mostrando o caráter sagrado do trabalho e Eduardo, aprendeu com ela a altura do significado da partilha do alimento físico e espiritual. Por meio de sua capacidade de entrega, sem prevenções, Eduardo pode perceber e se nutrir de seu espírito comunitário.

De certa forma, percebe-se que não há generalizações a respeito de como as pessoas lembram. Cada depoente lembrou-se da pessoa de referência de modo muito singular, o que revela muito de sua identidade psicológica. No entanto, quando deslocamos o foco para o que as pessoas lembram, as pessoas parecem mais se recordar das palavras e feitos da pessoa evocada e, relativamente aproximado, buscam, através dessas, dizer quem essa pessoa foi.

A prática de dons, pela oferta da generosidade, a capacidade de despertar a consciência pessoal dos lembradores revelada pela autenticidade das pessoas evocadas, o exercício do desprendimento, caracterizado por uma maior habilidade em libertar-se de convenções sociais, o espírito de obediência a princípios enraizadores, fonte de enraizamento; as trocas de influência, fundamento último da alteridade, demonstrando a intensidade da abertura e do encontro entre pessoa recordada e lembrador – reunidos, parecem configurar, então, importantes traços que caracterizam pessoas marcantes que marcaram a memória de outros.

Os feitos da pessoa lembrada tornam-se quase que uma marca, mais ou menos distinta e diferenciada, revelando aspectos de sua maneira de ser, reafirmados pelas memórias das testemunhas apoiadas a seus grupos de pertença.

As histórias contadas sobre quem alguém é ou foi são difíceis de serem contraditadas, apesar de se manifestarem atravessadas pela singularidade do narrador, ainda que também constituídas por pessoas de diversos segmentos culturais e sociais e até mesmo de distintas realidades.

É como se houvesse vários Alfredinhos, Utes, Adilsons e Evas aproximados da personalidade do percebido, mas que no fim, somente uma versão de cada um deles se revelasse triunfante (ainda que com suas contradições) e que sintetizasse cada uma a seu modo, quem foram pelos seus feitos e pelo que os depoentes puderam apreender de diferenciação/indiferenciação.

É na ação e no discurso que nosso mundo interior encontra a necessária diferenciação de um universo que está além de nós, de nossos sentimentos, pensamentos e suas conseqüentes perspectivas. A pluralidade fundamenta-se e o mundo, em suas distintas realidades, pode ser compreendido sob outras formas de acordo com uma maior ou menor abertura e doação. Pelas evocações de pessoas marcantes transcendemos a esfera do subjetivo e nos orientamos em direção a uma liberdade real, fundamentada na concretude da esfera do vivido.

Uma liberdade marcada pela efemeridade, pois só se faz possível enquanto dura a *ação*, mas enfim, uma liberdade, desprendida em maior ou menor grau de expectativas e convenções sociais, muitas vezes fundamentadas em preconceitos e estereótipos.

As lembranças que significam a presença de outros, atravessadas pela experiência dessas relações, trazem a capacidade de quebrar certos enrijecimentos do pensar marcados pela esfera do cotidiano e trazem, novamente, quando da rememoração, a presença da espontaneidade de sentimentos e pensamentos.

Podem reorientar padrões comportamentais e condutas, assim como trazer novas modalidades de ressignificação existencial e subjetiva. Ao mesmo tempo, reorientar novos discursos, atitudes e *ações* que não seriam reiniciados se não fosse essa capacidade de recomeço que toda vida traz na promessa mesma de sua existência.

Lembrar-se de outros é suscitar a presença da pessoa evocada em pensamentos e sentimentos. É permitir sua habitação na interioridade como se sua presentificação pelas evocações pudesse redefinir ou reorientar. A pessoa marcante é alguém que contribuiu para o resgate moral e espiritual do recordador. Essa contribuição deu-se por meio da oferta de dons, das *trocas de influência* e pela ação de *nutrir*, o que possibilitou a revelação da dimensão política e psicológica dessas ações marcadas pela capacidade de doação da pessoa recordada e abertura do recordador e que marcou a esfera dessa interação pela *distinção*. Os exemplos da pessoa evocada testemunhados pelo lembrador interpelam-no a agir, o que possibilita o despertar de sua consciência pessoal.

Quem alimenta leva outros a também alimentar. É uma ação desprendida do agente em favor da dignidade espiritual de outrem: é um ato que incita um modelo a ser seguido, pois desperta um sentimento de inspiração e multiplicação. A pessoa marcante mobiliza o depoente a ter a vontade de imitar seus feitos. Além disso, pela sustentação espiritual ofertada a outros, aqueles que a conhecem

sentem-se no mesmo nível, no mesmo grau de entendimento e elevação e por isso são capazes de se esvaziar, como ela.

A pessoa que alimenta é lembrada por sua posição de igualdade; os outros são seus iguais. É sentida como uma pessoa que não faz comando, que ouve, mas que, ao mesmo tempo instiga e apoia. O *trabalho compartilhado* com outros possui igualitarismo e colaboração. O igualitarismo é um traço marcante da personalidade de pessoas memoráveis. São pessoas comunitárias e por isso aprendemos com elas a experiência comunitária.

Lembrar-se de alguém é poder renomeá-la, trazer um sentido e um significado de sua existência em nós: aquilo que ficou e que permanecerá enquanto vivermos ou até que possamos repassar nossas histórias a outros que poderão trazer o passado, novamente à luz.

O sentido que nossa existência adquire para outros torna-nos mais pertencentes a nós mesmos, ligado há um tempo não marcado pela efemeridade, mas há um tempo que perdura enquanto se conservar as lembranças que nunca se fazem sozinhas, espontâneas, mas sempre postas em relação com outros, com outros que existem em nós e fora de nós. Pois só podemos nos reconhecer pelos outros, pelo diálogo com os outros e pela experiência deles em nós. O conhecimento sobre quem somos só é possível quando a vida termina. As lembranças sobre outros e seus feitos é um modo de trazer esse conhecimento à luz e dar um sentido a experiência de outros, reconhecendo-a em nós.<sup>71</sup>

Lembramos cenas, momentos e instantes que se encerram, renovam-se e se reabrem a cada nova experiência com cheiros, tons, luz e sons, coisas e seres que reorientam e reelaboram o que foi visto e significado, trazendo novas cores, sentimentos e pensamentos que se ajustam ao material reencontrado.

Lembrar-se de alguém constitui a rememoração de cada um a seu modo, mas em comunhão. É um ato que funda a alteridade. Aquele que lembra, pertence ele mesmo à concretude do encontro, sem poder adotar a distância de um olhar objetivante, sempre posto em relação. Esse respeito à diferença e à diferenciação e, ao mesmo tempo, a abertura a maior ou menor indiferenciação proposta pela *unicidade*, marca o direito de ser também reconhecido pela diferença.

A responsabilidade por outrem, por um passado que não é o seu, por outras memórias, pelo que acontece a outrem também é uma eleição, um princípio de identificação, um apelo ao único. O respeito devido a outrem se fundamenta, sobretudo, na igualdade e é aquele necessário a todo ser humano e *não tem graus*. Quando o indivíduo se sente respeitado, digno de uma integridade

---

<sup>71</sup> Para maiores esclarecimentos sobre as referências dos autores mencionados, consultar Hannah Arendt, *A ação*. In: *A condição humana* (2010, p.242). Neste capítulo, afirma: [...] a essência de quem alguém é – só pode passar a existir depois que a vida se acaba, deixando atrás de si nada além de uma estória.

fundada na experiência da participação, uma abertura é então iniciada entre seres e uma grandeza maior desse encontro é retomada.

Esse espírito de grandeza é o que permite o fenômeno de *enraizamento*, o sentimento de pertença, que possibilita *obrigações eternas*, fundadas em espírito de tradição, vinculem cada ser humano a todos os outros, em que a memória coletiva de um povo torna-se responsabilidade de outros.<sup>72</sup>

Nesse sentido, aqueles que possuem notoriedade pública, tornam-se focos de influência, sendo a ação: “[...] *uma ferramenta mais poderosa de modelagem das almas*”, pois a ação não somente faz surgir na alma sentimentos que antes não existiam absolutamente, mas também se torna um impulso inesgotável a novas ações e pensamentos enraizadores.<sup>73</sup>

O lugar, o tempo, os grupos, os pensamentos e sentimentos do indivíduo, tudo isso traz um viés muito específico da maneira como o depoente recorda-se da pessoa evocada. São os filtros porque passam a memória do lembrador, conduzindo as lembranças segundo essas lentes mais ou menos condensadas, contudo, com certa liberdade própria de escoamento.

Nossa visão sobre quem alguém é se faz somente como uma versão sobre outras, uma perspectiva dentre outras perspectivas sobre outros e seus significados, aparentemente unívocos, mas que revelam contradições e justaposições de histórias, experiências em deslocamentos temporais diversos.

Todos os traços evocados parecem vir mediados por uma maior ou menor *capacidade de doação* da pessoa evocada, fundamentada em seus feitos: sua abertura ao encontro, à possibilidade de sua revelação mesma a outros, é uma marca diferenciada que permite sua singularidade ser tomada de luminosidade e não mais ser esquecida.

Em meio às lembranças das memórias hábito, alimentadas pelos mecanismos motores, aparecem verdadeiras evocações, permitindo *autênticas ressurreições do passado*, como assim nos demonstrou Éclea Bosi em **Memória e Sociedade**. A autora compreende esse fenômeno como as evocações espontâneas da memória: as lembranças trazem o depoente de volta à cena rememorada, assim como, emoções, cores e sons correspondentes, é um reviver, próximo ao sonho<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> Expressões utilizadas por SIMONE WEIL em **O enraizamento**. São Paulo: Edusc, 2001.

<sup>73</sup> WEIL, Simone. *Ibid*, pp.183-192.

<sup>74</sup> BOSI, Ecléa. *Um mapa afetivo e sonoro*. In: **Memória e Sociedade – Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.445. Ecléa afirma nesse ensaio que: “[...] Por que definir o espaço privado só em termos visuais? Também se exerce violência no domínio acústico e disso somos testemunhas auriculares. As lembranças estão povoadas de sons – nas matas que a menina Risoleta atravessava: [...] São os ruídos da vassoura de ramos no terreiro, da lenha crepitando, da colher no tacho, da roupa batendo, do pão amassando. Já o reviver da cena de outrora que resiste à mudança, pode ser encontrada, dentre outras, nessa passagem: À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo. (BOSI, Ecléa, 2004, p.452)

Contudo, não é possível afirmar que essa experiência do outro no lembrador acontece com todas as lembranças sobre alguém. Conforme as lembranças coletadas, há, também, uma dimensão diferenciada das recordações, atreladas a uma identificação com a pessoa recordada, porém, em uma gradação que já existia antes mesmo do aprofundamento da relação.

Nesse caso, as influências da pessoa evocada, ainda que consistentes o suficiente para fazer o recordador nunca mais esquecê-la, são conservadas em um patamar mais nivelado, menos profundo, onde nem sempre se é possível verificar as influências da pessoa evocada na vida do lembrador.

Nesse sentido, as *trocas de influência* se revelam como um fenômeno fundamental para nossa experiência de alguém com alto poder transformador. A disponibilidade da pessoa evocada encontra ressonância no recordador, o contato entre ambos se faz comunhão, pois estabelecido em laços de igualdade. Essas ações deixam marcas, como diz Simone Weil: “[...] *Há ações que têm a virtude de transportar da terra ao céu uma parte do amor que se encontra no coração de um homem*”.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001, p.191.

### 3. e. *Memória de pessoa e ação*

A ação possui o significado de convergir em seu seio todas as capacidades do corpo. Enquanto as lembranças se organizam em atos, a memória atinge uma força de penetração, com poder de concretude. A capacidade de recordar-se se constitui em uma força subjetiva, reveladora do conhecimento do mundo e das coisas. Como diz Ecléa Bosi:

Os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência: ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades. Antes, morre na véspera; e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes, para que se complete o desenho de sua vida.<sup>76</sup>

Uma lembrança, quando acompanhada de reflexão e sentimento, transforma-se em uma *reaparição*: a narração continua a mostrar seus efeitos, pois se deixa representar em sementes que poderão germinar por um tempo difícil de precisar.

Assim, a memória traz de novo à luz a matéria do esquecimento que permaneceu entre as sombras. E é assim que as ações iniciadas transformam-se em princípios naturalmente advindos de uma *práxis coletiva*, em que são assimilados por outros, ao fazer com que os pontos de vista sobre a pessoa evocada tornem a recordação múltipla e profunda ao amparar perspectivas de mundo. É um trabalho árduo de se realizar, pois muitos traços de fisionomia requerem, para sua recomposição, a revivescência dos momentos compartilhados, sejam eles na escola, no trabalho, na família.

Cada pessoa guarda da referência evocada uma conversa, um gesto, uma pequena lembrança preciosa. Lembranças de pessoas que não esqueceram as pessoas evocadas! Capazes até mesmo de sensibilizar aqueles que não os conheceram.

Os traços de memória revelam-se tão importantes quanto às experiências presentes associadas, pois aparecem impregnados de um significado que parece associar-se a condições de composição da matéria evocada: a disposição da vida em comunidade é uma espécie de *memória organizada*.<sup>77</sup>

Isso porque ser privado do espaço comum de convivência é estar em um estado alheio à realidade, pois essa se faz somente em presença de outros, pois aquilo que aparece a todos pode ser compreendido como *Ser*.<sup>78</sup>

[...] sem o discurso para materializar e memorar, ainda que tentativamente, as “coisas novas” que aparecem e resplandecem, “não há recordação”, sem a permanência duradoura de um artefato humano, não poderá “restar com os vindouros uma recordação das coisas

<sup>76</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.75.

<sup>77</sup> *Práxis coletiva e memória organizada*. Dois termos utilizados por Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>78</sup> ARENDT, Hannah. *A ação*. In: *A Condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010, p. 248.

que estão por vir". E sem o poder, o espaço da aparência produzido pela ação e pelo discurso em público se desvanecerá tão rapidamente como o ato vivo e a palavra viva.<sup>79</sup>

A confiança na *ação* e no *discurso* como experiência de outros, estabelece a realidade de pessoas e do mundo circundante e transcende em importância qualquer coisa que alguém possa produzir. E é nesse espaço de constituição sobre *quem alguém é* e não sobre o que produz ou fabrica é que a *liberdade* pode ser manifesta. Em uma interação promovida pela confiança e desobrigação, em que a disposição ao recomeço pode ser constantemente alimentada e o poder de novamente iniciar uma *ação*.

Nesse sentido, a *liberdade* então, pode tornar-se realidade, pela concretude das palavras, pelos feitos testemunhados e pelos acontecimentos narrados, transformados agora em histórias, alcançando uma dimensão política:

A diferença decisiva entre as "infinitas improbabilidades" sobre as quais se baseia a realidade de nossa vida terrena e o caráter miraculoso inerente aos eventos que estabelecem a realidade histórica está em que, na dimensão humana, conhecemos o autor dos "milagres". São homens que os realizam — homens que, por receberem o duplice dom da liberdade e da ação, podem estabelecer uma realidade que lhes pertence de direito.<sup>80</sup>

Como afirma Emmanuel Lévinas, o indivíduo encontra-se inseparável da sua possibilidade de abertura, de sua maior ou menor disposição afetiva em se doar.<sup>81</sup> Esse encontro, essa disposição afetiva que revela o autor não é possível sem a doação mútua e não pode ser reduzido a qualquer conhecimento e significação, pois não precede a socialidade e essa acessibilidade, só se faz, pelo que compreendeu por *rostos*.

O *rostos* revela o despojamento do encontro, o outro em toda sua diferenciação/indiferenciação em relação àquele que lhe aparece, que se manifesta em sua *aparição*. Não é um encontro, portanto, tangenciado pela dominação de um pelo outro e, logo, da possibilidade de controlar. Não sugere também, sob nenhum aspecto, a possibilidade da homogeneização de condutas e atitudes, pois a diversificação da *ação* é aceita em sua inteireza e complexidade: o outro não me pertence.

Estar face a face com *outro que não sou eu* possibilita o fundamento do *discurso* e da *ação*, pois como nos lembra Lévinas: "o humano só se oferece a uma relação que não é poder."<sup>82</sup>

A pluralidade permite a revelação de um mundo em que somos afetados por coisas e seres, no qual o absoluto se manifesta pela efemeridade e plenitude das *aparições* e dos encontros. Pela diferença, o discurso é demonstrado pela linguagem, revelando o que é comum. O encontro

<sup>79</sup> ARENDT, Hanna *Ibid*, p.255.

<sup>80</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.220.

<sup>81</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós. Ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004

<sup>82</sup> *Ibid*, p.33.

manifestado possibilita a afirmação do eu diante do outro: “*O rosto que me olha, me afirma*”<sup>83</sup>. Essa enunciação de Lévinas se faz de suma importância, pois prenuncia a ação subsequente ao encontro: a *participação* que fundamenta a experiência de humanidade. A *participação* para a pessoa é a condição da existência do sentir-se, como Sidilene afirmou, que se é gente, do sentimento de dignidade e da mudança.

Pela *participação*, os seres aparecem; leva os indivíduos às crenças, pois contribui para a formação de uma mentalidade que os orienta em direção à autonomia sempre em relação ao sentimento de pertença grupal. A *participação* possibilita, também, o acolhimento de outrem, expressada pelas mãos cheias<sup>84</sup>, mãos que acolhem.

A abertura ao mundo acontece pela capacidade maior ou menor de perceber o que nos diferencia de outrem, de coisas e seres. Pela capacidade do encontro, da comunhão, a ação e o discurso acontecem, pela *experiência da participação*, pelo sentimento de responsabilidade do eu em relação a outrem.

O pensamento traduz-se em movimento e a liberdade é exercida pela *experiência da participação*. Pela *participação* o sentimento de amizade se fortalece e uma vivência de *amizade política*, promovida pela comunhão de pensamentos e ações voltados para o bem comum, se faz possível. E pela *experiência de participação* o sentimento de dignidade ressurgue, pois traz autonomia à existência pessoal pelo fenômeno do *enraizamento*.

Através da implicação ética, o *eu* é arrancado de seu sentido primordial, do centro do mundo. A partir disso, pode-se conferir ao outro o sentido de eu. Como afirma Lévinas: “[...] *o aqui e o lá invertem-se um no outro*”.<sup>85</sup> Na relação com o outro, onde o *eu* é arrancado de sua primordialidade, o conhecimento se faz possível. Nesse sentido, toda expressividade do corpo de outrem constitui a abertura, a exigência ética do *rosto*, de que fala Lévinas.<sup>86</sup>

A relação com o *rosto* é a relação com o que está absolutamente exposto, é uma vinculação atravessada pelo despojamento, com o que pode sofrer – a possibilidade de negligenciar completamente a outrem e, ao mesmo tempo, a responsabilização, um apelo. Apesar de o humano ser ‘substituível’, ninguém pode substituir ao eu ético.

O apelo traz a mensagem de um porvir, em que a ação de outros que pereceram e foram esquecidos precisa ser reiniciada. É um apelo, uma inspiração, em que a justiça se faz presente. Segundo Lévinas: “*O ser na sua presença, põe-se à mercê das mãos e da ação*”.<sup>87</sup>

<sup>83</sup> Cf. LÉVINAS, 2004, p.61.

<sup>84</sup> *Ibid*, p.96.

<sup>85</sup> *Ibid*, p.123

<sup>86</sup> *Ibid*, p.124.

<sup>87</sup> *Ibid*, p.186.

O indivíduo *glorioso*, que assume uma luz, uma *aparição*, um *rosto*, é aquele que me suplica, me reclama e me convoca e, portanto, assume a maravilha de ser o *eu* reivindicado no rosto do próximo, é doação, o tomar das mãos pela *ação*, o acolhimento, que está ligado à estrutura da *intencionalidade*.<sup>88</sup>

A alteridade estruturada na *intencionalidade* revela-se na gratuidade e por isso, torna-se uma *unicidade*, uma eleição. Portanto, há um passado não rememorado que faz parte do passado de outros, mas que, ainda assim, diz-me respeito.

Muitas ações, assumidas pela perspectiva dessa responsabilidade, são iniciadas por outros e reclamam um apelo: outros devem assumi-la, tomar para si sua continuação: uma história que diz respeito à história de outros. Para Lévinas: “*Doar-se na presença do saber é um “oferecer-se-à-mão-que-toma”*”. E acrescenta: “[...] *um pensamento se exprime na carne da mão*”.<sup>89</sup>

O pensamento, como movimento, o pensamento *para*, exprime-se na *carne da mão*, que se faz contemplação em sua posse, na doação. Nessa visada, o outro se faz outro de maneira irreduzível, em uma alteridade refratária a qualquer síntese. Na diferença, o eu se faz nós, pela *unicidade* não pela homogeneidade.

Nessa comunhão, cada um é outro para cada um: “Cada um exclui todos os outros e existe à parte, e existe por sua parte”.<sup>90</sup> Lembrar-se de alguém constitui a rememoração de cada um a seu modo, mas em comunhão. É um ato que funda a alteridade.

Aquele que lembra, pertence ele mesmo à concretude do encontro, sem poder adotar a distância de um olhar objetivante, sempre posto em relação. Esse respeito à diferença e à diferenciação e, ao mesmo tempo, a abertura a uma maior ou menor indiferenciação proposta pela *unicidade*, marca o direito de ser também reconhecido pela diferença.

A responsabilidade por outrem, por um passado que não é o seu, por sua memória, pelo que lhe acontece também é uma eleição, um princípio de identificação, um apelo ao único.

Simone Weil, na direção do pensamento aqui desenvolvido, afirma que a noção de *obrigação* que parece se aproximar do que Lévinas conceitua como *responsabilidade*: um marco de humanidade e não existe senão em relação direta com as necessidades do corpo, mas, sobretudo, as da alma.<sup>91</sup>

Segundo a autora, enquanto as necessidades físicas podem ser substituíveis, as da alma, quando não realizadas, sofrem de uma ausência incapaz de qualquer significação, pois são representadas pelas coletividades; sejam de família, grupos sociais e comunidades. Essas

<sup>88</sup> *Ibid*, pp.198-199.

<sup>89</sup> *Ibid*, pp. 230-231.

<sup>90</sup> *Ibid*, p.240

<sup>91</sup> WEIL, Simone. *O Enraizamento*. São Paulo: Edusc, 2001.

coletividades, por serem únicas, caso caiam no esquecimento não serão substituídas: “O alimento que uma coletividade fornece à alma dos seus membros não tem equivalente no universo inteiro”<sup>92</sup>

Essas coletividades também alimentam não somente a alma dos vivos, mas dos que continuam por vir. E por essa mesma duração é que os que ficaram conseguem transmitir essa consciência coletiva a outros, com seus símbolos e significado, suas tradições.

Como vimos, nossa maior ou menor atuação no mundo incita, ou suprime, as diversas manifestações de alguns aspectos da personalidade de outras pessoas, a partir de certas expectativas sociais a nosso respeito e de outros, dependendo do grau do contato e da experiência de outros em nosso convívio.

O grau de influência de uma pessoa em outra, necessariamente aqui, da pessoa evocada no lembrador, constituía na relação de igualdade entre ambos os fenômenos intersubjetivos capazes de ora despertar a identidade pessoal do indivíduo *convocado* para uma manifestação individual mais autêntica até atingir níveis da relação de alteridade mais profundos.

Essas relações de maior profundidade referem-se, sobretudo, a capacidade da pessoa de referência em esvaziar-se de si a serviço de outrem, causando na experiência desse despojamento no lembrador a habilidade de espelhar-se na pessoa evocada, despertando para uma identidade pessoal mais diferenciada, menos amorfa e até mesmo tornando-se também, uma pessoa capaz de agir de modo enraizador e comunitário.

Esse nível de contato entre a pessoa evocada e o recordador atingiu níveis profundos da *ligação* entre ambos. Essa *ligação* foi tangenciada por uma dimensão de *poder* diferente que não se faz dominação, pois atingiu elevação por meio de um espírito igualitário.

Assim, essa *ligação* obteve uma dimensão que possibilitou entre ambos, depoente e pessoa evocada uma relação fundamentada nas *trocadas de influência*: a experiência desse contato não afetou somente a vida do lembrador, mas também a da pessoa lembrada. Ambos foram *comovidos* por esse contato. Um exemplo dessa relação beneficiada e beneficiadora foi a que ocorreu entre Ute e Cido em maior medida.

Ainda, todas as pessoas evocadas pareceram herdeiras de um mundo pessoal e social muito singular, transcendendo a esfera dos automatismos sociais e passaram a *atuar* em cada lembrador, em maior ou menor grau, enquanto espírito comunitário. Por meio de seus exemplos deixados em outros, aqueles que vieram depois deles, puderam recordar-se de seus feitos e retomar, cada um a seu modo, as ações realizadas por eles, transmitindo suas histórias que poderão se conservar para além deles, incitando outros a que continuem a imitar seus feitos que adquiriram as formas de sua contribuição singular.

---

<sup>92</sup> *Ibid*, p.12

Assim, percebemos que a dimensão da *causalidade pessoal* - a influência que a pessoa evocada deixou na vida dos recordares - revela alto grau de mudança, a partir da experiência das pessoas evocadas em suas vidas e fizeram, em algumas situações, com que alguns deles, cada um a seu modo, tornassem agentes de outros feitos e realizações.

É interessante ressaltar também que todas as pessoas evocadas eram pessoas de *ação* e suas mãos estavam sempre a serviço: indicavam caminhos, exemplificavam e comungavam com outros sua *capacidade de doação*, pois ofereciam *dons* e incitavam a que outros também manifestassem sua *aparição*.

Não necessariamente a pessoa evocada agiu diretamente sobre o depoente. A presença de Alfredinho em outros, por exemplo, seus exemplos a partir de sua *aparição*: seu modo de estar com aqueles que se encontravam em situação de rua tocou Sidilene de modo tão pungente que seu compromisso passou a significar para ela uma inclinação muito significativa, capaz de cultivar uma espiritualidade muito singular e um modo de atuação na vida muito arraigada a esses princípios.

Assim, os exemplos da pessoa evocada podem atuar em outros pelo que podemos testemunhar de suas *ações*, mas também pelo que pudemos ouvir sobre elas, suas histórias, o que significou para algumas pessoas, mas também para comunidades inteiras.

É notável também o modo como Ute influenciou os pensamentos e as *ações* de Maria, de tão modo que a recordadora lembra-se com certo *espanto* das coisas que foi capaz de realizar em função do seu trabalho com a amiga evocada. A depoente recorda-se:

E os anos foram passando e cada vez mais projetos entrando, mais coisas aparecendo e aquela loucura e que às vezes eu chegava em casa, eu olhava assim pra minha agenda e eu falava: eu fiz isso, fiz isso, fiz isso, o que dei conta, né? Eu não via as horas passar, como eu consegui fazer isso, se eu não tinha experiência nenhuma? Incrível essa pedagogia!

A vontade de Ute inspirou Maria, que viu em sua força de espírito uma *responsabilidade ética*, uma necessidade de seguir seus feitos. A depoente recorda: “Nossa! Como ela tem essa força de vontade? Então, eu preciso também ter essa força de vontade pra segui-la!”.

Também Ute doou de si mesma a outros, mas permitiu que Cido, por exemplo, e outras crianças e jovens também doassem o que tinham de si, o melhor de si. Seus *dons*, o que sabiam, seus conhecimentos que eram compartilhados entre pessoas de diferentes culturas e realidades sociais.

Assim, Ute colocava-se em posição de igualdade com outros, ao permitir-lhes também aparecerem e darem um pouco de si a um projeto que não se fazia somente dela, mas uma *ação* que era realizada por todos, cada um deixando uma marca de si. Cido relembra: “*Então a gente ia pra casa dela, já ela ensinava a gente a fazer trocas né? De coisas que eu sabia [...]*”. E mais adiante:

E então tudo que existia era em casa e ela tinha uma vontade muito grande de ouvir histórias e ela sempre mandava eu contar histórias pra ela e ela queria aprender tudo, ela tinha muito interesse em aprender as coisas, né? Daqui do Brasil né? Então ela trazia aquela vontade de lá, mas parece que a vontade maior era de conhecer aqui primeiro né? Depois ela foi trazendo as coisas de lá que pra nós era muito curioso né? Saber as curiosidades da língua, a comida, então ela fazia as tortas pra gente.

A amizade entre eles tornou-se tão profunda que Cido recorda-se: “A gente sempre brinca que tinha a estrela alemã e tinha a estrela brasileira”. Ute foi capaz de despertar em Cido e Maria uma consciência pessoal mais diferenciada: Cido e Maria tornaram-se educadores e agentes do espírito comunitário. Ofereceu seus *dons* e auxiliou-os a encontrar e ofertar os seus. O lembrador recorda-se: “*As coisas que ela me ensinou era coisa que eu tinha vontade, mas não sabia como, né?*”

A amizade se faz tão grande, que há espaços para a leveza, para o riso e também para avaliar a dimensão do tempo e a necessidade da intimidade, da aproximação entre aqueles que se amam. Márcia enfatiza: “Os anos acabam roubando essas intimidades da gente”.

O lembrar de alguém se revelou como um acontecimento complexo, rico em nuances, entrelaçados por direções que parecem revelar semelhanças e contradições, mas que apresentam um aspecto de *unicidade*, o que favorece uma representação complexa a respeito de quem alguém foi.

Nossos testemunhos sobre outros e seus feitos, acontecem sempre em comunhão. É assim que pela experiência de outros, afirmamos um pouco a nossa *capacidade de doação*, de transmitir experiências, mas também fortalecemos nossa capacidade de dimensionar espaços, tempos, distâncias e sentimentos sob uma perspectiva mais qualitativa dos seres e das coisas.

Pelas histórias que ouvimos e testemunhamos, ao assumir o apelo ético que nos direciona em consequência, somos orientados por nossa capacidade de recordar e transmitir a outros, histórias a respeito de feitos que acabam por reafirmar nossa dimensão humana ao mesmo tempo, em que também fortalecem uma espessura coletiva que nos escapa que se iniciou antes de nós e que continuará existindo enquanto formos capazes de transmiti-las a outros.

Essas histórias são capazes de redimir uma humanidade perdida ou silenciada e tomá-la de luminosidade, inspirando outros por seus exemplos. Quando uma *ação* se inicia, afirma Hannah Arendt, sempre aparece na forma de um *milagre*. Uma pessoa capaz de *ação* significa que se pode esperar dela o inesperado, que é capaz de realizar o improvável.<sup>93</sup>

Ao agir e ao falar, as pessoas revelam o que são, em suas identidades pessoais para assim aparecem ao mundo. Podem, assim, revelar seus *dons*, exibir ou ocultar suas *qualidades, talentos e*

---

<sup>93</sup> HANNAH ARENDT. *A Condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

*defeitos*.<sup>94</sup> Assim, o que se é revelado denota certo desnudamento, despojamento. Implica em riscos e arriscar-se. A *ação* requer em seu aparecimento uma luz intensa chamada *glória* e que só se faz possível na esfera pública.<sup>95</sup>

As pessoas que agem são *imitadas paradoxalmente* em seus feitos. Não são iniciadoras da *ação*. Alguém as iniciou e só se é somente sujeito e simultaneamente, paciente. Ninguém pode ser compreendido por autor, pois a *ação* jamais é possível no isolamento. A *ação* e o discurso necessitam da presença de outros. São circundados pela teia de atos e palavras de outros e estão em permanente contato com eles.<sup>96</sup>

Quando as *ações* são usadas para estabelecer relações e criar novas realidades, pela *ação* e discurso, as pessoas assumem um *poder* que não é, de nenhum modo, dominação. Esse *poder* confere-lhes dignidade. *Ação* e discurso permanecem ao longo do tempo e sobre esses feitos surgem recordações, baseadas em agentes e suas realizações.

As *ações* não têm um fim. Ninguém sabe quem as iniciou e ninguém saberá onde chegarão, quais teias das relações humanas afetarão ou transformarão. O homem nasce para começar e iniciar uma *ação* que se (re) inicia orientada por uma maior ou menor capacidade de despojamento: assumir uma luz, condicionada pelo aparecimento a outros.

---

<sup>94</sup> *Ibid*, pp.222-224

<sup>95</sup> *Ibid*, p.225.

<sup>96</sup> *Ibid*, p.235.

### Referências

- AGAMBEM, G. **Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Profanações**. São Paulo: Boitempo editorial, 2010.
- ALVES, M, M. **Igreja e Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ARENDT, H. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras: Companhia de bolso, 2013.
- BAVAREL, M. **FredyKunz. Alfredinho e o povo de sofredores**. São Paulo: Loyola, 1992.
- BAVAREL, M; RACHID SILVA. **Se você soubesse a alegria dos pobres**. Rudge Ramos: Nhaduti Editoras, 2014.
- BENJAMIN, W. **Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe**. Paulo: Duas cidades. Editora 34. Coleção Espírito Crítico, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2010. Obras escolhidas I.
- BERGSON, H. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, A. **Camus na festa do Bom Jesus**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10 n.1, 1998.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP: São Paulo, v.4, n.1/2, p.277-284, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Leituras de Operários: estudo de um grupo de trabalhadores em São Paulo**. Tese de doutorado, Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.
- CAMUS, A. **O exílio e o reino**. São Paulo:Record, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O mito de sísifo. Ensaio sobre o absurdo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CARIRI, R. **O caldeirão da Santa Cruz do Deserto**. Documentário, 1985, 96 min.

COELHO JUNIOR, N, E. **Da Intersubjetividade à Intercorporeidade. Contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade.** *Psicologia Usp*, v. 14, p.185-209.2003.

COMBLIM, J. **Padre Ibiapina.** São Paulo: Paulus, 2012.

CRAEMER, U. **A mão humana.** São Paulo: Editora Antroposófica, 2011.

\_\_\_\_\_. **Conhecendo a trimembração do organismo social.** Fórum pela Humanização Social, 2001.

\_\_\_\_\_. **Crianças entre luz e sombras.** São Paulo: Associação Comunitária Monte Azul, 1995.

CRAEMER, U; IGNACIO, R.K *et al.* **Transformar é possível! A Associação Comunitária Monte Azul, entre desafios e conquistas.** São Paulo: Petrópolis, 2008.

DAMERGLIAN, S. **Para Além da Barbárie Civilizatória. O Amor e a Ética Humanista.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FRAGOSO, A; BARBÉ, D *et al.* **A Força da Não-Violência. A Firmeza Permanente.** Loyola-veja: São Paulo, 1977.

FRAGOSO, A; SANTOS, E *et al.* **Igreja de Crateús (1964- 1998). Uma experiência popular libertadora.** São Paulo: Loyola, 2005.

GANDHI, M. **Autobiografia, minha vida e minhas experiências com a verdade.** São Paulo: Palas Athena, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Ashram.** São Paulo: Hemus, 2014.

GAGNEBIN, J, M. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOETHE, W,J. **As afinidades eletivas.** São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GONÇALVES FILHO, J, M. **A invisibilidade pública** (Prefácio). In Costa, F.B. **Homens, invisíveis, relatos de uma humilhação social.** São Paulo: Globo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A memória da casa e a memória dos outros.** *Travessia* (São Paulo), v. 32, p. 17-24, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humilhação Social. Um problema político em psicologia.** *Psicologia Usp*. 9(2), 11-68, 1998.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade.** *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), São Paulo, v. 200, p. 15-63, 1991.

\_\_\_\_\_. **Passagem para a Vila Joanisa - uma introdução ao problema da humilhação social.** Dissertação de mestrado, Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante.** In: Ana M. Bock (org), *Psicologia e o compromisso social* (pp.193-240). São Paulo: Cortez, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004. HEIDER, F. **Psicologia das relações interpessoais.** São Paulo: Pioneira, 1970. HELLER, A. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, E. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo.**

Petrópolis, Vozes, 1992.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

IRMANDADE DO SERVO SOFREDOR. **Cantos.** sd.

\_\_\_\_\_. **Cartilhas de VISITAÇÃO.** Març de 2008 a Jan de 2016.

\_\_\_\_\_. **A longa caminhada do Servo Sofredor.** São Carlos: Ri Ma, 2014.

KHOLER, W. **Psicologia da Gestalt.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.

KUCINSKI, B. **Fome de lucros.** São Paulo: Brasiliense, 1977.

KUNZ, F. **A burrinha de Balaão. Numa Favela Brasileira.** São Paulo, Loyola, 1972.

\_\_\_\_\_. **A ovelha de Urias. O grito do justo oprimido.** São Paulo, Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **À Sombra de Nabuco.** São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **O cobrador.** Irmãs Dominicanas – Colégio Nossa Senhora do Rosário: São Paulo, sd.

KUNZ, F; ZÉ VICENTE; IRMÃ MARGARETE. **Sangradouro. Nascido da seca nordestina. 1979- 1984.** São Paulo: Loyola, 1985.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Editora Unicamp, 2010.

LEVI, P. **A trégua.** São Paulo: Companhia de bolso, 2010.

\_\_\_\_\_. **É isto um homem?.** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **O retorno de Lorenzo.** In: **71 contos de Primo Levi.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- LÉVINAS, E. **Entre nós. Ensaios sobre a alteridade** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- LEWIN, K. **Princípios da psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1973.
- LÖWY, M. **Romantismo e messianismo: ensaios sobre Luckács e Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MARTÍN-BARÓ, I. **Desafios e Perspectivas da Psicologia Latino-Americana**. In: GUZZO, R.S.L; LACERDA, JÚNIOR, F. **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. São Paulo: Alínea, 2009. p. 199 – 220.
- MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: editora perspectiva, 2001.
- MERLEAU-PONTY. *De Mauss a Claude Lévi-Strauss*. In: **Textos selecionados (Os pensadores)**. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas: Papirus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005. MESTERS, C. **A missão do povo que sofre**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NICOLA, P, N; BINGEMER, M, C. **Simone Weil. Ação e Contemplação**. Bauru: EDUSC, 2005.
- OLIVEIRA, P.A.R. **Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PIRANDELLO, L. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Editora Idéias & 7 Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Disponibilidade para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e caritas**. Ide (São Paulo. Impresso), v. 56, p. 91-104, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Dimensões do silêncio: a constituição do si mesmo e perspectivas clínicas**. Cadernos de Psicanálise (Círculo Psicanalítico/RJ), v. 31, p. 75-82, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A vivência do sagrado e a constituição do self**. Temas em Psicologia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 6, n.2, p. 147-152, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Atenção e necessidades da alma**. In: Maria Clara L. Bingemer. (Org.). SIMONE WEIL e o encontro entre as culturas. 1ed. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2009, v. 1, p. 159- 170.
- SANTOS, M. *As cidadanias mutiladas*. In: **O preconceito**. São Paulo: IMESP, 1997.

SVARTMAN, B, P. **Trabalho e desenraizamento operário. Um estudo sobre o desenraizamento sobre a experiência de vida na fábrica.** Tese de doutorado, Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SVARTMAN, B, PARODI; MASSOLA,G,M. **Comunidade, território e enraizamento: diálogos entre a Psicologia Social Comunitária e a Psicologia Ambiental Latino-Americanas.** 1. ed. São Paulo: CRV, 2023. v. 1. 98p .

THOMSON, P. **A voz do passado- História Oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VELHO, G. *Observando o familiar.* In:NUNES,Édson de Oliveira(org). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.36-46.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A gravidade e a graça.** Lisboa: Relógio d'água, 2004.

\_\_\_\_\_. **Aulas de filosofia.**Org. (Marina Appenzeller). Campinas, Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. **O enraizamento.** São Paulo: Edusc, 2006.





